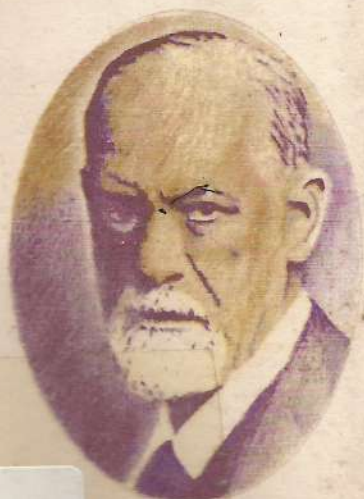


FREUD/ Lou Andreas- SALOMÉ

CORRESPONDÊNCIA
COMPLETA



FREUD — LOU ANDREAS-SALOMÉ
Correspondência Completa

A complexidade de uma busca criadora em sua exploração de um sem-número de caminhos pode ser revelada à leitura da correspondência entre duas personalidades notáveis. Um espaço de conhecimento, que talvez nos faltasse, em relação ao autor e sua obra, é assim preenchido, em meio às indefinições, espontaneidade e despojamento próprios do gênero epistolar. As cartas de Sigmund Freud e Lou Andreas-Salomé, na presente edição, conferem-nos essa espécie de perspectiva inédita no estudo e compreensão do trabalho desenvolvido por ambos.

O diálogo mantido entre o criador da psicanálise e uma autora importante, que se tornou sua discípula e colaboradora, tem como tema principal, a psicanálise: as idéias de Freud, bem como determinados problemas técnicos, são objeto de longas discussões. Lou A.-S. acompanha as indagações do mestre e amigo, levantando problemas, esclarecendo certos pontos, unindo outros, tentando chegar a uma "síntese dentro do quase fragmentário", segundo palavras de Freud em uma de suas cartas. Mas não se trata de uma leitura especializada. Longe disso, o diálogo amplia-se, segue o caminho de uma maior profundidade no conhecimento mútuo e alcança uma intimidade crescente. Diante do leitor desvenda-se um quadro vivo das relações pessoais de ambos entre si e com o mundo, e de toda a conjuntura sócio-econômica e política do seu tempo. Dessa forma, temos em mãos uma decisiva contribuição para o entendimento de toda uma época a partir da colocação subjetiva e das respectivas interpretações que lhe davam Freud e Lou A.-S.

Lou A.-S. começou a estudar psicanálise em 1911, aos cinquenta anos de idade, depois de uma vida de intensas experiências em contacto íntimo com nomes como Nietzsche e Rilke. Nascida a 12 de fevereiro de 1861, desempenhou seu papel na história intelectual de seu tempo, como romancista e ensaísta. Entre suas obras, crescem em importância



FREUD — LOU ANDREAS-SALOMÉ
Correspondência Completa

Titulo original: *Sigmund Freud and Lou Andreas-Salomé Letters*
Traduzido da primeira edição publicada nos EUA por
Harcourt Brace Jovanovich, Inc., Nova Iorque, 1972.

Copyright © 1966 de S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main

Editoração

Coordenação: PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

Tradução: DORA FLACKSMAN

Revisão: VANÊDE NOBRE

Revisão tipográfica: GUSTAVO JOSÉ MEYER

Capa: PAULO DE OLIVEIRA

1975

Direitos para a língua portuguesa adquiridos por
IMAGO EDITORA LTDA., Av. N. Sra. de Copacabana 330,
10.º andar, tel.: 255-2715, Rio de Janeiro, que se reserva a
propriedade desta tradução.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

FREUD — LOU ANDREAS-SALOMÉ

Correspondência Completa

Coleção Psicologia Psicanalítica

Direção de

JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de
Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de
Grupo do Rio de Janeiro.



159.964.2 (044.2)
M 1834

IMAGO EDITORA LTDA.

Rio de Janeiro

L. PSICANÁLISE - Cartas



SUMÁRIO

Introdução:

Lou Andreas-Salomé,
por Ernst Pfeiffer 9

Cartas 17

Notas 275

Posfácio 309



NOTA DOS TRADUTORES NORTE-AMERICANOS

Os tradutores desejam agradecer a gentileza da Dra. Anna Freud pela leitura deste trabalho, bem como sua valiosa ajuda no esclarecimento de certas partes obscuras nas cartas de Lou A.-S. Expressamos também nossos agradecimentos ao Sr. Mansud Khan pelas numerosas sugestões para a editoração dos originais, particularmente nas decisões a respeito da escolha das notas de rodapé apropriadas à edição em língua inglesa. Esses agradecimentos se estendem a Ernst Pfeiffer, organizador desta correspondência, pelo seu consentimento a determinadas modificações que se fizeram necessárias.

INTRODUÇÃO

Lou Andreas-Salomé

LOU ANDREAS-SALOMÉ nasceu em São Petersburgo a 12 de fevereiro de 1861. Era a sexta e última filha, a única menina, de um general russo de origem huguenote e báltico-germânica. Pelo lado materno, possuía sangue alemão do norte, e, mais remotamente, dinamarquês. Como ela própria declarou, 'o alemão foi definitivamente a primeira língua' na casa de Louise von Salomé. O francês vinha em segundo lugar, e o russo, 'que na época se restringia principalmente à gente do povo', em terceiro. Aos dezenove anos, preparada por seu tutor Hendrik Gillot, Lou A.-S. ingressou na universidade de Zurique onde estudou filosofia e história da religião. Com isso iniciava sua participação no mundo intelectual da Europa ocidental.

Depois de um ano de estudos, encerrado por motivo de doença, e após importantes acontecimentos, Lou A.-S. viveu durante vinte anos — de 1883 a 1903 — em Berlim, e, de então até morrer, a 5 de fevereiro de 1937 — ou seja, durante quase a metade de sua vida — em Göttingen. Tanto de Berlim como de Göttingen, viajou para vários países europeus e, 'pelo menos de dezoito em dezoito meses', visitou seus parentes em São Petersburgo — pela última vez, em 1911.

Em três períodos diferentes e à sombra ou sob a luz de três grandes nomes, desempenhou seu papel na história intelectual de seu tempo. Estes nomes são os de Nietzsche, Rilke e Freud, homens criativos em níveis intelectuais extremamente diferentes, com cada um dos quais, além disso, manteve uma relação pessoal particular e cujas datas de nascimento espacavam-se bastante em torno da sua própria (1844 Nietzsche, 1856 Freud, 1875 Rilke).

Após seu primeiro romance, *Im Kampf um Gott* ([Na luta por Deus], 1885), Lou A.-S. tornou-se bastante conhecida como crítica: em seu livro sobre as personagens femininas de Ibsen,

Ibsens Frauengestalten (1892), tratou-as como se fossem seres vivos; aproveitou-se, também, de seu encontro com Nietzsche na primavera e verão de 1882 para fazer uma apresentação objetiva de sua personalidade, desenvolvimento e 'sistema' no livro *Friedrich Nietzsche in seinen Werken* ([Friedrich Nietzsche em suas obras], 1894). Este livro, aliás, valeu-lhe a mais amarga animosidade da irmã de Nietzsche, que, por razões puramente pessoais, tentou declarar falso o retrato de Nietzsche por ela pintado. Lou A.-S. nunca respondeu a esses ataques. O ensaio do escritor suíço C. A. Bernouilli, de 1915, pela primeira vez expôs os métodos e os motivos de Elisabeth Nietzsche sob sua verdadeira luz. Após a publicação do livro sobre Nietzsche, Lou A.-S. firmou seu nome como romancista psicológica (*Ma*, 1901, etc.) e também como ensaísta, sendo por isso hoje reconhecida sua contribuição original à literatura de seu tempo. Foram sobretudo os cinco contos sobre a psicologia de meninas adolescentes de *Im Zwischenland* ([Os anos intermediários], 1902) que fixaram sua reputação como escritora criativa de grande penetração psicológica.

Rainer Maria Rilke dedicara-lhe seu *Livro das Horas* (1905): 'Depositado nas mãos de Lou'. A publicação de suas cartas e de seus antigos diários revelou o significado que ela havia tido para ele tanto como homem quanto como artista. O livro de Lou A.-S. *Rainer Maria Rilke*, escrito imediatamente após a morte deste, foi uma proclamação de sua importância para ela. Mas apenas a publicação póstuma de sua autobiografia, *Lebensrückblick* ([Revendo minha vida], 1951), esclareceria a natureza elementar da fase inicial dessa amizade.

O ensaio de Lou A.-S. 'Mein Dank an Freud' (Meus agradecimentos a Freud), escrito na ocasião do septuagésimo quinto aniversário deste, em 1931, testemunha uma fase posterior de sua vida. Nessa última fase, não foram apenas seus dons psicológicos e sua compreensão intuitiva que atingiram seu pleno desenvolvimento através da psicanálise. Seu dom criativo encontrou também uma expressão renovada, sempre a serviço do mesmo objetivo interior: publicou a peça-sonho sobre o retorno do diabo à mãe primordial, *Der Teufel und seine Grossmutter* ([O diabo e sua avó], 1922).

As três publicações de Lou A.-S. sobre Nietzsche, Rilke e Freud ilustram a natureza particular de cada uma dessas relações: o livro sobre Nietzsche é essencialmente uma investiga-

ção; o livro sobre Rilke (cujo título era originalmente 'Rainer') consiste essencialmente em memórias pessoais, e o ensaio sobre Freud, uma expressão de gratidão por tudo que dele recebera sob a forma de uma compensação criativa.

Lou A.-S. declarou o que a havia tornado 'especialmente sensível à psicologia de profundidade de Freud': em primeiro lugar, 'a participação no extraordinário e raro destino de uma alma individual', ou seja, no destino de Rilke, em seu desenvolvimento artístico e em sua inexorável desintegração física. Em segundo lugar, 'o fato de eu ter crescido entre os russos, um povo de uma interioridade inquestionavelmente passiva'.

O tipo de sensibilidade aqui descrito por Lou A.-S. baseia-se, porém, numa receptividade ou numa presteza mais profunda, que só se torna aparente se não nos contentarmos apenas em considerar os três grandes encontros, mas se traçarmos seu caminho através da vida desde o princípio, sem pressuposições. Só então os três grandes encontros assumem sua dimensão própria.

É preciso declarar que na história da vida de Lou A.-S. não apenas os nomes de Nietzsche, Rilke e Freud tiveram uma importância peculiar. Igualmente importantes foram os nomes de três outras figuras, muito menos conhecidas: o de Hendrik Gyllot, pastor de São Petersburgo, o do filósofo positivista de origem judaica Paul Rée, que durante algum tempo foi amigo de Nietzsche, e o de F. C. Andreas, professor de línguas orientais de Göttingen. É preciso observar, porém, que a importância do primeiro, Gyllot, não residiu no fato de ser ele um clérigo, nem a de Rée, no fato de ser filósofo. Andreas, com quem Lou A.-S. se casou, nunca foi seu marido no sentido aceito do termo.

Em sua *Lebensrückblick*, que evita qualquer tentativa de ser meramente uma autobiografia, Lou A.-S. destacou do fluxo de suas memórias as 'experiências' que continuaram a determinar sua vida. A primeira dessas 'experiências' (*Erlebnisse*) foi intitulada por ela 'A Experiência de Deus'. E essa experiência, um acontecimento da infância, contém ao mesmo tempo — e isso faz parte da qualidade excepcional dessa retrospectiva — a chave de sua vida.

'A Experiência de Deus': a pequena Louise von Salomé dotava seu Deus de uma realidade tão intensa que o seu não surgimento — quando pela primeira vez foi desafiado a fazê-lo

— representou seu abandono. Não apenas ela própria e todo o seu futuro haviam sido abandonados por Deus, mas também todos os seres humanos — ‘apenas eles não sabem disso’. O choque dessa experiência, porém, teve conseqüências por toda a sua vida: estar abandonada por Deus cria ‘um imenso laço comum com tudo o que existe’. Poderíamos dizer que sua reverência pelo Deus da infância fora transformada em reverência ‘por todos os fenômenos da natureza, por mais diminutos que sejam’, cuja origem divina, conseqüentemente, continuava a ser para ela uma realidade.

A primeira fase da vida de Lou A.-S., caracterizada por essa experiência, chegou ao fim quando a moça de dezesseis anos pela primeira vez avistou Hendrik Gillot, cerca de vinte e cinco anos mais velho do que ela. Ali estava o homem que a salvou da ‘solidão da fantasia’ porque ela o amava — e a quem elevou ao status de ‘homem divino’. O fluxo de devoção e confiança, que não mais encontrava uma resposta em ‘Deus’, foi então dirigido a um ser humano. Isso deu a Gillot uma autoridade que lhe permitiu dirigir seus talentos, que até então se haviam expressado num mundo de fantasia, para o mundo do intelecto. Só então Louise von Salomé tornou-se ‘Lou’, como ele a chamava. Mas Gillot, o ‘homem divino’, teve o mesmo destino do Deus de sua infância: quando a pediu em casamento e, desse modo, ‘procurou trazer o céu para a terra’, tornou-se um estranho para ela.

As primeiras fases decisivas da vida de Lou foram seguidas por um período mais tranqüilo dominado pela figura de Paul Rée. Em seguida a seu estremecimento com Gillot, Lou von Salomé foi acometida de hemorragias pulmonares e, após seu curto mas intensivo período de estudos, foi levada por sua mãe a Roma. Aí, na primavera de 1882 — no círculo de Malwida von Meysenbug —, conheceu Rée, doze anos mais velho do que ela. Reconheceu seu destino com a mesma presteza que caracterizara seu encontro com Gillot em São Petersburgo, com a certeza suplementar, porém, nesse caso, de que daí por diante conduziria sua vida sob a égide da amizade que sentia por Rée e que, tinha certeza, jamais vacilaria. Mesmo na velhice ainda declarava que, de sua parte, jamais teria rompido com Rée. A partida dele foi ‘uma perda irreparável’.

Seu encontro com Nietzsche, também em Roma, estimulou este último a ter esperanças de felicidade pessoal; para Lou, a fascinação desse encontro residia no fato de ser um cruzamento de dois caminhos intelectuais. Depois disso seguiram-se quase cinco anos de vida intelectual ativa em Berlim, entre o círculo de estudiosos que se reunia em torno de Rée e dela própria, anos durante os quais a relação dos dois parecia proporcionar-lhes completa satisfação.

‘Assim como um obstáculo lançado na passagem de uma carruagem que corre a plena velocidade causa a sua destruição’: com essas palavras, Lou descreveu o término dos felizes anos de juventude que passou com Rée, provocado pela corte de F. C. Andreas. Ela, tantas vezes cortejada em vão, não foi capaz de resistir ao efeito de sua personalidade. Uma anotação de diário de outubro de 1888, depois de casada há quase um ano e meio com Andreas, sugere uma conexão oculta com a experiência com Gillot e, portanto, com a experiência de Deus: ela distingue o ‘casamento’ do ‘amor predominantemente sensual’, que jamais reconhecera como uma base para o casamento. ‘O casamento é o reconhecimento de que os cônjuges *pertencem* um ao outro num sentido quase religioso da palavra’. ‘Não mais um ser humano ajoelhado diante do outro (Gillot), mas Dois, que se ajoelham juntos’. O casamento físico, portanto, estava para ela fora de cogitação. Paul Rée, a quem, ‘em consideração ao outro’, não podia comunicar ‘toda a verdade sobre esse passo’, mas de quem ‘nunca tinha necessitado tão desesperadamente como nessa hora’, não encontrou outra saída para a situação senão recolhendo-se, fora de seu alcance, à solidão.

Depois de cinco anos de casamento ocorreu uma crise. ‘Uma continuação da relação que existira até aqui revelou-se humanamente impossível’. Ela recorreu às viagens: a Paris, onde encontrou Hamsun e Herman Bang e, especialmente, Frank Wedekind; e a Viena (1895-96), onde conheceu Richard Beer-Hofmann e Hofmannsthal no círculo de Schnitzler e onde ficou, pela primeira vez, em casa de Marie von Ebner-Eschenbach. Em Berlim, já se havia encontrado com Strindberg e com os irmãos Hauptmann; era grande amiga de Gerhart Hauptmann. Por seu livro sobre Nietzsche e seu romance sobre Gillot, *Ruth* (1895), já se encontrava entre as mais importantes autoras da época.

A fase seguinte da vida de Lou foi dominada pela figura de Rainer Maria Rilke. Encontrou Rilke pela primeira vez, em maio de 1897, em Munique. 'Os conflitos e tensões precedentes podem ter contribuído para que eu experimentasse o amor numa atmosfera de serena aceitação'. Aqui, também, não foi Rilke o poeta quem a atraiu, mas Rilke o homem, 'em sua imperiosidade inacessivelmente sensível'. Mas essa relação teve igualmente seu destino peculiar. Na longa viagem dos dois à Rússia (1900) ocorreu uma ruptura patológica entre Rilke o homem e Rilke o artista e, com isso, Lou tornou-se para ele a companheira a quem recorreria constantemente.

Logo após essa viagem, pode-se deduzir que ela passou por uma experiência mais apaixonada, tanto a partir de seu 'último apelo' a Rilke a 26 de fevereiro de 1901, como a partir da observação de Freud, em seu elogio fúnebre a Lou, de que 'seu destino como mulher havia sido preenchido' em Viena naquela época. Essa ligação durou vários anos, mas evocaria dentro de Lou uma censura silenciosa contra o homem que havia sido seu companheiro em tantas viagens, e ainda uma censura contra si mesma. A experiência de Eros, que para Lou não era compatível com a permanência, foi consumada num momento como que de união cósmica, tendo conservado um sentimento de gratidão pelo homem 'que tinha o poder de inspirar tanto a fé como o amor'. Aqui, também, podemos reconhecer a fatal persistência das duas primeiras 'experiências' de sua vida.

No ano de 1903, F. C. Andreas foi designado para uma cadeira na Universidade de Göttingen. 'Depois de minha vasta terra natal (Rússia), este pequeno lar', escreveu ela em seu diário. Seu romance mais importante após a viagem à Rússia com Rilke, 'na qual a Rússia pela primeira vez tornou-se minha', foi *Ródinka*, uma recordação da Rússia (primeira edição em 1923), baseada nas impressões conjuntas dos dois viajantes e nas suas próprias lembranças da infância. Depois de 1906, Lou fez várias visitas a Berlim para assistir às produções de Max Reinhardt, especialmente das peças de Gerhart Hauptmann; nessa época, chegou também a conhecer os atores de Reinhardt. Em 1909, encorajada por Martin Buber, escreveu a monografia *Die Erotik*.

Na relação entre Lou e seu marido jamais ocorreu qualquer separação ou alienação interior. O 'vasto silêncio inviolável' que, após o encontro com Rilke, 'foi como uma abóbada

sobre nós e tudo o que compartilhávamos juntos' não deve ser interpretado como uma espécie de trato entre eles. Na conclusão de seu pós-escrito ao capítulo sobre F. C. Andreas, em *Lebensrückblick*, ela se pergunta se 'apesar de tudo ele não teria tido razão com relação a nós dois, afinal'?

A última fase da vida de Lou foi dominada pela figura de Sigmund Freud, ou, poderíamos dizer, pela psicanálise de Freud, ou, talvez, simplesmente pela 'humanidade' (*der Mensch*), sem ligação com qualquer nome individual. 'A Experiência de Freud' (*Das Erlebnis Freud*), como ela intitulou o importante capítulo de sua *Lebensrückblick*, integra-se no contexto de suas grandes 'experiências' da infância em diante e constitui uma conclusão adequada para elas, e testemunho tão eloquente quanto as cartas aqui apresentadas, ao lado do seu 'Dank an Freud'. Revendo o trabalho de toda uma vida, disse uma vez que então lhe parecia francamente 'como se eu estivesse chegando a um encontro comigo mesma através de um túnel que tivesse sido escavado no intervalo'. Lou chama o que recebeu de Freud de 'acréscimo de algo novo às nossas crenças básicas'.

Ernst Pfeiffer



Göttingen, 'Loufried'
27 set. 1912

Caro Professor,

Desde que assisti ao Congresso de Weimar no último outono, o estudo da psicanálise tem continuado a preocupar-me, e torno-me mais absorvida quanto mais penetro no assunto. Estou prestes a realizar agora o meu desejo de passar alguns meses em Viena¹. E o senhor permitirá que eu me aproxime de si, que assista às suas conferências e, ainda, que seja admitida às suas Noites de Quarta-feira? O único objetivo de minha visita a Viena é dedicar-me mais profundamente a todos os aspectos dessa matéria.

Atenciosamente,
Lou Andreas-Salomé

1 out. 1912
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Quando a senhora vier a Viena faremos todo o possível para introduzi-la ao pouco de psicanálise que pode ser demonstrado e comunicado. Já interpretei sua frequência ao Congresso de Weimar como um augúrio favorável.

Atenciosamente,
Freud

(Viena) 3.XI.1912

Caro Professor,

Durante os debates² de quarta-feira à noite o senhor perguntou se eu conhecia o livro de A. Adler. Gostaria de ter-lhe falado mais a respeito e de ter-lhe dito até que ponto e em que sentido esse livro me estimulou e confirmou no trabalho que realizo sobre certos assuntos que estão fora do campo da psicanálise propriamente dita e que me preocuparam no passado³. O Dr. Adler agora convidou-me a assistir a seus Debates das

Noites de Quinta-feira. Ainda não o fiz, pois senti intensamente a necessidade de assimilar em silêncio as impressões que recebera do senhor no dia anterior. E, antes de fazê-lo, gostaria de dizer-lhe como essas impressões predominam em tudo — mesmo naquilo que parece afastar-se delas — que ocorre nessa minha estada em Viena e como conferem à minha visita seu caráter decisivo.

Com gratidão,
Lou Andreas-Salomé

4.XI.12
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Seu interesse por nossa psicanálise é para nós extremamente bem-vindo, e a compreensão sutil que a senhora agora revela em suas observações constitui uma clara fonte de prazer para o nosso círculo. Penso que seria melhor preveni-la desde já que os editores de *Imago*⁴ pretendem pedir-lhe uma contribuição para o seu jornal, talvez algo ligado à relação entre a psicanálise e os problemas da psique feminina, que a interessam em particular.

Já que a senhora me informou de sua intenção de freqüentar as Noites de Debates de Adler,⁵ devo tomar a liberdade de dizer-lhe algumas palavras não solicitadas, a fim de que a senhora possa inteirar-se desse desagradável estado de coisas. A relação entre os dois grupos não é a que deveria resultar de esforços análogos, mesmo que divergentes. Vimo-nos obrigados a romper todo o contacto entre o grupo dissidente de Adler e o nosso e até mesmo nossos visitantes médicos são convidados a escolher entre os dois. É desagradável, mas o comportamento pessoal daqueles que abandonaram nossas fileiras não nos deixou outra escolha.

Jamais sonharia, cara senhora, em impor-lhe tal restrição. Tendo em mente esta situação, eu apenas pediria — como se a senhora estivesse num estado artificial de personalidade dividida — que não fizesse nenhuma referência ao seu contacto conosco ao estar com eles e vice-versa. Sinto muito, realmente,

não poder dissimular diante da senhora o que aconteceu por trás dos bastidores em nosso movimento.

Esperando algum dia ter a oportunidade de uma conversa particular com a senhora,

Sinceramente seu,
Freud

(Viena, 9 de novembro de 1912)

Caro Professor,

Em sua carta o senhor gentilmente mencionou a possibilidade de uma conversa pessoal. Eu mesma muitas vezes senti o quanto gostaria de dizer-lhe — enquanto lhe fazia muitas perguntas tateantes — como me coloco diante de certos pontos. Talvez eu pudesse expressar melhor parte disso escrevendo, se conseguisse condensar suficientemente meus pensamentos. Poderia tomar um ponto ao acaso, apenas para experimentar?

Na penúltima Noite de Debates, ao sair, o senhor discutia com o Dr. Federn⁶ o caso da criança fisicamente defeituosa que se considera normal, enquanto a criança de tendência neurótica, ainda que aparentemente sadia do ponto de vista físico, considera-se inferior. O Dr. Federn, mais ou menos, defendia a opinião divergente de Adler sobre o assunto, ou seja, de que o sentimento de inferioridade sempre tem uma base orgânica, e que, por isso mesmo, através da comparação com os outros, transforma-se em inveja, ódio e num ideal do ego exagerado.

Parece-me, ao contrário, que a primeira reação seria uma necessidade intensificada de proteção e um desejo diminuído de destacar-se dos outros como um indivíduo. Parece-me, também, que apenas depois de toda a espécie de insultos reais ou imaginados e da rejeição desse pedido de simpatia é que se daria a intensificação do ego, isto é, como resultado de uma repressão daquilo que, no sentido lato (como o senhor utiliza o termo), se poderia chamar de sexualidade.

Na teoria de Adler (que, na medida em que se refere não apenas ao estado de coisas psicológico, mas também aos acontecimentos físicos, é uma teoria puramente ambiental), essa necessidade reprimida original também aparece, pois, tal como o vejo, é isso o que ele realmente quer dizer com as suas 'defesas'

'secundárias' e posteriores. Enquanto a defesa primária contra o sentimento de inferioridade estabelece o ambicioso ideal do ego compensatório, nas defesas posteriores e em suas precauções contra as transgressões perigosas do sentimento de inferioridade, as intenções instintuais originais claramente se recolhem nessas formações de compromisso. Sem dúvida, estes são meios puramente femininos para o invariável objetivo final masculino e só parecem independentes ao observador superficial. Mas a questão é saber se essa concepção dessas defesas como simples meios não é igualmente superficial e se elas não são apenas máscaras, mas, na realidade, máscaras de máscaras. Ou seja: se, ainda que o ideal do ego julgue que está servindo-se delas para fins simbólicos, elas na verdade não estão fazendo uso do ideal do ego como uma imagem ou uma metáfora, a fim de alcançar seu objetivo.

Acho a interpretação simbólica da sexualidade, tal como Adler a descreve, muito convincente — contanto que seja entendida como um processo recíproco, ou seja, um procedimento idêntico do ponto de vista da sexualidade e do ideal do ego, de modo que continuamos a construir nossa personalidade a partir de ambos os lados, com a assistência do elemento simbólico — que, de fato, é inevitável em qualquer situação, pois aflora das raízes do inconsciente dentro de nós. Parece-me que o que é geralmente chamado de 'normalidade' é esse processo físico em que ambos os lados ajudam-se e se beneficiam mutuamente com suas simbolizações, enquanto a doença ocorre onde eles se perturbam e se prejudicam. Por isso, fiquei encantada quando o senhor declarou recentemente (nas poucas palavras que pronunciou durante o debate após sua conferência)⁷ que a sua última formulação dessas questões equivalia ao conflito entre a sexualidade e o instinto do ego. Suas formulações anteriores faziam-no igualmente, mas podia parecer que o principal acento recaísse quase exclusivamente sobre o elemento sexual; na realidade, ele sempre recaí sobre o 'reprimido', ou seja, sobre a ênfase conjunta ao fator repressor, e, portanto, ao próprio conflito. Apenas, como as investigações originais se basearam no estudo da histeria, o quadro clínico em questão era completamente dominado pelas formas substitutas sexuais; poder-se-ia dizer, certamente, que este era um tipo de quadro

clínico em que a repressão havia sido menos bem sucedida e em que a sexualidade constantemente prevalecia, por mais distorcida que fosse sua forma.

Na neurose obsessiva, por outro lado, a inibição é mais visível, porquanto amor e ódio estão em conflito e um ou outro sempre triunfam momentaneamente. Nas verdadeiras psicoses, a 'neurose do ego' só pode ser entendida como a vitória relativa do ego sobre a sexualidade; na paranóia, o ego ainda mantém uma relação, mesmo que seja uma relação de ódio e de medo do ódio, com o mundo exterior; e, na demência, a luta está realmente encerrada e a ponte que pode ser construída pela simpatia já foi rompida. A atividade sexual, quando ainda ocorre, tem de ser então confinada ao próprio ser, embora esta regressão às formas auto-eróticas infantis signifique quase o oposto do que querem dizer na criança. Pois, uma coisa é não ter ainda entrado na posse de si mesmo como sujeito e outra bem diferente é ter sido posteriormente privado do seu objeto e, com isso, de todos os limites diferenciadores.

Penso que se deveria tomar muito cuidado ao comparar o indivíduo patologicamente retraído com o homem 'primitivo', mesmo quando sua maneira de pensar produz idéias análogas. O primeiro chega a essas idéias num estado de desintegração interior, enquanto no caso do homem primitivo, essas idéias, apesar de sua elaboração mais ilógica, plástica, 'de caráter onírico', são afinal o resultado vivo da ação recíproca sadia da sexualidade e da inteligência. Acredito que essa ação recíproca, a despeito das formas amplamente diferentes que assumiu — mais ou menos saudáveis ou patológicas, carregadas de conflito ou produtivamente harmoniosas —, prosseguiu em todas as épocas seguindo as mesmas linhas típicas que hoje segue.

Portanto, acredito também que o que chamamos de 'sublimação'⁸ não é apenas um simples produto da civilização, um simples desvio gradual do sexual para o intelectual, mas sempre esteve presente sob a forma de um ajustamento frutífero dos dois. Assim como a neurose surge como uma perturbação recíproca de ambos, do mesmo modo, a 'sublimação', sem nenhuma conotação realmente negativa, pode significar saúde, ou seja, uma união criativa dos dois. Não considero as concessões mútuas feitas nesse processo como inerentes à natureza do caso; afinal, toda realização intelectual e cultural é irreal e ilusória,

a menos que esteja ligada ao calor vital do qual aflora. E, por outro lado (como o senhor observa em seu ensaio⁹ no último número do *Jahrbuch*), toda sexualidade possui um anseio inato (que a distingue de outros anseios de prazer) de chegar além do objeto do momento, como além de uma simples transferência: ela é ao mesmo tempo, afinal, apenas uma transferência de um anseio para a esfera intelectual.

Mas preciso parar de escrever! Esta carta já está muito longa. Se o senhor permitir que lhe escreva, prometo no futuro ser menos freqüente e mais breve.

Hoje, como eu já sabia, não pude assistir à conferência. Senti imensamente.

Lou Andreas-Salomé

10.XI.12

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Como deve ter sido maçante para a senhora anotar no papel esses *dificeis* problemas sobre os quais seria tão mais fácil falar! Se a entendo bem, a senhora gostaria de uma discussão verbal. Já teria sugerido isso há muito tempo se, além de minhas preocupações habituais, não estivesse ocupado nesses últimos tempos com a criação do novo jornal psicanalítico.¹⁰

Não sei se seu programa diário lhe permitiria encaixar uma conversa depois das 22 h; só a partir daí tenho algum tempo livre. Se a senhora decidir honrar-me com uma visita numa hora tão avançada, com muito prazer a acompanharei de volta à casa. Quarta-feira à noite poderemos combinar o dia¹¹.

Senti sua falta na conferência de ontem e fico contente em saber que sua visita ao campo do protesto masculino nada teve a ver com sua ausência. Adotei o mau hábito de sempre dirigir minha palestra a um membro definido do auditório e ontem fixei meu olhar, como se estivesse enfeitado, no lugar que lhe havia sido reservado.

Sinceramente seu,
Freud

(Viena, depois de 20 nov. 1912)

Caro Professor,

Não tenho a menor idéia se meu pedido é apropriado mas, de qualquer modo, já que é tão importante para mim, vou fazê-lo — gostaria de pedir-lhe emprestado por um dia o manuscrito da conferência do Dr. Rank¹². Se entendi bem, ela só sairá em *Imago* lá pelo final de fevereiro e eu gostaria muito mesmo de examiná-la logo após tê-la ouvido, pois não consegui acompanhar com suficiente rapidez todos os pontos tratados. Minha atenção foi também infelizmente desviada pelo fato de que, no debate subsequente, ninguém se pronunciou sobre as verdadeiras questões em pauta (exceto, indiretamente, o Dr. Ferenczi¹³ em sua inteligente contribuição). Sentia-se justificadamente que nada *podia* ser dito no local sobre as questões expressas e condensadas com tanta precisão e perspicácia — mas o interesse geral ainda assim despertado levou as pessoas a falarem e, conseqüentemente, nossos pensamentos foram distraídos.

Como sempre tendo a permanecer quieta, gostaria ao menos de agradecer-lhe por escrito.

Com calorosas saudações,
Lou Andreas-Salomé

(CARTÃO DE VISITA)

Prof. Dr. Sigm. Freud

É claro!

(Viena) IX, Berggasse 19

(CARTÃO DE VISITA)

Lou Andreas-Salomé

Obrigada!

(Viena, 8 jan. 1913)

Sinto muito não ter podido estar com o senhor esta noite. Mas até sábado já devo estar boa novamente.

Sinceramente sua,
Lou Andreas-Salomé

(Viena, 27 fev. 1913)

Caro Professor,

Fiquei devendo uma resposta ontem à noite,¹⁴ quando o senhor entregou-me o bilhete pedindo a minha opinião sobre a conferência¹⁵ de domingo. Mas o que poderia ser dito em poucas palavras o senhor já sabia. A palestra deu-me muito material para pensar, comecei uma longa carta para o senhor, não apenas sobre ela, mas sobre outras coisas que discutimos domingo — e finalmente percebi como tudo aquilo era absurdo. Pois o que recebo do senhor é muito mais do que qualquer coisa que eu pudesse retribuir, mesmo que quisesse vê-lo com frequência ou bombardeá-lo com cartas. Mas nada disso importa; receber essas coisas do senhor tem sido a grande alegria desse inverno e assimilá-las dentro de mim será a grande alegria desse próximo verão. Ter-me sido concedido ir além do conhecimento livresco, até o conhecimento de vida: é o contacto pessoal pelo qual sempre lhe serei grata, assim como por tudo o que me foi revelado pela primeira vez.

E agora necessito pedir-lhe ainda outro favor: preciso ter a certeza de que não existe nenhum elemento de convencionalismo envolvido quando o senhor concede-me parte de seu tempo livre. Preferiria não ir, pois realmente não espero nada mais do que o que recebo ao lado dos outros, e isso basta. Minha relação com o senhor está completamente livre dos convencionalismos e cortesias habituais e é assim que desejo conservá-la. Eu mesmo não sei porque me sinto impelida a dizer isso — alguma coisa ontem à noite despertou em mim o medo de que o senhor interpretasse a situação de maneira diferente, ou de que talvez me convidasse a visitá-lo apenas porque partirei dentro em breve etc. Por favor permita-me, estando aqui ou em qualquer lugar, quer este inverno em Viena seja ou não continuado, gozar de

uma relação de completa abertura e proximidade com o senhor e estar certa de que é assim que o senhor deseja.

É provável que não esteja expressando-me muito bem, mas tinha de dizer isso, para poder deixar Viena com o espírito feliz e tranqüilo.

Lou A.-S.

(CABEÇALHO de *Imago*)

(Viena) 2.3.1913

Cara Frau Andreas

Sinto imensamente ter de responder à sua carta por escrito, ou seja, que a senhora não estivesse presente à minha palestra de sábado¹⁶. Fiquei privado de meu ponto de fixação e falei vagamente. Felizmente, era a última conferência.

A senhora adivinhou corretamente que minha pergunta de quarta-feira significava algo mais. Tinha acabado de saber que Ferenczi viria a Viena sábado, e, desse modo, as horas em que geralmente tenho o prazer de tê-la como ouvinte teriam de ser dedicadas a um encontro do comitê editorial. Este foi o único ponto que encobri.

A senhora estraga pessoas como eu, que se sentem continuamente tentadas a lastimar-se da humanidade, com o seu grau de compreensão que ultrapassa o que foi dito. A tal ponto que fico apreensivo em estar sendo muito mimado, não querendo sofrer com a privação subsequente. Seria mais sábio, porém, poder gozar o presente, sem pensar nas conseqüências inevitáveis. Espero vê-la e falar-lhe muitas vezes antes de sua partida. Enquanto isso, até quarta-feira?¹⁷

Cordialmente,
Freud

(Viena, depois de 2 de março de 1913)

Caro Professor*

Mil vezes obrigada por sua carta. Ainda não consigo acreditar que faltei sábado e, em vez de estar aí, para o encer-

* A lápis.

ramento das conferências, fiquei de cama com febre. Espero poder sair quarta-feira. Mas minha ausência continua a ser um fato e me entristece.

Lou A.-S.

(Berlim) 29.X.1913

Caro Professor,

Há alguns dias atrás, vi em casa do Dr. Eitingon¹⁸ uma grande e excelente fotografia sua¹⁹ tirada de perfil por um de seus filhos. Não consigo me impedir de perguntar-lhe se seria possível que ele fizesse uma cópia dessa foto para mim. Ficaria encantada e profundamente agradecida.

Espero que tudo corra bem consigo nessa Viena de que o senhor gosta tão pouco e eu tanto. Depois de uma longa estada em Munique e de um passeio a pé pelo Riesengebirge com Rainer M. Rilke, estou agora em Berlim W., Margarethenstr. 12 (aos cuidados da Baronesa Seidlitz).

Cordiais saudações,
Sua, Lou Andreas

6 nov. 13
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas,

Concordo com sua proposta (com uma modificação) se puder fazer um negócio com ela: ou seja, se em troca do meu, receber um retrato seu.

Aquela foto tirada por meu filho há sete anos atrás e que hoje dá uma impressão muito anacrônica, que eu saiba, não é mais encontrável. Um fotógrafo de Zurique a vendia, reproduzida e ampliada, mas nossas relações com Zurique são de tal natureza, atualmente, que não posso perguntar pelo nome dele. Por outro lado, é possível que ainda este mês eu tenha em mãos gravuras baseadas numa fotografia de 1909. Se concordar com

essa proposta e enviar-me seu endereço atual, essa obra de arte abrirá caminho até a senhora.

Desde Munique,²⁰ as coisas não têm corrido bem. Há uma crise no ar. Tomara que ecloda logo e o ar possa ficar límpido!

Meu filho mais moço,²¹ que estuda em Munique e é um entusiasta de R(ainer) M(aria) R(ilke), disse-me ter ficado muito desapontado por não a ter encontrado.

Desejo que tudo corra bem com a senhora e que sua fé na vida persista onde quer que esteja.

Sinceramente seu,
Freud

Berlim W., Margarethenstr. 12
11.XI.1913

Caro Professor,

De regresso após uma breve ausência, acabo de encontrar sua carta esperando por mim. Muitíssimo obrigada. Fiquei encantada com sua promessa de um novo retrato; este mês ele ainda me alcançaria aqui e, depois disso, em Göttingen (Lou-fried). Enquanto isso, consegui também descobrir o nome do homem de Zurique e, desse modo, tê-lo-ei duas vezes. O que dá uma impressão tão 'anacrônica' do senhor na foto de Zurique parece-me absolutamente contemporâneo. Sua observação, porém, aplica-se perfeitamente às poucas fotos que existem de mim nas quais mal consigo reconhecer-me: são mais ou menos de doze anos atrás!

Também eu refleti muitas vezes sobre os aborrecimentos e embaraços que o senhor mencionou aquela vez em Munique — da mesma forma como me preocupou não menos, quase mais, porém, do que me preocupava em Viena, com as questões que devo unicamente ao senhor. E, muitas vezes, sinto um fortíssimo desejo de encontrar um meio de comunicar aos outros alguma coisa daquilo que veio a significar tanto para mim. Este desejo, por sua própria força, certamente encontrará uma saída. Mas, se por acaso, eu pudesse ser de uma mínima utilidade ou ajuda para sua causa, não importa em que esfera ou de que maneira,

e se o senhor estivesse ciente disso, ajudar-me-ia a alcançar essa fonte de felicidade, não é, para que eu não perdesse a oportunidade?

Calorosas saudações,
Sua,
Lou Andreas

29.XII.13
Viena IX, Bergasse 19

Cara Frau Andreas

Por favor, aceite meus calorosos e sinceros votos para o próximo ano de 1914 e ajude-me a sanar uma injustiça que descobri. No momento, a senhora provavelmente possui duas fotos minhas: e eu, nenhuma sua. Isso está certo? Naturalmente, com essa observação não espero que a senhora me envie uma das duas fotos que possuí.

Cordialmente, seu
Freud

Göttingen, 7.1.1914

Caro Professor,

Retribuo calorosamente suas saudações pelo Ano Novo e envio ao senhor e sua família meus melhores votos. Para mim, encerrou-se um ano cuja melhor parte está tão intimamente ligada ao senhor, que nunca poderei recordar esse tempo sem dizer 'Obrigada' do fundo do coração.

Anexa a esta carta, segue uma jovem senhora²² com a qual, como lhe disse em minha carta de Berlim de novembro, tenho apenas uma ligação bastante remota. Mas já que o senhor assim o quer, envio-a — ainda que com sentimentos confusos. Mas, a não ser por isso, ela vai com os melhores votos de

Sua
Lou Andreas

12.1.14

Viena, IX, Bergasse 19

Cara Frau Andreas

A jovem senhora que finalmente aceitou meu convite é claramente uma parente próxima sua, ainda que talvez não seja a senhora mesma. Em todo caso, essa ligação lhe garante um lugar de honra.

Ao mesmo tempo, quero agradecer-lhe por sua contribuição a *Imago*,²³ que espero ler o mais depressa possível. Infelizmente, temos uma greve de linotipistas e não podemos ser impressos.

Estou ocupado escrevendo contribuições para a história do movimento psicanalítico²⁴ para o nosso *Jahrbuch* e espero que estas minhas declarações ponham fim a todos os compromissos e provoquem a ruptura desejada.

Há alguns dias atrás recebi uma carta de Bjerre, na qual ele tentava atenuar nossas diferenças. Não posso acompanhá-lo nisso.

Com minhas cordiais saudações e um pedido de notícias diretas da senhora algum dia,

Seu
Freud

Göttingen, 14.1.1914

Caro Professor,

Acaso me seria possível ler a carta de Bjerre a que o senhor se referiu (imagino que não haja nada de pessoal)? Eu a devolveria imediatamente, é claro. Se esse pedido não for conveniente, por favor desculpe-o. Não é preciso nem responder. Gostaria de saber como Bjerre se coloca agora, por exemplo, com relação a Zurique. Não nos correspondemos mais²⁵.

Todas essas questões sobre as quais o senhor está escrevendo continuam a revolver minha mente. Sem dúvida este ano fará com que o ar seja límpido e trará consigo mais de uma luta audaz!

Calorosas saudações,
Sua,
Lou Andreas

(De Sigmund Freud para Lou Andreas Salomé [provavelmente contendo a carta de Bjerre] pouco depois de 15 de janeiro de 1914).

(De Lou Andreas Salomé para Sigmund Freud [sem dúvida após a devolução da carta de Bjerre] com um pedido de uma separata de *Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung* [A História do Movimento Psicanalítico*] e com observações sobre este trabalho, junho de 1914.)

29.6.14

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Apesar das aparências, esta minha carta não deve sua existência à maneira como a senhora gentilmente tentou provocar-me em sua própria carta. Rank, com sua bondade habitual, encarregou-se da distribuição em massa da separata, e eu pretendia, após um intervalo conveniente, pedir-lhe sua opinião crítica sobre ela.

Essa opinião revelou-se muito mais positiva do que eu poderia esperar. Mas imagino que haja um outro lado da moeda que a senhora ainda não mostrou. Pois esse assunto não é absolutamente agradável. Acusações e denúncias, desmascaramentos e admoestações — isso tudo é muito desagradável e não é o tipo de coisa que gosto de fazer. Mas a vida pode levar alguém a fazer exatamente o que mais abomina. Só fui capaz de realizar essa tarefa inevitável escrevendo como se eu próprio fosse o único árbitro envolvido e preocupando-me o mínimo possível com um júri para cujo favor eu pudesse estar apelando. Logo, deliberadamente apliquei em todos uma boa sova e, aos meus amigos íntimos, que não precisavam ser convencidos, dispensei tantos cumprimentos quanto bem quis. Mas, ainda assim, não posso deixar de sentir um desejo secreto de saber como

* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974. (N. do T.)

essa coisa toda soa para uma outra pessoa, um juiz masculino ou feminino, e confesso que é à senhora a quem eu confiaria com o maior prazer essa tarefa.

É claro que sei que os adversários, os diluidores e os maus intérpretes também desempenham uma missão importante, à medida que guarnecem a forragem, de outro modo intragável, para os órgãos digestivos das massas. Mas não se deve tomar conhecimento disso claramente e só posso apoiá-los na execução correta dessa missão se me for permitido injuriá-los pela poluição que a causa sofre em suas mãos.

Esperando que a senhora passe bem,

Muito cordialmente, seu
Freud

Göttingen, 5.VII.1914

Caro Professor,

Não: não estava tentando abafar nenhuma objeção — mesmo a mais completa franqueza de minha parte, uma vez registrada no papel, teria surgido sob uma forma altamente desreprimida, pois não acredito que a franqueza entre nós conduziria à dissensão. Apenas o fato de que a distribuição maciça desse importante trabalho irá inevitavelmente implicar respostas *en masse* e a idéia do sofrimento que isso irá causar-lhe impeliram-me a ser o mais lacônica possível em minha resposta.

Ao ler seu ensaio, meus pensamentos correram pelas linhas quase com excitação: todas as verdadeiras revoluções estão sujeitas a ofensas, mas, por sua própria natureza, a psicanálise freudiana suscita esses ultrajes de uma maneira completamente nova, de modo que não há como evitar todos esses 'desmascaramentos', 'acusações' e dolorosas discussões. Pois as verdades da psicanálise jazem escondidas atrás de uma série de resistências (em todos nós!) e perdemos a alegria infantil da brincadeira de esconder, em que precisamente o que foi escondido de propósito é encontrado em seu esconderijo com um grito desinibido de alegria. Não se pode convencer a todos, a não ser que as pessoas estejam interiormente preparadas para aceitá-lo — mas precisamente essa combinação entre experiência e co-

nhecimento é o que existe de mais atraente e impressionante nessa nova ciência e confere um drama especial a todas as tensões dela resultantes.

Sem dúvida, ninguém pode prever se fora do âmago real da investigação psicanalítica, em suas implicações mais gerais, filosóficas e outras, as opiniões sempre concordarão. Pois é justamente nessas esferas que as pessoas são mais influenciadas por atitudes pessoais, não importa o quanto lutem para despojar-se delas. Mas considerando que sempre haverá e, talvez, sempre deva haver pontos de discussão na periferia da psicanálise, parece-me que os mal-entendidos dos diversos 'cismáticos' derivam quase todos do fato de que eles deslocam o núcleo do problema de sua posição central e partem de um ponto muito diferente: e é precisamente *isto* o que eles fazem por razões pessoais.

Há um ano atrás corripondi-me com Adler²⁶ sobre essa questão. Na época, quis mostrar ao senhor minha carta e a resposta dele. E ainda gostaria de fazê-lo agora, embora espere que hoje eu seja capaz de desenvolver a discussão de modo mais convincente.

Durante este verão trabalhei num artigo que intitulei 'Anal e Sexual',²⁷ mas não posso dizer se se presta à publicação. Até agora, eu mesma tenho sido meu público.

Esperando ansiosa por vê-lo nos dias provavelmente tempestuosos do final de setembro²⁸: é possível que eu peça licença para levar um convidado²⁹, que poderá ser útil algum dia.

Sua,
Lou Andreas

7.7.14
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Estou tão ocupado que será melhor responder-lhe sem demora.

Meus sinceros agradecimentos por sua carta. Fiquei muito satisfeito em saber que há um ano atrás a senhora já reconhecia como tais as tentativas de deslocar o problema de seu cen-

tro. A única coisa que resta é discutir os motivos que induziram a isto.

Considero um sinal de grande confiança de sua parte o fato de ter-me permitido ver sua correspondência com Adler. A carta dele revela sua malevolência específica e isso é muito característico de Adler. Não acredito que ela desminta o retrato que eu havia feito dele. Sejamos francos (desse modo será mais fácil continuar): ele é um indivíduo repugnante.

Nunca me opus a diferenças de opiniões entre os membros do círculo psicanalítico, especialmente porque eu próprio em geral tenho várias opiniões sobre uma questão, até que, por assim dizer, tenha expresso uma delas por impresso. Mas é preciso sustentar a essência fundamental, do contrário ela se torna outra coisa.

Não se pode determinar ainda como o congresso se apresentará. Possivelmente será muito amigável — isto é, se os suíços até então tiverem abandonado seus lugares. Caso contrário, não gostaria de apostar em nosso encontro nessa ocasião.

O misterioso convidado que a senhora anunciou será bem-vindo por todos. E, se a senhora recitou 'Anal e Sexual' para si mesma, os irmãos³⁰ também querrão ouvi-la.

Cordiais saudações,

Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

Viena, 14.XI.14

Cara Frau Andreas

O que tem feito a senhora nestes últimos tempos — tão difíceis para todos nós? A senhora esperava por isso, imaginava que fosse assim? Ainda acredita que todos os irmãos maiores sejam tão bons?

Na esperança de uma palavra de conforto sua,

Cordialmente, seu
Freud

Göttingen, 19 nov. 1914

Caro Professor,

Como foi agradável receber seu cartão hoje. Havia perguntado recentemente ao Dr. Abraham³¹ qual de seus filhos estava no front e soube também que o Dr. Ferenczi lá se encontra igualmente.

É verdade: o que posso dizer dos 'irmãos maiores'! Ficaram todos completamente loucos. (A razão disso, porém, é que os Estados não podem ser psicanalisados).

Todos os dias defrontamo-nos com a mesma tarefa: compreender o incompreensível. Superamos os obstáculos desses tempos cruelmente destrutivos como se avançássemos por uma touceira cheia de espinhos. Não consigo pensar em nenhum destino pessoal que pudesse ter-me custado nada semelhante a essa angústia. E realmente não acredito que depois disso possamos algum dia ser realmente felizes de novo.

Quando o senhor escreveu-me pela última vez, no verão, pensávamos em conflitos de um outro tipo. Mas as Noites de Quarta-feira ainda persistem, como de hábito, não? (mesmo com alguns membros ausentes). Não fossem as circunstâncias atuais, eu mesma poderia estar freqüentando-as este inverno.

O senhor seria capaz de enviar-me uma separata de *Sobre o Narcisismo: uma Introdução**?³² E de escrever nela algumas palavras?

Com os melhores votos para o senhor e sua família,

Sua,
Lou Andreas

25.XI.14
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Já que uma carta entre Viena e Göttingen no momento leva seis dias para chegar, espero que não me considere importuno por responder-lhe tão depressa. A separata que me pediu não precisa passar pelo censor e certamente já deverá ter chegado à senhora.

* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)

O que a senhora escreve me dá a coragem de fazer outra observação. Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. Ele é demasiado horrendo. E o mais triste de tudo é que se trata exatamente do modo pelo qual deveríamos ter esperado que as pessoas se comportassem, a partir do nosso conhecimento da psicanálise. Devido a essa atitude com relação à humanidade, nunca pude concordar com o seu jubiloso otimismo. Minha conclusão secreta sempre foi: desde que só podemos considerar a mais elevada civilização atual como carregada de uma enorme hipocrisia, conclui-se que somos organicamente inadequados a ela. Somos forçados a abdicar e o Grande Desconhecido, Ele ou Alguma Coisa, emboscado atrás do Destino, algum dia repetirá esta experiência com uma outra raça.

Sei que a ciência o está apenas aparentemente, mas a humanidade parece estar morta realmente. É um consolo constatar que nosso povo germânico comportou-se da melhor maneira em tudo isso. Talvez porque esteja certo da vitória. O comerciante ameaçado pela bancarrota sempre é um trapaceiro.

Nossos encontros das noites de quarta-feira, cujo valor foi reduzido por sua observação de que se as circunstâncias fossem diferentes, a senhora teria estado presente a eles, têm lugar hoje apenas duas vezes por mês. Desenrolam-se pacificamente, e, de certa forma, superficialmente. Muitos membros estão ativamente engajados nos serviços de guerra, outros desligaram-se. Estou trabalhando em particular com algumas questões de amplo alcance e talvez também ricas em conteúdo.³³ Depois de dois meses de incapacidade para trabalhar, meu interesse parece novamente liberado e sinto com bastante clareza que minha mente passou por um completo descanso.

Dois de meus filhos³⁴ estão no exército, ambos ainda na artilharia, treinando nas províncias.

Envio-lhe minhas cordiais saudações e agrada-me pensar que uma vez terminada a guerra a necessidade de nos encontrarmos novamente não tolerará nenhuma demora.

Sinceramente seu,
Freud

Göttingen, 4 de dezembro de 1914

Caro Professor,

Nesses tristes dias, sua carta contém ao menos um ponto que conforta o coração: ou seja, que nesse intervalo seu interesse por sua causa e pela causa de todos nós foi novamente criativamente empenhado, e que o longo período forçado de descanso trará benefícios a todos nós. Já será tarde e seus pensamentos estarão prontos para serem publicados, antes que qualquer deles chegue até mim. Quando li no *Jornal* de setembro a respeito de sua conferência sobre o narcisismo em abril para a Associação, pensei com impaciência que teria de esperar para lê-la no novo número do *Jahrbuch*. Desde que recebi a separata desta conferência e desde sua última carta, pela qual lhe sou muito grata, já lhe escrevi uma outra. Mas entrei em detalhes excessivos sobre a questão do narcisismo e finalmente ultrapassei os limites de uma carta. Percebi que seria demais esperar que o senhor a lesse. Em todo caso, mais tarde ela chegará até o senhor de uma maneira ou de outra, pois esse tema vem preocupando-me há muito tempo. Sem dúvida, esse meu interesse é subjetivamente motivado, como tudo o mais, mas espero apenas que isso não afete meu julgamento objetivo.

Num certo ponto, a minha carta trata tanto da sua quanto da minha atitude com relação ao sofrimento de nossa época e daquilo que o senhor chamou de meu otimismo, que agora parece tão tristemente naufragado. E no entanto, acredito que por trás das atividades humanas individuais e do território que pode ser alcançado através da psicanálise, existe um abismo em que os impulsos mais valorosos e mais desagradáveis condicionam-se inextricavelmente e tornam impossível qualquer julgamento final. Essa notável mistura é um fato válido não apenas para o estágio já ultrapassado do desenvolvimento primitivo (tanto da raça como do indivíduo): essa notável unidade é um fato sempre novo e válido para todo mundo — calculado para abater o arrogante, mas também para exaltar o de coração humilde. É verdade que isso não faz a menor diferença para a nossa aversão ou nosso deleite com relação a um tipo particular de conduta humana, e uma época como a presente pode conseqüentemente desferir um golpe mortal na alegria e na confiança. Não obstante, sabemos dentro de nós mesmos que só podemos continuar a viver com esta fé última e o mesmo deveria apli-

car-se aos outros. Deveria: mas é claro que não se aplica, não nestes dias. Apesar do fato de que deveria, se ao menos conseguíssemos ater-nos a este ponto — apenas isso já me ajuda um pouco.

Mas preciso terminar esta carta depressa. Do contrário, cairei no mesmo excesso de detalhes novamente.

Cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

Como o *Jahrbuch* se tornou bom e interessante, incluindo as resenhas,³⁵ especialmente as de Ferenczi e de Rank. Excelentes, os artigos de Jones e de Abraham como complemento às suas duas contribuições.³⁶

(Göttingen) 10 de janeiro de 1915
Endereço de agora em diante:
Berlim-Charlottenburg
Suarezstrasse 22
(Klingenberg)

Caro Professor,

Esta carta provavelmente longa não pretende intrometer-se como uma desordeira em uma de suas horas de trabalho. Ficará muito satisfeita se deslizar para dentro de uma gaveta e aí permanecer, feliz. Além disso, não sei se ela conseguirá tornar claro o que desejo dizer sobre o seu ensaio sobre o *Narcisismo*, nem se foi pensada com suficiente clareza. De qualquer maneira, ela deseja chegar até o senhor. Ao menos parte dela, pois sua totalidade seria uma imposição excessiva. Na verdade, não importa por onde começar.

As páginas 3/4 de seu artigo resumem tudo o que eu sabia do conceito de narcisismo, tanto a partir do que o senhor dissera como do que escrevera sobre o assunto: 'Finalmente, com relação à diferenciação das energias físicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas coexistem, e de que nossa análise é demasiado grosseira para distingui-las; somente quando ocorre a catexia do objeto

torna-se possível discriminar uma energia sexual — a libido — de uma energia dos instintos do ego.'

Não consigo livrar-me da impressão de que se deveria, até certo ponto, distinguir o tipo de narcisismo aqui definido como o verdadeiro narcisismo³⁷ do tipo que representa um estágio bastante definido do desenvolvimento, no qual o ego conscientemente escolhe a si próprio como objeto, ou seja, pressupõe um objeto que prefere aos outros, como é o caso da auto-admiração, vaidade etc; pois, nesses casos, existe uma fissura, uma unidade danificada da personalidade, enquanto o narcisismo se enraíza na mais profunda ingenuidade.

Sempre me pareceu como se houvesse vários tipos humanos, que pudessem ser considerados segundo ambas as possibilidades, diferentes períodos da vida e diferentes humores para todas as pessoas, em que predominasse uma ou outra. No primeiro caso, a pessoa não está realmente ciente de seus próprios sentimentos (ou melhor, está mais envolvida onde ao mesmo tempo o está menos), nem particularmente consciente da dor ou do prazer; no segundo caso, a pessoa se suporta como um sentimento que estivesse por trás de seus próprios sentimentos, que os estivesse saboreando e gozando. Portanto, uma coisa é ter prazer com a fama ou o amor, e outra, gozar complacentemente este prazer. Uma coisa é desejar algo: outra, sentimentalizar esse desejo etc. É verdade, porém, que as pessoas do tipo narcisista podem de tempos em tempos inclinar-se para o outro tipo, como por exemplo os artistas etc.; não-obstante, os dois tipos permanecem essencialmente diferentes — quase tão diferentes quanto seus momentos produtivos diferem de seus momentos improdutivos. Pois, enquanto cria, o artista fica completamente absorvido em sua criação e totalmente alheio à relação extremamente pessoal e decisiva de seu trabalho com sua própria natureza mais íntima e infantil. Somente quando desperta do dessa explosão 'inconsciente', ou quando nunca penetrou propriamente nela, que ele é atirado de volta à vaidade pessoal, ou seja, à libido excedente dirigida a ele próprio como pessoa. É claro que estas duas são condições do ego, da pessoa, mas apenas como se fosse para o espectador. Para a pessoa em questão, apenas no segundo caso o ego é o objeto da libido. No primeiro caso, seria igualmente verdadeiro dizer que as fron-

teiras do ego foram totalmente eliminadas, proporcionando desse modo uma fuga da sua subjetividade e da oposição do ego e do mundo exterior, como dizer que o ego, ao contrário, relaciona todos os traços desejáveis apenas consigo mesmo.

Essa distinção, e o seu conceito de narcisismo em geral, vieram a significar muito para mim particularmente porque foi exatamente nesse ponto crucial que ocorreu minha dissensão com A. Adler. Um dos fatores mais importantes responsáveis por sua cegueira com relação à realidade do sexual é a confusão do instinto de poder com o instinto sexual. Seu instinto de poder é simplesmente o narcisismo do segundo tipo, a hipercatexia libidinal do ego. Sempre me pareceu, portanto, que: na medida em que o conceito de narcisismo parte da prioridade do ego, à qual está ligada a libido, não se pode dar a Adler o direito de avaliar toda a matéria a partir do ponto de vista do ego — como se a libido fosse algo possuído pelo ego, que este pudesse dobrar, utilizar ou ajustar a seus objetivos de ego como bem entendesse — ao passo que para nós, o ego, como um produto do desenvolvimento, distingue-se primeiro dessa vida uniforme de sujeito-objeto, que então redescobrimos como a libido no ego autodesenvolvendo, e que, a partir desse berço original, continua ativa em nós na 'onipotência de pensamentos'³⁸ etc.: tanto no tipo verdadeiramente inconsciente em que o sujeito e objeto são eliminados como no tipo consciente auto-admirador. É certo que o primeiro tipo, especialmente, não pode ser acompanhado mais além empiricamente e, de fato, nesse ponto, a análise pára completamente — exatamente como o senhor diz com palavras que repetia em nossas conversas: 'O conceito de narcisismo é um conceito limítrofe, que não deveria ser usado indiscriminadamente como uma chave para tudo, mas que deveria permanecer um reservatório para problemas residuais, até agora não resolvidos e talvez insolúveis.' Sem dúvida, é muito importante não transformá-lo em algo misterioso, pois ele, afinal, designa um fato acessível. E, na minha opinião, este conceito, em última análise, diferencia o 'inconsciente' freudiano em sua natureza essencial daqueles seus elementos utilizados aqui e ali por Adler ('ficção') e Jung (o seu 'simbólico').

Gostaria de tocar em outra passagem ligada a isso, em que o senhor (p. 8) fala dos caminhos pelos quais 'podemos obter um melhor conhecimento do narcisismo' e menciona entre eles

a doença orgânica e a hipocondria — ambas caracterizadas, além disso, pelo desprazer da tensão excessiva no órgão hiper-sensível, demasiado erógeno, que faz com que o interesse seja distraído do mundo exterior e ocorra um 'retraimento narcisista das posições da libido para dentro da própria pessoa'. Mas, ao mesmo tempo, nesses casos, ocorre uma mudança fundamental dentro de nossa relação narcisista *habitual* com nosso corpo e com nós mesmos, que subitamente nos torna muito conscientes de nosso corpo como um objeto, como algo que não é mais realmente idêntico a nós — como algo fora de nós. Mesmo a menor parte dolorosa do corpo é subitamente sentida como um corpo *estranho* e separamo-nos dela cheios de indignação como de algo hostil. É verdade que tudo isso é libido, apenas sob a forma de ressentimento, de 'ódio', tal como ocorre quando a libido no sentido positivo experimenta desapontamentos e inibições — e deveria ser chamada de narcisista, pois é aplicada pela pessoa em questão a si mesma. Mas as circunstâncias internas desse narcisismo são de tal ordem que o privam de seus traços mais característicos: ou seja, na medida em que introduzem uma cunha entre o sujeito e aquilo que dentro dele é sentido como um objeto — isto é, na medida em que enfatizam o eu físico (ou parte dele) como algo em si mesmo, como algo independente, capaz de prejudicar e agir contra os interesses do ego. Assim, esse estado contrastaria com o prazer narcisista de estar em harmonia com o próprio corpo — assim como (embora não do mesmo modo) o tipo ingênuo de narcisismo acima mencionado, que simplesmente se sente idêntico a todo o poder do mundo exterior, contrasta com o tipo auto-concernente, que conscientemente se torna seu próprio objeto de amor.

Existe também, sem dúvida, um protótipo — mencionado pelo senhor na p. 4 — do desprazer orgânica ou hipocondriacamente condicionado; tensões numa excitação que parte inteiramente do prazer da libido positiva, mas que deseja igualmente como objetivo o alívio do estado físico que a oprime: a excitação genital. Mas, nesse caso, o processo puramente físico não deveria ser considerado apenas em si mesmo, na medida em que realmente fornece uma analogia com estados aparentemente patológicos, já que, derivando-se da esfera genital, todos os

outros órgãos são afetados em suas atividades especiais pelas substâncias que exigem uma descarga?

A contradição nesta tensão de libertar ao mesmo tempo tanto prazer provém do estado psíquico da libido: ou seja, de um estado que deseja muito mais do que o simples alívio, que luta para reexperimentar uma união com seu objeto sexual enormemente supervalorizado, assim como, talvez, tenha gozado no útero, em sua identidade com o seu ambiente. O grande problema do sexo não residiria então no fato de que ele luta não só para matar a sede, mas também consiste no anseio pela própria sede, que o alívio físico da tensão, da saciação, ao mesmo tempo desaponta, pois diminui a tensão ou a sede, enquanto a doença, e, até mesmo a doença através de insistentes substâncias sexuais no corpo, não tem outro propósito senão este?

Sempre me pareceu que: desde que nosso corpo deve desempenhar para nós um duplo papel, desde que ele é tanto 'nós mesmos' quanto, ao mesmo tempo, a parte mais imediata da realidade exterior, à qual somos forçados das mais diversas maneiras a ajustar-nos, exatamente do mesmo modo como a todo o resto do mundo exterior — ele só pode acompanhar-nos num pequeno trecho ao longo da estrada de nosso comportamento narcisista. Se ele é carregado de libido além deste ponto ('supererotizado'), ele reage com uma tensão de desprazer, e livra-se do excesso desta libido, ou seja, comporta-se como algo não mais idêntico a nós, e inicia uma relação ruim conosco. Dá-se exatamente o inverso na esfera 'psíquica', ou seja, naquela esfera em que somos simplesmente (sem reservas) 'nós mesmos', e que não podemos saturar demais, que aceitamos cada vez mais quanto mais longe ela conduz, e de cujos propósitos, na medida em que indicam o caminho, nossa fome sempre aumenta; pois foi afinal nesse contexto que primeiro e apenas gradualmente aprendemos a diferenciar-nos como consciências individuais isoladas.

Com muito prazer continuaria, para dizer quão pouco tudo isso parece contradizer sua concepção das razões que impelem a libido a recorrer à catexia do objeto — apenas, com isso, esta carta nunca chegaria ao fim. Pois continuo a ler e a reler seu pequeno artigo, que para mim é um grande e volumoso livro, cada vez mais pleno de substância.

Espero que tudo tenha corrido bem com o senhor desde a última vez que escrevi e que não tenha havido ansiedade com relação aos seus. Meus melhores votos de um Feliz Ano Novo para o senhor e sua família.

Sua,
Lou Andreas

Por desespero com esta humanidade guerreira, acabo de comprar um cachorro. (O senhor — um gato?)
(NA MARGEM) Freud, 'Liebesleben' II³⁹.

31.I.15
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

A senhora é indômita. A senhora parece ter escapado à inibição que nos privou a todos de nossas energias criativas nesses dias. Não interpreto suas observações sobre o narcisismo como objeções, mas como um estímulo para tentar um ulterior esclarecimento conceitual e fatural da questão. Concordo com o que diz, mas não sou capaz de resolver os problemas que a senhora levantou. Reconheço mesmo que Adler leva uma vantagem sobre mim nesse ponto; é a vantagem de alguém que impõe um sistema de pensamento sobre as coisas, comparado a alguém que as observa e está ansiosamente preocupado em fazê-lhes justiça. Conforto-me com a idéia de que a tarefa da ciência não é simplificar o mundo, ou, pelo menos, de que não é a sua primeira tarefa.

Sobre o problema em si, gostaria de observar que minha explicação do narcisismo é antes de tudo o que algum dia deverei descrever como 'metapsicológica', isto é, puramente condicionada por fatores 'topográfico-dinâmicos', sem relação com os processos conscientes. Os casos nos quais a senhora está interessada referem-se preeminentemente a condições em que esse processo se torna *consciente*, o que não pode ser aplicado ao narcisismo genuíno e ingênuo. Conselhos amigos, pelos quais sou sempre guiado, impediram-me de prosseguir com esses problemas até que alguma luz seja derramada sobre outros pontos

obscuros. O descaso pelas condições conscientes e a aceitação da maneira de pensar metapsicológica são tão difíceis quanto indispensáveis.

Sei que a senhora se aproximou muito da questão do narcisismo através de seu interesse pelo trabalho de Tausk⁴⁰. Os argumentos dele, porém, são totalmente incompreensíveis para mim. Seu interesse por ele levou-me a fazer um grande esforço para entendê-lo, mas não tive êxito nesse esforço.

Tampouco adquiri um cachorro ou um gato. Tenho bastante mulheres pela casa assim como está. Felizmente, as meninas não são chamadas para o serviço militar. Meu filho mais velho já está nas trincheiras da Galícia.

Nossos periódicos (isto é, jornais psicanalíticos) não deixarão de sair e agradecem pelas colaborações. Estamos todos pensando com apreensão sobre o que irá acontecer nesta primavera. Mais de uma ilusão será novamente destruída. Que assim seja feito.

Envio-lhe minhas calorosas saudações e agradeço-lhe por sua discussão tão pertinente e estimulante.

Sinceramente seu,
Freud

30.III.1915
Munique, Finkenstr. 2
aos cuidados de R. M. Rilke

Caro Professor,

Sua carta de alguns meses atrás foi uma tal alegria para mim, que gostaria de ter respondido imediatamente, mas compreendi que não seria possível. Estou respondendo a grande parte dela em pensamento e ao mesmo tempo continuo a ler seu artigo; além disso, tenho trabalhado sobre o problema de várias maneiras — e isso tudo se somará finalmente numa outra longa carta. Mas por hoje envio apenas esta atrasada expressão de meus agradecimentos, e quero também saber se tudo vai bem com o senhor e sua família. Pois quando estive em Berlim, antes de vir para cá, o Dr. Abraham demonstrou ansiedade pelo fato de não receber notícias suas há mais tempo do que de costume. Portanto, perdoe-me por pedir-lhe algumas — umas poucas

linhas, para que eu possa pensar no senhor com paz de espírito nesses tempos calamitosos.

Cordiais saudações,
Lou Andreas

Caro Professor Freud, não voltei mais a Viena desde que nos encontramos,⁴¹ mas gostaria de enviar minhas cordiais saudações a seu filho, se ele estiver em casa, e meus mais profundos respeitos ao senhor.

Seu,
R. M. Rilke

1.4.15
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Vou usar de sua carta e da espécie de pós-escrito de seu anfitrião como uma ocasião para um pouco de repouso, difícil de encontrar-se nesses tempos ansiosos e tensos.

Fico encantado em saber que a senhora tem estado tão intensamente preocupada com os problemas levantados, pois espero que isso signifique que o resultado será mais do que uma simples carta para mim. Também eu, a meu modo, continuo a trabalhar nisso. A senhora sabe que eu me preocupo com o particular e espero que o geral emerga sozinho. Desse modo, descubro que as minhas opiniões sobre o narcisismo são muito úteis na investigação da melancolia e de outras condições até aqui obscuras. Os próximos números do *Jornal* conterão uma espécie de síntese psicológica de várias idéias minhas reunidas sob três títulos: Os Instintos e Suas Vicissitudes — Repressão — O Inconsciente;* incompletas, como tudo o que faço, mas não isentas de algum conteúdo novo. O ensaio sobre o Inconsciente, em particular, deverá conter uma nova definição do termo, que, na realidade, equivale a uma reformulação. Pedirei sua opinião sobre isso (daqui a seis meses!). Esperemos que então tenhamos chegado à paz!

* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)

O Dr. Abraham está atualmente em Deutsch Eylau (Prússia Ocidental). Meu filho mais velho já está no front há dois meses, provavelmente na Galícia. Reclama apenas de vermes e de doenças provocadas artificialmente após inoculação. Meu segundo filho está em Klagenfurt esperando novas instruções.

Por favor, diga a Herr R. M. Rilke que tenho também uma filha de dezenove⁴² anos que conhece seus poemas, alguns de cor, e que inveja seu irmão em Klagenfurt pelas lembranças que este recebeu.

Com minhas cordiais saudações e meus melhores votos,

Seu,
Freud

(TELEGRAMA)

(Göttingen, 30 de julho de 1915)

Acabo de saber sobre 6 de maio,* cumprimento-o e à sua família calorosamente e agradeço-lhe por suas grandes dádivas a todos nós Lou Andreas.

(De Sigmund Freud a Lou Andreas-Salomé: envio de 'O Tema dos Três Esquifes', de *Imago*, Vol. ii. Provavelmente 30 de junho de 1915.)

(CARTÃO POSTAL COM FOTOGRAFIA: VISTA DE GÖTTINGEN)

(Carimbo do correio: Göttingen 2.7.15)

Sinceros agradecimentos e saudações!

Lou Andreas-S.

Tentei escrever-lhe uma longa carta para dizer o quanto gostei de ler Os Três Esquifes, que perdi na época.

Göttingen, 15 de julho de 1915

Caro Professor,

Muito obrigada por ter-me enviado as duas separatas.⁴³ Já extraí um enorme proveito e um grande prazer de tudo o

* Aniversário de Freud.

que têm a oferecer, e discuti isso tudo com o senhor em minha imaginação antes de aventurar-me a embarcar nesta longa carta.

Em 'Os Instintos e suas Vicissitudes', o que me pareceu uma nova descoberta, o que me tocou com mais força, foi a sugestão (98, 99) de que o amor e o ódio não se originavam da 'fissura de nenhuma entidade originalmente comum'. Até agora, o ódio como tal, considerado como sendo apenas uma espécie de amor ao avesso e sempre presumido como o resultado da repressão, foi sempre dotado de qualidades patológicas, que agora pareceriam ser o resultado de uma coalescência regressiva do instinto do ego e da função sexual.

Nova também (96, 97) é a expressão 'realidade do ego', em contraposição ao 'prazer purificado do ego', que se defronta com o mundo exterior como algo já separado, seguindo a unidade narcisista do sujeito e do objeto. A razão por que esta expressão me atrai tanto e a hipótese de que eu lhe esteja atribuindo um significado exagerado é algo que gostaria de discutir em detalhe, se não me desesperançasse de conseguir fazê-lo por carta. Acredito que possa acompanhar o senhor intelectualmente em todos esses temas, apenas diferindo um pouco, talvez, em minha atitude emocional com relação a eles.

Isso me foi demonstrado muito claramente em seu ensaio sobre a guerra e a morte, onde é um bálsamo e um consolo ouvir uma voz que nos fala e que encontra eco em todos os nossos corações — 'nós', agora espalhados por tantas terras e que ainda assim formamos um corpo coerente de pessoas. Mas quando o senhor diz no final que é certo corrigir a ilusão que até agora predominou, ainda que, até certo ponto, isso represente uma regressão, uma recaída em conceitos mais ingênuos, sinto de modo intenso que essas atitudes mais ingênuas não são apenas mais primitivas, mas, ao mesmo tempo, a expressão de 'verdades' que o nosso ego demasiadamente cultivado gradualmente perdeu de vista. A superstição do 'herói' de que nada *lhe* pode acontecer é parcialmente condicionada pelo fato, que é sempre um ingrediente ativo do narcisismo, de que ele e tudo o mais no mundo não são duas coisas separadas, mas fundamentalmente a mesma e única coisa. E quando alguns heróis 'reais' decidem sacrificar sua vida por 'idéias', estão apenas expressando essa convicção sob uma forma altamente sublimada — sob a forma da unidade com as forças intelectuais e morais do mundo. Afi-

nal, não é por puro acaso — como o senhor mesmo (19) observa — que todo o medo real da morte é algo 'secundário', produto de 'um sentimento de culpa' (isto é, tem causas patológicas). Somos embalados num sentimento de segurança, do qual somos precipitados para a dúvida e a ansiedade apenas pela mais aguda 'egoticidade'.

O mesmo se aplica ao consolo num momento de perda pessoal: o ser altamente sublimado, que atenua seu pranto entregando-se a bons trabalhos, realiza algo análogo ao amante primitivo, que reencontra seu ser amado 'em tudo', apenas porque ela tem sido 'tudo' para ele.

E quanto ao terceiro fator, o nosso desejo de matar, que desempenha seu papel até mesmo no amor, penso que encontra sua justificativa no mesmo narcisismo, que no fundo não está absolutamente preocupado com as pessoas: a partir dessa raiz primária, em que o narcisismo, que não está de modo algum devidamente separado do objeto, e ainda não ciente disso, evolui para o ego que enfrenta o mundo exterior, tem obviamente de lançar esses brotos aparentemente malignos — isto é, malignos do ponto de vista do amor objetual mais recente.

As duas publicações,⁴⁴ que chegaram logo depois das separatas, foram de grande interesse para mim. *Imago* deixa uma impressão muito erudita desta vez: Rank, o jovem Lorenz⁴⁵ (que sempre deu uma impressão muito juvenil, mas que é muito inteligente), e a erudição de Frau Hug-Hellmuth,⁴⁶ que me enche de admiração. No *Jornal*, o exemplo dela de fetichismo⁴⁷ é muito mais instrutivo. Por falar nisso, a mania de colecionar que têm os fetichistas (que nunca se satisfazem em se restringir a um objeto) não seria um dos fatores que aproximam este impulso peculiar da esfera anal-erótica, assim como o faz o des-caso pelo lado humano do companheiro?

Esses poucos exemplos me sugeriram que alguns cerimoniais obsessivos ligados a objetos inanimados particulares envolvem um certo grau de fetichismo: no caso do neurótico obsessivo, isso continua apenas um meio de gratificar seu objetivo sexual, enquanto para o fetichista, o objeto é um fim em si mesmo. Nesse ponto, ele se comporta de maneira ainda mais ascética do que o neurótico obsessivo, com todas as suas representações (e esse elemento ascético levou Stekel⁴⁸ a erroneamente cair em confusão quanto à causa religiosa e moral do fetichis-

mo). Ele apenas *parece*, entretanto, ser mais ascético; na realidade, o fetichista retirou seu amor do objeto humano e voltou-o, anal-eroticamente, para o objeto de seu fetichismo.

Ao ler a contribuição de Weiss⁴⁹ para *Mitteilungen*, onde estão reproduzidas as observações feitas durante o importante Debate de Quarta-feira, avistei em pensamento a reunião com grande nitidez. E mais uma vez percebi o quanto uma pequena comunicação pode ser frutífera na discussão que o senhor conduz — e gostaria tanto de participar dessas discussões quando o outono voltar.

Enquanto isso, tenho trabalhado em alguns artigos,⁵⁰ escritos de tal maneira que poderiam falar sobre Freud ao público comum, em outras publicações que não as freudianas, se tivéssemos chegado a um estágio em que os jornais estivessem prontos para publicar algo mais do que artigos patrióticos. Com relação a contribuições para os seus próprios jornais, sobre as quais gentilmente me pergunta, existe o longo artigo, de que lhe dei notícia no último verão, que fora intitulado 'Anal e Sexual'; mas talvez tenha ficado um pouco ultrapassado demais nesses muitos meses que se passaram desde então, não? Além disso, gostaria de ter permissão para enviá-lo ao senhor pessoalmente, com o pedido de que o lesse algum dia, de forma que eu saiba se o aprova totalmente. Não estou interessada em sua publicação, a não ser que o senhor julgue que isso ajudaria a sua causa.

Desde que nos escrevemos pela última vez, imagino que tenha tido suficientes preocupações e aborrecimentos. Pensei com frequência no senhor. Imagino que já tenha deixado Viena. Espero que tenha boas notícias de seus filhos — o segundo já está também no front, imagino? Que todos vocês sejam poupados! E a despeito de tudo, que essa época terrível permita que o senhor seja tão produtivo ou mais produtivo do que nunca, para o grande benefício de todos nós.

Com meus agradecimentos e saudações,
Sua Lou Andreas

(NA MARGEM) Acredito também que as idéias mais primitivas de imortalidade derivem menos da ansiedade do que do desejo de simbolizar tal sentimento de segurança: *originalmente*.

Karlsbad, Rudolfschhof, 30.7.15

Cara Frau Andreas

Estou escrevendo de um idílio que minha mulher e eu criamos desafiadora e teimosamente para nós mesmos, mas que vem sendo continuamente interrompido pelas exigências da época. Há cerca de uma semana atrás, nosso filho mais velho escreveu dizendo que uma bala havia atravessado seu quepe e uma outra havia roçado seu braço. Nenhuma das duas, entretanto, interferiu em suas atividades. E hoje o outro guerreiro anuncia que recebeu ordem de marchar amanhã, também para o norte. Minha filha mais moça, de quem a senhora talvez se lembre e que está morando com sua avó⁵¹ de oitenta anos, em Ischl, escreveu-nos preocupada: 'Como poderei arranjar-me sozinha com seis crianças no ano que vem?' Já que não ousamos olhar para o futuro, vivemos apenas para o presente e tentamos extrair dele o que ele decide oferecer-nos.

Suas cartas são agora uma recompensa duplamente preciosa pelo que lhe escrevo. Digo *agora* porque estou quase inteiramente sozinho. De todos os meus colegas, vejo apenas Ferenczi, opondo-se à influência militar e mantendo-se fiel ao grupo. Mas como ele também está exilado em sua guarnição em Pápa, frequentemente sinto-me tão sozinho como nos primeiros dez anos,⁵² quando era cercado por um deserto. Mas então eu era mais jovem e ainda dotado de uma energia e perseverança infinitas. O produto desses meses provavelmente adotará a forma de um livro com doze ensaios, começando por um sobre os instintos e suas vicissitudes. Mas parece que me lembro de já ter-lhe dito isso. O livro já está terminado, falta apenas a revisão necessária causada pelo arranjo e o ajuste dos ensaios individuais.

Todas as vezes em que leio uma de suas cartas de apreciação, estremeço-me o seu talento de ir além do que foi dito, completá-lo e fazê-lo convergir em algum ponto distante. Naturalmente, nem sempre concordo com a senhora. Raramente sinto a necessidade da síntese. A unidade deste mundo parece-me tão auto-evidente, que não precisa de ênfase. O que me interessa é a separação e a fragmentação em suas partes componentes daquilo que, de outro modo, reverteria a uma massa incoada. Nem mesmo a segurança claramente expressa no *Hannibal*⁵³ de Grabbe de que 'não cairemos para fora deste mundo' parece um substituto suficiente para a capitulação das fronteiras do

ego, que pode ser bastante dolorosa. Em resumo, é claro que sou um analista e acredito que a síntese não oferece nenhum obstáculo, uma vez terminada a análise.

A partir desse mesmo ponto de vista, eu me oporia também à sua justificação do 'desejo de matar', se é isso o que quer dizer. Não se deve subestimar o papel desempenhado pelo desprazer e sua função potencial como barreira.

Sua carta contém também uma promessa preciosa. Eu gostaria muito de ler 'Anal e Sexual', e, se nossos periódicos pudessem continuar, farei com que seja publicado. Mas como e para onde o manuscrito deveria ser enviado? Ficarei aqui até 10 de agosto. Tudo o que for enviado a Viena poderá alcançar-me. Foi-me dito que todo material escrito enviado pelo correio está sujeito a rigorosa censura. De qualquer modo, espero que seu ensaio chegue a mim.

Pergunto-me quando todos nós, membros dispersados de uma comunidade apolítica, nos encontraremos de novo, e até que ponto se tornará claro que a política nos corrompeu. Não posso ser um otimista e acredito que me distingo dos pessimistas apenas porque as coisas cruéis, estúpidas e sem sentido não me perturbam, pois desde o começo aceitei-as como parte daquilo de que é feito o mundo. Meu amigo Putnam⁵⁴ sustenta num livro recente baseado na psicanálise que a perfeição tem uma realidade não apenas física, mas também material. Não há como ajudar um homem desses: está fadado a tornar-se um pessimista!

Espero que tudo continue a correr bem com a senhora nesses tempos difíceis, e que a senhora se lembre de mim mesmo que eu não tenha nada para enviar-lhe.

Cordialmente, seu
Freud

Göttingen, 7 nov. 1915

Caro Professor,

Que uma bala através do quepe e um braço arranhado continuem a ser os únicos infortúnios ocorridos com seu filho mais velho, e que seu segundo filho, que estava de partida

quando o senhor escreveu-me de Karlsbad, seja poupado de todas as desgraças. Embora não lhe tenha escrito desde que lhe enviei minha pequena nota de agradecimento, muitas vezes pensei no senhor e em sua família — na qual, como sua filha mais moça colocou tão esplendidamente, ela sozinha tem 'de se arranjar com seis crianças'.

Estou certa ou não em pensar que o livro anunciado pelo senhor sairá antes que as partes individuais tenham sido todas publicadas no *Jornal*, já que isso demoraria muito nesses dias? No último número li 'Repressão',⁵⁵ reprimindo severamente meu desejo de possuir novos capítulos. No entanto, era precisamente esta a parte que mais me preocupava e assediava o espírito. É um prazer ver como essas coisas se tornam ainda mais ricas quando o senhor as examina novamente. Exatamente como, por outro lado, seus trabalhos *antigos* tornam-se mais ricos para mim, porque estou mais madura agora do que no princípio, quando os entendia apenas em linhas gerais. A propósito, gostaria de aproveitar a oportunidade para perguntar, com modéstia importunice, se o senhor por acaso não teria à mão uma separata de suas 'Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva',⁵⁶ que é tão incômodo de ler no *Jahrbuch* e cujas palavras são uma a uma vitais para mim.

Há um trecho de 'Repressão' que me agradou particularmente, ou seja, quando o senhor diz na p. 137 que a formação reativa se torna possível pela precedência do impulso terno sobre o sádico — isto é, que um indivíduo que forma tal reação por isso mesmo volta a algo positivo em seu próprio passado. O senhor fala aqui especificamente da relação de ambivalência na condição obsessiva; mas algo análogo a essa alternância ocorre em todos nós através da interconexão e da oposição das tendências sexuais e do ego. E sempre tentei explicar a mim mesma o processo real de 'idealização', bem como de 'sublimação' dessa maneira, que também — como o senhor frisa aqui e em trabalhos anteriores — sempre se aproxima tanto da condenação e da depreciação. Parece-me que é como 'jogar fora o bebê com a água do banho': pois, se a infeliz criança não for colada à água jogada fora por uma fixação neurótica, certamente voltará para um novo e mais sensível modo de comportamento — apenas, daí por diante, ficará com um medo anormal da água. Como se essa experiência única no banho a tivesse deixado tão limpa

quanto o asbesto, e a remoção da água a tivesse desidratado por completo.

O senhor encontrará algo parecido, mas menos cruelmente expresso, em meu ensaio 'Anal e Sexual', que lhe enviarei já que o senhor o sugere, a despeito de sua antiguidade. Ele foi muito prejudicado pelo fato de não ter podido beneficiar-se de suas últimas observações sobre o assunto, mas em minha indolência, estremeci com a idéia de reformular tudo.

Quando me lembro como, mesmo neste ano imensuravelmente terrível, tanto bem me veio através de sua psicanálise, sinto que gostaria de ser mais útil a ela do que sou. Todas as vezes que suas descobertas caem como lampejos de felicidade sobre meu espírito, pois não apenas melhoram o meu conhecimento teórico, mas me ajudam no sentido humano mais amplo, encho-me da mais profunda gratidão. E sinto então agudamente que as gerações vindouras se distinguirão pelo grau e medida em que penetrarem nessa experiência de pensamento. Isso as distinguirá das gerações anteriores mais do que até mesmo os mais revolucionários eventos poderiam fazê-lo.

Adeus. Os melhores votos de sua
Lou Andreas

9 nov. 15
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

A senhora sabe como animar e encorajar. Nunca teria acreditado, menos ainda em meu presente isolamento, que a psicanálise pudesse significar tanto para outra pessoa ou que alguém fosse capaz de ler tantas coisas em minhas palavras. Naturalmente, acredito que isso seja verdade, de sua parte. E ao mesmo tempo, a senhora tem uma forma sutil de indicar-me onde os abismos se tornam visíveis e onde novos argumentos são necessários. Mas, como a senhora sabe, eu sempre me arranjo com o isolado e o incompleto.

O seu ensaio 'Anal e Sexual' é ansiosamente esperado. Não tenho certeza se será publicado no *Jornal* ou em *Imago*. A existência de ambos depende do favor de um editor digno, mas caprichoso. Acabo de ter a idéia de conseguir um controle maior

sobre ele confiando-lhe a publicação de minhas 'Conferências Introdutórias'⁵⁷ que pronunciarei novamente este ano. Da última vez, a senhora estava entre minha audiência e a partir de sua expressão, eu podia saber se a palestra estava se saindo bem.

A separata que me pediu seguiu hoje. A nova coleção, cujo artigo sobre o Inconsciente⁵⁸ saiu agora no *Jornal*, como a senhora corretamente supôs, não continuará a ser publicada ali. Mas não sei se o livro será publicado mais cedo por causa disso. Enviarei as conferências primeiro e me darei mais algum tempo para a edição final de alguns dos doze ensaios. Todos esses trabalhos padecem da falta de estímulo com que os escrevi e de sua função como uma espécie de sedativo.

Já que a senhora está tão gentilmente preocupada com tudo o que diz respeito à minha família, não ocultarei que meu segundo guerreiro (o entusiasta de Rilke, que naqueles tempos felizes estudava arquitetura em Munique) teve um golpe de sorte semelhante ao de seu irmão mais velho. Por acaso estava longe da trincheira onde toda a companhia encarregada de seu canhão havia procurado abrigo, durante a batalha sobre o platô de Karst, e, dessa forma, foi o único a escapar ao destino de ser enterrado vivo por um tiro certo. A senhora acha que podemos contar com a repetição regular dessas sortes? Meu outro filho (o mais velho) chegou subitamente num dia de outubro para passar meio dia, vindo do norte para o sul, desmazelado mas em bom estado, e condecorado com a medalha de prata por bravura. Agora, as notícias de ambos são mais tranquilizadoras.

Agradeço-lhe calorosamente.

Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Göttingen) 14.XI.15

Caro Professor, muito obrigada por sua carta que chegou bastante rápido e que me deixou feliz devido às boas notícias pessoais que continha. Não tinha idéia de que seu filho mais moço estivesse no front (ele estava doente enquanto estive em Viena).

Pensei que fossem seus filhos do meio e mais velho. Sim, eu realmente acredito na repetição de momentos de sorte! Obrigada também pela separata. Meu artigo 'A. & S.' já foi enviado para o seu endereço, e não para os editores, pois o senhor me prometeu que o leria primeiro para ver se concordava com ele. Do contrário, não desejo que seja impresso.

Cordiais saudações,
Lou Andreas

18 nov. 15
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Seu manuscrito chegou e está agora nas mãos dos editores, que lhe enviam seus agradecimentos. Na minha opinião, é a melhor coisa que a senhora já me deu até hoje. Tanto a sua incrível sutileza de compreensão como a sua impressionante capacidade de realizar uma síntese a partir do material que seleciona em sua investigação encontram uma admirável expressão nesse trabalho. Agradeço-lhe pessoalmente também por não se ter esquecido de nossos problemas nesses dias tão exigentes.

As notícias do front são boas. Meu filho foi convidado a desenhar o monumento em honra de sua tropa. Sem dúvida, este terá sido seu primeiro trabalho como arquiteto.

No último número de *Neue Deutsche Rundschau* (ou *Revue?*) há um ensaio de Schleich⁵⁹ com comentários sobre a psicanálise que revelam uma igual dose de interesse e de ignorância e se baseiam em idéias confusas.

Com sinceras saudações,
Seu,
Freud

Göttingen, 15 de março de 1916

Caro Professor,

Muito obrigada por pensar em mim e enviar-me três separatas.⁶⁰ As duas sobre o 'Inconsciente' são ao mesmo tempo

uma resposta gentil à carta que escrevi após sua publicação, mas, na verdade, apenas à parte técnica dessa carta. Precisa enviar-me também algumas notícias em resposta às minhas perguntas sobre o senhor e sua família, e sei que o fará. Pois hoje em dia, é triste dizê-lo, essas perguntas não podem mais ser feitas com a confiança despreocupada com a qual, não importa quão injustificadamente, costumavam em geral ser emitidas. Mas segundo sua última carta, naquela época a situação de seus dois filhos era mais tranquilizadora. Espero que continue assim!

Com relação ao seu 'Um Caso de Paranóia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença',* vou começar pelo fim e expressar meu deleite com a sua observação terminológica.⁶¹ Não é muito característico de Jung querer comprimir muita coisa numa palavra, assim como o faz com o conceito de libido? Pois todo o mal-entendido quanto ao 'conflito real' das neuroses e a necessidade ostensiva de tratar apenas desse conflito liga-se ao fato de que ele interpreta a 'rigidez' em seu sentido prático mais amplo, em lugar de interpretá-la no sentido especializado de 'estar fixado', e, por isso mesmo, omite o traço essencial dentro da situação, ou seja, a relação com o passado. O mesmo se aplica ao seu conceito de realidade, na medida em que ele não se restringe à realidade sexual que é traduzida pela frase — como o Dr. Ferenczi muito bem assinalou no *Jahrbuch*.⁶²

No seu relato do caso de paranóia,⁶³ é ótimo ver como o senhor por uma vez permitiu alguma liberdade à fantasia — por favor, perdoe este pecado psicanalítico, mas é bom ver o senhor brincando com idéias, e, de fato, seria ótimo ver isso continuando por algumas páginas a mais. Involuntariamente, sentimo-nos dentro da situação. E foi assim que a vi: depois que a moça tinha mais ou menos atingido seu amor homossexual através de sua identificação masculina** com o pai e de sua própria identificação com a mãe, era inevitável uma reação renovada e reforçada por parte de seu complexo materno, pois desse modo ela havia destruído para si mesma a situação de criança — a situação real e narcisistamente mais satisfatória. Ela agiu como um adulto. E no entanto, nesse ponto, ela precisava especificamente da atitude de criança, pois é nela que nos sen-

* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)

** Ela identificava com o pai o homem que a cortejava.

timos de uma maneira tanto homossexual quanto heterossexual, e somos capazes de amar tanto o pai como a mãe sem distinção. Também no caso da suposta câmara, lembro-me do *olho* da mãe, que, como o olho de Deus, 'vê tudo', que sempre viu a criança sozinha, nua e despida, e agora a vê nesse estado com o homem. Os sons que provocam a falsa suposição mal precisam de explicação, pois alguns desses barulhos estão sempre ocorrendo (como os ouvintes noturnos tão bem o sabem) e a atenção a eles dirigida com tanta intensidade é bem justificada.

Mas a característica específica do caso, a saber, a evolução do homossexualismo para o heterossexualismo com base na 'paranóia', não seria algo que anularia totalmente os traços verdadeiramente paranóicos? Quando o senhor o compara a seguir com a liberdade do neurótico que se permite objetos de amor na fantasia, que de outra forma lhe seriam negados por seus impulsos incestuosos, a diferença reside no fato de que suas fixações inconscientes nem são transformadas em hostilidade nem são projetadas para fora numa tal transformação? Mas quando isso acontece, a capacidade de amar (e conseqüentemente a possibilidade de cura também) é eliminada?

Essas perguntas não são puramente acadêmicas. Há poucos anos atrás conheci uma jovem mulher neurótica cujo elemento homossexual (ligação com a mãe) sempre me pareceu extremamente 'paranóico'. Mas isso não se aplicava de modo algum ao seu heterossexualismo, que ela conservava igualmente sob forma parcial, embora nunca fosse consumado. Os dois elementos existiam em compartimentos separados, sem que aparentemente se ajudassem ou se perturbassem, embora o primeiro fosse dirigido negativamente, e o outro, positivamente. Uma visão da primeira infância jazia por trás do elemento hostil, que se ocultava na imagem da figura materna abraçadora, a desejada e amada. Pássaros domesticados eram conservados num aposento do apartamento de seu pai. Tão logo se agitavam sobre a estufa, porém, a criança ficava com medo — embora a estufa fosse aberta na parte superior — de que caíssem no fogo e se queimassem. O fogo, em toda a sua passividade, representava contudo o elemento mau, agressivo; o simbolismo masculino dos 'pássaros' assumiu uma qualidade feminina na comparação.

A propósito, ao ler seu 'Caso da Paranóia', lembrei-me de um pequeno e interessante trecho de Aug. Strindberg.⁶⁴ Ele se comportava de um modo exageradamente heterossexual e era caracteristicamente ciumento, e entretanto permanecia completamente alheio à sua inversão, mesmo quando no fim de sua trágica vida e de suas perseguições rendeu-se ao 'Deus macho e seus demônios, que castigam enquanto punem', em lugar de se render às mulheres. Falando do verdadeiro 'pecado mortal' no adultério feminino, chegou à seguinte definição: esse pecado consiste na transferência do macho ao macho pela fêmea infiel.

Mas vou finalmente terminar esta epístola.

Há alguns dias atrás houve um funeral em Viena de um protótipo absoluto da figura materna — uma pessoa que se tornou cada vez mais encantadora à medida que envelheceu. A cada vez, maravilhava-me novamente com a simplicidade e a naturalidade com que isso prosseguia até penetrar na própria morte. Marie Ebner.⁶⁵ Eu a amava profundamente.

Com meus melhores votos,

Sua,
Lou Andreas

(De Lou Andreas-Salomé para Sigmund Freud: comentários sobre o ensaio 'O Inconsciente', in *Jornal*, III, 1915. Presumivelmente nov./dez. de 1915)

21.3.16

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Sua carta, em que a senhora como sempre devolve muito mais do que recebeu, induz-me a uma difícil conjectura. Entre as linhas da primeira frase pude ler uma discretíssima recriminação por eu não ter respondido a uma de suas cartas, e daí concluo que se extraviou uma de suas cartas, ou minha resposta. De acordo com minha lista de cartas recebidas, a última que recebi da senhora foi a 18 de novembro; neste dia, chegou uma carta sua que foi respondida imediatamente. A sua era

datada de 7.XI e tratava de meu artigo sobre a 'Repressão'. O seu manuscrito, que agora fará sua tão adiada viagem até o linotipista, chegara alguns dias antes. Jamais recebi carta alguma contendo sua reação a respeito do meu artigo sobre o Inconsciente. Na verdade, existe um ponto nesse artigo cuja importância estou muito curioso para ver quem primeiro descobrirá. Estou certo de que será a senhora, mais uma vez.

Sem dúvida, a senhora já concluiu dessas observações introdutórias que nada de mau aconteceu por aqui. Os heróis do front e os tímidos de casa ainda estão todos vivos. Meu genro alemão⁶⁶ está levemente ferido num hospital em Valenciennes, mas certamente logo estará de volta ao front. Ernst passou seu período de licença em Hamburgo e Viena e finalmente encontrou seu herói Rilke. Mas não aqui em casa. Rilke não pôde ser persuadido a visitar-nos uma segunda vez, embora sua primeira visita antes de sua convocação tivesse sido muito cordial.

Acho suas observações sobre o caso de paranóia plenamente justificadas, exceto o que a senhora diz sobre o elemento de fantasia. Não se trata de uma evolução real, mas formal, mais uma vez — um compromisso, como sempre. Não é um passo para a recuperação no sentido do ajustamento à vida, mas já mostra a tendência ao progresso em ação.

Diante de tudo o que se espera que aconteça nos próximos meses, só se pode reagir com uma certa resignação entorpecida.

Nós todos amávamos e líamos Frau Ebner-Eschenbach. Eu só a conhecia como a 'Tant' Marie' de um de meus pacientes, a quem ela dedicara um livro para crianças.

Por favor, indenize-me pela carta perdida.

Com meus melhores votos,

Freud

Göttingen, 9 de abril de 1916

Caro Professor,

Fico grata ao destino por nada seu ter-se perdido no correio, e, atendendo à sua sugestão, envio-lhe agora uma outra cópia de minha carta sobre seu artigo sobre o *Ics*. Na verdade, esta será uma carta diferente, na medida em que li seu artigo,

tão rico de conteúdo, muitas vezes, nesse meio tempo, e continuarei a fazê-lo no futuro. De toda maneira, enquanto leio fico impacientemente ansiosa pelos capítulos restantes, cujo conteúdo posso supor a cada linha. Essa maneira de adquirir o conteúdo de seu trabalho pouco a pouco tem uma atração quase excessiva, mas sem dúvida tem uma atração. Algo como procurar por ovos no jardim na Páscoa. Continua-se a encontrar um novo, pelo qual talvez já tenhamos tolamente passado várias vezes e, ao mesmo tempo, vê-se o coelho da Páscoa ao fundo depositando mais ovos.

O primeiro ponto a impressionar-me, proporcionando-me um prazer particular, foi sua introdução do conceito de anticatexia. Quanto à questão da repressão primitiva, pensei o seguinte: embora não produzida pelo 'retraimento', ela ainda assim está intimamente ligada à repressão propriamente dita, na medida em que envolve um esboço, uma delimitação, um contorno primordial, que expressa um indivíduo como tal. Assim como, para mim, o ego parece atingir seu sentimento do ego apenas através da reação contra a massa instintual que o preenche, o elemento reativo na anticatexia pareceria ser aquele no qual a quantidade pode expressar-se até certo ponto permanentemente sob uma forma qualitativa. E assim como a primeira formação substituta presta-se em certas circunstâncias à segunda anticatexia, assim, de acordo com o mesmo princípio, ela prossegue sob a forma de enfraquecimentos e evasões diante da pressão do *Ics*, que simultaneamente se estabelece neles, até que a consciência — como o órgão que não apenas percebe a qualidade, mas que, através de sua 'hipercatexia', realmente a cria — se torne o último 'baluarte', a última formação substituta, e no pensamento e na fala tenhamos 'mais uma vez' recriado o mundo em termos conceituais, como o paradoxo de um refúgio contra nós mesmos.

Há tempos me ocorre o quão claramente a consciência é caracterizada como um estado de compromisso — e, da mesma maneira, por esta rejeição, oposição, 'tentativa de tornar irreal', a fim de então reincorporar dentro da própria pessoa o que foi rejeitado, com todos os esforços e com toda a força da libido sob todas as formas. Como um Cronos que engole novamente as crianças que vomitou. A catexia do objeto, por outro lado,

é apenas uma atividade do *Ics* que se alimenta de si mesma: a realidade propriamente, com a qual nos envolvemos de um modo prático e dominante, é apenas um vó para longe daquilo que de outro modo nos oprimiria a todos de maneira demasiado real.

Aqui também o processo patológico esclarece o que acontece nos casos normais. Há anos atrás, já havia ficado profundamente impressionada com a observação de seu ensaio sobre Schreber a respeito da 'projeção como uma parte normal de nossa atitude para com o mundo exterior'. De fato, em *ambos* os casos colocamos o 'inimigo' à nossa frente, apenas para não ter de pensar nele atrás de nós — onde, apesar de tudo, ele permanece. A diferença está apenas no fato de que no caso normal — isto é, com base na mesma natureza essencial de todos os homens e em sua mesma atitude frente à vida — existe um compromisso bem-sucedido, e é apenas nos estados de espírito pessimistas que a 'hostilidade' do mundo exterior nos desconcerta, enquanto que o pobre histérico ansioso e mais ainda o paranóico têm de sofrer pelo fato de estarem isolados, e de que os compromissos mais subjetivamente realizados lhes proporcionam apenas uma fraca proteção na retaguarda.

Com relação a isso, é quase divertido refletir como o mecanismo de projeção normal gradualmente dominou a *teoria dos instintos*. Já que o instinto não pode, como as duplas representações mentais ou as tentativas de descarga de afeto, ser considerado como *Ics*, é inevitável que em seu lugar de origem seu futuro seja desconhecido. Na medida em que o instinto aparece apenas transitoriamente e está, por assim dizer, constantemente em movimento, ele jamais descansa. Mesmo quando considerado em termos físicos, ainda assim continua a ser uma peteca entre a biologia e a psicologia, que o jogam habilmente uma para a outra todas as vezes em que ele faz a menor tentativa de alojar-se junto a uma delas. Seja qual for o ângulo do qual dele nos aproximemos, ele sempre pende no ar — um verdadeiro truque de projeção. É quase como um conto de fadas. Pois, na realidade, a teoria dos instintos está sujeita a essa situação embaraçosa, porque só podemos entender as verdades psíquicas definitivas na mais absoluta externalização, reduzidas a um simples monte de palavras — enquanto que ela representa

o psiquicamente essencial, ou seja, o *Ics*, que, como um conceito fora de nosso alcance, liga-se apenas em última instância, de modo frouxo e como que irresponsavelmente, às manifestações do mundo físico.

Até certo ponto, ligado a isso, recordamos o caso inteiramente oposto do esquizofrênico, na medida em que este, quando esmagado pelo instinto e não convenientemente separado em seu ego do *Ics*, procura por 'palavras', na vã tentativa de enterá-las suficientemente fundo, de introduzi-las em cada canto ou fresta, de deixar seu significado mergulhar até o fundo, a fim de, à sua maneira contrária, reunir a superfície e a profundidade — ele também, neste ponto, alinhado ao mundo físico por meio de sua 'linguagem de órgão'. Felizmente, nosso método leva alguma vantagem sobre ele, mas se a filosofia aqui e ali nos lembra de um tal comportamento esquizofrênico, isso não apenas depõe contra a filosofia, mas um pouco também em favor da esquizofrenia.

Com tudo isso desejo realmente dizer quão esplêndido é o resultado de toda a investigação (o sistema *Ics* contém as apresentações das coisas; o sistema *Cs* contém tanto as apresentações das coisas como as apresentações das palavras) e como o *Ics* se destaca tão bem nesse trabalho. E a repressão e a censura também se tornam novas e simplesmente claras, como meras silenciadoras, que precisam deixar atrás de si todo o desassossego, como que gesticulante, daqueles que foram reduzidos ao silêncio.

Agora, pela primeira vez, sinto-me capaz de fazer plena justiça ao seu artigo anterior 'Formulações Sobre os Dois Princípios', pois — sem que eles tenham sido de modo algum diminuídos em sua importância — o princípio do prazer e o princípio da realidade complementam-se um ao outro em suas definições. Ou seja, agora é *não apenas* a pressão da realidade *de fora* que, por assim dizer, nos incita desagradavelmente à atividade, mas também de dentro existe um impulso para descarregar para fora, apesar da tendência do *Ics* de sugar todos os conteúdos para dentro de si mesmo: assim, existe uma dupla tendência desde o começo, correspondendo aos 'dois estados de energia catexizada', que Breuer postulou e o senhor confirma. E, de acordo com isso, na esfera da realidade é enfatizada ape-

nas a realidade exterior, a qual, sem o fluxo e o refluxo simultâneo do e para o *Ics*, seria dissipada numa hipercatexia cada vez mais escassa e sombria. (Não tenho certeza se estou enganada ou se foi realmente o senhor quem usou o termo 'realidade exterior' pela primeira vez.)

Desse modo, ambos podem ser realmente considerados a partir de ambos os lados e não apenas do ponto de vista da consciência, que necessariamente tem uma atitude negativa para com o *Ics*. Este, por exemplo, é tipicamente o caso de Jung, que se preocupa apenas com o elemento inibidor e estático do *Ics*, como oposto ao empreendimento da consciência lutando apenas pela realidade. Ou de Adler, para quem uma parte do *Ics* nas mãos do *Cs* não passa de uma espécie de brincadeira ou de ficção. Agora o *Ics* não é mais apenas 'um estádio de desenvolvimento obsoleto, rudimentar, puramente residual' — agora entendemos porque aquilo que foi totalmente reprimido e aquilo que funciona desreprimido por detrás de nossos impulsos são realmente a mesma coisa, a despeito de toda a sua oposição. É somente no caso da pessoa cuja repressão foi mal sucedida e cujo inconsciente precisa tornar-se consciente pelo processo laborioso da análise que essa oposição parece tão grande. Entendemos agora que a consciência nunca foge do *Ics*, mas ao contrário, corre ao seu encontro em todas as ocasiões, e segue seu curso dentro de seus limites — e que uma prova viva disso seria fornecida por um homem que fosse 'perfeitamente consciente' e que fosse menos ciente de seu *Ics*, por tê-lo trazido integralmente para dentro da consciência.

Suponho que deva parar por aqui — por mais que me alongasse, estaria ainda apenas na metade do assunto e isso continuaria a ser apenas um mero fragmento de uma carta. Há lugar apenas para as cordiais saudações de

Sua L.A.*

(De Lou Andreas-Salomé para Sigmund Freud pelo dia 6 de maio de 1916, 'em estilo telegráfico')

* Partes da primeira versão desta carta encontram-se nas notas.⁶⁷

8.5.16

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Mais uma vez obrigado por suas bondosas palavras, que me impelem, contudo, a rever meu julgamento. Pois se eu tivesse sabido, quão pouca alegria sentiria no meu sexagésimo aniversário, o meu primeiro aniversário provavelmente também não me teria dado prazer. Mesmo na mais feliz das épocas, seria apenas um evento melancólico.

A senhora receberá a primeira parte das *Conferências* dentro de algumas semanas, mas não haverá nada de novo nelas.

Cordiais saudações,
Freud

Göttingen, 11 de maio de 1916

Caro Professor,

Obrigada por sua carta. Mas sinto ter sabido da sua e nossa comemoração apenas muito tarde e por acaso, de modo que só pude escrever em estilo telegráfico. O senhor diz que teria sido apenas um evento melancólico em qualquer época — mas quando cada ano que passa é rico e momentoso, quando ninguém perderia um único produto da sua mente, não pode haver melancolia, e ao final de outros dez anos haverá ainda outra alegre comemoração.

Gostaria de ter-lhe enviado o que produzi nos anos 1914/15 dentro desse contexto: um livrinho sobre o que é mais significativo para mim na sua psicanálise, no qual tentei torná-la apetitosa a círculos mais amplos. Se os tempos fossem outros, talvez ele já pudesse estar impresso, mas já que não é este o caso, os seus trabalhos mais recentes serão incluídos, pelo menos sob a forma de pós-escritos e de inserções. O senhor pode ver facilmente, portanto, o quão encantada fiquei com seus ensaios recentes, que incluem alguns pontos sobre os quais não tinha absoluta certeza se pensávamos da mesma forma.

Mas resta ainda a questão da minha carta a respeito de seus dois ensaios sobre o *Inconsciente*. Já deve ter chegado ao

senhor, pois a registrei da segunda vez. Poderia pedir-lhe o favor de não enviar nada que não seja registrado? Perder uma carta sua no correio seria uma perda muito grande, e só pensar nisso já é suficientemente ruim.

Cordiais saudações,

Sua,

Lou Andreas

É certo que receberei as provas de meu ensaio ('Anal e Sexual') antes que seja publicado, não é? Acabo de receber *Imago*, com um excelente artigo de Reik.⁶⁸

18.5.16

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Não poderia haver melhor notícia do que saber do envio de seu pequeno livro sobre a nossa psicanálise ('Gescholten viel und viel bewundert, Helena')⁶⁹ para o impressor. Permita-me dizer-lhe o quanto anseio por lê-lo. O seu excelente ensaio 'Anal e Sexual' já está nas mãos do linotipista. A senhora sabe o quão lentamente os impressores trabalham hoje em dia, mas talvez não saiba que o nosso editor deliberadamente introduz atrasos por sua própria conta. Decerto que receberá as provas para correção.

Posso parecer cansativo ou insincero se respondo a todas as suas cartas com cumprimentos. Recebi a duplicata que a senhora tão gentilmente fez de sua carta sobre meus artigos sobre o *Ics*, e me dei conta mais uma vez do amplo alcance daquilo que é visado, comparado com o pouco que é realmente fornecido. *Ars longa, vita brevis*.

Com cordiais saudações, espero notícias suas em breve.

Seu,

Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio: Göttingen 21[?].5.16)

Caro Professor,

Certamente devo ter-me expressado mal em minha carta: quis dizer que em qualquer outra época meu livrinho já teria sido impresso, mas que atualmente, ainda está em cima de minha mesa. E já que o seu livro está para sair, de qualquer maneira esperarei por sua publicação, para não ter lido apenas os quatro ensaios do *Jornal*⁷⁰ antes de terminar o meu. Por essa razão, é muito importante para mim ter entendido cada ensaio *corretamente* e não ter interpretado nada de maneira errada. E era isso o que me preocupava da última vez. A maneira pela qual assimilamos as coisas depois, varia de uma pessoa para outra, mas estou particularmente ansiosa por evitar qualquer espécie de mal-entendido com relação ao que o senhor diz. Pelo menos, é o meu honesto e sincero esforço. Muito obrigada por sua carta e os melhores votos de sua

Lou Andreas

25.5.16

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Não posso acreditar que haja qualquer perigo de a senhora entender mal qualquer de nossos argumentos. Se isso acontecesse seria por nossa, neste caso minha, culpa. Afinal, a senhora é uma 'entendedor' *par excellence*. E além disso, seu comentário é uma ampliação e um melhoramento do original. Fico sempre particularmente impressionado quando leio o que tem a dizer sobre um de meus artigos. Sei que ao escrever tenho de cegar-me artificialmente a fim de focalizar a luz sobre um ponto escuro, renunciando à coesão, à harmonia, à retórica e a tudo o que a senhora chama de simbólico, temendo como temo a experiência de que qualquer pretensão ou esperança nesse sentido implique o perigo de distorcer a matéria sob investigação, ainda que pudesse embelezá-la. A senhora então vem

e acrescenta o que está faltando, constrói sobre isso, devolvendo aquilo que foi isolado ao seu contexto próprio. Nem sempre consigo segui-la, pois meus olhos, adaptados como estão à escuridão, provavelmente não suportam a luz forte ou um campo amplo de visão. Mas ainda não me tornei uma toupeira, a ponto de ser incapaz de gostar da idéia de uma luz mais brilhante e de um horizonte mais amplo, ou mesmo de negar sua existência.

Seu cartão, contudo, trouxe-me de fato um pequeno desapontamento. Tinha a impressão de que seu ensaio estava terminado e não nos deixaria esperar por muito tempo. Peço-lhe que não o adie e não espere que meu livro saia primeiro. Meu livro, com doze ensaios desse tipo, não poderá ser publicado antes do fim da guerra, e quem sabe quanto tempo depois dessa data tão ardentemente esperada? Os períodos de vida são imprevisíveis, e eu gostaria muito de poder ler sua contribuição antes que seja tarde demais. Mas se pretende consultar minhas *Conferências*, elas não contêm absolutamente nada de novo para a senhora.

Hoje recebi as primeiras provas de granel de seu 'Anal e Sexual'.

Com minhas cordiais saudações,

Seu,
Freud

Göttingen, 30 de junho de 1916

Caro Professor,

Quando sua última carta chegou, protelei minha resposta a todos os tópicos que me diziam respeito e sobre os quais gostaria de ter-lhe falado imediatamente: logo depois não me pareceram suficientemente importantes para importuná-lo. O principal, entretanto, foi que fiquei muito triste com as notícias de que seu novo livro não sairá antes do fim da guerra. Como poderemos todos nós esperar tanto, quando sabemos que está terminado e pronto? Isto se deve à falta de energia de Heller,⁷¹ como sugere uma de suas observações sobre o lento progresso dos dois jornais? Deuticke também não está publicando o livro?

Estive viajando durante algum tempo e quase fui à Áustria e a Viena, mas talvez o senhor não esteja mais aí, de qualquer forma. Encontrei entre meus papéis uma parte do primeiro plano daquele livrinho sobre cuja publicação o senhor perguntou e cuja edição seria sem dúvida acompanhada de iguais dificuldades. São apenas as primeiras páginas — como é comum nesses casos — que estão suficientemente ordenadas e legíveis para que eu possa enviá-las. Elas lhe darão apenas uma idéia geral do todo e eu, idealmente, gostaria de submeter cada uma das páginas ao seu escrutínio.

Para mim, duas coisas são importantes e um grande motivo de felicidade: ou seja, todos os pontos de concordância e a circunstância de que em alguns casos o senhor vê as coisas de um ângulo diferente do meu. Pois é precisamente isso o que me torna capaz de orientar-me: é como quando alguém puxa um fio condutor — apenas, o fio condutor não é uma corrente, mas uma garantia do caminho. Porque estou certa disso, não perco o meu caminho fazendo movimentos inúteis e consigo seguir com o coração mais feliz do que nunca os pensamentos que não podem mais atrair-me para fora de meu rumo.

Por hoje, minhas cordiais saudações e meus melhores votos a vocês todos.

Sua,
Lou Andreas

(ANEXO)

- 'Ics'
- I O Ics na Psicanálise
 - 1 prática
 - 2 teórica
 - II O Ics como Psicosexualidade
 - III O Ics e a Psicologia de Profundidade
 - 1 criação artística
 - 2 filosofia
 - 3 religião
 - 4 observações finais
- Göttingen
Primavera de 1915

As três letras do título derivam da abreviação de Freud do conceito de inconsciente. Sua intenção é demonstrar quão integralmente tudo o que se segue baseia-se nos ensinamentos de Freud — embora não possa pretender fazer justiça à plena extensão ou mesmo às principais linhas de sua obra e se concentre apenas naqueles seus aspectos que deram uma direção e um objetivo ao meu modo de pensar e de sentir. Minha relação com a obra de Freud pode ser formulada de maneira muito simples, sem que eu precise voltar atrás e explicá-la a cada passo: o que se segue aqui devo a ele, e espero que ele o reconheça como seu sem demasiadas reservas. Se isso não acontecer inteiramente, espero ainda assim que através de um pequeno desvio eu tenha aproximado algumas pessoas de sua causa.

Ao ser admitida às reuniões da Sociedade no agitado inverno de 1912/13 pude comprovar que a concordância absoluta não é de modo algum necessária à promoção comum desta causa. Nem tudo se passava pacificamente nessas reuniões, mas nem por isso a nossa solidariedade ou a promoção de nossa causa sofreram algum prejuízo. E hoje eu gostaria de dizer publicamente aquilo que deixei de dizer no último dos encontros de quarta-feira, mas que descobri ter escrito em minhas notas da época:

Gostaria de ter-me levantado no final para agradecer à psicanálise por afastar-nos de nosso trabalho isolado em nossas mesas e conduzir-nos à atividade vital, e a uma espécie de irmandade. Assim como o grande feito da psicanálise foi reunir a psicologia acadêmica estéril à vida, e estabelecer como princípio de seu método científico a absoluta integridade de cada indivíduo, assim também ela realiza uma ligação íntima entre todos os que trabalham neste campo, e isto, em certas circunstâncias, pode conduzir a um vivo intercâmbio de visões. Se neste intercâmbio a marca da psicanálise — a honestidade consigo mesmo e com os outros — permanecer imaculada, tudo — ao menos aos olhos de uma mulher — estará bem, e é uma alegria ver até mesmo 'irmãos' assim envolvidos num conflito mútuo. E por isso sou grata a ele, que esteve ao nosso leme naquelas noites, garantindo por si mesmo a nossa solidariedade,

permitindo a esses conflitos saudáveis sua plena extensão e abandonando seu tempo a eles.

Nesse sentido, a lei relativa ao que convém aos dois sexos no mundo é plenamente cumprida: os homens batalham e as mulheres agradecem.

LOU ANDREAS-SALOMÉ

14.7.16

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Há dois dias atrás enviei-lhe a primeira parte de minhas *Conferências* — material bruto destinado às massas, e, como a senhora sabe, encarregado de eximir-me de uma vez por todas de fazer quaisquer outras conferências elementares. Hoje, antes de partirmos para Bad Gastein, quero agradecer-lhe por sua carta, com cujo conteúdo não estou de pleno acordo, e pelo cardápio anexo, que sem dúvida excita o apetite sem saciá-lo. Divirto-me muito ao ler em sua carta que a senhora abraça tão francamente as opiniões dos seis irmãos mais velhos, que são todos tão bons e gentis com sua única irmã menor. Oponho-me ao calmo anúncio em sua carta de que seu livro será adiado, enquanto a senhora lamenta o atraso inevitável do meu. Vejo as coisas pelo outro lado: não estou absolutamente curioso pelo meu livro, e sim, muito, pelo seu.

O número de *Imago* que contém seu ensaio está fazendo progressos. Tivemos tantos infortúnios com o primeiro número do *Jornal* de 1916, que agora ele não aparecerá antes de agosto. Houve problemas em todos os setores. O impressor encantou um manuscrito, declarou que jamais havia recebido as provas corrigidas etc., sem que fôssemos capazes de sentir que podíamos atacá-lo, como poderíamos ter feito. Deuticke suspendeu toda e qualquer atividade. A impressão de cinco folhas das minhas conferências demorou de 3 de janeiro a 10 de julho.

Apenas na América alguma coisa ainda continua a acontecer no mundo. No último número da *Psycho-Analytic Review* encontrei uma excelente crítica de Adler feita por Putnam, e re-

cebi um livro de um psicólogo de Harvard, Holt, intitulado *The Freudian Wish*.⁷²

Não fique zangada por ter sido chamada de 'entendedor'. Sei muito bem que a senhora é mais que isso, mas a compreensão profunda — a compreensão de mais do que é dado — é a base de tudo.

Cordiais saudações. As cartas serão reexpedidas de Viena, ou então a senhora pode escrever para a Posta Restante, Bad Gastein (3-4 semanas).

Sinceramente seu,
Freud

Göttingen, 17 de julho de 1916

Caro Professor,

Recebi a primeira das três partes das *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*⁷³ há poucos dias atrás — muitíssimo obrigada. Ao ler o capítulo introdutório, lembrei com nitidez a primeira de suas conferências a que assisti, em que suas palavras de advertência, virtualmente rejeitadoras, soaram de modo particularmente impressionante, como resultado do tom sério e quase sombrio em que nos falou. Mas o senhor tem toda razão — e hoje o sei melhor do que sabia então — em dar esses avisos no início, e em dá-los não apenas àqueles que consideram a psicanálise como uma profissão. É certo e necessário para todos que a psicanálise seja removida da esfera do inócuo para a esfera do definitivo, que só traz a felicidade porque se baseia na compreensão interna (*insight*), ou seja, algo através do qual a vida sempre encontra seu rumo novamente.

É especialmente através dos 'lapsos' que pela primeira vez experimentamos isso, pois com eles as pessoas são menos relutantes em iniciar a investigação. Se sua exposição devesse seguir a ordem cronológica de seus trabalhos e começar com os casos clínicos, seria antes a necessidade de sensação que seria excitada, embora desse modo a curiosidade fosse despertada através do próprio fato de não apenas existir nada de sensacional, mas

de aparentemente, na realidade, não existir aí absolutamente nada. Então, acreditamos ver alguns ramos amassados no denso mato rasteiro e sentimos que existem pequenas e estreitas trilhas que conduzem a algo novo. Mais tarde, depois de termos visto quão rápida e abruptamente essas insignificantes pequenas trilhas nos colocam diante de precipícios e abismos, a posição é invertida: a doença individual de causas inconscientes ou o caso comparativamente mais raro parecem então menos excitantes do que o extraordinário fato do próprio *Ics*, que da mesma forma acompanha o doente e o sadio, como sua sombra permanente através da vida. Algo que lhes garante sua realidade, mas que, no entanto, nunca podem ver diretamente, e de que só se tornam cientes quando confrontados com ele, como algo aparentemente externo a eles mesmos, que só é visível, por assim dizer, com uma luz por trás.

Em seu estilo de conferência, interessei-me em observar como os vários pequenos itens mencionados de passagem acompanham em conjunto o tema principal, de modo que gradualmente percebemos que não estamos lidando com detalhes individuais, mas com uma extensão muito maior de compreensão interna (*insight*) psicológica do que nos foi concedido até aqui. Assim, no final, chegamos ao que deverá seguir, aos 'sonhos'⁷⁴, na expectativa de que esta parte nos ajude a ver de modo claro e tangível aquilo que os 'lapsos' só revelaram obscuramente através de um vidro. A maneira pela qual o princípio da repressão se apresenta, como uma explicação no final, sem ter interferido antes, é característica.

E a propósito disso, gostaria de contar-lhe sobre um dos mais surpreendentes lapsos de escrita que conheço, acontecido comigo há alguns anos atrás: ao ler um trecho de um trabalho meu, encontrei uma frase onde se deveria ler 'depois do que, o círculo se abriu sem mais cerimônias' (*worauf der Kreis sich ohne weiteres [er] schliesst*), mas na qual, em vez disso, eu escrevera 'o velho atirou contra si mesmo sem mais cerimônias' (*worauf der Greis sich ohne weiteres erschiesst*).

Nessa época, eu costumava anotar fragmentos de sonhos pela manhã — grosseiramente, apenas o conteúdo manifesto. Mais tarde, descobri uma dessas anotações, de alguns meses antes, que falava do velho e seu revólver 'sem mais cerimônias',

e isso tornou possível um exercício de análise de modo algum insignificante.

O seu pacote de livros traz o carimbo do correio de Viena: logo, suas férias ainda não começaram. Mas onde quer que o senhor esteja, a terrível carga que nos pressiona a todos com força renovada nestes dias deve exercer-se sobre o senhor também. Que os seus filhos e todos os seus sejam poupados!

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL REEXPEDIDO PARA SALZBURG)

(Carimbo do correio: Göttingen, 18.7.16)

Caro Professor,

Nossas cartas se cruzaram. Obrigada pela sua e não fique aborrecido se acrescento um pedido à expressão de meus agradecimentos: poderia, talvez, após o seu regresso e por um breve período, pedir-lhe emprestados os dois ensaios americanos — o *The Freudian Wish* de Holt e o de Putnam, sobre Adler? Eu os enviaria logo de volta a Viena, registrados. Ou será que poderia consegui-los de alguma outra forma? O que o senhor diz sobre suas *Conferências Introdutórias* — ‘material bruto destinado às massas’ — não é verdade neste caso. Por outro lado, os mais sutis comentários que alguém possa fazer sobre esse assunto, de fato se aplicam às pessoas em geral. Nessa paisagem misteriosa, qualquer espécie de revelação traz uma nova impressão sobre ela.

Por falar nisso, esta metáfora aflora à minha mente porque todas as regiões parecem estar encobertas por nuvens. Espero sinceramente que em Gastein o senhor possa ver algo do verão, que este ano parece não passar de uma data no calendário.

Acabo de receber um telegrama de Rainer (Rilke) onde ele diz ter chegado a Munique, dispensado do serviço militar.

Cordiais saudações de sua

Lou Andreas

Salzburg, 27.7.16
Hotel Bristol

Cara Frau Andreas

Apresso-me em informá-la de que em vista das dificuldades deste verão, instalamo-nos neste hotel para uma estada prolongada. As atrações e confortos desta bonita cidade, as boas ligações postais e a boa reserva de alimentos levaram-nos a desistir do contacto íntimo com a natureza que normalmente significa tanto para nós. Neste momento, esperamos ansiosos a visita de nosso filho Ernst, em licença, no qual a senhora notou uma semelhança com R. M. Rilke. Este último, a quem eu gostaria de cumprimentar por ter recobrado sua liberdade poética, deixou bastante claro para nós em Viena que ‘nenhuma aliança duradoura pode ser forjada com ele’.⁷⁵ Cordial como foi em sua primeira visita, não pudemos persuadi-lo a fazê-lo uma segunda vez.

Assim que voltar, remeterei os livros que a senhora pede (*The Freudian Wish* de Holt e o artigo de Putnam na *Psycho-Analytic Review*), a menor que por essa época (fim de setembro) a senhora me informe de que já os leu — ou que a senhora fará a viagem, em lugar dos livros.

Fiquei certamente muito satisfeito com sua recepção amistosa da Parte I das *Conferências*. Suponho, entretanto, que na Parte II, sobre os Sonhos, a senhora logo descobrirá que não consegui manter essa espécie de abordagem preparatória, indireta, que educa mais do que instrui a audiência. Comecei aqui a esboçar a série de conferências sobre a teoria das neuroses e já completei a primeira palestra. Ter-me-ia sentido seguro de mim ao longo de minha vida se pudesse estar certo de minha capacidade produtiva em todas as épocas e disposições de espírito. Infelizmente, nunca foi este o caso. Sempre houve dias intermediários em que nada me ocorreu e em que corri o perigo de perder toda a capacidade de trabalho e de luta, devido a certas flutuações insignificantes de meu humor e de minha saúde física. Uma condição muito inconveniente para alguém que não é e não pretende ser artista.

Entre todos os meus livros o *Vida Cotidiana* faz a melhor carreira. No momento, estou preparando a quinta edição e à minha frente está uma edição holandesa feita por J. Stärcke,⁷⁶ que parece ser bastante apresentável.

Minha curiosidade continua a ser despertada por um pequeno livro sobre psicanálise que me foi anunciado de algum ponto cardeal.

Espero que a senhora continue bem disposta e bem nestes tempos 'trying'.*

Cordialmente,
Freud

Göttingen, 4 de agosto de 1916

Caro Professor,

Não, não interprete mal a atitude de Rilke, que não foi devida a nenhuma desavença da parte dele, mas apenas ao estado estilhaçado de sua mente. Sei perfeitamente o que ele realmente sente com relação ao senhor.

Alguém da Holanda me falou sobre o livro de Stärcke. Parece que ele incluiu algumas de suas próprias análises. Tenho pensado muito no que o senhor disse em sua última carta com relação às 'interrupções em sua disposição criativa' e sua incerteza com respeito a isso. Embora o senhor renegue tão definitivamente a posse de um temperamento 'artístico', ao qual essas interrupções poderiam ocorrer mais facilmente, parece duvidoso contudo que uma obra como a sua tivesse sido possível se este fator tivesse estado inteiramente ausente. E de qualquer forma, o seu agudo deleite com obras de artes plásticas⁷⁷ demonstra que de fato o senhor o possui em alto grau.

Mas agora isso, é um assunto a pensar em que medida a investigação dentro do objeto de sua pesquisa, o *Ics*, talvez acarrete inevitavelmente essas interrupções. Pois por mais científico que seja o método de investigação, o *Ics* sempre tenderá a lográ-lo, assim como os sonhos nos logram ao acordarmos. Será sempre preciso um esforço quase anormal para alguém que se dedique a esse assunto. Talvez, teoricamente, isso só possa ser conseguido se a pessoa conservar o hábito da auto-análise e especialmente da análise de seus pacientes. Poderíamos exprimir isto da seguinte maneira: a matéria da psicanálise *vinga-se* de tempos em tempos interrompendo o curso sereno da disposição

* Em inglês no original.

produtiva. Ou melhor ainda: esta é precisamente a marca com que ela carimba seus produtos — e é isto o que faz com que valha a pena suportar tudo!

Agrada-me saber que a Salzburg de que tanto gosta (o senhor disse uma vez que gostaria de viver aí sempre) será agora o local dos dias felizes de reunião com seu filho.

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

Viena, 16.9.16

Cara Frau Andreas

Cheguei ontem. Mande dizer se a senhora ainda deseja ler os trabalhos de Putnam e de Holt (*Wish*) — os dois ou só um e qual deles — e lhe enviarei o que a senhora precisar assim que tiver notícias suas.

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Viena) IX, Berggasse 19. 23.XI.16

Cara Frau Andreas

Os dois livros foram despachados para o seu endereço hoje. A parte sobre os Sonhos já está terminada e deveria chegar até a senhora logo, mas até agora não superou as dificuldades de transporte por via férrea dos impressores. Meus dois guerreiros estão em bom estado. Da mesma forma, espero que tudo esteja bem com a senhora.

Cordialmente,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio; Berlim, 26.11.16)

Caro Professor,

Muito obrigada por seu cartão e pelas duas separatas. Chegaram todos ontem em segurança. Fiquei especialmente satisfeita ao ler o que o senhor diz em seu cartão sobre os seus dois guerreiros. Espero que eles atravessem o inverno com a mesma boa saúde e disposição. Vou ler os livros imediatamente e escrever uma nota a respeito, para a seção bibliográfica do jornal de I. Bloch⁷⁸ — que ainda não tinha ouvido falar neles. Conversamos alguns minutos, tendo ele demonstrado um certo interesse pela psicanálise. A própria *diversidade* entre o método psicanalítico e o método que ele emprega permite uma extensa aproximação entre ambos. Mas considero um fato infeliz que W. Stekel tivesse escolhido o jornal de Bloch para exibir-se (ver III 6/7 'Sobre os Traumas Sexuais dos Adultos'). Lemos este artigo com doloroso embaraço. O senhor estaria de acordo com que eu publicasse ali a parte central de meu livrinho sobre o *Ics* ('Psicossexualidade')? Mas não seria para já.

Cordiais saudações,

Sua,
Lou Andreas

3.XII.16
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Sua pergunta sobre se eu aprovaria a publicação de uma parte de seu livro sobre o *Ics* em *Zeitschrift für Sexualwissenschaft* coloca-me um certo dilema.

O desejo de ver seus trabalhos publicados em nossos próprios jornais choca-se com a consideração de que teriam uma maior audiência se fossem publicados em outro lugar. Por outro lado, tenho dúvidas se vale a pena sacrificar qualquer coisa na esperança de conquistar os empedernidos. E, finalmente, uma voz me diz que nesta questão meus desejos não deveriam contar. Portanto, a decisão fica com a senhora.

I. Bloch tornou clara sua posição com respeito à psicanálise numa discussão recente: neutralidade benevolente, interesse especial por sua própria prioridade e por meus 'precursores e inspiradores'. Acho que não é por acaso que Stekel é um de seus colaboradores.

Meu terceiro (segundo) filho, o engenheiro, partiu ontem para o treinamento militar em Cracóvia, depois de terminar o trabalho em seu túnel. Nossa filha e netos de Hamburgo estão aqui conosco.

Meu livro sobre os Sonhos está terminado: precisa ainda apenas de uma ilustração.

Sinto que a senhora não tenha encontrado Abraham em Berlim.⁷⁹ Esperando notícias suas, e com os melhores votos,

Seu,
Freud

Charlottenburg-Berlin, Suarezstrasse 22 1
(Klingenberg)
(Depois de 18 de dezembro de 1916)

Caro Professor,

Muito obrigada por seu cartão* e pelo Livro do Sonho. Tudo o que tentei até agora foi uma primeira leitura rápida, mas que de qualquer maneira foi completa — bem como o meu prazer ao pensar que o livro talvez venha a inspirar as pessoas a atribuir mais prontamente um significado à variedade de seus sonhos, agora que sabem existir também um significado na aparente inconsequência de seus lapsos. E com relação à conclusão, devo confessar que apenas agora tornou-se finalmente clara para mim a verdadeira diferença entre o seu ponto de vista e o da teoria dos sonhos de Maeder-Jung,⁸⁰ embora eu pensasse que a conhecia antes.

Na realidade, é a confusão sobre o trabalho do sonho, sobre o que acontece ao material, que torna o *Ics* um mistério tão onisciente e profético para os suíços. E isso se liga ao fato, através do qual eu a expliquei a mim mesma até agora, de que

* Não incluído aqui.

o *Ics* no sentido psicanalítico da palavra sempre teve uma relação com o *Cs* — ou por ter sido anteriormente consciente ou através de uma aproximação com ele. Consequentemente, é possível que o *Ics* possa muito bem conter elementos que são simples reflexos deste passado. Mas quando esses elementos provêm da neutralidade incolor do *Ics*, precisamos primeiro em prestar-lhe traços reconhecíveis de nossa consciência, a fim de vê-lo todo, e ele então nos aparece como que pré-condicionado de um modo 'inescrutavelmente místico'. Exatamente o contrário do que costumava ser chamado de inconsciente, quando se entendia por este termo o pré-consciente como algo que nunca se tornara consciente.

Eu preferiria não devolver-lhe os dois livros ingleses durante estas semanas de confusão de Natal, em que o correio fica sobrecarregado e as coisas podem extraviar-se com tanta facilidade. Mas o farei assim que passar este período — em pacotes separados e registrados. Seria ótimo se o livro de Holt pudesse ser traduzido, pois é bom e *muito* bem-vindo. Praticamente não temos livros deste tipo. Em muitos pontos senti-me plenamente de acordo com o que era dito. Não, contudo, com o que me parece ser um tipo de otimismo especificamente anglo-americano: a saber, quando o autor assume sem problemas que o mais alto grau de desenvolvimento procede automaticamente da harmonia mental, incluindo o elemento moral como sua culminação. Pois a mim me parece que uma das mais importantes descobertas freudianas é a de que as forças mais produtivas irrompem precisamente das *desarmonias* do desenvolvimento individual e que fatores análogos freqüentemente condicionam tanto a inibição como a mais completa realização. Neste ponto, acredito, Holt tem uma visão do desenvolvimento interior mais simples do que é justificado.

Vejo por seu cartão que agora seu terceiro filho (o do meio), que eu pensava estar isento do serviço militar, dentro em pouco partirá para o front. Isso tornará o fim do ano um período ainda mais ansioso para o senhor. Que espécie de ano se coloca agora à nossa frente!

Em que ano poderei vê-lo e falar-lhe novamente? Parece-me que já se passaram séculos incontáveis desde a última vez que o fiz.

Se isso fosse possível, logo entraríamos em acordo quanto ao periódico de Bloch. A idéia me ocorreu simplesmente porque meu livrinho não seria conveniente aos jornais psicanalíticos, já que se destina a um público não-profissional — tampouco conviria a *Imago*, que se interessa pela aplicação da psicanálise a tópicos gerais. Além disso, pareceu-me uma boa idéia apresentar uma voz rival à língua solta de St. Ekel.⁸¹ Mas se o senhor fizer a menor objeção, desistirei da idéia imediatamente.

Cordiais saudações ao senhor e à sua família de

Sua Lou Andreas

Seu segundo cartão acabou de chegar.

(CARTÃO POSTAL)

(Viena) 4.1.17

Cara Frau Andreas

Confirmo a chegada dos dois livros americanos. Quanto à publicação em *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, estou agora pronto para concordar com sua proposta, especialmente porque podemos esperar receber o livro todo no devido tempo.

Meus melhores votos para 1917!

Seu,
Freud

A senhora já recebeu a 5.^a edição de *Vida Cotidiana*?

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio: Charlottenburg, 3.2.17)

Caro Professor,

Estou de partida para casa, de modo que lhe envio apenas umas poucas linhas para acusar a chegada de *A Psicopatologia*

da Vida Cotidiana*, que agora me acompanhará na viagem como um bom amigo.

Meus melhores votos e os agradecimentos de sua
Lou Andreas

Göttingen, 14 de junho de 1917

Caro Professor,

Muitíssimo obrigada por ter-me enviado seu novo livro (*Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*). Atirei-me sobre ele como um homem faminto tão logo chegou, há quatro dias atrás. Contudo, é preciso que o senhor acredite: não foi só por isso que seu gosto pareceu-me tão bom (as comparações gastronômicas são inevitáveis nestes dias!). Independente de tudo mais, o tom 'coloquial', como convém a uma série de conferências, é uma fonte de delícia. Deixa-nos a impressão, a nós, infelizes, espalhados em todos os cantos do globo, de que mais uma vez estamos conversando juntos. E depois de meu deleite com o livro como um todo, escolhi as passas mais frescas e roliças do bolo. Li com especial cuidado o trecho sobre os componentes libidinais da ansiedade que tão sutilmente explica a impropriedade do afeto de ansiedade em face do perigo, e também as discussões sobre a transferência, que me esclareceram em muitos pontos sobre os quais pensava que tudo já estivesse claro. Além disso, as descobertas adicionais que foram feitas nos últimos anos podem ser muito mais facilmente assimiladas dentro deste novo contexto. Portanto, esta terceira parte será ainda mais rica de conteúdo do que as duas primeiras.

Imagino que deva ter sido uma agradável sensação para o senhor ter erguido e equipado sua própria casa de maneira que parte de seu significado e valor tenha podido tornar-se acessível a um público mais amplo. E era tempo que acontecesse, pois este público mais amplo está agora finalmente pressionando as portas, pedindo para entrar.

Além disso, devo dizer que para mim, pessoalmente, uma mágica poderosa permanece sempre ligada às fundações, às fases

iniciais da psicanálise, tornando trabalhos desse tipo especialmente valiosos para mim. Ainda que isso possa estar ligado às circunstâncias intrinsecamente menos desejáveis de que uma pessoa (isto é, eu) na prática não tenha penetrado tanto na auto-análise quanto na análise dos outros, sentindo desse modo que seu lugar mais adequado é realmente no começo do processo psicanalítico. Por outro lado, faz parte também da natureza do assunto conter este elemento inesgotável desde o princípio. Constantemente me surpreendo ao ler excelentes artigos psicanalíticos de anos atrás nos *Jornais*, artigos que estudei cuidadosamente várias vezes, e que nesse meio tempo parecem, por assim dizer, ter virado ao contrário, de modo que a luz cai sobre eles de um ângulo diferente. Já se disse o mesmo de algumas obras de arte raras, supremamente grandes, da humanidade. Pois bem, foram elas afinal que inconscientemente tiveram mais em comum com o tema da psicanálise.

Seus dias em Viena devem estar chegando ao fim para serem trocados, espero, por boas férias de verão sem muitas preocupações e ansiedades dolorosas. Neste glorioso início de verão, pelo qual esperamos tanto tempo, tenho vivido num estado de profunda preocupação pelo que tem acontecido na Rússia.⁸² Tenho querido escrever-lhe repetidamente, e remeter-lhe os números de *Sexualwissenschaft* em que I. Bloch publicou a parte central do manuscrito sobre o *Ics*, mas até agora só recebi as provas de granel. Não me trouxeram nenhum prazer: no que me diz respeito, trata-se de um bolo velho, e eu agora o assaria de maneira muito diferente.

A propósito, li recentemente (infelizmente não o fiz quando foi publicado há um ano atrás, a despeito da resenha simultânea de Ferenczi) o excelente livro de Leo Kaplan sobre os *Problemas Psicanalíticos*⁸³ (não conheço seus *Fundamentos da Psicanálise*). Ele se sai muito melhor do que eu (contudo, parece-me melhor, naturalmente, quando vê as coisas sob a mesma luz que eu em meu manuscrito!). Há tempos não recebo nenhum número dos *Jornais*. E quando veremos finalmente o resto de sua Metapsicologia em continuação às quatro primeiras partes? Precisamos muito delas.

Os melhores votos de sua

Lou Andreas

* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. VI, IMAGO Editora, 1975 (N. do T.)

(Göttingen) 2 de julho de 1917

Caro Professor,

Estou relendo seu trabalho sobre as neuroses (*Teoria Geral das Neuroses*) e aproveito a oportunidade para enviar-lhe meus comentários mais recentes, extraídos de meu livro de folhas soltas, como pós-escrito da carta que lhe escrevi outro dia. Por favor, não se incomode em devolvê-los. São apenas uma lembrança. Talvez o senhor pudesse escrever 'sim' ou mesmo apenas um ponto de interrogação onde for conveniente? Espero que esta abordagem de um leigo não o aborreça.

Cordiais saudações,

Sua,
Lou Andreas

(ANEXO)

Entre o material novo incluído neste importante livro há um trecho referente à origem libidinal do afeto de ansiedade numa situação de perigo real. Este trecho fornece pela primeira vez uma explicação para a influência perturbadora e inibidora desse fator afetivo quando alguém se defende contra o perigo. Este mesmo fator, por sua vez, é perturbado e frustrado pela agressividade defensiva do ego, pois é descarregado sob a forma de ansiedade. A situação de perigo precisa portanto conter um elemento de prazer libidinal, semelhante à sensação equívoca de tonteira quando se olha para baixo das alturas. Isso é possível porque este elemento não é tão conscientemente dirigido para o ego. Embora se expresse apenas com relação ao ego, caracteriza ainda assim suas ligações mais remotas e toma parte na adaptação à realidade de uma maneira muito mais secundária.

Isso me faz lembrar outra observação de Freud (recente, parte de seus pensamentos sobre a guerra e a morte) referente à natureza similarmente libidinal da temeridade,⁸⁴ a coragem destemida que enfrenta o perigo com a intoxicação de seu sentimento narcisista de onipotência e que, por isso mesmo, pode

ter também um efeito nocivo sobre a autodefesa do ego, sobre a prudência e o julgamento. Esta intoxicação não é controlada pela autodefesa do ego, mas se expressa livremente, ao contrário da libido, que se transforma cada vez mais em ansiedade.

Esta atração e oposição primitivas das tendências do ego e das tendências da libido, características do estágio narcisista, poderiam parecer sugerir a possibilidade de uma 'doença da repressão do ego' análoga às repressões da libido na neurose. Uma explicação estranhamente falsa e distorcida desta possibilidade foi apresentada por Stekel, que explica todos os tipos de restrições culturais (por exemplo, de tipo religioso ou moralizador) contra os desejos libidinais emergentes como 'interesses reprimidos do ego'. Não só é fácil descobrir em seus exemplos, assim como nas próprias restrições, apenas notas sexuais sublimadas sem êxito (exatamente o contrário de A. Adler: sexualidade na máscara do ego), mas a própria circunstância de que existem estas restrições contradiz a ostensiva repressão do ego.

Na verdade, esta última não pode mais acontecer no desenvolvimento tardio do indivíduo. Só pode manifestar-se como algo que tem estado presente por muito tempo. Pois quando o estágio narcisista termina normalmente, e ocorre a diferenciação do ego e da sexualidade, o mundo-objeto, a realidade como tal, torna-se consciente e aparece como algo permanente. O que quer que tentemos então com nosso ego no sentido da repressão conduz apenas a 'excessos' que podem ser dos tipos mais desenfreados ou obstinados, sem produzir necessariamente uma doença no ego. Mesmo que ele possa ser esmagado pelos instintos (como a coragem temerária soterra a cautela do ego) e que tudo passa virar de pernas para o ar no mundo real, com sérias e penosas consequências para o ego, ainda assim o próprio ego e sua *fonction du réel* permaneceriam inalterados.

Logo, é apenas neste estágio primitivo, antes de ser firme e seguramente diferenciado por um lado, da sexualidade e suas tendências, e, por outro lado, do mundo-objeto real, que o ego pode realmente ser 'reprimido'. Antes disso, ele não possui, como a libido no caso das neuroses, uma certa área de desenvolvimento aberta diante dele (na histeria pode ocorrer o desenvolvimento normal da libido mesmo depois de ter sido plenamente estabelecida a fase genital): com o ego, a repressão deve ocor-

rer imediatamente. E se alguém perguntasse como um ego tão rudimentar funcionaria, o ego seria sem dúvida impelido a utilizar-se da libido como um meio de expressão, combinado à negação das fronteiras do ego e do mundo circundante (assim como a sexualidade neurótica tem de adotar uma forma que seja aceitável para o ego a fim de poder funcionar). Portanto, enquanto todas as pontes de transferência para a realidade estão ausentes e as catexias do objeto se tornam impossíveis, este ego rudimentar ainda assim é forçado a permitir que o instinto sexual prevaleça, como o único meio definitivo de expressão para o até então irrealizado ego.

Esta vingança do ego não seria a explicação das psicoses, parafrenia e paranóia, assim como as neuroses são uma vingança sexual? Não seria esta a razão do colapso da *fonction du réel*, do 'fim do mundo'⁸⁵ de Schreber, ou seja, a razão porque esse colapso apenas parece brotar unicamente do 'retraimento da sexualidade' dos objetos — pois até que a sexualidade possa realmente utilizar os objetos, o ego ainda não terá sido diferenciado deles, afinal. Segundo Freud, as psicoses derivam sempre de distúrbios fundamentais que remontam à fase narcisista; e ele sempre considerou que o traço característico das psicoses residia na regressão ao narcisismo. Nunca entendi inteiramente porque deveria haver qualquer dificuldade em explicar a perda do mundo real em termos semelhantes. Se ela recuar a tal profundidade, os interesses do ego também *precisam* então ser prejudicados, pois nesta fase estão recém-envolvidos no processo de separação dos interesses sexualmente pressionados. E, se este processo foi mal sucedido, os interesses do ego continuam indiferenciados, ligados à sexualidade e, contudo, sem seu significado (isto é, sem seu significado traduzido para a realidade) e esta falta de diferenciação continua a exagerada porém inútil superênfase do ego não resolvido.

Não seria por esta razão que na parafrenia é apenas o próprio organismo da pessoa, o corpo enquanto corpo, que, fora de toda realidade, tem uma oportunidade de expressar-se — como se fosse a soleira sobre a qual a pessoa tropeça durante a formação do ego e ao ingressar no mundo-objeto? Não seria por esta razão que a linguagem é transformada numa 'linguagem de órgão' e empregada em sua forma mais afetada e abs-

trata, porque desse modo a realidade à qual ela se refere pode ser suprimida e omitida no processo (como Freud expressamente observa)? E não seria por esta razão tão característica dos psicóticos que eles, os psicóticos, como compensação por esta perda do mundo real, são tão *criativos de realidade* em suas ilusões — tanto quanto o são, por exemplo, os histéricos em suas alucinações?

O parafrênico, por ter-se tornado até certo ponto 'unido ao mundo' e por desejar ao mesmo tempo compreender e consolidar a 'si mesmo', precisa constantemente tentar produzir uma *realidade ilusória* — ao contrário do introvertido puramente fantástico, que enquanto volta as costas ao mundo constrói dentro de si mesmo uma parte da realidade que já assimilou. Em contraste com a tendência das neuroses à deterioração, ele *precisa* realmente possuir a tendência para abrir caminho até à saúde, já que não possui nenhuma espécie de extensão livre para seu desenvolvimento e se encontra, por assim dizer, numa posição impossível. As tentativas espontâneas de cura em seu caso parecem tão inteligíveis quanto a terrível ineficácia dessas tentativas e a inutilidade de seu tratamento: não só porque ele não é capaz de nenhuma transferência, mas também porque a razão disto deve situar-se numa distorção tão antiga em seu desenvolvimento que até mesmo sua 'falta de resistência' não o ajuda mais e torna-se de fato o sintoma que revela sua incurabilidade.

O conceito de narcisismo de Freud — em sua versão especificamente freudiana — deve certamente lançar muita luz sobre tudo isso. Ou seja, a definição deste conceito na psicologia acadêmica, a separação igualmente gradual do ego consciente de seu estado crepuscular, carece do estado de coisas primordial da teoria de Freud, através do qual a atração e a oposição pela primeira vez se tornam efetivas. Portanto, poderia ser muito bem que precisamente a partir do estudo das psicoses, através das quais, segundo Freud, muito pode ser aprendido sobre o ego, assim como a partir das neuroses muito pode ser aprendido sobre a sexualidade — precisamente aqui, a sexualidade, conforme o uso que Freud faz do termo, pudesse ser muito instrutiva com relação ao crescimento e ao desenvolvimento ou colapso do ego.

Csorbató, 13.7.17

Cara Frau Andreas

Sou forçado a desapontá-la. Não vou dizer 'sim' ou 'não', nem colocar pontos de interrogação, mas fazer o que sempre fiz com seus comentários: deleitar-me com eles e deixar que exerçam seu efeito sobre mim. Eles tornam evidente como a senhora se antecipa e me complementa a cada vez, como luta profeticamente para unir meus fragmentos num todo estrutural. Tenho a impressão de que isso passou a acontecer num grau especial desde que comecei a empregar o conceito da libido narcisista. Sinto que, sem ele, a senhora também poderia ter escapado de mim, aproximando-se dos construtores de sistemas, de Jung ou mais ainda de Adler. Mas, através da libido do ego, a senhora observou como eu trabalho, passo a passo, sem a necessidade interior de complemento, continuamente sob a pressão do problema imediatamente à mão e sofrendo dores infinitas para não ser desviado de meu caminho. Parece que nesse sentido ganhei sua confiança.

Se eu estivesse em posição de continuar a desenvolver minhas teorias, talvez a senhora reconhecesse com satisfação várias novidades como antecipadas ou anunciadas pela senhora mesma. Mas a despeito dos anos avançados, não estou com pressa.

Estou cravado aqui nas Tatra, tremendo. Se existisse algo como um paraíso frio, poderia muito bem ser aqui. Mas seria preciso que o paraíso fosse tépido, ou mesmo quente, e seria preciso um vento suave, jamais uma tempestade fria que tenta arrebatá-lo meu papel de carta enquanto escrevo. E se alguém escrever do paraíso, algum dia, certamente não deverá ser de um *Lodenmantel*. O bloqueio mundial e a promessa de alimentos suficientes conduziram-nos até aqui. Em geral, temos bastante conforto. Csorbató quer dizer, Lago Csorba. Os cumes das Altas Tatra espiam-me ameaçadoramente enquanto ouso criticar o tempo e o clima.

Já lhe disse que fui proposto para o Prêmio Nobel⁸⁶? Não acredito que viva o bastante para ver esse dia, mesmo que eles não continuem mais a adiar sua entrega.

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

Göttingen, 28 de agosto de 1917

Caro Professor,

Foi somente em sua última carta que o senhor mencionou a proposta para o Prêmio Nobel. De fato, seria um esplêndido sinal de redução dos mal-entendidos! Seria realmente de estranhar que as providências não fossem um pouco apressadas. Estou encantada com a notícia. Por agora o senhor deverá ter regressado de seu paraíso frio para a tépida Viena, bem alimentado, espero, mesmo que completamente gelado. Aqui e em todos os distritos de planície o verão foi muito veranil. Estou infeliz por não poder ir a Viena nem por pouco tempo, agora que o outono chegou. Gostaria tanto de fazê-lo.

Ao mesmo tempo, envio-lhe anexa a separata de *O Problema Sexual*,⁸⁷ publicado no Bloch. Com certo atraso, mas com grande abundância, uma chuva delas caiu sobre mim. Por favor, não considere uma arrogância se incluo várias cópias no envelope em vez de apenas uma. Isso quer dizer apenas que mal sei onde os outros podem ser encontrados nestes dias e que mais cedo ou mais tarde todos eles o procurarão. E as envio para o caso de alguém se interessar em ter uma cópia.

Ao contrário das expectativas, algo ainda mais antigo deverá ser publicado, provavelmente no outono, algo que data do período em que comecei a interessar-me pela psicanálise. Já estava com o impressor quando estourou a guerra, foi perdido naquela ocasião, e agora, inesperadamente, reapareceu de repente, o que em mim desperta antes sentimentos confusos. É um livro muito pequeno, originado de uma correspondência real com um menino,⁸⁸ tanto enquanto criança, como na adolescência, que sofria das dificuldades da puberdade. A conclusão da segunda e a última parte (o início é um conto de fadas um tanto bobo) foram escritas já sob a influência da psicanálise e todo o prazer que extraio deste trabalho é devido às lembranças felizes que me ocorrem com a leitura cuidadosa de suas páginas.

O tom de sua carta deu-me a esperança de que sua ansiedade com respeito a seus três filhos estivesse menos aguda neste momento — que possa continuar assim! Sinto não ter conhecido sua filha mais moça em 1912/13 — estive a ponto de fazê-lo numa ocasião, mas infelizmente ela me escapou. Talvez se tenha

tornado uma tradutora de poetas de língua estrangeira? Ou talvez uma poetisa ela própria? Esta seria a melhor tradução da psicanálise de seu pai para um meio de comunicação feminino.

Com cordiais saudações!

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

Viena IX, Berggasse 19
13 set. 17

Cara Frau Andreas

Apenas para que a senhora não me considere mal educado ou morto, gostaria de dizer-lhe que suas prometidas separatas ainda não chegaram.

Cordiais saudações,
Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio: Göttingen, 18.9.17)

Caro Professor,

As separatas me foram devolvidas! Provavelmente, um mal-entendido. Do contrário, incompreensível.

Cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

7 out. 17

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Recentemente foi editado em Baden-Baden um pequeno livro do Dr. Groddeck,⁸⁹ *Psychische Bedingtheit und psychoanalytische Behandlung organischer Leiden* (S. Hirzel, Leipzig, 1917), que lhe rogo ler. (Tenho apenas uma cópia, destinada ao crítico.) Ele lhe interessará muito, embora a tendência do autor

ao exagero e à simplificação e um certo elemento de misticismo sejam bastante óbvios. Como a senhora sabe, em meu trabalho sacrifiquei sem remorsos tudo — unidade, completude, o sentimento de satisfação intelectual — à única preocupação de exatidão. Groddeck vai além e ataca problemas que, sem dúvida, precisam ser levados em conta. Seu 'Id' é mais do que o nosso *Ics*. Não é claramente diferenciado por ele, mas realmente existe alguma coisa no que ele diz. E tudo o que poderia haver de atraente na psicologia do ego de Adler é encontrado aqui também. A senhora não vai fazer uma nova tentativa de enviar-nos suas separatas?

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Göttingen) 10.X.1917

Caro Professor, encomendei o livro de Groddeck imediatamente. Conheço o autor até certo ponto de alguns artigos de *Zukunft*, que ele escreveu há anos atrás sobre 'Gottnatur und die Frau', até quanto posso lembrar-me, engenhosos, mas decididamente místicos. Vou tentar escrever uma resenha detalhada do livro para um jornal não especializado.

Sim, talvez as separatas sigam! E se não seguirem, haverá algo melhor, espero, em outra época!

Com cordiais saudações,
Sua
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

15.X.17

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Sua descrição demonstra que avaliou bem Groddeck. Encontrará no livro menos do que eu esperava. Agora, tenho uma

pequena tarefa analítica para a senhora! O que lhe fez cometer o lapso de atribuir-me as iniciais F. C.? Franz Carl, talvez?

Com cordiais saudações,

Seu,
S. Freud

Göttingen, 15 de outubro de 1917

Caro Professor,

Li a brochura de Groddeck com imenso prazer. É excelente, exatamente do que precisávamos. Assim é que Adler devia ter prosseguido, como de fato começara a fazer em seu *Inferioridade dos Órgãos*,⁹⁰ em vez de deixar-se desviar para a especulação. Várias vezes pensei como era uma pena que ninguém tivesse seguido adiante por este caminho e que algum especialista em doenças internas ou algum clínico geral não o tivesse adotado, pois os psicanalistas propriamente ditos precisam tomar muito cuidado para não envolverem-se em tais casos e provocar novos mal-entendidos. Já é bastante difícil superá-los na esfera puramente psíquica. E por esta razão, o que o senhor diz é sem dúvida verdadeiro: nos casos em que a doença física também está presente, ela deveria ser tratada *ao lado* do tratamento psicanalítico, e, quando possível, por um médico diferente.

De qualquer forma é isto o que é necessário *em primeiro lugar*. Pessoas como Groddeck certamente descobrirão sozinhas quão depressa seu método será confundido com toda espécie de charlatanice, incluindo curandeiros, especialistas em telepatia e coisas desse tipo. Mas se ele agora consegue conquistar uma pequena área em seu próprio território, isso é excelente para o futuro da psicanálise. Em comparação com esse aspecto prático, a questão sobre se o 'Id' dele é idêntico ao *Ics* freudiano, ou é mais amplo, parece-me sem importância. Groddeck é claramente um daqueles que se utilizam de teorias a fim de não serem estorvados na extensão e na ousadia de suas pesquisas — e, sob a luz destas pesquisas, poder abandonar ou modificar suas teorias conforme o caso. E este, afinal, é o seu ponto de vista também: para mim, pelo menos, a maneira como o senhor se utilizou de não importa que teoria particular, assim como a sua aversão a filoso-

far, eram uma expressão desta determinação e desta resignação — ou seja, uma forma de concentrar-se inteiramente no assunto particular da investigação. Mesmo no estilo de Groddeck existe algo que me lembra sua forma de expor, e isso se deve sem dúvida à afinidade das atitudes de vocês neste ponto.

No que concerne ao 'Id' de Groddeck, e à grande sabedoria e segurança que ele lhe imputa, surpreendeu-me que não parecesse estar alerta a seu caráter ambivalente, embora ele próprio realmente dê atenção a isto. Apenas porque o *Ics* funciona por meio de compromissos, exige uma retificação ao ser tornado consciente — e quando não funciona deste modo, passa-nos totalmente despercebido, pois é apenas nas aberrações que podemos pôr-lhe as mãos. Isso me leva a supor que Groddeck sente uma certa *necessidade* de um 'Id' esplêndido e poderoso, mas que isso não interfere em seu gosto científico. E há ainda uma outra razão para suas afirmações exageradas nesse sentido. Pois parece-me que quando alguém aborda esse ponto do ângulo da fisiologia, medicina, etc., o plano de fundo psíquico se apresenta em termos muito mais nítidos do que quando a aproximação se faz do ângulo psicológico e penetra até os limites extremos. Poder-se-ia dizer que, vindo de um campo materialista, o indivíduo materializa este plano de fundo psíquico demasiado dogmaticamente numa realidade igualmente crua, enquanto que em relação aos processos psíquicos, especialmente os conscientes, o plano de fundo assume a qualidade de um simples território de fronteira, ao longo do qual, por assim dizer, o indivíduo tem de sentir seu próprio caminho.

Por isso tudo, o sentimento de Groddeck o guiou diretamente a isto: não se pode nem se deve subtrair nada do *Ics* ou do *Id* — mas também não se deve acrescentar nada a eles. Precisamos ter em mente que o único *Ics* que conhecemos é um *Ics* que sob muitos aspectos foi revestido, corrigido e chamado à ordem pelo *Cs* — um *Ics* que até certo ponto já foi desintelectualizado através do fato de ter tido de salientar-se em contraste com o *Cs*. Se não pensássemos que os dois são algo tão duplo como o são no homem, poderíamos atribuir ao *Ics* tudo aquilo a que chamamos de superior — como de fato somos inclinados a pensar que acontece no caso dos gênios.

Não importa quais sejam as opiniões de Groddeck sobre este assunto ou o quanto ele possa desejar ir além do *Ics*: ele

tem a seu favor o fato de abordar isso tudo a partir do ponto de vista do *Ics*, e não, como Adler ou mesmo Jung, revivendo velhas superestimações do papel desempenhado pela consciência, que obscurece novamente o que já foi descoberto. E ele é um investigador honesto e zeloso.

Cordiais saudações!

Sua,
Lou Andreas

Göttingen, 19 de outubro de 1917

Caro Professor S. Freud,

Acabo de receber seu cartão. O que houve com o 'lapso' foi o seguinte: ao mesmo tempo em que eu endereçava meu cartão ao senhor, estava ocupada em escrever o nome do remetente no verso de algumas cartas de meu marido e prossegui com 'Prof. Dr. F(riedrich) C(arl) Andreas' um pouco além da conta — um pouco mais e o cartão me seria devolvido. Foi, entretanto, um bom dia de 'lapsos'. Pouco antes eu havia quebrado um pires ao lavar a louça. Fiquei contente por não ter sido a xícara, pois tinha um pires sobressalente. Joguei os fragmentos, como pensava, do balcão para o jardim, voltei para a sala, e, eis que os fragmentos estavam ainda em cima da mesa! Tinha jogado fora, em lugar deles, a xícara inteira. Ainda não descobri a razão desse dia de lapsos. Constituiu-se — o que raramente acontece comigo — apenas de pequenos autoprejuízos (no caso do endereço, interrompeu-se antes de tornar-se um outro prejuízo).

A despeito do fato de ter-lhe escrito há pouco tempo em consequência de minha leitura de Groddeck, deveria escrever-lhe novamente hoje, de qualquer maneira, pois nesse ínterim chegaram os n.ºs 3 e 4 de *Ärztl. Ps. A.*,⁹¹ e isso é sempre, especialmente depois de esperar tanto tempo, como retomar uma conversa. A persistência do erotismo anal dentro da sexualidade madura sempre me impressionou, particularmente no caso do sexo feminino, e, portanto, seu ensaio me interessou muito. A ansiedade de castração nas meninas (por exemplo, após amea-

ças por masturbação) frequentemente assume a forma de um medo de ser incapaz de dar à luz e, nesse ponto, a igualdade entre fezes, pênis e bebê é ainda mais clara: é como se o pênis permanecesse dentro do corpo e não tivesse crescido para fora como no caso do menino, e toda crise de prisão de ventre é um símbolo da dificuldade de tirá-lo para fora. A ênfase recai sobre este aspecto, e não sobre a ameaça de perda, como no caso do menino.

No caso da menina, o que emerge como algo absolutamente novo, não resultante de lembranças anal-eróticas, é o medo do pênis masculino, embora isto se ligue intimamente ao desejo de possuir o para si mesma, ou de apropriar-se de um ao possuir o homem — a idéia de ser violada etc. Várias vezes fiquei impressionada com a medida em que isto (assim como a ansiedade de castração) pode ser comum no início aos dois sexos; ou seja, na pré-puberdade o menino pode ficar alarmado com a natureza estranha das excitações mal compreendidas ligadas a isso. Tive acesso a confissões ligadas a essa questão,⁹² segundo as quais o pênis, que, como o senhor observa, mais tarde se torna 'o pequeno', originalmente aparece como 'o grande', o extra-grande, estranhamente superior e incontrolável, povoando sonhos e pesadelos febris. Neste caso — a não ser por isso, normal — o primeiro objeto feminino a provocar uma impressão (puramente assustadora) foi uma lavadeira de estatura colossal, que era chamada para trabalhos domésticos particularmente pesados.

Ligado a isso, existia um prazer em máscaras e fantasias, como se ele estivesse protegendo-se através de disfarces de algo que entretanto é ele mesmo e do qual, por outro lado, gostaria de livrar-se. (O impulso exibicionista é confundido pelas novas ansiedades que a pessoa, em sua ingenuidade, tem com relação a si mesma e que então assume formas fantásticas, nas quais o sujeito pode expressar tudo o que deseja por meio desses disfarces). Isso acaba finalmente com a confiança renovada que mais uma vez retorna à fase anal-erótica: a confiança naquilo que a própria pessoa produziu, nas fezes familiares, que agora assumem a forma agradável de livrar-se daquilo que foi produzido (colocando a máscara numa forma viva exterior a ela mes-

ma) e além disso preservar as fezes firmes dentro de si mesma — protegidas de todos os olhares e ataques.

Gostaria de ter escrito sobre o artigo do Dr. Ferenczi,⁹³ mas já me estendi o bastante.

Cordiais saudações de sua
Lou Andreas

22 nov. 17
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Fornei uma interessante contribuição à psicologia humana escrevendo-lhe tão animadamente antes de receber suas separatas* e calando-me tão prontamente depois que elas chegaram. Sem dúvida, a explicação reside na desmoralização que gradualmente se apossou de nós ao longo desta guerra, através da pressão constante que tivemos de suportar. Uma desculpa para este silêncio seria a necessidade que sinto de discutir pessoalmente com a senhora todos os pontos que levanta, em lugar de apenas escrever sobre eles, necessidade esta que no momento não pode ser satisfeita.

Mas a esse respeito, gostaria de dizer o seguinte: a cada vez que me admiro de novo com sua habilidade em chegar à síntese, que reúne os *dissecta membra* adquiridos através da análise e os reveste de um tecido vivo. A multidão inconsciente para quem a senhora escreve terá sem dúvida uma dificuldade ainda maior em reconhecer as partes no organismo do que em distinguir os membros dissecados e isolados. Portanto, o que eu gostaria realmente era de ter o seu pequeno livro inteiro, destinado apenas a mim e aos poucos iniciados. Em alguns pontos, posso apenas conjecturar sobre o que a senhora quer dizer, como quando a senhora se aventura a descrever coisas que tenho evitado como sendo ainda inexprimíveis com palavras; e em outros pontos, eu, como um autor sensível, penso que a senhora está mais preocupada em desculpar-me junto a *misera plebs* do que é necessário. A senhora entenderá que apenas a apreciação pode estar atrás dessas objeções.

* Do ensaio 'Psychosexualität'.

Tenho em alta estima seus comentários complementares sobre meu ensaio 'Os Instintos e suas Vicissitudes', como uma contribuição do lado feminino, e espero vê-los apresentados em continuação ao seu estudo do 'Anal e Sexual'.

Estou muito ocupado profissionalmente e às vezes me sinto completamente cansado e gasto, cansado também da ciência, que exige tanto e dá tão pouco em troca. Gostaria que meu trabalho já estivesse feito. Infelizmente, lembro-me de um plano de elucidar o tema do *Lamarckianismo*⁹⁴ a partir de nosso ponto de vista.

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

Göttingen, 28 de novembro de 1917

Caro Professor,

Mesmo que sua carta não tivesse acabado de chegar — agradeço-lhe imensamente por seu bondoso julgamento deste ensaio de modo algum perfeito — ter-lhe-ia escrito para perguntar se posso pedir-lhe um pequeno conselho numa questão psicanalítica.

Trata-se de uma menina de seis anos que me foi trazida por sua mãe devido ao *pavor nocturnus*, e com relação à qual me encontro agora mais ou menos desorientada. A criança era completamente normal e 'não-nervosa' até sofrer um sério ataque de escarlatina há dois anos atrás, depois do que teve de sofrer operações devido à inflamação do ouvido (mastóide), ingerir drogas etc. Desde então, tem acordado aos gritos todas as noites, e essas crises, que sofreram piora crescente, são frequentemente seguidas de um choro incontrollável.

É mais do que provável que tenha sido a escarlatina que deu ocasião e pretexto para esses abalos, mas mesmo observadores tão inocentes como os pais ficaram surpreendidos com o fato de que os sonhos que os acompanham, tanto quanto se pode fazer uma criança falar sobre eles, possuem um conteúdo que indica uma outra direção: os incêndios, ataques assassinos, o sangue, as rãs ou os vermes que sobem pelo corpo, ser seqüestrada ou vencida por homens negros, são todos ingredientes tí-

picos de sonhos sexuais femininos. Além disso, a menina estabeleceu uma firme conexão entre a beleza (é muito bonita e às vezes as pessoas lhe dizem isto) e o perigo de ser morta, na realidade, o perigo da morte como tal.

A dificuldade está em que foi impossível descobrir o menor elemento em sua vida do qual esses sintomas pudessem derivar; nunca dormiu no mesmo quarto em que os pais, mas dividiu seu quarto com uma mocinha simpática que cuidou dela praticamente desde o nascimento; é cuidadosamente observada, mesmo ao brincar com seus dois irmãos (de cerca de oito anos e três, respectivamente), que dormem num outro quarto. Durante o dia, parece ser uma criança alegre e viva para a sua idade. Somente depois de uma noite particularmente cheia de terror, parece abstraída e pálida pela manhã, mal capaz de absorver ou lembrar o que está acontecendo em seu redor. Pude obter pequena quantidade de material de sonho, dizendo-lhe que eu também gritava à noite e que devíamos tentar curar-nos mutuamente disso. Somente quando em confronto comigo — uma companheira ostensiva de sofrimento — ela se dispôs a narrar os sonhos acima mencionados pela primeira vez. Agora nos escrevemos cartões alternados, nos quais ela indica diariamente, por meio de cruzes, linhas ou desenhos, se gritou e com o que sonhou, e então vem falar-me sobre isso. É o que mantém viva a sua ambição de ficar curada primeiro e torna o caso menos misterioso* para ela. Mas não creio que isso nos leve muito adiante. Existe alguma maneira de obter acesso à mente de uma criança? Neste caso o método do *Pequeno Hans*⁹⁵ não funcionará, pelo menos não tive êxito com ele. Se o senhor pudesse dar-me alguma idéia de que possibilidades permanecem abertas, eu lhe ficaria muito grata.

Há muito tempo tenho querido falar-lhe sobre um meu paciente adulto, com respeito a algumas idéias e ligações bastante interessantes, mas temo que isso me leve a tornar-me demasiado detalhada e enfadonha. É verdade, se ao menos pudéssemos discutir essas coisas pessoalmente, de novo! Essas discussões sem dúvida incluiriam muito de sua obra teórica, mas eu ficaria também muito contente em relatar o pouco que nesse intervalo consegui coletar, entender e descobrir de natureza pu-

* (NA MARGEM) (embora eu esteja plenamente consciente de que nunca possa ser excluída uma certa dose de pose e de fantasia).

ramente prática a partir de casos e pessoas individuais — mas o tempo todo sinto-me furiosa por estar agora tão desligada de Viena.

Cordiais saudações de sua
Lou Andreas

4 dez. 17
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

O que posso oferecer à distância, com muito prazer está à sua disposição. Não existe fumaça sem fogo. Portanto, é impossível que a menina não tenha experimentado alguma coisa que determinou seu *pavor*. Além disso, como sabemos, é inútil trançar a Beleza numa torre. O deus sempre encontrará o caminho até ela (Danaé).⁹⁶ Mas o que a sua pequena paciente experimentou não precisa ter sido necessariamente nada de mais ou algo fora do comum. Considerando o caso mais simples, sem dúvida, ela se entregava à masturbação antes de dormir, até que sua doença veio e impôs uma proibição. As doenças são interpretadas pelas crianças assim como pelos primitivos, como uma punição pelo pecado; despertam a consciência da culpa. O processo pode também ter sido muito mais complicado: considerando a variação mais próxima desta simples explicação, pode ter acontecido que ela tenha descoberto pela primeira vez a masturbação como um consolo durante a época ruim de sua doença e de ter desistido agora, mas estar ainda lutando contra a tentação. Ou pode estar ainda no processo de livrar-se do hábito. Essas possibilidades — e também os resultados de experiências ou causas mais drásticas sobre as quais nada sabemos — não são fáceis de distinguir em seus efeitos, e estou interessado em saber qual delas é a verdadeira.

Para a bondosa terapeuta que obteve acesso a esta criança de uma maneira tão encantadora, dois caminhos técnicos permanecem abertos: ou esperar pacientemente e continuar o tratamento até que a criança tenha formado uma ligação ainda mais forte e ela própria comece a comunicar-se — esta seria a experiência mais convincente — ou, *com completa confiança na exatidão de sua suposição*, contá-la a senhora mesma à criança.

Esta é a maneira mais rápida. A senhora então teria de dizer que faz a descoberta acima citada no seu próprio caso e que cessara então o seu problema. E, tendo superado a negativa inicial da criança, a senhora teria então condições para acompanhar suas respostas ulteriores até revelar os verdadeiros fatos deste caso.

Desejando-lhe pleno êxito neste esforço terapêutico,
Com cordiais saudações,
Freud

(NA MARGEM) discrepâncias insignificantes entre sua solução ostensiva e o estado de coisas real da criança não importariam!

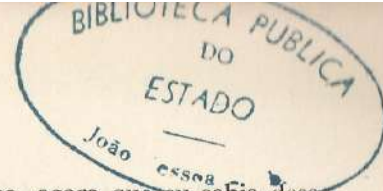
Göttingen, 14 dez. 1917

Caro Professor,

Muito obrigada por sua carta. Mais tarde fiquei pensando se devia tê-lo incomodado. Já que as 'virtudes se vingam',⁹⁷ como diz *Zarathustra*, o resultado é que agora estou escrevendo-lhe de novo sobre a minha menina.

O cartão lhe mostrará mais ou menos em que termos estamos: o animal de quatro patas significa um sonho agradável. Para os sonhos ruins ela escolheu — uma *cegonha*. O texto do cartão é ditado por ela à mãe. Sua mãe e eu havíamos pensado que a masturbação fosse a causa, mas como eu, em caso de erro, não quisesse sugeri-lo à criança, tentei descobri-lo indiretamente, contando-lhe meu sonho 'mais terrível', o qual, disse, consistia num quarto onde não havia ninguém além de mim, mas onde, ainda assim, alguém ou alguma coisa ficava *olhando-me* enquanto eu dormia, como se até os objetos físicos tivessem adquirido olhos — e então eu tinha acordado com um grito agudo. Ela não apenas ficou visivelmente embaraçada com esse relato, como nem mesmo pôde ouvi-lo direito, como se estivesse tentando escapar dele, embora normalmente demonstre um prazer malicioso ao ouvir meus sonhos 'ruins', pois está ansiosa para ganhar 'aposta' sobre quem gritará menos.

Da vez seguinte, absorvemo-nos em confissões mútuas: disse-lhe que um mau hábito era a causa de meus gritos, e que



estes agora iriam parar, no meu caso, agora que eu sabia desse fato, pois não havia nada de mal com esse hábito e era apenas o segredo que o tornava tão assustador. De início, ela admitiu: 'É, antes da escarlatina — mas só naquela época, depois nunca.' Então disse: 'Eu me cheirava.' Mas isso evidentemente foi além do que estava querendo admitir, pois, rapidamente, atenuou: 'Quero dizer, o pote de unguento, a senhora sabe, que é bem fechado. E quem sabe o pozinho também, às vezes, não me lembro.' Mais tarde repetiu definitiva e firmemente: 'Era só o unguento. No máximo, o pozinho.'

Embora eu agora considere certo que saberei de mais coisas, e na verdade tudo, através dela (não a pressiono a contar-me, a fim de não abalar sua confiança), estou um tanto perdida com relação ao ponto principal. Pois, de um lado, os medos provêm precisamente do conflito defensivo e da importância excessiva atribuída a cada fracasso; e de outro, a masturbação é sob dois aspectos demasiado nociva para que sua intensificação seja permitida indefinidamente: primeiro, devido à dificuldade de limitar ou controlar seus excessos; segundo, devido à sua influência específica no sistema emocional feminino, quando o clitóris é regularmente estimulado. (Talvez, de fato, o erotismo anal desempenhe um papel essencial no 'cheirar', mas ainda não estou certa disso). Finalmente, seu amor por sua mãe e sua dependência dela são os únicos meios de desviar suas necessidades eróticas, e no entanto a ternura também pode ser sedutora em seu efeito.

Um outro fator é a escassa quantidade de afeição que esta criança depende com pessoas, em comparação com *animais*. Nesse contexto, é característico que esqueça os nomes das pessoas — e de suas bonecas (fica muito contente quando suas bonecas 'vão para o céu', isto é, se quebram), enquanto nunca esquece os nomes dos animais, aos quais batiza, sempre que aparecem em seu caminho.

Com respeito à relação mãe e filha, é interessante que às vezes ambas sonhem o mesmo sonho — certamente, um caso raro. Em duas ocasiões, isso ficou provado, sem qualquer dúvida. A vividez com a qual o inconsciente se manifesta no caso da mãe é demonstrada por um sonho recente: havia procurado em vão por um certo broche, e então sonhou que enquanto se vestia, tirava o broche de uma cortina onde havia ficado preso

— e no dia seguinte ele foi realmente encontrado neste exato lugar. Além disso, ela não é de modo algum altamente tensa. Ao contrário, é uma pessoa harmoniosa, bem equilibrada, enérgica e inteligente.

Meus melhores votos para o senhor e sua família,
Sua,
Lou Andreas

23 dez. 17
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Feliz Natal, na medida do possível!

Com relação à menina, com prazer me estenderei, já que acertei em cheio com minha simples hipótese.

Em princípio, penso que seus escrúpulos não se justificam.

‘Bist mit dem Teufel du und du

Und willst dich vor der Flamme scheuen?’⁹⁸

Nada há de mal com a masturbação em si. Se pudéssemos apenas escolher entre ela e a ansiedade resultante de sua supressão, não restariam dúvidas quanto à decisão acertada. Trata-se essencialmente de saber que deslocamentos da libido encontram alívio no ato da masturbação, e não se o próprio ato é ou não inibido. Se o clitóris se torna ‘habitado’ a esta função e, num estágio posterior do desenvolvimento, torna-se recalci-trante, é isso, apenas, a expressão da fixação da psique em certos complexos libidinais. E como uma precaução para o futuro, não podemos fazer mais do que evitar a proibição e a posterior repressão desses complexos. Se a transformação da ansiedade novamente em libido implica de tempos em tempos uma descarga mais vigorosa desta última em atos sexuais, nesse caso o terapeuta não deve ficar desconcertado com essa possibilidade. Do contrário, tudo permanece exatamente onde estava, como nos bons dias dourados pré-analíticos, em que as crianças eram apenas consideradas ‘nervosas’.

De acordo com a evidência de seus sonhos, a criança deduziu e pensou sobre muitos fatos da vida genital. Parece ter sofrido uma regressão ao estágio do objeto totêmico e aos componentes não genitais da sexualidade: a estes, porque eram ainda

muito ativos; àqueles, porque, sem dúvida, os animais ofereciam a seus poderes de observação mais material sexual do que as pessoas. Mas, como no caso das fábulas, seus animais de estimação eram uma capa para seres humanos. Ela possui, sem dúvida, uma forte herança arcaica de sua mãe. De qualquer maneira, a principal tarefa terá de ser deixada ao mágico Paciência.

Com cordiais saudações e na esperança de nos encontrarmos novamente em 1918.

Seu,
Freud

Göttingen, 24.1.1918

Caro Professor,

Fiquei muito grata por sua carta e gostaria de ter-lhe dito imediatamente que a criança já estava curada de seus sintomas, mas quis que algum tempo se passasse antes de aventurar-me a dizê-lo. Agora posso fazê-lo, pois desde a última semana antes da chegada de sua última carta, ela não tem mais gritado, dorme profundamente, não tem medo do cair da noite, está cheia de viço e alegre como um passarinho. E se masturba vigorosamente. Ao menos, concluo que provavelmente isso aconteça, a partir do fato de que suas cândidas confissões cessaram junto com seus gritos e de que ela evita habilmente qualquer referência a elas. Apesar de uma terna afeição por mim (venho logo após os gatos, cavalos e cachorros) e de considerar-me como uma espécie de criança companheira, ao invés de um adulto ameaçador, certamente julga mais seguro não arriscar perguntas sobre se eu, por meu lado, livre-me dos meus ‘gritos’ sendo boa ou sendo má. Desse modo, aconteceu o que deve — ai de mim — acontecer ao final de um encerramento feliz de um tratamento: o sintoma que desaparece, fecha simultaneamente uma porta atrás de si, que então atua como uma barreira contra qualquer investigação posterior. Os pais estão bastante satisfeitos com as coisas tal como estão, mas ter-me-ia interessado muito, com a assistência deste caso, penetrar um pouco mais no problema particular da solidão infantil, sobre a qual sabemos tão pouco. Sempre fiquei muito impressionada ao ouvi-lo falar da riqueza de experiência que jaz por trás mesmo de uma criança pequena

como esta. Minha própria experiência confirma inteiramente o que o senhor diz: que esse 'passado', que a criança já possui, decide completamente o seu presente e que ela já se transfere continuamente desse passado para as experiências presentes, enquanto sua família ingenuamente supõe que suas reações a essas circunstâncias presentes devam ser consideradas em seu significado visível.

Com relação à masturbação, minha perplexidade não tinha exatamente o sentido que o senhor imaginou. Pois desde o começo estava claro para mim quanta confusão existe entre causa e efeito nessa questão quando as pessoas falam de seus efeitos negativos, e que, de fato, não há nenhuma razão para temer tais efeitos em casos normais. Mas de qualquer forma eu teria gostado de encontrar o ponto no qual a sexualidade da criança podia ser canalizada para outros cursos, assim como é possível com os adultos, que afinal sublimam com êxito seus instintos, ao menos em parte, e desse modo alcançam suas mais altas realizações. Se eu tivesse conseguido continuar nossa relação confidencial, algo deste gênero talvez pudesse ter emergido.

Devo agradecer-lhe por sua assistência em minhas dificuldades. Até agora, quando alguém me pediu conselhos, não ousei tomar seu tempo com meus rabiscos, mas foi maravilhoso poder fazê-lo desta vez. Espero que tudo esteja bem com o senhor no que concerne a seus filhos e a toda sua família. O ano é novo mas, por enquanto, as velhas perguntas e ansiedades permanecem inalteradas.

Com cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

17.2.1918
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Sua carta (de 24.1) que chegou ontem foi como sempre um pequeno 'treat*'. Cumprimento-a por seu êxito terapêutico no caso de sua pequena amiga e solicito-lhe que fique satisfeita com o que conseguiu. A inacessibilidade da criança naturalmen-

te corresponde exatamente a seu narcisismo. A senhora frisa com razão aquilo que as pessoas estão tão prontas a esquecer na vida e que recentemente foi obscurecido pelas teorias de Jung, ou seja, em que medida a criança já é um produto acabado ao ser confrontada com a vida, ao ser deixada sozinha com o médico. No seu caso, acredito, a influência pedagógica foi impedida de prosseguir pelo fato de a senhora ter-se colocado no mesmo nível que ela — o que, do ponto de vista terapêutico, foi muito hábil. A cura, ao lado da provável renúncia à supressão instintual, provavelmente seguiu a máxima: se a mãe (substituta) pode fazê-lo, também posso. Entretanto, na educação, assim como na análise, um parceiro precisa ser superior e inatacável. Acho também fascinante que sua experiência confirme a opinião de que o êxito significa o fim da análise e de outras elucidações. Enquanto o homem sofrer, ainda poderá realizar alguma coisa.

Ontem recebi suas *Cartas a um Menino*. Quando as tiver lido, elas começarão a circular entre minhas filhas e pacientes femininas. Um trabalho bastante gratificante do Dr. Ernst Simmel,⁹⁹ *Kriegsneurosen und psychisches Trauma*, Munique, 1918, escrito depois de suas experiências num hospital militar em Posen, mostrar-lhe-á que as autoridades médicas alemãs nas zonas de guerra estão pelo menos começando a utilizar a análise e podem dar boas informações a esse respeito.

Senti muito ao saber do estado de sua terra natal e que sua política radical foi tão desonrada.¹⁰⁰ Penso que as revoluções só são aceitáveis quando terminadas. E, por isso, deveriam terminar rapidamente. O que a besta humana precisa antes de tudo é de controle. Em resumo, fica-se reacionário, assim como o fez o rebelde Schiller diante da Revolução Francesa.

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

Göttingen, 27.II.1918

Caro Professor,

Desta vez a censura quase me desobriga de meus escrúpulos em responder sua carta de imediato, pois que levou nada

* Em inglês no original.

menos de dez dias para chegar de Viena e minha carta anterior parece ter levado umas boas três semanas para alcançá-lo. Obviamente, nós dois ofendemos alguém de alguma maneira, embora, infelizmente, não tenha a menor idéia em que ponto.

Gostaria de discutir com o senhor desta vez — sempre contando com sua indulgência para com tais comunicações — algo que ficou dando voltas em minha cabeça, ligado a dois casos de neurose (um antigo, e outro que estou tratando no momento) com referência ao seu problema da escolha da neurose.¹⁰¹ Refiro-me ao caso em que um paciente histérico mudou-se para a neurose obsessiva debaixo de seus próprios olhos (conferência 1913 e publicação). Não que eu mesma tenha experimentado isso, mas no caso de minhas duas pacientes acima citadas, sem dúvida eram ambas, na infância, definitivamente histéricas em seu comportamento, enquanto mais tarde (por volta dos trinta anos ou mesmo antes) tornaram-se predominantemente obsessivas em seu caráter. Outra semelhança notável foi o destino de sua histeria original: em ambos os casos, ela foi até certo ponto destruída sob a pressão de todos os tipos de ameaça e de intimidação moral. Não foi curada nem tampouco atingiu o desenvolvimento neurótico apropriado (por exemplo, em sintomas de conversão física ou em estados de ansiedade), porque a reação de suas famílias contra esses sintomas era muito forte.

Agora possuo suficiente material dos dois casos para chegar à seguinte conclusão: o hábito de abandonar-se à experiência da fantasia, em vez de ajustar-se à realidade, que até agora havia sido praticado involuntariamente (mesmo que com dificuldades ou medos temporários), subitamente perde seu caráter inofensivo e é acompanhado por um sentimento de culpa. O alto grau de sugestionabilidade, que conduzia a um estado de abandono passivo, subitamente aparece como algo ruim que a pessoa deliberadamente desejou, como a ação de instintos esmagadores, diante dos quais é necessário defender-se e adotar uma atitude ascética. Este segundo eu, de modo algum o eu real da pessoa, enxertado na histeria, é conseqüentemente afligido por dúvidas penetrantes e por flutuações ódio-amor com relação tanto a si mesmo como aos outros, até que a única proteção contra a completa inabilidade para tomar qualquer decisão seja fornecida pela formação de sintomas obsessivos. Em ambos

os casos foi como se a predisposição histérica estivesse por trás e tivesse encontrado expressão na neurose obsessiva, e como se a neurose conseqüente fosse, por assim dizer, uma duplicação da primeira. Ela representou também uma exacerbação e uma consolidação da primeira neurose, com abundantes formações reativas que se desenvolveram num plano puramente psíquico e intelectual. E em ambos os casos melhorias evidentes foram acompanhadas de uma espécie de regressão à histeria, como se o resultado final só pudesse ser alcançado através da volta à neurose original. Isso não poderia ser, em certos casos, a explicação para o fato de que os sintomas histéricos e obsessivos, especialmente do tipo mais brando, podem aparecer misturados, e de que essas neuroses são freqüentemente difíceis de delimitar com exatidão na prática?

Em ambos os casos, também, lembrei-me vivamente de sua teoria que data do período em que o senhor concedia a maior ênfase ao *trauma*. Se não levamos em conta o efeito puramente externo do trauma, ficamos com a imagem do trauma que se desenvolveu na própria mente do paciente: ou ele se sente como um histérico por ter sido passivamente violado pelo destino, ou se sente como um neurótico obsessivo por ter-se tornado ativamente culpado através de um crime de agressão. Em ambos os casos, surpreendeu-me como a histeria é tão extraordinariamente bem qualificada para tornar possível uma tal inversão de julgamentos, e como as atitudes de ódio obsessivas parecem conter uma espécie de acusação inconsciente definitiva de que um ser humano 'vitimado' deveria ser transformado num ser 'culpado'.

É claro que não é satisfatório discutir as coisas dessa maneira indiscriminada, mas no momento não existe outra forma de fazê-lo. Estou ansiosa para ler Ernst Simmel. Espero que seja o filho do Prof. Georg Simmel (que se tornou médico) e que, desse modo, o pai também possa finalmente chegar à psicanálise — algo por que espero há muito, pois o tenho em alta conta, e é *para o seu próprio bem* que o desejo.

Sinceros agradecimentos e os melhores votos,

Sua,

Lou Andreas

Cara Frau Andreas

21.IV.18
Viena IX, Berggasse 19

Desta vez a senhora certamente não terá acreditado que as circunstâncias externas foram as únicas responsáveis pelo atraso de minha resposta. De 27.2 até 21.4, fui o único culpado. Foi um período conturbado, marcado por um ressentimento crescente contra todo o mundo exterior, sem dúvida intensificado pela necessidade de ser gentil e tolerante durante todos os dias para com dez seres humanos que saíram dos trilhos. E, finalmente, tinha uma vaga lembrança de que sua carta me apresentava um problema que não conseguia nem mesmo perceber claramente — mais uma razão para pô-la de lado.

Não sei como aconteceu que nesses últimos dias os nevoeiros começaram a subir, e hoje, finalmente, subiram completamente. Voltei a ler hoje a sua carta, entendi-a e me deleitei com ela, e soube no mesmo momento o que seria a resposta.

Na minha opinião a senhora está *inteiramente* certa e, o que descobriu, é uma das maneiras pelas quais a pré-condição da histeria produz a pré-condição da neurose obsessiva. Acabo de examinar o caso clínico destinado ao quarto volume de meus *Artigos Coligados*, que concerne a um de seus patrícios.¹⁰² É possível reconhecer aí uma outra maneira pela qual a mesma transformação ocorre. Acredito que qualquer coisa que ameace o valor da delicada e mal consolidada fase genital, no caso de certos sujeitos, possa produzir uma regressão à fase anterior anal-sádica. Em alguns casos, como os que a senhora menciona, a intimidação da histeria pode produzir isso; em outros, isso sem dúvida é espontâneo.

Mas um outro fator precisa ser considerado aqui. A neurose obsessiva é caracterizada por uma relativa precocidade do desenvolvimento da inteligência, e a histeria por uma relativa precocidade do desenvolvimento libido. Se a histeria foi estabelecida primeiro e a isto se seguiu um aumento da força intelectual no ego, ela freqüentemente substitui a repressão pela regressão, ou então acrescenta-lhe a regressão. Esta hipótese é confirmada pelo fato de que as expressões espontâneas da neurose obsessiva surgem num estágio da infância (6-8-10) mais tardio do que as da histeria (tão cedo como 2-4-6).

Entretanto, sinto que para a senhora o fenômeno da dúvida em sua opinião é demasiado intelectual, demasiado racional. A tendência à dúvida surge não de uma ocasião para a dúvida, mas é a continuação das poderosas tendências ambivalentes da fase pré-genital, que a partir de então se tornam ligadas a todos os pares de contrários de que se ressentem eles próprios. Neste ponto, sem dúvida, o caos e a escuridão intervêm, e peço que me perdôe por não penetrar além.

A senhora não mencionou assuntos pessoais em sua carta, mas reagiu à minha menção de Ernst Simmel. Escrevi a este autor, mas não recebi resposta. Abraham está pensando em ir vê-lo em Posen. Afora isso, há sinais crescentes de que os cientistas alemães estão apresentando um interesse amigável pela análise, com exceção, é claro, do complexo de Édipo, para o qual um período especial de quarentena será necessário.

Um de meus filhos¹⁰³ está em casa com uma (branda) infecção dos pulmões. Minha filha menor fez os exames finais para professora e como teve de esconder uma séria dor de garganta enquanto os fazia, está sentindo-se ainda bastante deprimida. A não ser por isso, estamos todos vivos e bem. A Sociedade floresce. Os jornais, espero, chegarão à senhora após o intervalo inevitável. O resto é — espera.

Envio-lhe minhas cordiais saudações e espero que a senhora, menos amarga e muito mais equilibrada que eu, não imite minha protelação em toda a sua extensão.

Seu
Freud

Göttingen, 18.V.1918

Caro Professor,

Não vou escrever-lhe uma carta longa, mas quero apenas agradecer-lhe pela sua, que entre outras coisas contém a boa notícia de que o senhor está com um de seus filhos em casa. Mas por quanto tempo, me pergunto? Não tinha a menor idéia de que sua filha mais moça estava pensando em adotar o magistério como carreira. Pensava que era por arte que ela se interessava.

Certamente o senhor deixará Viena no mês que vem para suas férias de verão (que o tempo esteja melhor do que no ano passado!). O fato de a Sociedade florescer deixa-me, exilada que sou, roxa de inveja. Quase deixei de acreditar que um dia virá em que poderei tomar parte em seus encontros novamente. De minha vida pessoal prefiro não dizer nada, pois — pelo fato de ter parentes na Rússia e devido à tragédia daquele país — me é muito penoso falar sobre ela. Se começasse a escrever sobre este assunto, certamente me desfaria em lágrimas.

Neste ínterim, minha antiga pequena paciente sofreu um infortúnio. Apareceu-lhe de repente uma pequena curvatura na espinha inferior, e seus angustiados pais enviaram-na com uma amiga da família para a Alta Engadina para fazer uma cura de sol de doze meses de duração. Também ali, ela ainda dorme otimamente.

A propósito, um fenômeno interessante manifestou-se em seu irmãozinho de um ano e meio e, aparentemente, isso data de quase um ano: ou seja, um pavor indescritível de todos os tipos de flor, folha, folhinha de grama ou relva. Essa criança (um menino saudável, forte e feliz) não demonstra o menor medo de animais, nem mesmo dos correspondentemente pequenos, permite que besouros sejam colocados sobre seu nariz, mas por outro lado fica pálido de medo se alguém coloca uma margarida, por menor que seja, em seu colo; nunca ousa removê-la ele próprio e é sacudido por gritos convulsivos. Ao mesmo tempo, faz uma distinção precisa entre flores vivas e artificiais etc. — sejam verdadeiras imitações ou apenas pintadas ou bordadas. Além disso, na Páscoa, quando esconderam pequenos ovos de Páscoa para ele na grama, que pareciam exatamente florezinhas de primavera à distância, demonstrou apenas prazer e desejo de tocá-los. Devo confessar que nunca antes me havia deparado com esta idiossincrasia particular. Parece estar fora de dúvida que em sua curta vida ele tenha passado por uma experiência alarmante ligada às flores, e todas as pessoas que vê em seu redor demonstram, é claro, uma predileção por elas. Recentemente, aconteceu um episódio encantador, quando nosso amiguinho reuniu todo o curto vocabulário que domina para fazer uma advertência urgente, talvez até temerosa, a um pássaro cantante que havia pousado num arbusto florido. Nada no mundo o persuadiria a pôr os pés num gramado: se sua bola

cai na grama, no que lhe diz respeito, está simplesmente perdida.

Muito obrigada por suas observações sobre a histeria e a neurose obsessiva. É com dificuldade que consigo impedir-me de continuar a escrever sobre elas. Sem dúvida, a origem da neurose obsessiva é *exatamente* como o senhor a descreve.

Nesse meio tempo, li a brochura de Ernst Simmel com grande prazer. E assim a guerra, que espalhou os psicanalistas por toda parte, apesar disso terá beneficiado seu trabalho! O tom da brochura é bastante adequado. Aqui e ali, demasiado otimista, no sentido de que, por exemplo, ele considera a auto-análise para todos como exequível e suficiente, ou de que considera que uma interpretação de sonho esteja correta *porque* a pessoa envolvida alegremente concordou com ela. Em todos os casos mencionados ele quase não experimentou qualquer 'resistência', obviamente devido à brevidade da análise.

Calorosas saudações! Enquanto escrevo, estou sentada no mais veranil dos jardins, que já antecipa o esplendor de junho. Volta e meia tenho a sensação de que o tempo nunca esteve tão bonito e mais uma vez isso é um consolo inexplicável.

Sua,
Lou Andreas

29.5.18
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Há meses estamos em paz com sua velha terra natal, mas apenas há dois dias atrás um tenente austríaco trouxe-me uma carta do jovem rapaz de Odessa que, após três anos e meio de tratamento, eu havia dispensado, julgando-o curado, a 14 de julho de 1914. Duas semanas depois ele se tornou meu inimigo, e, pelo que sei, pode até ter estado disparando contra meu filho mais velho. A seu pedido, eu havia escrito uma parte de sua história, sua neurose obsessiva infantil, tendo-a enviado ao impressor há seis semanas atrás, para que fosse publicada no quarto volume de meus *Artigos Coligidos*. É claro que até agora nem uma palavra foi composta.

Contudo, meu jovem amigo está vivo, e, já que nossas tropas chegaram a tempo, salvou sua casa e sua propriedade. Sua mulher está adoentada, e ele tem apenas um desejo, ou melhor, dois desejos num só, qual seja, trazê-la aqui para o Semmering e discutir suas experiências comigo. Pediu permissão para viajar até aqui, e eu redigi um certificado do qual o tenente que se acha aquartelado junto a ele tirará bom partido.

Se o seu desejo (junto com o desejo de todos nós) tivesse o poder de transportá-la até aqui, a pergunta que lhe faria antes de mais nada seria se a senhora esperava isso de seus seis irmãos mais velhos, que eram tão bons para a senhora?

Nunca me deparei ainda com um caso como o do seu menino que tem medo de todas as formas de vida das plantas. Sempre considere as plantas totens tardios e secundários. Neste caso, precisamos recorrer à bruxa Pré-história ou Filogênese, pois não é fácil dizer onde deveríamos procurar pela causa do problema. Mas talvez, se a criança pudesse contar sua história ela mesma, pudéssemos entender alguma coisa.

Passaremos mais uma vez parte de nossas férias de verão nas Tatra. Aqui também a primavera foi adorável, mas sem ser capaz de penetrar através de todas as camadas de ressentimento impotente.

Cordiais saudações e meus melhores votos,

Seu,
Freud

Göttingen, 20.VI.1918

Caro Professor,

Quase ao mesmo tempo em que sua carta, chegou o novo número,¹⁰⁴ contendo as duas partes complementares — que eu tinha quase desistido de esperar receber — do ainda não impresso *Metapsicologia*. Em consequência, tenho prosseguido uma conversa quase ininterrupta com o senhor, embora sem pretender que lhe chegasse aos ouvidos por enquanto. Quanta alegria estes capítulos tão longamente esperados me trouxeram! É verdade que se interrompem num ponto em que a tensão se torna tão grande que não podemos deixar de pedir mais: será

dentro em breve, não? De qualquer maneira, tudo está tão intimamente interligado que mal pode ser digerido por partes. Cada argumento se liga de modo cada vez mais convincente e inevitável a todos os outros. E quando ao dizer, como o senhor costuma, que se satisfaz com o fragmentário, num nível mais profundo fica claro quão pouco se trata realmente do fragmentário, e como o fator unificante emerge sozinho, e sem ser procurado, precisamente de seu método de trabalho.

Além disso, é preciso admitir-se que a psicanálise fez enormes progressos desde o tempo em que se orgulhava de deduzir, por mais que em tentativas apenas, o normal a partir do patológico, enquanto hoje é o normal que é capaz de lançar uma nova luz sobre o patológico (como em seus artigos sobre os sonhos e o luto). Em conexão com a discussão da melancolia, não pude deixar de pensar: fundamentalmente, o fato é, sem dúvida, que nos dois casos, no 'normal' assim como no patológico, uma parte precisa permanecer no inconsciente, a fim de que a outra parte possa tornar-se ativa. Pois não apenas o melancólico precisa ter reprimido as acusações esquecidas contra o objeto, que jazem por trás de seus aparentes auto-reproches, mas, também, por exemplo, o amante (que o senhor seleciona como um exemplo da tendência oposta) precisa permanecer inconsciente do elemento de auto-amor, de narcisismo, em seu entusiasmo pelo objeto. Ele e o melancólico *revelam* um ao outro até certo ponto suas repressões mútuas, protegendo assim suas próprias repressões de modo mais seguro e efetivo. A diferença apenas é que enquanto o melancólico cai doente como resultado de sua repressão e como que cai para fora do mundo (de volta ao caos), o amante, apenas com a força de suas próprias repressões, tem êxito em construir libidinosamente um mundo em seu redor, ou seja, em passar por 'normal' (o que, em todo caso, não é fácil de reconciliar com seu estado de excitação).

Quase existe algo de estranho com o pouco da área que delimitamos como 'normal' se pretendemos permanecer no controle de nosso mundo, ou seja, do único mundo possível para nós. Um leve desvio numa ou noutra direção e teremos cruzado a fronteira da região da insanidade.

De qualquer forma, o caráter ambivalente já é parte dessa duplicidade, na qual, do estádio do narcisismo em diante, todos

os impulsos mais profundos se encontram, quer sejam orientados para o sujeito, quer para o objeto. A natureza idêntica de ambos (que é reativada nas identificações com os objetos posteriores), assim como a capacidade do ego de dividir (que alcança seu ápice na plasticidade dos sonhos) envolve tudo o que é sentido e experimentado com a aura desses poderes, que são parte de nós, e no entanto, ao mesmo tempo, não são parte de nós. Como parece natural que os homens se tenham considerado cercados de demônios (divinos e infernais), e que até mesmo hoje — se o relato do artigo de A. F. Meyer¹⁰⁵ estiver correto — o pobre Jung, de uma maneira um tanto tragicômica, pareça ter-se tornado vítima de algo semelhante! Se soubéssemos exatamente como isso aconteceu com ele, parece-me, seria de um inestimável valor para a psicanálise, à qual, afinal, ele esteve tão profunda e seriamente ligado. Seria certamente mais valioso do que todas as 'opiniões' que ele adquiriu a partir de seu notável erro (e que ainda continuam tão estranhamente 'tateantes' e indefinidas, como se pudessem facilmente modificar-se mais uma vez). Mas estou deixando-me levar de um assunto a outro. Acho difícil expressar quanto e com que impaciência espero pelo n.º 7.

Meus melhores votos de boas férias nas Tatra,

Sua,
Lou Andreas

O único interesse do recorte de jornal (anexo) é que mesmo médicos da reputação de His,¹⁰⁶ que até aqui se mantiveram inteiramente distantes da psicanálise, estão começando a render tributos a ela, como resultado de sua experiência na guerra.

1 de julho de 1918
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

A senhora, como sempre, teceu inúmeros louvores a uma realização menor e deu em troca mais do que eu tive condições de oferecer-lhe. Estou escrevendo hoje apenas para pedir-lhe que não espere nada meu no próximo número do *Jornal*. Por

enquanto, não há mais nada pronto. Não apenas o cansaço normal ao final de um ano de trabalho, mas também outros sinais obrigam-me a refrear-me até que esteja com melhor disposição. Dentro de alguns dias, irei com minha filha pequena (de vinte e dois anos) para Budapeste, onde um amigo e recém-descoberto patrono¹⁰⁷ da psicanálise ofereceu-nos acomodações em sua vila, até que eu consiga permissão para ir para as Tatra a 1.º de agosto, em companhia de Ferenczi. Se não fizer muito calor, terminarei aí a quinta edição de *A Interpretação de Sonhos*,* que foi agora requerida.

Como que por milagre, todos os meus guerreiros ainda estão vivos. Envio-lhe meus melhores votos possíveis de um verão agradável e espero ter notícias suas em breve.

Cordialmente, seu
Freud

Göttingen, 12.IX.1918

Caro Professor,

Ainda não lhe agradei por sua carta, mas desde que soube das boas coisas que estavam reservadas para seus seguidores em Breslau,¹⁰⁸ tenho esperado, ansiosa, pela oportunidade de falar-lhe pessoalmente. É precisamente o caráter privado deste congresso que garante a sua produtividade. Pois, por mais importante que pudesse ser a troca de idéias com os membros como um corpo, facilmente conduziria ao tipo de discussão em que, por falta de tempo, as diferenças individuais se revelariam prejudiciais ao progresso frutífero. Espero que o senhor, sua filha e o Dr. Ferenczi voltem bem para casa, e renovados, e que o senhor seja poupado de qualquer ansiedade por qualquer um de seus filhos.

Amigos nossos acabaram de mudar-se para Breslau vindo de Berlim (August Endell,¹⁰⁹ que foi designado Diretor da Academia de Arte no lugar de H. Paetzold) e provavelmente ficarei por lá mais algum tempo.

Esperando ansiosa por revê-lo,

Sua,
Lou Andreas

* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vols. IV e V, IMAGO Editora, 1972 (N. do T.)

4.X.18
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Não sou de modo algum culpado pela transferência do congresso de Breslau para Budapeste. Na época, eu estava nas Tatra e virtualmente desligado de qualquer possibilidade de influir no curso dos acontecimentos devido à insuficiência do correio e ao colapso do serviço de telégrafos. Foi de fato um grande sucesso e uma real compensação pelo congresso de Munique. Recepção oficial por parte do burgomestre, banquete de primeira classe com o chefe do departamento de saúde pública de Budapeste, um general austríaco e dois oficiais representantes do Ministério da Guerra alemão a serviço, cessão do salão de conferências da Academia de Ciências — em resumo, todos os acessórios normais de um congresso que, entretanto, até agora faltaram aos nossos.

O tom geral foi elevado, embora naturalmente não tão íntimo como, por exemplo, no congresso de Weimar. O Dr. Simmel, cujo trabalho é sem dúvida responsável pelos sinais de revolução parcial da atitude na Alemanha, também estava presente e deixou-me uma excelente impressão. Penetrou muito mais do que se evidencia em sua obra publicada, e está mesmo favoravelmente disposto com relação ao 'trapo vermelho' do fator sexual.

Tudo teria sido ótimo, mas eu esperava revê-la e — *a senhora não estava lá!* Se estivesse, ter-nos-íamos encontrado mais uma vez: que desapontamento! Em Breslau, provavelmente precisaríamos arranjar-nos sem as cerimônias oficiais, mas dou pouca importância a essas coisas. (Contudo, os delegados alemães também teriam vindo a Breslau). Acreditam agora que podem usar-nos para fins práticos, mas parecem não ter nenhuma compreensão do valor de um estudo científico das neuroses de guerra.

Espero que me recompense em breve com um relatório detalhado sobre sua pessoa. Talvez então eu possa enviar-lhe algo que será de seu interesse e lhe causará prazer.

Calorosas saudações,

Seu,
Freud

(Göttingen, depois de 4 de outubro de 1918)

Caro Professor,

Estou escrevendo hoje apenas para agradecer-lhe por tão rápidas informações a respeito dos resultados do congresso. Sim, era esta a maneira pela qual devia ter transcorrido: ou seja, via mundo oficial, e este caminho foi aberto pela psicanálise das neuroses de guerra. O próximo passo deveria ser uma série apropriada de conferências* em Berlim sob a direção do Dr. Abraham! Naturalmente, senti enormemente não ter podido estar presente, mas não é certo que eu também pudesse ter ido a Breslau. Escrevi ao Dr. Abraham e ao Dr. Ferenczi para perguntar-lhes se havia possibilidade de que eu lesse as comunicações aqui. Como publicações puramente científicas, não poderiam ser enviadas sem dificuldades com a censura? De outra maneira, como o *Jornal* agora demora a chegar, eu ficaria muito desligada de tudo isso. Talvez seja possível. Além disso, muita coisa, sem dúvida, será agora alterada no mundo e em breve será mais fácil comunicarmos-nos rapidamente tanto por escrito como pessoalmente. Quisera que o senhor tivesse seus filhos novamente em sua companhia e se livrasse de toda ansiedade com relação a eles! Então lhe seria possível iniciar o inverno com a paz e a alegria de que há tanto tempo foi privado. Enquanto isso, estou ainda mais cruelmente separada de meus parentes na Rússia do que durante a guerra, e eles, por sua vez, encontram-se separados de seus muitos filhos (todos oficiais), que podem ser mortos a qualquer momento sem que haja guerra alguma.

Cordiais saudações de sua
Lou Andreas

(Göttingen, 12 de outubro de 1918)

Caro Professor,

Com que prazer acabo de ler *A História do Movimento Psicanalítico*¹¹⁰ (embora tenha sido muito remisso de sua parte não ter escrito nenhuma palavra para mim na separata)! Quan-

* (NA MARGEM) isso precisa ser providenciado pelas autoridades.

ta coisa existe aí que gostaria de discutir com o senhor, pessoalmente. Sinto que tenho com tudo isso uma relação mais estreita do que antes e, precisamente, os conflitos e as dissensões na Associação exerceram o saudável efeito de fazer cada indivíduo pensar sozinho e ter clareza quanto à posição em que se coloca, tornando-se assim mais consciente de sua gratidão para com o senhor.

Que suas férias sejam como as de verão, cheias de sol, ar fresco e tranqüilidade, depois de toda a sua labuta e trabalho!

Com cordiais saudações,

Sua,
Lou Andreas

17.XI.18
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Há algum tempo não consigo escrever-lhe, ou melhor, lamentar-me junto à senhora, por exemplo, pelo fato de que há três semanas não tenho notícias de meu filho mais velho, sabendo como sei de suas preocupações e ansiedades com relação a seus parentes na Rússia.

Portanto, limitar-me-ei a dizer-lhe que as transações do congresso serão acessíveis ao público em geral nos próximos números do *Jornal*. Tão logo todo o sistema, agora quase paralisado, volte a funcionar, uma editora psicanalítica será fundada. Sua função será a publicação em forma extensiva de dois periódicos (*Imago* e *Jornal*) em edições suficientemente amplas, mais tarde suplementados com novas publicações. Uma soma de 250 milhões de coroas, colocada à disposição por um patrono de Budapeste, firma a base destes planos. Dois de meus livros, que se destinavam à senhora, estão detidos em Teschen, agora território tcheco — prontos para a viagem, mas sem condições de prosseguir mais além.

Mas se o ritmo das mudanças continuar por algum tempo semelhante ao atual, a restauração das comunicações e a pos-

sibilidade de vê-la novamente não serão mais apenas sonhos Utópicos.

Enquanto isso, com cordiais saudações,

Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Göttingen) 26.XI.1918

Do fundo do coração, caro Professor, espero que neste intervalo sua grande ansiedade se tenha dispersado. Na confusão das retiradas pode-se esperar por todo tipo de atraso e de desordem. Como devem ser difíceis esses dias de espera para o senhor. Quem sabe, quando terminarem de maneira feliz, poderia enviar-me algumas palavras num cartão postal? Aguardo com grande expectativa os livros que o senhor anunciou. Certamente, registrou-os, para que eu possa recebê-los sem problemas. Hoje, apenas minhas efusivas saudações — até a próxima vez. Estou escrevendo com os dedos entorpecidos, pois não há meio de esquecer este belo dia branco e dourado de inverno com qualquer tipo de calefação.

Como estarão as coisas quando finalmente pudermos ver-nos novamente? E será que o faremos?

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

Viena, 3.XII.18

Cara Frau Andreas

Com quanta alegria receberia da senhora a melhor das notícias e com quanta alegria responderia da mesma maneira. Em vez disso, tenho apenas notícias moderadamente boas. Hoje, a primeira notícia de nosso filho ausente, datada de 24 de novembro, de um hospital militar italiano na zona de guerra. Ele já melhorou e está à espera de transporte para o interior. Não sabemos porque motivo se encontra num hospital — se foi

acidente, ferimentos ou doença. Naturalmente, extraviaram-se as comunicações anteriores.

Saudações efusivas,

Seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

Viena, 4 de dezembro de 18

Cara Frau Andreas

Em meu último cartão esqueci de preveni-la de que não esperasse pelos livros em futuro próximo. Estão prontos, mas guardados com o impressor em Teschen e não há meios de trazê-los até Viena. O primeiro — uma nova edição das *Conferências* — não lhe traria absolutamente nada de novo; o segundo — o quarto volume de *Sammlung kleiner Schriften* — muito pouco de que a senhora já não soubesse, exceto por um ensaio sobre a vida amorosa e um caso clínico detalhado. Mas assim que as comunicações forem reabertas, esta lembrança chegará até à senhora, de seu sincero amigo,

Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio: Göttingen, 10.12.18)

Caro Professor,

Que prazer ler aquilo! Embora haja muita coisa ainda a preocupá-lo, especialmente devido à incerteza quanto ao motivo de seu filho estar num hospital, a principal razão da ansiedade ainda assim foi dissipada. Recebi hoje os *dois* cartões. Em consequência do atraso, os livros chegarão agora a tempo para o Natal. E fiquei encantada com o que o senhor diz a respeito de uma editora psicanalítica independente, que garantirá a continuidade de todas as suas publicações.

Meus calorosos agradecimentos por seu cartão sobre seu filho mais velho — que algum dia será seguido talvez por um

outro ainda mais auspicioso? Mande-me apenas uma palavra quando tiver um minuto livre!

Calorosas saudações ao senhor e aos seus,

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

(Viena) 3.I.19

Cara Frau Andreas

Hoje encarreguei Heller de enviar-lhe uma cópia da quarta parte de *Sammlung kleiner Schriften*, que finalmente chegou. O outro livro é simplesmente uma segunda edição inalterada das *Conferências*.

No dia 30 de novembro meu filho estava são e salvo no hospital de Teramo (Abruzes), embora com febre: ainda não sabemos onde está agora.

O Ano Novo não poderá ser tão desgraçado e impropício como o passado. Logo, acho que posso arriscar-me a enviar-lhe meus melhores votos por sua duração.

Sinceramente seu,
Freud

(CARTÃO POSTAL)

(Carimbo do correio: Göttingen, 20.I.19)

Caro Professor,

Apenas uma palavra para uma boa notícia: acabo de receber em segurança o quarto volume de *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre*.¹¹¹ Mil vezes obrigada! Espero que seu filho esteja agora mais perto do senhor e que possa terminar sua recuperação em casa. Muito obrigada também pelo cartão com suas saudações pelo Ano Novo. Retribuo-as de *coração* ao senhor e aos seus.

Sua,
Lou Andreas

Caro Professor,

Até agora já li várias vezes a neurose infantil (e quanto nitidamente ela me lembrou da conferência de 1913, quando pela primeira vez o senhor falou do sonho com os lobos nas árvores¹¹²) — na verdade, 'ler' não é bem o termo, pois é mais que isso: cada detalhe é como uma semente que cresce e germina na terra e na água. E como todos esses detalhes se aglutinam, apenas *porque* foram primeiro tão destemidamente espalhados e estritamente isolados! Quanto mais claramente se percebe isso, mais se torna uma fonte de prazer. De fato, ao sermos confrontados com essas experiências primitivas¹¹³ da criança, é como se estivéssemos olhando para um vasto jardim, cujos caminhos não foram de modo algum explorados, e um passeio deste tipo na sua companhia é a melhor compensação disponível para a separação geográfica.

A questão das experiências primitivas, que o senhor decidiu — da maneira mais objetiva e cautelosa possível — em favor de um núcleo de realidade por trás de todo o trabalho da fantasia, tantas vezes se me apresentou tão pouco sob a forma de uma perfeita alternativa, que eu estava sinceramente inclinada a acreditar que: quanto mais forte fosse o papel subsequentemente desempenhado pela fantasia, mais substância frequentemente houvesse na base subjacente do fato. E vice-versa, quanto menos as experiências primitivas se revelassem como produto da fantasia — no sentido de serem diretamente transferidas para a libido do objeto posterior — menos fosse realmente deixado delas, pois teriam sido descarregadas e dissolvidas no processo. Para mim, é claro, isso está estreitamente ligado à consideração de que a libido narcisista original, quando forte e persistente, é por isso mesmo restringida à atividade da fantasia (quer isto se expresse no chamado trabalho criativo, quer assuma formas mórbidas), e de que, por outro lado, precisamente esta libido narcisista preserva seu único e indestrutível núcleo real (sua fonte inexaurível de juventude) na experiência primitiva. De fato, é muito característico do narcisismo que tanto a realidade como a fantasia devam assumir *igual* importância e não sejam sentidas como opostas.

Sinto que isso explica parcialmente o elemento agradável da atividade artística — ao lado e independentemente daquele

fator de prazer que provém da remoção de repressões severas: ou seja, a adição daquele elemento que, persistindo no narcisismo, não fazia parte do resto do desenvolvimento e que agora o complementa e o amplia. Poder-se-ia quase dizer que: o artista recebe alguma coisa (como um presente) mesmo antes de desejá-la ou de notar sua falta. Ele amadurece através de seu dom, enquanto as outras pessoas têm de amadurecer por meio de suas privações. (Dois tipos, dependendo do fator dominante).

Surpreendeu-me a seriedade com que o senhor considera o livro de Jung sobre *A Psicologia dos Processos Inconscientes*.¹¹⁴ Deve-se lê-lo? Se ainda não o fiz até agora, foi porque me pareceu que, a julgar pelos trechos escolhidos de seus trabalhos (contidos em revistas imparciais), o elemento obscuro e místico de sua obra estava aumentando em vez de diminuir. Mas nisso, é claro, jaz uma esperança de uma mudança ulterior.

Com relação ao pequeno ensaio sobre 'O Tabu da Virgindade'^{115*} ocorreu-me que este tabu pode ter sido intensificado pelo fato de que em alguma época (numa sociedade matriarcal) a mulher pode ter sido a parceira dominante. Desse modo, assim como as divindades derrotadas, ela adquiriu propriedades demoníacas e foi temida como um agente de retribuição. Também sua defloração por divindades, sacerdotes etc. aponta para uma época anterior em que ela não era a 'propriedade privada' do macho, e, para conseguir isso, teve de livrar-se dos grilhões de seu impressionante passado — que pode ainda desempenhar seu papel como a base positiva mais antiga para as medidas precautórias do macho.

As *Conferências* ainda não chegaram, mas talvez tenham sido enviadas depois. E posso estar certa de que o senhor as registrou? Aqui somos tão insistentemente exortados a registrar todas as cartas, que sinceramente peço-lhe para fazer o mesmo, se pretender dar-me o prazer de remeter uma carta.

Vou utilizar brevemente o espaço que sobra para contar-lhe sobre um 'lapso'¹¹⁶ que cometi. Desde que o leite se tornou tão precioso e obtível apenas em pequenas quantidades, tenho-o deixado ferver inteiramente, embora certamente não possa dizer que me tenha comportado de maneira descuidada ou distraída em outras circunstâncias. Teria sido mais compreen-

* Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XI, IMAGO Editora, 1970 (N. do T.)

sível se isso tivesse acontecido *após* a grande e dolorosa perda que sofri com a morte de meu querido *white terrier*, mas, em vez disso, a partir do momento em que ele morreu, o leite parou de ferver até o fim. Minha primeira idéia foi: que gratificante, pois agora não haveria mais utilidade para o leite que fervia e se derramava sobre a chapa ou o chão — e do qual o *terrier* se haveria aproveitado! Agora tudo estava claro, e, mais ainda, o fato de que eu gostava dele mais do que percebia. Mas quão infrutífera e sinceramente eu havia tentado resolver o problema antes disso!

Preciso apressar-me com minha escrita, pois o sol se põe. Uma vez posto — às 18h — somos inexoravelmente forçados a ir para a cama. Pois aqui em Göttingen estamos sem luz. Por falar nisso, é estranho como às vezes estas horas de escuridão forçada provocam um estado de frutífera serenidade mental.

Com cordiais saudações,

Sua,
Lou Andreas

Decerto que seu filho está agora em casa com o senhor, novamente?

9.2.19

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

A observação de que a senhora tem de ir para cama às seis horas, porque em Göttingen vocês não têm luz, capacitou-nos a suportar nossas privações aqui com muito mais paciência. (Por falar nisso, o frio que prevalece neste quarto não irá tornar minha letra mais legível. Há muito que procuro em vão por uma caneta decente).

Seus comentários sobre a neurose infantil renovaram minha admiração pela habilidade com que a senhora desenvolve e sintetiza o que foi dito antes. Uma vez completada a análise, quase sempre perco o interesse. Há muito tempo tenho idéias não expressas sobre a questão do matriarcado. Onde devemos situá-lo? Baseado na hipótese do totem-tabu penso que no período seguinte à queda do pai primitivo, período em que o

macho ainda não se havia decidido a fundar uma família secundária, na qual, portanto, o papel dominante recaía então de fato sobre os ombros da mulher, que havia perdido seu senhor. Infelizmente, acho impossível atribuir uma data a toda a história primitiva da família, embora saiba que isto é essencial, se quisermos atribuir-lhe seu pleno significado com relação às outras fases do desenvolvimento da família.

Não lhe enviei o grosso volume das *Conferências Introdutórias*, porque se trata de uma impressão inalterada da edição em três partes que a senhora já possui. Mas basta uma palavra sua dizendo que também gostaria de ter esta edição em um volume e ela será remetida imediatamente. A tradução holandesa de van Renterghem da primeira metade chegou recentemente. Uma segunda edição do *Leonardo*,¹¹⁷ a única coisa verdadeiramente bonita que jamais escrevi, está em preparação.

O Dr. Rank está trabalhando energeticamente na nova *Verlag* psicanalítica, que com prazer, com muito prazer, publicaria alguma coisa sua sob a forma de livro.

Meu filho está em Gênova. Parece que só pode escrever uma vez por mês. Nenhum sinal de volta à casa.

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

A senhora me permitiria incluir seu comovente 'lapso' sob seu próprio nome na nova edição de *Vida Cotidiana*?

Göttingen, 22.II.1919

Caro Professor,

A razão porque volto a escrever-lhe tão depressa após receber a sua carta é que no ano passado, no caso de minha pequena paciente, o senhor me encorajou a procurá-lo com problemas desse tipo. Desta vez, trata-se de uma moça (de vinte e um anos), cujos sofrimentos conheço apenas por correspondência. Mas tenho a impressão de que mesmo o pouco que se pode obter escrevendo exerce um efeito positivo sobre ela. O tratamento pessoal por enquanto está fora de cogitação, pois ela não pode deixar sua casa.

Primeiro, soube de seus sintomas físicos (no começo, dores no abdômen; agora, no pescoço; as primeiras aumentam quando ela anda, as últimas, quando lê ou se concentra). Depois, soube de suas fantasias eróticas (que diminuíram com o estabelecimento definitivo dos sintomas físicos). Todas elas ligadas ao amor homossexual (dos onze aos vinte anos, uma paixão por uma moça morena, de tipo aristocrático, vista de passagem). Finalmente, soube que desde um período anterior existira um alto grau de superstição obsessiva, que de fato ainda persiste sob uma forma modificada (talvez *também* suplantada pelos sintomas físicos, que, agindo como um castigo, a dispersam?): a saber: a compulsão de consertar a sua e todas as chaves que não são inteiramente horizontais — o que interpreto como sendo a compulsão de segurar com a mão a parte da chave que se projeta, algo verticalmente, como um falo. Mais ainda: a fixação em números ímpares; todos os grupos de passos devem terminar com o pé direito; a manhã deve começar com *um* passo extra, de modo que os pares de passos durante o dia continuem a ser em número ímpar; ritmo ao escovar os dentes etc. As fantasias que acompanham isto, ou seja, o acontecimento catstrófico que ocorreria sem a proteção obsessiva, até agora só encontraram expressão sob a forma de 'por exemplo', mas, sem dúvida, representam de fato os perigos reais: a casa sendo queimada, a morte da mãe.

Há algum tempo atrás soube por acaso através dos pais que esta filha (a mais moça, e gêmea, que perdeu seu irmão gêmeo na guerra) algumas vezes era capaz de andar dormindo. Numa ocasião, ela se encaminhara nessas condições para o quarto de dormir de seus pais e tinha tentado entrar na cama do pai. Entretanto, nunca tivera consciência de uma relação particularmente estreita com o pai. Seu caráter é reticente, quieto, afetado e reservado. É bonitinha de uma maneira juvenil, mas sem nenhum charme ou expressão real. Sua figura também é muito bonita de um modo juvenil, embora seu porte não seja bom. Sobre suas fantasias, respondeu à minha pergunta dizendo que nunca tinha tido nenhum escrúpulo de consciência por causa delas, e tampouco tinha lutado contra elas com sentimentos de culpa, e que apenas tomavam muito o seu tempo e sua atenção. Por outro lado, os sintomas obsessivos apontam para fortes sentimentos de culpa, dos quais não tem idéia e cuja base é obvia-

mente todo o complexo de Édipo.¹¹⁸ Na minha opinião, a razão disso talvez seja o desvio para o homossexualismo (característico da neurose obsessiva) que, no caso da *menina*, ocorre muito mais suavemente do que na situação envolvendo desejos heterossexuais: suas fantasias eram 'livres de culpa' e serviam para encobrir os desejos incestuosos originais. Aparentemente, a relação com a *mãe* corresponde mais ou menos à das outras filhas, que não podem deixar de reconhecer a lealdade, o auto-sacrifício, a honestidade e a eficiência da mãe, mas que ficam facilmente irritadas com suas qualidades e anseiam por uma maior independência pessoal.

A pergunta agora é: posso e devo continuar a correspondência, que é desejada pela moça, a fim de esclarecer um ou outro ponto? E o senhor poderia derramar alguma luz sobre as obscuridades que acabo de descrever, para que eu não perca meu rumo no meio delas? Mas só se encontrar um momento livre para uma tal carta. Não a esperarei, pois minhas importunidades têm realmente seus limites estritos.

Para finalizar este capítulo, uma pequena contribuição de Göttingen para o material sobre a infância¹¹⁹ de *Imago*: uma menininha bem pequena daqui, no primeiro estágio da repressão exibicionista, fez objeção a um retrato de Cristo na Cruz. Sua situação desesperadora lhe foi então explicada. Ela respondeu com embaraçada desaprovação: 'Fantástico ele ter-se deixado fotografar nessa posição!'

Já que o senhor deseja utilizar meu 'lapso', envio-lhe um relato um pouco mais detalhado, de acordo com as notas que tomei.

Meus melhores votos,

Sua,
Lou Andreas

9.3.19

Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

É estranho que não nos apressemos em responder mais depressa ainda porque sabemos que a carta demorará dez vezes mais do que em épocas normais. Ao contrário, empurramos

para o lado tudo o que nos recorda a odiosa mudança que se passou. Somos sempre mais influenciados por considerações emocionais do que práticas.

A senhora pergunta se deveria tentar e dar à sua nova protegida algum alívio por meio da correspondência. Que objeção poderia haver? Vale a pena tentar. A mudança dos sintomas obsessivos para histéricos parece indicar um progresso interior na organização sexual e é mais favorável do que outra coisa. (Há pouco tive de rejeitar um caso semelhante.) As neuroses obsessivas não são particularmente acessíveis se seu tratamento não for suficientemente intensivo. Sempre produzem uma colheita rica, mas uma cura bem sucedida geralmente não faz parte dela.

A explicação dos sintomas descritos só pode ser a que a senhora deu: fixação prematura no pai, interrompida por impulsos hostis. Conflito entre a posição masculina e feminina, a seguir renúncia ao papel feminino, escolha homossexual do objeto em identificação com o pai, finalmente, talvez, uma tentativa renovada de organização genital. O fator constitucional é obviamente predominante. O tratamento por escrito não poderá ser nem breve nem fácil.

Muito obrigado pela confirmação de seu ato de descuido tocatamente encantador para *Vida Cotidiana*. Ainda assim, um novo lembrete da *Verlag*. A senhora não tem um pequeno trabalho sobre o Inconsciente, além da publicação em *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*?

Rank foi à Suíça encontrar Jones, para fazer propaganda para a *Verlag*, e talvez servir de padrinho para o novo grupo suíço.¹²⁰

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

Göttingen, 18.III.1919

Caro Professor,

Muito obrigada por seu gentil interesse por minhas dificuldades. Gostaria de enviar-lhe as cartas mais recentes da moça para suplementar meu relato de suas cartas anteriores (não se

incomode, é claro, em devolvê-las, pois conheço seu conteúdo), embora o caso tenha tido um rápido fim devido à resistência dela. Escrevi-lhe (é uma sobrinha em quinto grau) dizendo que se nos chocássemos contra a primeira resistência, não seríamos capazes de lidar com a segunda, mais intensa. É claro que não se pode fazer pressão por carta.

Sua observação de que a transição de sintomas obsessivos para sintomas histéricos permite um prognóstico favorável também me teria encorajado, se não tivesse ficado claro para mim até que ponto aquelas dores histéricas no pescoço e no abdômen servem ao mesmo tempo a um objetivo obsessivo: enquanto, antigamente, apenas pensamentos ocasionais, provenientes do inconsciente, exigiam medidas protetoras, as coisas agora chegaram a um ponto que qualquer tipo de leitura e qualquer tipo de caminhada bastam para lembrar a cabeça e o corpo das coisas 'ruins' que precisam ser rejeitadas por meio da dor, e o resultado é que sua vida agora parece estar muito mais restrita do que antes.

Surpreendeu-me ainda mais até que ponto a disposição homossexual é de fato equivalente a uma disposição puramente narcisista: quando a moça se refere a 'ela mesma', quer realmente referir-se a si mesma, e a fim de poder envolver-se na fantasia, inverte a situação — vê a mulher em questão como sofredora, passiva e por isso mesmo desculpada, enquanto ela mesma antigamente queria ser a parceira ativa e sedutora. Reproduz então esse elemento passivo e sofredor em seus próprios sintomas físicos, em vez de reproduzi-los na situação de violação mentalmente atribuída a 'ela'. E desse modo, nessa fantasia, ao lado da identificação com seu pai e de sua 'masculinidade', descobriu também uma satisfação para a sua feminilidade. Mas não é justo tomar seu tempo com questões que não poderiam, como ficou provado, ser tratadas em análise.

Sorte a de Rank, poder ir à Suíça! É quase como ir para o céu, como costumávamos imaginar, com a única diferença de que neste caso ele voltará, felizmente. Não sabia de nada sobre o novo grupo suíço, e deleito-me em pensar que eles possam assumir a defesa contra o antigo grupo na própria Suíça. Com quanta alegria faria tudo o que pudesse para ajudar a *Verlag*. Em meus esforços para conseguir contribuintes fui desapontada por várias pessoas com quem havia contado. De toda

forma, anexo aqui alguns nomes que talvez valesse a pena anotar para que lhes fossem enviadas cópias de amostra etc.: Oberbürgermeister Dr. W. Jokusch, Lüdenscheld na Vestfália; Dr. Agnes Wurmb, Hanover, Friedenstr. 8; Frl. Ellen Delp, Munique, Ludwigstrasse 22, Gartenheim. Talvez mais alguns sigam de Munique. Eu mesma estarei lá a partir de meados da próxima semana (Ainmillerstrasse 34 bei R. M. Rilke).

E agora, quanto a um livro para a *Verlag*. Meu livrinho sobre o Inconsciente não me parece mais suficientemente bom desde sua publicação em partes. Não se trata de inibição, é realmente verdade. Não tenho nada contra a publicação de ensaios etc., sobre assuntos que significam muito para mim, mas reluto em publicar livros que são o produto da imaginação (dos quais já possuo oito¹²¹ em nosso cofre — para o desapontamento de nossos saqueadores de hoje, que contariam achar jóias aí!) — e isto por pura falta de ambição (uma grande falta, mas uma falta que deve ser concedida a nós, mulheres, pois por que deveríamos incomodar-nos com a ambição?), que somente o oferecimento sórdido de Mamona é suficientemente forte para conquistar. Mas agora vou virar o feitiço contra o feitiço e lhe perguntar: o que aconteceu à *Metapsicologia*, agora que os capítulos impressos foram incluídos no quarto volume de *Neurosenlehre*? O que aconteceu aos outros que já estavam terminados?

Com cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

2.4.19
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

As cartas de sua paciente reticente regressarão quando o correio melhorar. As desculpas empregadas são de caráter inteiramente típico. O tratamento à distância tinha pouca possibilidade de êxito.

Devo fazer um protesto vigoroso contra sua resposta. O que aconteceu à minha *Metapsicologia*? Em primeiro lugar, ainda não foi escrita. O trabalho sistemático do material não é

possível para mim. A natureza fragmentária de minhas experiências e o caráter esporádico de minhas descobertas não o permitem. Mas se eu ainda tiver dez anos de vida e continuar capaz de trabalhar nesse período, não morrer de fome ou não tiver um fim violento, nem for muito seriamente atormentado pela miséria de minha família ou do mundo em meu redor — o que é pedir um pouco demais — então, prometo oferecer novas contribuições ao problema. Um primeiro exemplo disso será encontrado num ensaio meu intitulado *Além do Princípio de Prazer*, com relação ao qual espero sua apreciação sintético-crítica.

Espero que a senhora aproveite bem em Munique e, por favor, transmita minhas saudações a seu anfitrião, se ele ainda lembrar-se de mim.

Cordiais saudações,
Freud

P.S. O endereço de Munique de meu filho Ernst agora é Gabelsbergerstrasse 3. Muito obrigado pelos endereços.

(De Lou Andreas-Salomé para Sigmund Freud, de Munique, presumivelmente pouco depois de 23 de abril de 1919)

(CARTÃO POSTAL)

Höhenried,
Post Bernried am Starnbergersee,
bei Baron Wendland
13 de junho de 1919

Caro Professor,

Parece-me que se passaram séculos desde a última vez que escrevi e, de fato, acho provável que meus últimos rabiscos nunca tenham chegado ao seu destino, pois os enviei imediatamente após os dias agitados¹²² em que não existiu nenhum serviço postal aqui. Só estive com seu filho na ocasião sobre a qual lhe escrevi, em casa de Rilke,* mas encontrei-o ainda uma vez num espetáculo de teatro terrivelmente ruim, do qual fugimos para casa no mesmo bonde. Acho que não conseguirei sentar-me para escrever uma carta adequada até que esteja tranquilamente de volta a Göttingen. Mas foi um período maravi-

* A 23 de abril. Anotação do Diário de Lou A.-S.

lhoso,¹²³ a despeito do que aconteceu nessas semanas. No momento estou principalmente ocupada em tratar de uma pequena corça a mamadeira.

Enquanto isso, cordiais saudações de sua

Lou Andreas

Laubach (Oberhessen), 7 de julho de 1919

Caro Professor,

Em consequência do presente colapso nos transportes, fiquei encalhada na casa de uma amiga voltando de Munique, e enquanto isso, ambas temos pensado muito sobre um caso (o irmão dela), que me vem preocupando de longa data. Pois há nele um aspecto particular que me intriga imensamente: enquanto em certos casos uma neurose que se expressa na esfera sexual não se estende, em consequência de circunstâncias favoráveis, a outras esferas (profissão etc.), neste, tem-se a impressão de que ela se estende a todas as outras esferas, exceto precisamente a sexual, ainda que as circunstâncias do caso nos levassem a esperar o contrário. A infância do homem em questão foi caracterizada pelo protesto ao pai, o ódio ao pai e pensamentos de assassinato. Sua atitude de amor ambivalente para com seu pai foi transformada em ciúme no segundo casamento do pai com uma mulher jovem, quando o filho tinha vinte anos (agora tem trinta), e desta época datam as mais óbvias inibições (que são de caráter inteiramente obsessivo). Seu período escolar transcorreu tranqüilamente, mas mesmo enquanto criança ele demonstrara afetação, falsidade, reserva, e um autocontrole incomum, mesmo ao dissimular. Ao lado disso, havia uma certa apreensão, por exemplo, diante de idéias de doença ou morte. Mais tarde (depois dos vinte), duas fases emergiram gradualmente, numa das quais ele parecia caloroso, aberto, confiante, animado, bem-humorado, enquanto na outra inclinou-se a ser cínico, auto-isolado, lamentando-se de frieza interior. Esta última cedeu lugar a uma terceira fase, na qual ele se tornou inteiramente sujeito a ataques de melancolia, autodepreciação e idéias de suicídio. Isso revelou-se com mais força na ocasião de seu exame final de medicina, que não conseguiu fazer. Desde essa data, a intervalos quase regulares, ele perde a capacidade

de tomar decisões, no que se refere à ação ou à produção, e isso ameaça destruir todo o seu futuro.

Seu serviço de guerra, que durou vários anos, provou ser de uma ajuda efetiva, impelindo-o a agir, embora nunca por iniciativa própria. Depois disso, teve um emprego semelhante na Agência Telegráfica Wolff, também de caráter puramente subordinado. Nesse meio tempo, casou-se com a viúva de um amigo que havia sido morto na guerra, foi excepcionalmente feliz tanto como marido quanto como pai (também como padrasto de dois meninos pequenos), e de fato, saiu-se igualmente bem no papel de amante e de protetor fraternal. Nisso tudo foi impossível detectar qualquer vestígio de anormalidade em sua vida sexual: neste contexto ele nem negava nem ocultava nada, era franco e sem subterfúgios. Alguns compromissos anteriores não tinham levado a nada porque a moça aparentemente não correspondia suficientemente à imagem da mãe.* Não havia qualquer sinal de inversão, a despeito de amizades íntimas, nas quais a indisposição para uma relação erótica era consciente e tolerantemente discutida.

Diante de todo esse quadro exterior, tenho apenas duas contra-indicações: um sonho e um trecho de uma carta. O sonho é o seguinte: o sonhador sofre de náusea e de dor de cabeça, provocadas como que por um pesado capacete. Sente-se muito mal e confirma no espelho que seu rosto tem uma palidez mortal. Nesse ponto vomita sobre o lavatório pintado de branco (cama feita com lençóis brancos!) e em seu vômito sai uma cobra. Tem dúvidas sobre se esta poderia ser a única causa de sua náusea, quando duas outras cobras pequenas emergem (nesta época, seu próprio filho ainda não havia nascido) e ele experimenta uma sensação de alívio.

O trecho da carta, que mais tarde não foi admitido, ou, pelo menos, não teve reconhecida sua plena importância, fala de: medo durante toda a vida de um tema particular, que finalmente paralisou todo o processo de pensamento — até que tivesse conhecimento dos trabalhos de Freud. Não nega absolutamente o grande efeito produzido por esses trabalhos, que ainda persiste. Enfatizou isso com gratidão e alegria. Mas parece estar faltando o segundo passo, que possibilitaria ao leitor conquistar sozinho as resistências de modo a tornar possível uma cura,

* (NA MARGEM) A mãe morreu cedo.

Suas notícias sobre o pobre Tausk foram uma total surpresa para mim. Gostava dele, pensava que o conhecia e nunca, nunca teria pensado em suicídio no caso dele (para mim, um suicídio bem sucedido — isto é, não apenas uma tentativa ou ameaças — parece até certo ponto uma prova de sanidade mais do que o contrário). É verdade que não tenho idéia do método que escolheu (como médico, teria um acesso muito fácil ao veneno). Se usou um revólver, posso imaginar que sua morte tenha representado uma última e suprema satisfação libidinal, ou seja, um ato de violência e de sofrimento de uma só vez. Pois este era o problema de Tausk, seu perigo, que ao mesmo tempo constituía seu encanto (numa linguagem não psicanalítica, isso resultava numa alma arrebatada com um coração ter-no). Quando o senhor escreve 'que fundamentalmente não sente falta dele', parece-me não apenas compreensível; pois também eu sentia nele uma espécie de 'ameaça para o futuro', tanto pelo senhor como pela psicanálise, da qual conscientemente, contudo, ele era um expoente tão entusiástico e genuíno. Tausk sabia de meus receios** quanto a ele e de minhas apreensões quanto à sua determinação de seguir uma carreira acadêmica em Viena. Em março, quis transferir-se para Munique, mas não concordei. Não respondi à sua última carta, bem como a muitas outras anteriores. E ele tinha razão em escrever há um ano atrás: 'Ninguém deseja a companhia de um desgraçado infeliz — nem mesmo a senhora.' Não, nem mesmo eu.

A figura realmente trágica e amada neste caso é sua irmã Jelka. Gostaria de escrever-lhe se soubesse seu endereço em Viena e o nome de seu marido, que esqueci.

Caro Professor, espero que o senhor tenha voltado para casa reanimado, depois de Gastein. A simples leitura certamente não lhe tomará muito tempo, e todos nós aguardamos com expectativa o trabalho que o senhor menciona como o que mais desperta seu interesse no momento. Não posso resignar-me com o fato de que a *Metapsicologia* ainda não tenha sido publicada sob a forma de livro, pois há alguns anos atrás o senhor referiu-se a esse trabalho como se já estivesse terminado e só não tivesse sido impresso por causa da guerra, e como se fosse necessário apenas algumas alterações editoriais.

** (NA MARGEM) porque até mesmo um caráter tão forte é impotente contra a violência desenfreada de seu ser interior.

A realização de meu desejo de vê-lo novamente parece estar fadada à frustração, tanto na guerra como na paz. Em último caso, só teremos condições de nos encontrarmos, claudicando sobre muletas. Bem, quanto a mim, espero ansiosa por essa muleta!

Com meus melhores votos,

Sua,
Lou Andreas

Munique, Elisabethstrasse 8 (começo de maio de 1920)

Caro Professor,

Faz muito tempo que escrevi, pois não queria incomodá-lo para que respondesse sem uma razão séria. Mas agora acabo de saber de uma coisa que me excita tanto que não posso impedir-me uma pergunta alegre: o senhor vem mesmo neste verão a Tölz, e portanto, aqui também? Provavelmente eu estarei atrás das montanhas, longe daqui, mas é bem possível que possa arranjar as coisas de modo a encontrar-nos. O senhor poderia, por favor, enviar-me algumas palavras sobre isso?

Pretendia visitar a Sociedade Psicanalítica daqui, mas começo a ter dúvidas se há essencialmente alguma coisa em comum com a psicanálise freudiana. Ouvem-se coisas estranhas a respeito de Seif,¹²⁶ que determina o tom aqui, e que agora treina mais 'seifianos' do que 'junguianos'. Mas é claro que isso pode ser uma calúnia da parte dos junguianos.

Estava prestes a dizer a seu filho Ernst que ficaria encantada em receber uma carta sua, quando soube que ele estava em Berlim e que tinha ficado noivo. Espero que além deste feliz acontecimento outras causas de satisfação tenham ocorrido em sua vida particular, a despeito do estado inexprimivelmente horrendo da situação mundial.

Cordiais saudações ao senhor e sua família

de sua
Lou Andreas

No momento estou ocupada num trabalho que o senhor possivelmente poderá utilizar em *Imago* ou em algum outro lugar.

9 de maio de 20
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Alegro-me por ter notícias suas. Onde a senhora se escondeu? Estou muito interessado em receber um trabalho seu novamente. Por que suprimiu ou abortou seu livro sobre o *Inconsistente*? A senhora é excessivamente modesta como escritora.

Pretendíamos ir para a Bavária no verão, com os filhos de nossa filha que morreu, talvez na vizinhança de Marcinowski.¹²⁷ Mas não sei se isso será possível, pois a Bavária não admite estrangeiros.

De acordo com o que diz Hattingberg, o que a senhora ouviu a respeito de Seif parece ser verdade. O imbecil decidiu prosseguir sozinho e se tornou um seifiano.

No dia 18 de maio meu filho Ernst se casará com Frl. Lucie Brasch, em Berlim, segundo a opinião geral, uma excelente escolha.

Para nós é impossível sentir qualquer ânimo aqui e agora. As circunstâncias externas são terríveis. A *Verlag* se fortalece, mas inevitavelmente tem seus problemas. Espero que a senhora esteja *au courant* de todas as nossas publicações recentes. Em Berlim, nossa policlínica está funcionando, e lá também existem outras possibilidades.

Esperando encontrá-la novamente antes que ambos nos tornemos 'velhos e murchos',

Cordialmente,
Freud

Munique, 16.VI.1920

Caro Professor,

Depois de ter recebido sua carta, dizendo afinal de suas dúvidas sobre a sua vinda até aqui, soube, durante uma pequena visita aos Marcinowski, que o senhor agora se decidiu definitivamente contra a Bavária. Nós três ficamos muito tristes. Em todo caso, ficamos bastante melancólicos com a idéia de que não o veremos na Conferência de Haia.¹²⁸ Verificamos que seria demasiado dispendioso e difícil comparecermos. Entretanto, ainda tenho uma tênue esperança de vê-lo de relance em seu cami-

nho para Haia, supondo que o caminho mais curto o leve por Hanover, e que o senhor faria a gentileza de avisar-me antes.

É muito triste para nós que o senhor esteja tão longe, quando cada vez se torna mais necessário senti-lo ao alcance da mão. Como foi agradável descobrir exatamente a mesma atitude no círculo de Marcinowski! Se eu voltar a Munique no próximo inverno, tentaremos formar um pequeno círculo nós mesmos ao lado de mais algumas pessoas, para rivalizar com o grupo de Seif. Pois, afinal de contas, não há nenhum interesse em tentar manter uma discussão com este último. Seif e seus seguidores replicam monotonamente com citações literais do 'Caráter Nervoso' de Adler e só.

Gostaria de contar-lhe o quão impressionada fiquei com a feliz relação dos pacientes de Marcinowski com ele e entre si. Nunca havia imaginado nada parecido. Sempre supus que um tratamento estritamente psicanalítico se restringisse à hora analítica e até mesmo agora acharia muito alarmante ter de pôr em prática algo desse tipo *eu mesma*. Mas aquelas duas pessoas conseguiram demonstrar sua vida pessoal e familiar tão abertamente na frente de todo mundo, que os pacientes se sentem inspirados a uma franqueza igual, criando-se assim um estado de relaxação mútuo e involuntário, e desse modo ajudando-se mutuamente, mesmo que ocorram tensões, é claro. Talvez seja especialmente Frau Gustel quem torna isso possível. Ela foi uma descoberta feliz e surpreendente para mim. A partir dos escritos de Marcinowski, nunca esperei que pudéssemos entender-nos realmente. Sempre me pareceram um pouco gerais, retóricos e 'éticos' demais. Mas quanto ao resultado prático, só posso admirá-lo.

Esta carta, caro Professor, é apenas uma saudação, antes de meu regresso final para casa. Desejo que se sinta otimamente em seu verão em Gastein! Da última vez que lhe escrevi, não tinha a menor idéia da amarga perda¹²⁹ que o senhor sofreu na Páscoa. Uma coisa segue a outra, até que nos perguntamos que alegria nos sobrou na vida. Para nós, entre as maiores e mais duradouras alegrias estão aquelas que o senhor nos revelou. É algo que hei de sempre repetir.

Cordiais saudações,
Sua,
Lou Andreas

Caro Professor,

Desde que lhe enviei minha última carta de Munique há um mês atrás, tenho estado extremamente ocupada há semanas com os periódicos psicanalíticos. Pois nenhum material impresso me fora reexpedido, e agora, pode mergulhar neles desde minha volta, sem distrações, é um prazer festivo e realmente genuíno.

Pensei muito sobre seu relato de um caso homossexual¹³⁰ publicado no último número do *Jornal* (VI, i). Que pena que tivesse de ser deixado inacabado! Atrás da transferência negativa para o senhor ocultava-se, sem dúvida, a transferência positiva original para o pai. Esta base original não se teria revelado eventualmente através da *atuação fora* da transferência negativa? Pois apesar de tudo, só posso imaginar que essa jovem fosse neurótica, desde que conseguiu experimentar sua libido de uma maneira tão indireta tornando-se homossexual e suicida por vingança, quase como se a libido pudesse ser utilizada no sentido adleriano de um *arranjo*.

Fiquei ainda mais absorvida pela discussão em V, 3 (o 4 ainda não saiu?) a respeito de 'Uma Criança Está Apanhando',¹³¹ sobre a qual tenho alguns breves comentários a fazer. O primeiro é ocasionado por um questionário proposto a uma classe de meninas, que foi conduzido por uma irmã de Helene Stöcker.¹³² As respostas revelaram que a grande maioria das meninas, ao brincar com suas bonecas, tinham prazer em bater nas crianças-bonecas, e em todos os casos isso se aplicava *apenas às suas bonecas favoritas*. Mas as respostas revelaram também que as meninas imaginavam que deste modo estavam proporcionando *prazer*, não apenas a elas mesmas, mas também, até certo ponto, às bonecas — de modo que as que batiam e as que apanhavam gostavam ambas da experiência. O sadismo e o masoquismo em sua identidade original desempenhavam seu papel aqui. É minha opinião, em geral, que como produtos do *inconsciente*, eles são de fato idênticos em sua contrariedade, e que, quando mais tarde se tornam mais fortemente diferenciados, já estão influenciados pelas tendências do ego da personalidade consciente. Quando este estágio é alcançado, o sadismo pode, é verdade, expressar uma pura *Schadenfreude* e satisfação (sem nenhum prazer sexual real),

assim como na primeira fase que o senhor mencionou com referência à visão de uma criança sendo castigada. Ou então, o masoquismo pode surgir com base num sentimento de culpa, porque o ego fracassou por querer abarcar o mundo. Mas este seria um masoquismo secundário, misto em seu conteúdo emocional, do qual também estaria ausente a excitação puramente sexual original.

Não consigo desfazer-me da idéia de que o masoquismo primário é um masoquismo pré-sádico, que é então ressuscitado secundariamente, depois que isso se tornou possível pela pequena parte da consciência do ego que foi necessária para produzir o sadismo. No seu estágio primário há uma identidade entre o mundo externo e o eu, onde a memória não existe. Ela pode, contudo, sobreviver a esse estágio e pode desempenhar seu papel quando a dor é infligida ao ego pela mão de um objeto amado, e então, revive a ditosa lembrança daquele estágio primitivo não diferenciado, em que nenhuma distinção era sentida entre o ego e o não-ego, no qual, de fato, a pessoa ainda não adquiriu um ego. Infelizmente, um tema como este não pode ser tratado satisfatoriamente por correspondência, mas existe algo sobre o qual gostaria de desabafar, para certificar-me de que concordo com o senhor neste assunto.

Gostaria de acrescentar mais algumas palavras sobre um outro caso. É interessante: uma mulher de tipo obsessivo com um forte complexo paterno, que achava difícil admitir, sofreu quando criança um choque esmagador ao ver seu pai batendo em sua irmã menor *de maneira inteiramente diferente* do modo pelo qual, em sua fantasia, ele devia ter batido (tanto nela como em sua irmã): ou seja, ao bater, ele demonstrava irritação, impetuosidade, repugnância e raiva, em vez de bater como o 'deus punidor', ou como o amante, que fundamentalmente não bate de verdade quando bate, mas antes se abandona a um abraço violento. O resultado, como ela colocou, foi 'permanentemente terrível', pois faltava o elemento de êxtase, a essência de todo o prazer sexual. A experiência fora desprovida de encanto, tornara-se banal. De fato, parece-me que no caso em que a pessoa tem um prazer malicioso em ver alguém apanhar, ou quando se sujeita ao castigo devido aos seus sentimentos de culpa — tam-

bém aí a experiência é reduzida a um nível banal e afastada da experiência libidinal real, a experiência primária. E apenas esses casos híbridos, em que nosso ego participa criticamente, são facilmente acessíveis à consciência.

Mas sobre esta questão, os *Jornais* estão enriquecidos de notáveis contribuições. Poderia continuar a discuti-las indefinidamente. Dois escritores cujos nomes são novos para mim impressionaram-me especialmente: Nunberg,¹³³ sobre o ataque catatônico, e B. von Felszeghy,¹³⁴ sobre o pan-complexo em *Imago* VI, i (que li, ai de mim, tarde demais para um artigo que terminei nesse meio tempo). No último número de *Imago* há um excelente artigo de Reik.¹³⁵ Na sua mistura de conhecimento e perspicácia o senhor parece ter encontrado um segundo Rank. Como eu gostaria de rever os velhos amigos e de fazer novos, com que ardor aguardo os poucos dias em Haia, dos quais já me conformara de ter de privar-me. Mesmo agora, isso mal me parece possível. Se puder ir, levarei comigo um novo discípulo, que recentemente terminou seus exames finais em medicina e está apaixonadamente ansioso para se dedicar à sua psicanálise. É o amigo de um sobrinho meu, que mora em Munique, e seu nome é Dr. Wilfried Zeller.¹³⁶ É muito bem dotado e de toda confiança. Sei que me permitirá apresentá-lo ao senhor e aos outros em Haia.

Se me for possível realizar o desejo de ir a Munique novamente no próximo inverno, a principal atração para mim seria a possibilidade de formar um círculo freudiano bem pequeno com Marcinowski e sua mulher, Hattingberg etc., que iniciaria um trabalho sério em oposição às guerras de palavras e aos argumentos vazios do indesejável círculo de Seif. Talvez isso possa ser feito, se o senhor nos der sua sanção.

Enviarei esta carta para Viena, de onde será sem dúvida reexpedida para Gastein. Espero que daí o senhor volte reanimado para casa.

Com cordiais saudações,

Sua,

Lou Andreas

B. Gastein
Villa Wassing
2.8.20

Cara Frau Andreas*

Ainda não abandonei a esperança de vê-la em Haia e peço-lhe que não rejeite a oportunidade se esta lhe for oferecida. Wilfried Zeller também poderá ser apresentado lá.

Por seus comentários sobre 'Uma Criança Está Apanhando', como sempre, meus calorosos agradecimentos! A senhora sempre dá mais do que recebe...

Apresento os produtos tal como saem da oficina, incluindo as aparas.

O n.º 4 do *Jornal* pode ser obtido, sem dúvida.

Aqui estou na bela Gastein, e o que me impressiona sobretudo é como este ano me arrasou. No calor da batalha não se nota os próprios ferimentos.

Pretendo levar minha filha Anna comigo para Haia. Há muito ela está ansiosa para conhecê-la.

(CARTÃO POSTAL. De Lou Andreas-Salomé para Sigmund Freud, por volta de meados de dezembro de 1920)

Göttingen, 26 de dez. 1920

Caro Professor,

Desde que lhe enviei a muito provisória expressão de meus agradecimentos num cartão postal, meu desejo de escrever-lhe extensamente tem aumentado a cada dia, na proporção em que me tornei cada vez mais absorvida em *Além do Princípio de Prazer*. O senhor pode facilmente imaginar o prazer que este livro me deu, já que estava atormentada pela preocupação (que exprimi até mesmo em minhas cartas) de que não concordasse comigo na questão do 'instinto passivo'.¹³⁷ E entretanto, é apenas a partir deste ponto de vista que Adler pode ser conscientemente refutado, como disse a ele em Viena.** É verdade que o

* Devido à remoção de parte desta carta, estão faltando cerca de cinco linhas (três linhas impressas) na parte da frente, mais as últimas linhas e a assinatura.

** (NA MARGEM) P. Federn também gostará.

senhor não deseja que este novo livro seja considerado como básico e definitivo, mas jamais divergirá deste ponto — disso estou convencida. Para mim isso é vital.

Quanto as idéias sobre a vida e a morte, desenvolvidas a partir disso, posso dizer, por estranho que pareça, que concordo com elas e que, por outro lado, me encaminho na direção oposta. Pois, na medida em que a 'morte' e o estado de tornar-se inorgânico em último recurso só podem ser apreendidos em termos biológicos, até certo ponto continuam a ser uma imagem derivada do mundo exterior. Assim como a ação da vida pode ser vista como uma simples jornada para a morte, por mais ou menos paradoxal que isso possa parecer, assim, vice-versa, a tendência ao regresso elementar à condição primitiva de descanso pode ser encarada como um retorno à base da vida (que não pode ser expressa em termos biológicos: de acordo com o sofisma filosófico de que nosso cérebro é um produto do mundo material e, portanto, todo o mundo material, um produto de nosso cérebro). Assim, também os impulsos sexuais parecem conduzir à extinção da consciência, à anulação e à cessação, e entretanto, ao mesmo tempo representam a expressão mais essencial da vida. E assim, enquanto os egos e as consciências parecem visar apenas à auto-afirmação, na realidade provocam sua própria destruição. A morte e a vida se mantêm numa relação mútua uma com a outra, cuja globalidade para nós é inevitavelmente oculta. Cada uma é a metade de um único e mesmo acontecimento, assim como a metade invisível da lua forma uma parte integral misteriosa de nosso conceito lunar total.

Em conexão com isso, recordei nitidamente a impressão que me deixou uma conversa com Ferenczi,¹³⁸ imediatamente após o Congresso de 1913, depois do breve período em que trabalhamos juntos. No curso dessa conversa ficou claro que nossas atitudes opostas seriam de repente completamente reconciliadas se transpusessemos simplesmente as palavras Morte e Vida — o que para nós foi um bom motivo para riso. Ferenczi, seu filho mais filosófico, na realidade nunca se arriscou a satisfazer sua forte inclinação para o pensamento filosófico, e, por esta razão, muita coisa importante jamais foi escrita. Este livro deve certamente tê-lo deleitado e talvez o inspire a realizar alguns trabalhos nesta linha (tomei nota de vários títulos na

época de nossa conversa). É possível que ele agora se sinta finalmente inspirado a fazer isto, pois afinal é seu 'filho' mais fiel e leal.

Foi muito penoso para mim não poder encontrá-lo e a todos os outros, afinal, na Holanda. Por carta, nada pode ser tratado convenientemente. Hoje, mais uma vez, estou profundamente consciente disso, quando me sinto tão fortemente impelida a iniciar uma discussão deste livro, que de maneira tão feliz me absorveu.

E agora existe uma perspectiva — primeiramente apenas uma possibilidade — de que finalmente na primavera eu possa ir a Viena e vê-lo. Recebi um convite (não sei quem é o responsável por ele) para o Helmstreitmühle, perto de Viena, que se denomina uma 'instituição de caridade para homens e mulheres trabalhadores'. A diretora é Frau Dr.^a Eugenie Schwarzwald.¹³⁹ Imagino que não deve ser muito difícil ir daí para Viena? É o meu desejo para este Ano Novo, um desejo acariciado há tanto, tanto tempo! Tenho alguns pacientes, sobre os quais gostaria muito de discutir com o senhor pessoalmente. Espero tanto que isso seja possível.

Enquanto isso, meus melhores votos para o Ano Novo para o senhor e os seus. Que 1921 inicie uma série melhor de anos e envergonhe os anos precedentes, altamente repreensíveis.

Com muitos agradecimentos por ter-me enviado o livro,

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL. De Sigmund Freud para Lou Andreas-Salomé, pouco antes de 6 de setembro de 1921)

Göttingen, Herzberger Landstr. 101
6.IX.1921

Caro Professor,

Gostaria de segurar-me pelas orelhas e puxar meu cabelo por não ter enviado meu endereço das férias de verão! Com isso, perdi o inexprimível prazer de vê-lo novamente — pelo qual ansiei durante anos e anos. Seu gentil cartão acaba de revelar-me isto. Quase decidi ir para a Áustria em vez da Bavária,

e portanto, a Viena, pois tinha um convite para passar vários meses em Salzkammergut. E então a proposta do Dr. Marcinkowski interveio (aliás, foi um completo desapontamento, mas algum dia lhe falarei sobre isso pessoalmente). De lá quis esquecer-lhe, porque me tornei cada vez mais absorvida em *Além do Princípio de Prazer*, mas fiquei temerosa de aborrecê-lo.

Como ficaria feliz se ao menos pudesse ir a Viena novamente mesmo que por pouco tempo!

Cordiais saudações a todos, entre os quais incluo, é claro, sua filha Anna, que há tanto tempo gostaria de conhecer. Espero que este verão particularmente bonito lhe tenha feito bem. (Para mim, trouxe uma febre alta, que me fez perder os cabelos, de modo que passeio com um gorro, como uma velhinha.)

Sua,
Lou Andreas

(De Sigmund Freud para Lou Andreas-Salomé, pouco antes de 15 de setembro de 1921. Convite para ficar em sua casa.)

Göttingen, Herzberger Landstr. 101
13.IX.1921

Caro Professor,

Na verdade, mal sei como agradecer-lhe por isso! O senhor agiu com uma gentileza tão verdadeira que temo que possa não ter idéia do que significa ter uma mulher velha e doente dentro de casa. Mas, pelo menos, o senhor sabe o que isso significaria para mim como *felicidade*. Precisamos escolher uma data que seja mais conveniente para o *senhor*. Estou presa apenas até o começo de janeiro devido a dois pacientes que tiraram uma licença especial para seu tratamento. E, ainda, é preciso lembrar quanta coisa pode acontecer num intervalo tão longo que possa vir a impedir minha viagem — e o resultado certamente será que eu mesma desenvolverei uma neurose por pura ansiedade.

E agora, como uma adolescente que sonha com seus desejos, traço para mim mesma todos os dias um pouco de como será quando eu for realmente, de verdade, sua hóspede.

Sua grata
Lou Andreas

P. S. Nos próximos dias enviar-lhe-ei um livro que recebi de Rainer, sobre o esquizofrênico Wölffli¹⁴⁰ no asilo de Berna. Estou conseguindo o original de uma das ilustrações incluídas no livro.

Göttingen, 18.X.1921

Caro Professor,

Quando o Dr. Ferenczi saiu daqui para Berlim,* ao seu encontro, prometeu transmitir uma emenda à minha carta em que eu lhe agradecia por sua gentil sugestão. Pensava que não fosse ficar livre até janeiro, mas agora acontece que novembro seria mais conveniente (isso também concorda mais com sua sugestão). Agora, tudo indica mais novembro, e janeiro tornou-se muito duvidoso. Por esta razão estou escrevendo estas linhas, pois é possível que este assunto não tenha surgido em suas conversas com o Dr. F. Para mim, as horas com o Dr. F. foram realmente memoráveis. E o que a nova perspectiva significa para mim, não tenho palavras para exprimir.

Cordiais saudações de

Sua grata
Lou Andreas

Por favor, registre suas cartas! Tantas coisas se perdem no correio hoje em dia.

20.X.21
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

É ótimo que a senhora possa aceitar meu convite. Todos aguardamos com expectativa sua visita. A vida aqui está novamente estável, de modo que podemos deixar que a senhora decida a data. Minha filha deixará que a viagem projetada a Hamburgo dependa de sua decisão. Naturalmente, também sentimos que a senhora não pudesse vir antes de janeiro e não nos

* Sem dúvida, deveria estar escrito Viena (talvez, via Berlim).

e portanto, a Viena, pois tinha um convite para passar vários meses em Salzkammergut. E então a proposta do Dr. Marcinkowski interveio (aliás, foi um completo desapontamento, mas algum dia lhe falarei sobre isso pessoalmente). De lá quis escrever-lhe, porque me tornei cada vez mais absorvida em *Além do Princípio de Prazer*, mas fiquei temerosa de aborrecê-lo.

Como ficaria feliz se ao menos pudesse ir a Viena novamente mesmo que por pouco tempo!

Cordiais saudações a todos, entre os quais incluo, é claro, sua filha Anna, que há tanto tempo gostaria de conhecer. Espero que este verão particularmente bonito lhe tenha feito bem. (Para mim, trouxe uma febre alta, que me fez perder os cabelos, de modo que passeio com um gorro, como uma velhinha.)

Sua,
Lou Andreas

(De Sigmund Freud para Lou Andreas-Salomé, pouco antes de 15 de setembro de 1921. Convite para ficar em sua casa.)

Göttingen, Herzberger Landstr. 101
13.IX.1921

Caro Professor,

Na verdade, mal sei como agradecer-lhe por isso! O senhor agiu com uma gentileza tão verdadeira que temo que possa não ter idéia do que significa ter uma mulher velha e doente dentro de casa. Mas, pelo menos, o senhor sabe o que isso significaria para mim como *felicidade*. Precisamos escolher uma data que seja mais conveniente para o *senhor*. Estou presa apenas até o começo de janeiro devido a dois pacientes que tiraram uma licença especial para seu tratamento. E, ainda, é preciso lembrar quanta coisa pode acontecer num intervalo tão longo que possa vir a impedir minha viagem — e o resultado certamente será que eu mesma desenvolverei uma neurose por pura ansiedade.

E agora, como uma adolescente que sonha com seus desejos, traço para mim mesma todos os dias um pouco de como será quando eu for realmente, de verdade, sua hóspede.

Sua grata
Lou Andreas

P. S. Nos próximos dias enviar-lhe-ei um livro que recebi de Rainer, sobre o esquizofrênico Wölffli¹⁴⁰ no asilo de Berna. Estou conseguindo o original de uma das ilustrações incluídas no livro.

Göttingen, 18.X.1921

Caro Professor,

Quando o Dr. Ferenczi saiu daqui para Berlim,* ao seu encontro, prometeu transmitir uma emenda à minha carta em que eu lhe agradecia por sua gentil sugestão. Pensava que não fosse ficar livre até janeiro, mas agora acontece que novembro seria mais conveniente (isso também concorda mais com sua sugestão). Agora, tudo indica mais novembro, e janeiro tornou-se muito duvidoso. Por esta razão estou escrevendo estas linhas, pois é possível que este assunto não tenha surgido em suas conversas com o Dr. F. Para mim, as horas com o Dr. F. foram realmente memoráveis. E o que a nova perspectiva significa para mim, não tenho palavras para exprimir.

Cordiais saudações de

Sua grata
Lou Andreas

Por favor, registre suas cartas! Tantas coisas se perdem no correio hoje em dia.

20.X.21
Viena IX, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

É ótimo que a senhora possa aceitar meu convite. Todos aguardamos com expectativa sua visita. A vida aqui está novamente estável, de modo que podemos deixar que a senhora decida a data. Minha filha deixará que a viagem projetada a Hamburgo dependa de sua decisão. Naturalmente, também sentimos que a senhora não pudesse vir antes de janeiro e não nos

* Sem dúvida, deveria estar escrito Viena (talvez, via Berlim).

agrada pensar quão incertos são os caminhos do destino nestes dias. Até então, precisamos ficar em contato por carta.

Gostaria de mencionar um ponto ligado à sua viagem e o faço sem temor de ser mal compreendido. Se a sua liberdade de movimento foi prejudicada pela ruptura de toda comunicação com sua terra natal, espero que me permita enviar-lhe de Hamburgo o dinheiro para a sua viagem. Meu genro¹⁴¹ cuida de meu crédito em marcos lá, e através de meus ganhos em divisa estrangeira corrente (americana, inglesa, suíça), fiquei relativamente *rico*. Mas quero extrair eu mesmo algum prazer desta nova riqueza.

Sempre seu,
Freud

P. S. Agradeço-lhe muitíssimo, ou ao Dr. Rilke, pelo livro sobre o artista psicótico.

25.X.21

Viena XI, Berggasse 19

Cara Frau Andreas

Nossas cartas cruzaram! Novembro é melhor também para nós, embora qualquer outra época nos conviesse. Informe-nos rápido quando, em novembro, para que possamos fazer as preparações necessárias. Estou certo de que a senhora está preparada para qualquer inconveniência que possa esperá-la e conto com o seu bom humor. Do contrário, não teria arriscado o convite.

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

Göttingen, 24.X.1921

Caro Professor,

Sua gentil carta acabou de chegar neste momento, tendo cruzado com a minha. Vejo por ela que o senhor não dá qualquer ênfase à data mais remota de janeiro e que a data mais

próxima de novembro talvez lhe convenha da mesma maneira. Se for assim, posso perguntar se poderia chegar a Viena, digamos, no dia 8 de novembro?

É possível que venha comigo uma paciente que está bastante contente em poder fazer uma visita a Viena, mudando-se dos ares de Göttingen. Talvez fosse possível encontrar um quarto para ela na vizinhança, para que pudesse ver-me durante as manhãs para uma sessão.

Sinto uma grande bondade em tudo o que o senhor escreveu. Confessaria sem embaraço, se minha bolsa não fosse suficiente para a viagem, mas não é o caso. De fato, está pronta com o dinheiro da passagem e quase posso ouvi-la tilintar com impaciência. Por hoje, apenas muito, muito obrigada e muitas lembranças até nos encontrarmos, até quando estarei contando os dias.

Sua,
Lou Andreas

(CARTÃO POSTAL)

Viena, 30.X.21

Cara Frau Andreas

Ficaremos encantados em vê-la no dia 8 de novembro. Esperamos a confirmação definitiva do dia e a hora de sua chegada.

Boa viagem,
Seu,
Freud

Göttingen, 12 de jan. 1922*

Caro Professor,

Isto não é propriamente uma carta, mas uma pequena peça de sentimentalismo: não posso enviar minha carta a Anna sem nela incluir uma saudação atrasada pelo Ano Novo. Mais uma vez quero agradecer-lhe pelas melhores coisas do ano passado, todas devidas ao senhor.

* Depois da visita de Lou Andreas-Salomé a Freud em Viena de 9 de novembro até meados de dezembro de 1921.

Embora não esteja mais em sua companhia, em Viena,¹⁴² gosto imensamente de pensar no senhor entrando de vez em quando no quarto, ou apenas espiando, como costumava fazer, no quarto de Anna, quando sentávamos ali e meditávamos sobre grandes idéias e num abrir e fechar de olhos resolvíamos os problemas mais obscuros.

O Major F. anunciou uma visita com sua mulher em futuro próximo, mas nossos esforços para encontrar-lhes acomodações na vizinhança *imediate* não tiveram resultado. Havia apenas um quarto sem estufa, mas com refeições. De modo que ela certamente terá de suportar o (...)indener Sanatorium.

Recentemente, soube de algo sobre a infância de um homem relativamente normal (embora seja ainda hoje um tanto marcadamente anal-erótico) que me interessou muito. Quando tinha seis anos de idade, costumava construir castelos de areia e ouviu alguém que se compadecia dele por não ter um companheiro de brinquedo. Nisso, disse com confiança: 'Basta que eu chame o 'grande serviço' de trás de mim para que ele fique ao meu lado e me admire'. Portanto, à parte da sublimação fecal, que já está presente na construção de castelos de areia, persiste um outro significado, segundo o qual as fezes representam para a criança aquilo que nasce. Sempre pensei que essa idéia se restringisse às meninas, que compensam sua inveja do pênis com fantasias de maternidade. Em todo caso, este menino fez um excelente uso de seu erotismo anal. (Sua única manifestação desafortunada hoje em dia é uma repugnância por salsichas quando aparecem na mesa do almoço.)

Enquanto escrevia, acabei de receber um cartão do Dr. Ferenczi com suas assinaturas.¹⁴³ Ai de mim, isso me dói e encanta-me ao mesmo tempo! Mas meu 'sentimentalismo' não se aprofunda muito. O resultado mais essencial de minha estada em Viena é o fato de que sinto novamente (o que às vezes era bem difícil de sentir após nossas experiências da guerra) que apesar de tudo a vida é uma coisa maravilhosa.

Cordiais saudações à sua senhora e ao resto da casa (no sentido mais amplo, incluindo o distrito de Cottage¹⁴⁴ e Mathilde!)

De
Sua
Lou

Göttingen, 2.III.1922

Caro Professor,

Sua má filha Anna não escreve. Quem sabe ela já está em Hamburgo, onde pretendia ajudar a comemorar o aniversário de Ernst no início de março? Portanto, terei de incomodá-lo novamente com uma carta, pois desde minha visita ao Berggasse, em 1921, não consigo passar muito tempo sem escrever-lhe ou receber notícias suas.

Além disso, depois de muitas dificuldades introdutórias, Frau M. acabou de chegar aqui — não sem excitar o vivo interesse da população local, pois não só veio até aqui de carro, como também, na viagem de retorno (experimentando a trilha de pedestres de braço dado com M., com o carro seguindo atrás) subitamente pediu que um garçom, ou duas crianças de uma hospedaria próxima, seguissem pelo caminho logo à sua frente. Mas o caso dela é interessante e ambos merecem simpatia. Durante os anos de guerra, teve seu drama de amor, que em sua consciência é bastante estranho: o herói era impotente e, em substituição, ensinou-lhe todos os tipos de práticas (...), enquanto seu marido conhecia e praticava apenas o desprezível método 'normal'. Em consequência do estranho respeito que por ele sentia, ela se deixou enfeitiçar por esse amigo, que, por sua vez, pela primeira vez libertou-se orgulhosamente de seu autodesrespeito sexual, mas que ao mesmo tempo prejudicou muito os estados de ansiedade da senhora. Depois de separar-se dele, fez o possível para dirigir o bom e potente M. pelo mesmo caminho, mas ele mostrou-se demasiado desajeitado e sua única reação psíquica foi um gesto de repugnância. Ela fala do senhor com entusiasmo e, apesar da conclusão psicótica na época, vários efeitos positivos sem dúvida infiltraram-se gradualmente, ajudando-a a amadurecer. Já que não foi só o pai dela que desempenhou um enorme papel em sua existência, mas também, até certo ponto, aparentemente sua mãe, estou esperando mitigar os vestígios indispensáveis da transferência.

Recentemente, ao refletir sobre a palestra e as notas de Anna, pensei nos seguintes pontos com relação às fantasias de espancamento.¹⁴⁵ Em vista do trabalho que tem sido realizado nos últimos anos sobre a intensificação do auto-erotismo físico por meio da dor, ferimentos etc., poder-se-ia muito bem supor

que a criança muito pequena tornou-se consciente de si mesma num sentido libidinal, pela primeira vez, graças à sua sensibilidade epidérmica, e então se tomou como seu objeto. Isto é, apenas desse modo seu amor se tornaria suficientemente emocional — por assim dizer, apaixonado. Isso poderia então provocar a conclusão ilógica de que, sendo seu ambiente, nesses casos, particularmente amoroso, confortador e prestimoso, a dor e o amor estão intimamente ligados, e que, de fato, a influição da dor e do amor de certa maneira se segue imediatamente uma após outra (assim como, mais tarde, a defloração ensina à moça a mesma lição). Seria então apenas através da proibição da masturbação e de todos os impulsos sensuais que uma fantasia de espancamento assumiria o caráter de um ato de castigo e de expiação — e assim serviria como um lembrete da proibição de toda sexualidade de tal maneira que ela é então reprimida com uma severidade bastante particular. Em si mesma, porém, ela seria assimilada à sexualidade como um fator integrante, da mesma forma como o sadomasoquismo é fundido (e não apenas superficialmente adicionado).

Embora Abraham, no último número do *Jornal*,¹⁴⁶ interprete a reação vingativa após a defloração (mencionada pelo senhor como a razão da timidez do marido quanto à primeira noite e dos costumes surpreendentes ligados a isso) como raiva contra o ato de violação, nos casos normais esse desejo ardente de vingança provém com freqüência da causa oposta: ou seja, do fato de o marido não ter compreendido como despertar a experiência primitiva da equação Amor = Dor, e, desse modo, provocar uma satisfação masoquista. Em seu lugar surgirá então esta lembrança infantil, de que antigamente a dor era o único meio de despertar nosso auto-amor, de emocionalizá-lo, e este auto-amor agora reage de uma forma negativa (descobrimos que, longe de possuir uma superabundância para dividir com seu parceiro, toda a sua libido pode ser satisfeita no sadomasoquismo, nesse simulacro de dualidade).

Mas, infelizmente, não se pode realmente discutir essas coisas por carta. Para fazê-lo de maneira adequada eu teria de estar deitada no divã de Anna. Hoje pensei na observação de sua esposa: precisamente nestes primeiros dias de março, os primeiros raios de sol penetram pelo telhado da casa nos quartos

da frente. Espero que vocês não tenham tido de suportar o frio que experimentamos neste tempo gelado. O frio realmente es-tonteante foi ao mesmo tempo apavorante e bonito. O elemento nórdico que existe em mim regozijou-se com ele, por mais que eu tremesse. Agora somos inspirados a trabalhar com duplo rigor. Não tirarei férias antes de partir para o Congresso em Berlim em setembro.

Cordiais saudações ao senhor e sua família!

Lou

(A LÁPIS) Acabo de receber carta de Anna! Por favor, transmita minhas lembranças à minha pobre e bonita Índia Vermelha (referência à Sra. James Strachey); ela não deveria ir para o Sul?

13.3.22

Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Eu também sinto muita falta de Anna. Ela seguiu para Berlim e Hamburgo no dia 2 de março. Há muito tempo sentia pena dela por ainda morar em casa conosco, velhos (...), mas por outro lado, se ela realmente fosse embora, eu me sentiria tão lesado como me sinto agora, como me sentiria se tivesse de parar de fumar! Enquanto estamos juntos, não se percebe isso claramente, pelo menos nós não percebemos. Portanto, em vista de todos esses conflitos insolúveis, é bom que algum desses dias a vida chegue ao fim.

A mistura do frio, da gripe e do sofrimento geral poderia muito bem aproximar ainda mais o desejo desse fim. Logo chegará a primavera e pretendo parar de trabalhar no dia 1.º de julho. Pois não posso mais esperar ficar rico ou pobre, nem mais sábio do que já sou. Mas não esqueço que estou velho.

Nesse intervalo certamente seu cabelo já deve ter crescido consideravelmente de novo. Suas observações sobre a fantasia de espancamento demonstram que você ainda é a mesma pessoa de antes. Sempre que eu dissequei as coisas de uma maneira um tanto crua, você foi capaz de indicar a origem comum dos

vários elementos, e, logo, de sintetizá-los novamente. Em minha teoria da sexualidade, uma vez exprimi um ponto de vista, que para meu pesar não foi desenvolvido, ou seja, de que tudo o que causa excitação em geral causa também a excitação sexual, incluindo a dor, o efeito da violência (neurose traumática). Talvez seja esta a prosa para a sua poesia.

O fato de você interessar-se pelo caso de Frau M. é absolutamente correto e conveniente. Lembro-me dela como a encarnação da lascívia pura e simples, mas, de acordo com a teoria, ela deve ter desenvolvido algum elemento 'repressor' em algum lugar.

A novidade mais interessante no mundo psicanalítico é a fundação de um grupo local em Calcutá, dirigido pelo Dr. Girindrashekar Bose, um professor extraordinário e autor do livro *O Conceito de Repressão*. Com uma exceção, os membros são todos hindus eruditos. Das mesmas paragens recebi um 'Imaginative Portrait',* isto é, uma pintura feita por alguém que é considerado um famoso artista indiano e que representa sua idéia de minha pessoa, de quem ele jamais viu um retrato. Naturalmente, ele me faz parecer um completo inglês.

A *Verlag* encontrou agora uma sede definitiva e satisfatória e deverá ser capaz de funcionar aí convenientemente.

Sua Índia Vermelha escapou por um triz e ainda está no sanatório. Seu tratamento foi interrompido por um ano. Se você concordar, amanhã lhe enviarei algumas flores em seu nome.

Cordiais saudações e escreverei de novo antes do Congresso.

Muito sinceramente, seu
Freud

(Göttingen, 6 de maio de 1922)

Caro Professor**

Esta carta é apenas uma saudação por seu aniversário, e a sua melhor parte, evidentemente, está em lhe ser levada por

* Em inglês no original.

** Escrita durante a visita de Anna Freud a Göttingen, à casa 'Lou-fried', de 25 de abril a 5 de maio de 1922.

sua Anna, que agora o senhor tem de volta e que eu, infelizmente, e de má vontade, perco. Ela lhe dirá de toda a gratidão e dos sinceros votos ao senhor com que meu coração transborda e que não consigo transmitir por escrito. Como eu ficaria contente se Anna voltasse aqui em julho mais uma vez, apesar do triste fato de que eu, a quem vocês receberam de modo tão real em sua casa, possa fazer tão pouco em troca. Até mesmo a primavera mesquinha deste ano nada pôde oferecer, embora nesta época o jardim devesse estar branco, coberto de botões. Na verdade, o único broto foi fornecido por um solitário pé de damasco.

Espero que Anna encontre tudo bem em casa, inclusive sua mãe¹⁴⁷ — sem dúvida, a pessoa mais importante de todas para o seu aniversário. Como sua esposa não se referiu na carta, que chegou ontem, à recente indisposição de sua mãe, ela talvez já se tenha restabelecido, apesar de sua idade avançada.

Depois que a tempestade de cartas de cumprimentos tiver esmaecido, escreverei sobre um ou outro assunto. No momento, o senhor terá mais do que o suficiente para ler. Com Frau M. as coisas caminham devagar, mas visivelmente avançam. Além da melhora atual no andar, seu estado de conflito interior também melhorou um pouco. Mas ainda precisa da companhia de alguém. No momento, esta pessoa é sua filha, de quem estava completamente alheada, mas a quem reconquistou agora, gradualmente. Esta filha é devotada a Anna, com quem se encontrou várias vezes ao vir buscar sua mãe. Ao mesmo tempo, Anna provocou uma verdadeira tempestade de paixões aqui, como ela lhe dirá, mas ainda assim volta para casa sem ter sido atingida por essas chamas. Não ficaria surpresa se esta sequência de acontecimentos se repetisse constantemente, visto o quanto ela gosta de cada volta ao lar.

Em lugar de um presente de aniversário, estendo hoje diante do senhor, mais uma vez, gratidão e apenas gratidão. O mais agradável nisso é que não me sinto oprimida por minha dívida grata, mas me sinto verdadeiramente feliz com ela.

Com calorosas saudações à sua família,

Sua,
Lou

(Göttingen) 26.VI.1922

Caro Professor,

A carta noturna de Anna acaba de chegar com a notícia de que me tornei realmente e verdadeiramente membro da Sociedade Psicanalítica de Viena: como num sonho, por assim dizer, e como só acontece na infância, quando de repente encontramos sobre a cama o presente que desejamos em nosso sonho. Pois o que Anna conseguiu realmente fazer, ou seja, realizar a conferência exigida para a filiação, eu nunca poderia ter feito com êxito. E assim me sinto, grata e sem pudores, ter sido transportada por ela para o lugar onde desde o começo me senti mais em casa do que em qualquer outra parte. Sei que seria preciso não se dar importância às considerações geográficas para isso e agradeço-lhe de coração por essa violação das regras!

Enquanto escrevia, chegou a confirmação oficial do Dr. Rank. Pouco antes ele me havia escrito sobre o material para o 'Conhecimento Primitivo nas Crianças',¹⁴⁸ que agora já examinei inteiramente. Aqui também, Anna marcou novamente um ponto, pois foi responsável pela cópia das citações relevantes de seus trabalhos para os casos individuais. Desse modo, o material foi arrumado e disposto da melhor maneira possível.

Espero com enorme ansiedade tê-la aqui logo e poder conversar sobre todas as coisas. Agora falta pouco mais de uma semana. Naturalmente, o senhor também está contando os dias e as horas. Só espero que o calor das últimas semanas não tenha provocado efeitos negativos no senhor. Aqui, no momento, desapareceu quase completamente em consequência dos temporais — que eu costumava amar, pois gostava de pensar que Alguém nas Nuvens estava rugindo e enfurecendo-se, mas que agora me causam uma certa apreensão, pois na guerra arrancavam o cobre de nosso fio de luz, apesar do fato de nossa casinha encontrar-se numa posição muito exposta.

Estou fazendo algum progresso com Frau M., por lento que seja. É de se notar que toda a sua atitude psíquica está mudando, embora hesitantemente e não sem algumas recaídas. Precisamos de algum tempo para transformar a relação negativa com a mãe numa transferência positiva. Agora tenho sua confiança, e ela, por sua vez, demonstra o desejo de cooperar. Seu

entrincheiramento atrás do confortável ganho de prazer de sua doença, no qual estava tão agradavelmente aninhada, foi rompido até certo ponto. Um aspecto da questão que parece particularmente importante é que o marido (inteiramente estimável) e mártir nesse casamento realmente merece ter um pouco de paz e felicidade, assim como a encantadora e brilhante filha crescida tem o direito a uma juventude melhor. Atendendo-os em horas diferentes, estabeleci um contacto bastante íntimo com ambos, em contraste com minha tentativa usual de manter os parentes distantes no que concerne à análise. Neste caso, eles provaram sua assistência positiva, em consequência de uma certa instrução psicanalítica em determinados pontos.

Sem dúvida, o senhor deve ter sabido por Anna que o Platão-Nachmansohn¹⁴⁹ esteve comigo e que após seu período de verão muito ocupado voltará de novo em agosto. Iniciou a análise sob instigação do Dr. Eitingon mais do que por sua própria iniciativa, pois na maior parte do tempo se sente quase exageradamente bem e, por esta razão, precipita-se de uma a outra crise histérica.

Dentro de três meses estarei vendo-o e falando-lhe novamente — e em consequência da infinita bondade do Dr. Eitingon, estarei de fato compartilhando das mesmas acomodações. Não posso dizer quão feliz me deixa essa perspectiva outonal. Por hoje, apenas envio minhas cordiais saudações ao senhor e sua esposa, e também à minha colega Anna, que sem dúvida se sentirá tão autoconfiante quanto o membro recém-alistado.

Lou

Badgastein, 3.7.22
Villa Wassing

Caríssima Lou

Você sabe que apenas o excesso de trabalho das últimas semanas poderia ter feito com que eu deixasse sua penúltima carta sem resposta. Respondo agora à sua última, da minha fonte de rejuvenescimento, da qual espero extrair forças para um período de trabalho novo e igualmente extenuante.

A Sociedade de Viena foi suficientemente sensível para congratular-se com a sua admissão. Pouco antes, sua sombra podia ser vista passando rapidamente pelo estrado na forma da conferência realmente excelente de Anna. Não tenho palavras para expressar quão feliz fico por você ter um interesse tão afetuoso por ela. Durante anos ela quis conhecê-la, desejo esse cuja satisfação foi frustrada pela guerra.

Max Eitingon, que se inclui como membro regular de minha família, certamente sabia o que estava fazendo quando a incluiu nesse círculo familiar. Será muito agradável em setembro.

Sem dúvida, você já deve ter recebido o dinheiro destinado à permanência em Göttingen.

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

*Göttingen, 5 de agosto de 1922**

Caro Professor,

Enquanto Anna esteve aqui, pensei: ela agora escreverá para o senhor sobre tudo e mais tarde farei o mesmo — mas em vez disso, fico sentada por aqui e só consigo lamentar a partida dela. Em abril, sua visita parecia apenas um prelúdio a julho, e em julho, foi definitivamente apenas um prelúdio a uma visita num período mais calmo do ano. Não chegamos a nada além de algumas discussões entre os pés de framboesa, embora estivéssemos realmente com uma disposição imensamente diligente. Mas de encontro em encontro as coisas ficarão cada vez melhores e quanto mais implacavelmente o mundo ameaça mergulhar em seu fim, mais contentes ficaremos!

Espero que o sol esteja brilhando sobre vocês em Berchtesgaden. Aqui, está ausente como de costume. Sua esposa, especialmente, tem o direito inalienável a algumas semanas secas e quentes depois do tempo úmido e frio que tivemos. Fiquei encantada em revê-la, mesmo que por pouco tempo, sobretudo porque ela não irá com o senhor a Berlim, como supus. Por fa-

* Depois da visita de Anna Freud a Göttingen a 6 de julho e de Anna Freud e sua mãe nos dias 3/4 de agosto de 1922.

vor, diga-lhe que as gloriosas flores amarelas estão agora brotando em seu esplendor numa grande bacia de bronze *cinza*-persa e fazem a mesa da sala de estar parecer um canteiro de girassóis. Achei que ela parecia extremamente bem, muito mais do que em Viena, embora não saiba se isso se deve ao Harz ou à primavera. Agora fico imaginando que cada verão me trará uma visita mais longa de Anna e, em sua esteira, de algum membro de sua família — e isso me enche de alegria e gratidão!

Não começarei a falar sobre assuntos profissionais até nos encontrarmos na Rauchstrasse. Estou preocupada com outra coisa, ou seja, com o 'Conhecimento Primitivo nas Crianças'. Parece difícil saber o que fazer com relação a isso. Talvez fosse culpa minha não poder pensar em nenhuma solução para o problema. Dr. Rank deverá ter-lhe escrito sobre o assunto.

Cordiais saudações a todos vocês! Grata e sinceramente,
Sua Lou

Minha letra, espero, não revela que caneta usei nesta carta.

Salzburg, 8.9.22

Caríssima Lou

Soube com grande pesar por Anna que você não está bem e precisa de repouso. Naturalmente, espero que se tenha recuperado antes de ir para Berlim. Mas há outra coisa que gostaria de escrever-lhe.

Pois soube pela mesma fonte límpida que privações você costuma impor-se. Isso não deveria acontecer. Logo, decidi levar comigo para Berlim uma pequena quantia em moeda sólida a fim de facilitar as coisas para você até encontrarmos um ou mais pacientes que lhe sejam adequados. Meus pacientes estrangeiros obrigaram-me a ganhar dinheiro até mesmo nestas férias e eu gostaria que você tivesse participado dessa prática de verão. Anna, é verdade, foi de opinião que você não a aceitaria, mas ela não se dá conta de quão sensível você é, acreditando-a capaz de tudo o que for possível e impossível, como, por exemplo, de viver de ar e de chocolate. De qualquer maneira, seria inútil qualquer resistência.

Mas agora que você está realmente doente, é minha opinião que precisa de um estímulo aqui e agora para cuidar-se, e portanto, estou transferindo 20 000 marcos para a sua conta, que espero cheguem logo até você. Por favor, dê-nos a satisfação de saber que se recuperou e traga a indômita e serenamente animadora Lou para o Hotel Eitingon.

Au revoir até lá!

Cordialmente, seu
Freud

(Göttingen, logo depois de 8 de setembro de 1922)

Caro Professor,

Estou escrevendo ao mesmo tempo ao senhor e a Anna em resposta às suas duas cartas que acabaram de chegar porque você, Anna, você, minha querida e boa menina, é a principal responsável pelo fato de eu estar positivamente desfeita em lágrimas. E lhes direi a razão disso: de acordo com todas as minhas informações, parecia que nem dinheiro nem os chamados Pacotes Especiais (sobre os quais uma alta taxa tem de ser paga na Rússia no recebimento) poderiam ser enviados a meu último irmão sobrevivente¹⁵⁰ e sua família. Mas isso não se aplica aos pacotes 'Ara' americanos, que devem ser pagos (nunca menos de cinco dólares) aqui — e esses cinco dólares eu não possuía. O que significa para mim tê-los, e devê-los à sua bondade, não posso dizer-lhes — e de qualquer maneira não é necessário, pois vocês bem sabem quanto amor tenho por meus 'irmãos'.

Certamente, chegarei a Berlim em plena forma e forte como um leão. Pessoalmente, não estou passando privações. Anna fez um relato demasiado comovente de minha existência eremita, sem lagostas ou mel. Portanto, fico envergonhada em gastar tanto dinheiro comigo mesma, dinheiro este que é o produto duramente ganho de seu trabalho de férias. Esta é minha única objeção. Afora isso, jamais ficaria envergonhada em aceitar alguma coisa do senhor. Sinto apenas o prazer da gratidão. Por hoje, apenas este breve bilhete. Apenas poderá alcançá-los a tempo e então poderei falar com vocês em pessoa. Estou parti-

cularmente ansiosa por ver o que o Dr. Eitingon acabou de levar com ele e que nós, como diz Anna, poderemos ler imediatamente, até mesmo antes da abertura do Congresso (estive pensando muito sobre o tema em questão, até quanto ele fora desenvolvido naquela época).

Sua,
Lou

A foto de Anna anexada à sua carta deixa-me encantada a pensar que com seus próximos sessenta anos¹⁵¹ ela é minha contemporânea e, ainda assim, lembra-me de algum modo de sua antiga juventude.

*Göttingen, 15.3.1923**

Caro Professor,

Estou anexando à minha carta para Anna um pedido de conselho seu sobre um paciente meu que acaba de deixar-me. Sua análise durou uns bons três meses. Por questões de negócios ficou claro desde o início que um período mais longo não seria possível, pelo menos no momento. Agora a análise *como tal* está realmente terminada, graças ao trabalho muito concentrado com este paciente extremamente inteligente, que demonstrou uma notável honestidade, determinação e cooperatividade.

Mas um de seus sintomas (histeria de conversão: perturbações abdominais que haviam antes culminado em dor e vômitos) foi sucedido por 'sensações' de um tipo vago, ainda que seu estado psíquico seja agora de completa liberdade interior. O próprio sintoma não era dos mais antigos ou mais profundamente enraizados, como eram, por exemplo, alguns sintomas agudos de ansiedade histérica: datava apenas de cerca de dois anos. Surgiu durante a análise exatamente naquele ponto nodal em que cessou a descoberta das lembranças e não desapareceu, como era habitual no seu caso, para voltar depois de alguns dias; daí por diante, submeteu-se ininterruptamente ao tratamento,

* Nesse ínterim o Congresso Psicanalítico Internacional de Berlim, assistido *inter alia* por Sigmund Freud, Anna Freud e Lou Andreas-Salomé, havia sido realizado no final de setembro.

permitindo-nos desembaraçar um nó após outro. Minha preocupação agora é se essas vagas sensações residuais não podem dar origem a complicações renovadas, se o órgão não deveria primeiro ter ficado inteiramente livre de todos os sintomas. Meu paciente mora em Königsberg e como eu provavelmente estarei lá no outono (Anna deve ter-lhe falado sobre isso), talvez seja possível continuar sua análise.

Não posso impedir-me de contar-lhe algo sobre os sintomas acima que me pareceu interessante. Sob outros aspectos este paciente não é histérico e vários de seus traços de caráter, assim como suas anormalidades, indicam que ele teria gradualmente avançado (ou ter-se-ia desviado) numa direção obsessiva. Outros sinais disso são sua identificação patológica com o pai e sua inclinação homossexual (ao lado da ansiedade de castração que remonta a um ferimento na perna de seu pai; ele próprio é inteiramente potente, mas não sente prazer real com mulheres). Sua inclinação homossexual — suprimida e renegada — foi dirigida para um homem cuja psique efeminada e mais ampla não apresentava qualquer semelhança com o tipo infantil que normalmente o atraía. Sentindo-se completamente apavorado com o seu homossexualismo (sobre o qual nutria as idéias mais ingênuas e horripilantes), reagia com um supremo nojo diante dessa atração e exprimia isso em seu sintoma de conversão histérica.

Embora tenhamos examinado inteiramente toda a história da inversão desde as épocas mais remotas, e embora ele tenha há muito alcançado a paz de espírito e chegado à compreensão com relação a isso, este sintoma ainda assim resistiu a todos os nossos esforços, até revelar-se, em parte através de sonhos, como uma forma disfarçada de heterossexualismo. Pois o homem efeminado e liberal recordava-lhe imagens maternas reprimidas. Sua mãe havia sido empurrada para o plano de fundo por seu pai, e fora também muito reduzida em seu status pela maneira brusca com que seu pai a tratava. E na mesma medida em que ela agora emergia cada vez mais jovem (ela foi uma mãe *muito* jovem), mais bonita e alegre, o sintoma abdominal desapareceu diante de nossos olhos. Ao mesmo tempo, intensificou-se nele o sentimento de que sua aproximação das mulheres fora agora subitamente aberta — não apenas como uma fonte de satisfação sexual, mas também em relação à mulher como companheira e

objeto de amor. Aqui também, como sempre, fomos auxiliados pelo fluxo de lembranças e sonhos muito vívidos. Embora ele tivesse originalmente declarado que não sonhava nunca e que virtualmente não guardava qualquer lembrança da primeira infância, conseguimos obter um grande número destas últimas *datando de antes dos três anos*, lembranças que tinham permanecido ocultas desde então e que eram insuspeitadas por ele.

Quantas vezes, enquanto estou trabalhando, gostaria de discutir com o senhor, mesmo que por apenas um quarto de hora. Mas consolo-me com a idéia de que mal ousaria fazê-lo, se fosse realmente considerar o quão sobrecarregado de trabalho o senhor está. É mais fácil ser presunçosa numa carta!

De qualquer maneira, Anna logo poderá fazer-me um relatório completo sobre o senhor.

Com cordiais saudações a vocês todos,

Sua,
Lou

23.3.23

Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Com o nosso correio entregue a uma greve amena, é divertido poder utilizar um estafeta. Uma das vantagens especiais da análise é quase não admitir o apelo a uma segunda opinião. O convidado temporário não vê além do que é mostrado pelo seu anfitrião, e, de modo geral, não pode formar qualquer julgamento comparável ao que este último foi capaz de reunir baseado em incontáveis *impoderabilia*. Portanto, não me considero capaz de dizer-lhe nada de útil sobre o caso que você descreveu. Apenas dois comentários, cada um mais banal que o outro:

Primeiro, um tal sintoma residual é freqüentemente mantido quando organicamente justificado, ou seja, quando representa o grão de areia em torno do qual as camadas da mãe da pérola foram depositadas. Um mesmo sintoma residual, também consistindo em sensações abdominais, suscitou, por exemplo, meu primeiro sonho,¹⁵² o da Injeção de Irma e, pouco depois, Irma

teve de sofrer uma operação devido a cálculos biliares. É verdade que a descrição que você faz em sua carta não torna esta solução muito provável.

Uma outra possibilidade é mais provável, qual seja, a de que este sintoma residual se refira a você, a mãe por transferência, e que ele esteja esperando por você em Königsberg. Uma velha regra de gramática: aquilo que não se presta à declinação,* atribua-o à — transferência.

Anna agora juntou-se aos analistas praticantes, mas, pelo menos, começou cautelosamente e ainda gosta de seu trabalho. De fato, mais do que gosta seu pai, com sua experiência um tanto mais longa. Devido à sua prática é impossível que ela lhe faça uma visita longa. É assim que aprende a fazer sacrifícios pela análise.

Ela vai levando consigo minhas cordiais saudações e meus melhores votos nestes dias funestos.

Seu,
Freud

P. S. Um anexo a seu humilde serviço.

*Göttingen, último dia de março de 23***

Caro Professor,

Deixe-me ao menos enviar-lhe uma saudação por intermédio de seu gentil estafeta! Muitíssimo obrigada por sua carta. Quando descobri o anexo, fiquei tomada de espanto e me perguntei se este dourado ovo de Páscoa podia ser realmente destinado a *mim*. Aceitei-o, junto com Anna, como vindo do senhor e só posso oferecer-lhe meus agradecimentos repetidamente, assim como não posso esperar oferecer nada a Anna, em troca. Talvez o senhor veja isso de um ângulo diferente, mas ela é realmente um presente perpétuo para mim. Quando, como nesta semana, nos tornamos 'meninas juntas' de novo, senti plenamente que tesouro a vida me ofereceu através dela.

* Expressão idiomática alemã: 'Was man nicht deklinieren kann...'

** Escrita durante a visita de Anna Freud a Göttingen, possivelmente de 24 de março até o fim do mês.

Espero que Anna encontre Heinerle¹⁵³ em boa saúde. Ainda nos sentimos ansiosas por ele a despeito do cartão de sua esposa. Amanhã, Anna volta para casa via noiva de Oliver (em Berlim). De qualquer maneira, um terrível vai e vem, qualquer que seja o caminho que escolha. Em todo caso, ela chegou aqui depois daquelas noites horríveis como se tivesse tido um sono longo e ininterrupto.

Precisamos compensar o breve período em que estivemos juntas com uma visita mais longa, noutra ocasião. Enquanto isso, temos ambas prazer em fazer qualquer sacrifício necessário para os nossos pacientes. E devo dizer que eles o merecem. Do fundo do coração, não poderia passar sem eles.

Caro Professor, desejo-lhe uma boa e ensolarada primavera, para que possa gozar a melhor das saúdes. Aqui tivemos muito sol e luar, mas hoje está chovendo de novo.

Sua grata
Lou

Göttingen, 2.V.23

Caro Professor,

Não sei se esta carta chegará ao senhor exatamente no dia 6 de maio, pois as cartas de Anna anunciavam várias datas para a sua viagem. Mas prefiro ser um pouco prematura, pois bem pode imaginar quão intensamente e de todo o coração meus pensamentos estão ligados no senhor. Maio certamente lhe trará algo mais agradável do que este horrível mês de abril. Seus efeitos secundários terão cessado, até certo ponto, quando não completamente, embora eu mal possa acreditar que lhe será concedido o prazer de um bom charuto, realmente. Seria o momento a partir do qual o senhor poderia datar sua completa recuperação.¹⁵⁴ Era precisamente enquanto duravam a dor e o desconforto que o senhor mais precisava do estímulo do fumo — foi um logro mesquinho do destino que as duas coisas coincidiram no mesmo ponto. Já se trata de algo suficientemente ruim em si quando a boca é afetada, sendo afinal a parte do corpo humano que menos pode receber curativos e a parte que

nos lembra o local dolorido a quase todos os movimentos inspiratórios. Quão esplendidamente, por exemplo, o dedão do pé teria servido de campo de batalha, pois mal faz parte de nós, tão longe se encontra, por mais desagradável que possa ser um 'território ocupado'.

Adoto o ponto de vista básico de que o sofrimento físico é o pior de todos. Só então ficamos completamente desprotegidos e sem defesa. Com o sofrimento psicológico, afinal de contas, ainda possuímos nossas próprias defesas, maiores ou menores. Parece-me, além disso, que a existência humana bem poderia passar sem os primeiros, mesmo que outros males permanecessem. Mas, neste ponto, sucumbe o meu otimismo, resistente e flexível, em outras circunstâncias.

Como eu gostaria, apenas por um instante, de estar em sua companhia no dia 6. O senhor escolheu tão bem seu aniversário que a própria estação se une às comemorações, mas desta vez será um mês de maio particular para todos em seu redor, mesmo que o tempo esqueça de desempenhar seu papel. Esta manhã recebi um presente seu com o qual me banquetearéi nos próximos dias: *O Ego e o Id*. Não garanto que consiga impedir-me mais tarde de fazer-lhe um relatório detalhado de minha reação a este livro. Estranhamente, minha lembrança retrospectiva de Groddeck¹⁵⁵ não é totalmente agradável, embora a única coisa que eu tivesse contra ele antes do Congresso fosse *Der Wanzenmann* (*O Homem do Percevejo*). Não conheço seu último livro.

Caro Professor, por favor transmita à sua esposa todos os meus melhores votos. Pensei muito nela. Quão feliz e aliviada deve estar agora.

Com profunda gratidão,

Sua,

Lou

Como pós-escrito à carta de minha mulher, gostaria de enviar-lhe meus mais cordiais cumprimentos por seu aniversário. Que este novo ano lhe reserve tudo de bom!

Com meus melhores votos ao senhor e sua família,

Sinceramente,

F. C. Andreas

10.5.23

Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Apenas os visitantes e as comemorações — Ernst e Eitingon estiveram aqui — foram responsáveis pelo adiamento de minha resposta à sua bondosa e compreensiva carta. Entretanto, agora posso informá-la de que já posso falar, mastigar e trabalhar novamente, e que até mesmo fumar me é permitido — até um certo grau moderado, cauteloso, e, por assim dizer, *petit bourgeois*. O próprio médico da família abasteceu o porta-charutos para o meu aniversário, o qual, por falar nisso, foi celebrado como se eu fosse uma estrela de *music hall*, ou como se devesse ser o último deles.

Mesmo depois da operação, o prognóstico é bom. Você pode perceber que isso significa apenas uma ligeira redução da incerteza que irá pairar sobre os próximos anos. Minha mulher e filha trataram de mim ternamente.

Concordo inteiramente com sua opinião sobre nosso desamparo diante do sofrimento físico, especialmente o doloroso. Como você, também o considero deplorável, e, se pudéssemos recriminar alguém pessoalmente, uma trapaça.

Nada fiz para merecer o gentil pós-escrito de seu marido e gostaria que você lhe transmitisse meus calorosos e sinceros agradecimentos.

Com minhas estimas e melhores votos,

Seu,

Freud

Lavarone

Hotel du Lac, 5.8.23

Caríssima Lou

Fiquei horrorizado ao saber por uma fonte de confiança¹⁵⁶ que você está analisando dez horas por dia. Naturalmente, considero isto uma tentativa mal encoberta de suicídio, o que muito me surpreende, pois, que eu saiba, você tem muito pouco sentimento neurótico de culpa. Conjuro-a a pôr um fim nisso aumentando o pagamento de seus pacientes da metade ou de um

quarto, a fim de corresponder ao colapso cascata do marco. A fada madrinha que esteve junto ao seu berço aparentemente esqueceu de conceder-lhe o dom do cálculo. Por favor, não ponha de lado o meu conselho.

Estou imaginando como poderei enviar-lhe a próxima pequena quantia sem que se torne exposta à desvalorização do marco e nem corra o risco de ser roubada. Ao mesmo tempo, ficaria muito grato se você me desse alguma indicação da sua atual situação.

Sinto ainda dores consideráveis e estou incerto quanto ao futuro. O pequeno Ernst¹⁵⁷ não é, infelizmente, para nenhum de nós, um pleno substituto para Heinerle. Anna está esplêndida e autoconfiante, e penso com frequência o quanto ela provavelmente deve a você.

Com cordiais saudações a você e minhas estimas a seu marido,

Seu,
Freud

Göttingen, 10.VIII.23

Caro Professor,

Sempre ao pensar no senhor, lembrava-me de Heinerle, e de que todo o sol de verão destas férias não será capaz de restaurar completamente sua felicidade. E não é apenas a perda, mas, ao mesmo tempo, o ferimento amargo contido no fato de que a vida pudesse ferir a *ele* desta maneira e *lhe* demonstrasse tão pouca bondade — especialmente neste caso, quando depois de sua recuperação em Viena um tal golpe do destino se seguiu tão inesperadamente. Isso nos torna desconfiados e suspeitosos da própria vida, pois a despeito de todo o nosso conhecimento de seus ardis sempre formamos nossos julgamentos com base em nossas poucas experiências mais pessoais.*

E agora só posso esperar que esta maldita vida finalmente permita que setembro possa ser o mais abençoado dos meses para o senhor — para o senhor e para Anna. Pois se eu não

* (NA MARGEM) Anna escreveu-me sobre seu sobrinho Theo.¹⁵⁸

puder tê-la aqui, como meu egoísmo deseja, então que ela vá para Roma!

Como é gentil de sua parte, caro Professor, preocupar-se comigo. As coisas estão realmente indo bem, em grande parte graças ao senhor. Poderia arranjar-me com algumas horas a menos, certamente, mas como dispus de bastante pouco tempo livre na primavera, assumi algumas análises gratuitas, que não posso abandonar. Afinal, sou uma dessas pessoas raramente afortunadas que podem regozijar-se todos os dias por trabalhar exatamente naquilo que querem — e que mais se pode desejar? Com as condições tão horríveis como estão e com o colapso da moeda, as coisas caminham de tal maneira que eu não teria escrúpulos em pedir dinheiro se ao menos os pacientes alemães tivessem algum — mas quem *pode* acompanhar o ritmo desta inflação?

Meu paciente de Königsberg, sobre quem lhe escrevi na primavera e que circula como uma propaganda viva da causa freudiana, enviou-me uma paciente com uma neurose obsessiva aguda, de quem estou tratando aqui até o outono e, daí em diante, em Königsberg. Minhas outras perspectivas em Königsberg revelaram-se ilusórias devido à desvalorização dos capitais clínicos. E agora, acabo de receber uma pequena fortuna através do senhor. Tudo acima do que mereço, e, para mim, um presente puro e simples. Estou tão encantada com ele como costumava ficar no Natal quando criança.

Meu marido, em consequência de um ataque brando de herpes-zoster, tem passado mal e espero que o tempo de verão, que afinal chegou até nós, o ajude. De qualquer modo, ele terá paz e silêncio. Estou perfeitamente móvel, durmo como uma pedra e tenho tanto apetite como um caçador. Nesses dias não se pode ter certeza se o homem comum alemão não ficará louco de raiva. Meus pacientes já estavam pensando que teriam de deixar o país. Essa atmosfera de incerteza ameaçadora¹⁵⁹ deprime meu marido. Quando esta carta chegar ao senhor, saberá se algo aconteceu aqui.

Grande parte do que li nos *Jornais* dos últimos meses interessou-me profundamente. Gostaria de contar-lhe um dia minhas reações a tudo isso, em vez de manter uma conversa silenciosa com o senhor, como faço no momento, sobre aquilo que a cada dia e hora me torna plena de um respeito sempre novo,

como se o senhor tivesse acabado de descobri-lo para nós. As velhas verdades básicas nunca deixam de surpreender, cada vez mais profundamente de um a outro caso.

Anexo uma carta para Anna.

Com minha gratidão cordial,

Sua
Lou

(CARTÃO POSTAL)

(Göttingen) 15.VIII.23

Acabo de receber! Mil vezes obrigada! Caro Professor, estou ainda bastante assoberbada. Mas feliz, também. Por hoje, envio apenas estas poucas palavras (acabo de recebê-lo na agência do correio).

Minhas efusivas saudações a todos vocês

de sua
Lou

Recentemente remeti cartas para o senhor e para Anna.

(CARTÃO POSTAL)

Roma, Eden Hotel
4.9.23

Caríssima Senhora

Aqui estou em Roma¹⁶⁰ novamente e percebo que isso me fará bem. Percebo aqui pela primeira vez que boa companhia é minha filhinha.

Quando estive em Lavarone, pude fazer por acaso uma combinação com Eitingon, segundo a qual pago-lhe uma certa quantia em Viena no início de cada um dos próximos seis meses e, em troca, ele lhe remeterá um pequeno cheque para Göttingen. Espero que seu velho companheiro esteja melhorando.

Cordialmente seu,
Freud

(Göttingen, começo de setembro de 1923)

Caro Professor,

Exatamente quando estava para terminar minha carta para Anna, chegou uma do Dr. Eitingon com um anexo de quarenta dólares e um bilhete com a omissão 'inconsciente': 'Anexo recebido de acordo com as instruções de...' É claro que o nome não era necessário — mas, caro Professor, como o senhor me cumula! Seria preciso que esses dias, que certamente lhe trazem enormes exigências de todos os lados, me tornassem tão rica? Ao agradecer-lhe, refiro-me a algo bastante diferente da mera gratidão. Refiro-me a tudo que jorra de dentro de mim e faz-me sentir muito próxima do senhor e de Anna, em Roma. Meu coração, de fato, está tão pleno, que quase acredito pudesse despejar todos os sentimentos apenas indicados quando estamos juntos. Se o senhor recebesse apenas uma fração de seus méritos humanos, cada hora de sua estada em Roma transbordaria de experiências gloriosas. Minha querida Anna está agora satisfazendo o desejo de seu coração e vejo-a em minha imaginação caminhando com o senhor através das ruas de Roma.

Saúdo vocês dois do fundo do coração — o companheiro invisível, que sempre deseja estar perto. Recentemente, tentei pensar como teriam sido as coisas se eu tivesse envelhecido sem nunca encontrá-los: eu estaria completamente enfastiada com esta velha senhora, enquanto que, como estão as coisas, estou muito contente com a vida que tenho, até quanto possa durar.

Sua grata
Lou

Meu marido acaba de trazer para casa alguns jornais com as notícias aterradoras do Japão.¹⁶¹ Ao lado de nosso horror, não podemos deixar de pensar quão fútil se torna toda a história de política e prestígio: um sacudir de ombros da Grande Mãe Natureza — e tudo está acabado.

(Göttingen, set. 1923)

Caro Professor,

Não posso escrever para Anna sem enviar-lhe lembranças por sua volta ao lar, a seus velhos cômodos, novamente. Logo

o senhor se deparará com muito trabalho e preocupação, para não falar deste outono extremamente hibernal (se estiver gozando do mesmo tempo que nós), mas o senhor e sua companhia romana ainda estarão 'cheios de sol', mesmo que a lua de Roma¹⁶² pareça ter entrado em greve (lembro-me particularmente de 1882, em meus primeiros passeios com Nietzsche, cuja presença interferia consideravelmente em minha exploração das antigüidades).

Achei melhor não responder imediatamente a seu cartão de Roma, mas se os cavalheiros ocultos estão certos, o senhor ter-se-ia sentido em contacto comigo todos os dias. Só posso dizer que recebo quase que demais de suas mãos. (Talvez eu tenha recebido mais da vida do que deveria ser o quinhão de cada indivíduo — se ao menos não me tornar totalmente arrogante em minha velhice!)

Meu marido, que lhe envia efusivas lembranças, está bem de novo. Fico a olhar para ele, pois não deverei vê-lo novamente durante algum tempo. Mas também ele se afastará de casa de tempos em tempos e talvez vá a Berlim. Faz apenas um ano que encontrei o senhor em Berlim — só podemos continuar a esperar de um a outro Congresso, como uma próxima possibilidade de nos encontrarmos. Fico feliz porque minha ocupação diária até então continuará a serviço da psicanálise. E se as próximas férias estiverem destinadas a conter nosso encontro, que férias serão elas!

Talvez seja noite quando esta carta chegar, encontrando-o sentado à sua mesa de trabalho, com Anna empoleirada nos degraus da biblioteca. Que todos os bons espíritos o assistam, caro Professor!

Lembranças calorosas à sua senhora.

Com gratidão, sua

Lou

4 de novembro de 23
Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou,*

Com grande pesar sou informado por Anna de que você não pode mais ocultar a grande decepção que Königsberg¹⁶³ re-

* Datilografada.

presentou para você. Agora sei como é difícil dar conselhos e como é errado dar conselhos não solicitados. Mas fico tão aborrecido por você se permitir ser tão rudemente maltratada, que sinto necessidade de escrever-lhe. Naturalmente, a única coisa que tenho a dizer é adverti-la novamente de que seu atual modo de vida e de trabalho conduzirão inevitavelmente à sua destruição, uma seqüência particularmente indesejável no seu caso. Talvez valha a pena preservar-se para melhores tempos. Eu próprio tenho um projeto em mente que poderia ser realizado dentro de seis meses e que inclui trabalho e segurança para você.

Mais uma coisa. Já estamos em novembro. Você tem pela frente o terrível inverno prussiano do leste. Suplico-lhe que interrompa seu trabalho enquanto ainda está bem e que nos escreva e nos diga que possibilidades estariam abertas para você. Espero que tenha recebido regularmente a pequena pensão mensal que consegui para você através de Eitingon.

Com cordiais saudações, e esperando sua resposta,

Seu,
Freud

(Königsberg) 11.XI.23

Caro Professor,

Receber uma carta do senhor mesmo deixou-me muito feliz — ainda que me repreendesse. Não que eu me importe, apenas gostaria de estar aí em pessoa para ouvi-lo fazer isso! É extraordinariamente gentil e bondoso de sua parte pensar em mim dessa maneira. Eu deveria ter respondido imediatamente, mas antes, quis considerar a situação aqui um pouco mais.

Já havia escrito ao Dr. Eitingon dizendo que deveria passar por Berlim, em alguma época depois do Natal. Ainda não acredito que pudesse partir antes disso, pois a paciente obsessiva que veio procurar-me em Göttingen, no verão, e que não posso de maneira alguma abandonar, não poderia acompanhar-me antes disso. Tem parentes em Berlim com quem poderia ficar a partir do Natal. Não me importaria muito em deixar os três médicos que estão submetendo-se à análise de treinamento, sobretudo porque apenas um deles me parece em condições, sem que

possa, entretanto, continuar a análise por tempo suficiente. As catástrofes econômicas são esmagadoras, mesmo para aqueles que se julgavam em condições de fazer planos definidos. Nenhum deles pode fazer nada, embora isso tenha certamente desapontado minhas esperanças. Mas talvez minha recente carta para Anna tenha sido escrita um tanto exageradamente sob a impressão de um descontentamento momentâneo.

Devo dizer que tudo isso tem pouca importância em comparação com a alegria quase contínua que sinto ao saber que o senhor está fora do alcance do tormento e do perigo — a despeito do fato de que, sem dúvida, ainda tenha de suportar muita dor e desconforto todos os dias. Isso já é bastante ruim, mas ainda assim a alegria predomina. E é realmente a coisa mais importante para todos nós, que a temos sempre em mente. Portanto, não fique aborrecido comigo. Tenho certeza de que se estivesse aborrecido, eu o sentiria aqui e começaria a tremer, e não seria devido ao inverno prussiano do leste! Estou curiosa quanto ao projeto que o senhor menciona como sendo realizável dentro de seis meses. Se puder ter algum papel nele, ficaria extremamente satisfeita.

Através de Eitingon, recebi outra carta pesada contendo vinte dólares em complementação à primeira. Era apenas uma carta comum registrada. Caro Professor, obrigada.

Minhas efusivas lembranças ao senhor e à toda a família, especialmente a Anna — para quem não anexo uma epístola, de acordo com suas instruções para que espere sua carta (pela qual já estou na espreita), para que nossa correspondência não se cruze.

Sua,
Lou

(Königsberg, dez. ? 1923)

Caro Professor,

Exatamente quando estava acabando minha carta para Anna chegou de Viena o que o senhor havia anunciado em sua carta que seria enviado de Berlim, pelo que lhe agradeço calorosamente. E agora agradeço-lhe novamente por este novo e generoso presente. Mas o senhor não deve enviar-me mais nada,

pois com a nova moeda* (Deus a conserve!!!) estou realmente *ganhando*. Até aqui qualquer espécie de transação financeira foi horivelmente inútil, não importa o que se tentasse fazer. Eu havia dado a renda de dois anos de trabalho a um dos mais experientes homens de negócio que conheço para que a investisse nas mesmas ações em que ele próprio investia, e agora esta renda desapareceu tão completamente como minhas reservas russas — e tudo o mais. Agora, finalmente, é o que podemos esperar, pelo menos, será possível nos pormos em ordem novamente. Dentro em pouco poderei realmente conversar com o senhor sobre a ajuda que me ofereceu tantas vezes durante os tempos difíceis.

Uma vez o senhor mencionou — antes do Natal — uma espécie de projeto que tinha em mente. Tive a impressão de que se tratava de algum tipo de trabalho ligado aos seus psicanalistas. O senhor pensava que seu plano estaria amadurecido na época da primavera. Não consigo intuir o que possa ser. Estive procurando por analisandos para o verão, e afora E., que o senhor me envia, encontrei uma ou duas possibilidades um tanto duvidosas, e uma terceira também, talvez. Por falar nisso, ao mesmo tempo em que sua carta, recebi de E. as tristes notícias sobre a irmã de H. G. Espero que este evento não seja a última gota para o pobre H.

Caro Professor, por hoje envio apenas estas poucas palavras, e minhas sinceras lembranças ao senhor e sua família.

Sua,
Lou

(Königsberg) 25.11.24

Caro Professor,

E agora vou escrever-lhe mesmo mais uma vez, pretendendo dar notícia do que aconteceu em Königsberg. Várias vezes pretendi fazê-lo, porque me parecia que o senhor deveria saber o que estou realmente fazendo aqui. Após nossa recente troca de cartas, os meus poucos analisandos que estavam seriamente doentes detiveram-me aqui além do tempo planejado, e recebi

* Desde 15 de novembro de 1923.

de meu paciente marido a certeza de que poderia ficar até a primavera. Depois disso, consegui também encontrar casa e comida mais apropriadas para o frio. O lento e positivo progresso que fiz com meus pacientes tornou este inverno realmente compensador para mim. Não foi tanto a alegria natural com o próprio processo curativo, mas o efeito refrescante, gratificante e rejuvenescedor da preocupação profunda e contínua com este trabalho. Para mim, continua a aumentar em todos os casos, por assim dizer. Tenho sempre a impressão de que em nenhum outro lugar dar e receber são tão idênticos como na psicanálise. Portanto, quando estou me sentindo bem e em boa forma, até mesmo muitas horas de análise não me parecem uma tarefa demasiado exaustiva.

Quanto às análises de treinamento dos médicos, ainda estou procurando por um tema 'particularmente conveniente'. Havia pessoas talentosas entre eles, que, entretanto, sofriam de uma montanha de preconceitos, de modo que a metade do tempo era gasta na tentativa de remover estes últimos. Em outros casos, o Professor Bruns interferiu em meu trabalho tomando todos os períodos livres deles, mas poderei contar-lhe melhor sobre isso pessoalmente. Logo, quanto mais tempo fiquei, mais discussões tiveram lugar, as quais em princípio evitei, pois tomavam muito tempo, mas cuja utilidade então reconheci. Havia alguns médicos que tinham adquirido um certo 'interesse' pela psicanálise através da leitura, mas que alegremente se precipitavam sobre os pontos em que os anjos temem pisar. Para evitar isso, meu objetivo mais importante foi 'interessá-los' realmente e verdadeiramente pelo assunto, de modo que, no futuro, não se aproximassem desses pontos. Entre eles há alguns que conseguiram uma certa penetração na matéria e que podem dar a seus pacientes sugestões e conselhos corretos, mantendo ao mesmo tempo uma reserva respeitosa. A falta de respeito pela seriedade da causa e pelos homens que a criaram e a continuaram é em geral o erro básico que encontrei e que logo procurei todas as oportunidades de combater. E aqui devo também dizer-lhe quem parece ser o principal responsável por essa falta de respeito — como se o seu próprio desleixo e, por assim dizer, sua esperteza desonesta tivessem sido transmitidos a seus admiradores e leitores — ou seja, Stekel. É incrível *como* ele é geralmente conhecido e quanta confusão é criada em decorrência disso. Sua ca-

suística equívoca é considerada por essas pessoas como uma prova absoluta de todos os tipos de coisas que se apresentam a elas, como se estivessem infectadas por sua precipitada ingenuidade em extrair conclusões. Infelizmente, não posso permanecer tão objetiva em face de tudo isso como sem dúvida se deveria ficar, sabendo que até pouco tempo atrás lhe eram enviados pacientes continuamente e que até mesmo os pacientes vinham sendo maltratados de acordo com sua linha por pessoas que haviam simplesmente lido seus livros.

Com relação ao médico que eu queria apresentar no Congresso, esperava que dessa forma ele conhecesse algumas pessoas (incluindo o Dr. F. Deutsch¹⁶⁴) e fizesse alguns contactos em Berlim ou Viena, que então poderia utilizar em Breslau. Como ginecologista, trabalhando com Frankel, está em contacto com vários colegas seriamente interessados na psicanálise e que apenas aguardam sua volta a fim de continuar a trabalhar associados a ele. Têm como objetivo, é verdade, apenas poder dar conselhos responsáveis ao grande número de pacientes que recorrem a eles (mulheres histéricas etc.) e para melhor julgar seus casos, e não pretendem praticar a análise por conta própria. Seu nome é Dr. Rudolf L. Esteve aqui com sua mulher e filho durante seis meses, por causa do irmão, cuja longa análise aproxima-se de sua bem-sucedida conclusão.

Apenas uns poucos e breves meses, caro Professor, e eu realmente o verei de novo na bonita Salzburg. Que tudo corra bem com o senhor até lá, e que possa finalmente ficar 'livre do tratamento', pois só então será aliviado de sua carga.

Esperando com grande ansiedade por vê-lo e à sua querida Anna,

Sua,
Lou

14.III.24
Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou*

Agradeço-lhe muitíssimo por seu vivo relatório de suas atividades no mundo médico e das pessoas com quem entrou

* Datilografada.

em contacto. O que você escreve sobre o prejuízo causado por Stekel e a falta de seriedade e respeito é sem dúvida absolutamente correto. Mas quem pode seriamente esperar rivalizar com Stekel, já que ele é feito do mesmo material inferior que a massa de seus leitores? Enquanto não se adquire o direito de exterminar essas pessoas com aprovação oficial, tem-se de suportá-las.

É apenas uma questão de semanas nosso encontro em Salzburg, época em que espero estar realmente fora do alcance das mãos dos médicos, embora não mais exatamente como eu era. Desta vez estou determinado a não participar de tudo. Em vez disso, daremos um passeio no jardim Mirabell e deixaremos que os outros quebrem a cabeça. E Anna virá conosco.

Se não estou enganado, a combinação com o Dr. Eitingon, que (lacuna de meia linha) já expirou. Portanto, não fique muito surpresa se nos próximos dias você receber uma carta (lacuna).

Nos últimos meses perpetrei várias publicações avulsas que gradualmente chegarão a você. A primeira se chama: 'Neurose e Psicose' (Jornal I); a segunda 'O Problema Econômico do Masoquismo' (Jornal II); a terceira, estou escrevendo no momento. Chama-se 'A Dissolução do Complexo de Édipo'¹⁶⁵ que soa, espero, tão trágico quanto o título do livro de Spengler, mas não sei se será completada.

Quando escrever a seu marido transmita a ele as minhas cordiais saudações e lembranças.

Seu,
Freud

Göttingen, 3.V.24

Hoje, caro Professor, certamente não conseguirei encontrar as palavras certas para o que gostaria de escrever-lhe pelo 6 de maio — é bom que isso não tenha importância. Quase me sinto inclinada a recorrer ao expediente chistoso de enviar folhas de papel vazias, exatamente quando tenho a maior necessidade de comunicar-me, deixando que o destinatário leia nelas o que preferir. Mas, deixando de brincadeira, estou certa de que o senhor sabe o que este último ano significou para mim e quão impossível me tem sido escrever o que tenho sentido

no mais fundo do coração. Há apenas uma coisa a mais a ser dita sobre isso: não foi apenas em solidariedade com o senhor que passei todo esse ano de sofrimento; experimentei o sofrimento também eu mesma, como se realmente o tivesse suportado pessoalmente. Pois, a esse respeito, sem paralelo para nós (certamente não apenas para mim), quaisquer que sejam as provas que o futuro reserve, foi o fato de que superamos, por assim dizer, a mais formidável, dividindo o sofrimento com o senhor — tendo em vista como o senhor mesmo o superou.

A humanidade comum de que partilhamos revela-nos do que o homem é capaz, e o presente mais precioso que qualquer um de nós pode dar ao outro é fazer o coração bater mais depressa pelo modo como resistimos e através daquilo que realizamos. Talvez seja precisamente dentro da esfera do pensamento psicanalítico (que o senhor nos revelou) que podemos sentir mais profundamente como cada pessoa suporta tudo por todas as outras e que nunca uma experiência é desperdiçada, mas permanece como um auxílio e uma segurança permanentes. Antigamente eu não tinha consciência disso desta maneira. Agora o sei — gostaria de considerar — para sempre.

Caro Professor, que estranha carta de aniversário é esta! Mas eu quase dei vazão a algo ainda mais impróprio para a ocasião: ou seja, minha profunda decepção por ter deixado de vê-lo recentemente. Meu marido está bem, mas não gostaria de deixá-lo nem mesmo agora. Talvez tenha permanecido longe dele muito tempo. O Congresso — o mais estranho de todos os Congressos, que me faz lembrar uma alcahofra sem a parte macia interior de sua base nutritiva — não teria muito significado para mim. Mesmo que o senhor estivesse presente, teríamos passado parte dele no jardim Mirabell com Anna. Mas se eu me perguntar como realmente me sinto com relação a isso, vejo-me tal como o senhor costumava dizer depois de suas conferências ou de comparecer aos encontros da Sociedade: ficaria bastante feliz em livrar-se daquilo tudo, e a melhor época fora realmente há muitos anos atrás, quando estivera quase sozinho e totalmente imperturbado em sua produtividade. Pois agora existe uma plethora de produtividade, sem que se possa estritamente dizer se as manifestações estão todas crescendo na mesma árvore, ou se são enxertadas nela aqui e ali — e por que meios — ou se não nos defrontamos com ramos inde-

pendentes. Com relação a isso, de tempos em tempos surpreendo-me com a frequência com que todas as coisas imagináveis se reportam tão precisamente a citações de seus trabalhos, quase como se fossem textos bíblicos, enquanto na verdade isso é desnecessário, em parte porque é auto-evidente e em parte porque o senhor não apenas admitiu a especulação, mas realmente sustentou que era positivamente desejável. A fronteira me parece bastante simples de traçar: o que pertence à área especulativa deve ser considerado sob a mesma luz pela qual o senhor considerou seus próprios escritos orientados filosoficamente. Neste campo todo mundo tem sua própria interpretação subjetiva dependendo de sua filosofia, que produzirá vários efeitos de acordo com os diferentes tipos de indivíduos, e está totalmente justificada ao fazê-lo — mas é preciso que se esteja absolutamente ciente de que isso está a serviço da causa comum.

Era isso, certamente, que preocupava o Congresso em grande parte. E alguns daqueles que participaram terão sem dúvida prosseguido essas discussões em Viena. Provavelmente o senhor terá recebido outros membros do Congresso pelo seu aniversário, que o seguiu de perto. Espero que não tenha sido muito exaustivo. O senhor não fará uma ou duas visitas ao Semmering antes dos feriados de Pentecostes?

É difícil acabar com esta tagarelice! Todos os meus mais sinceros e gratos pensamentos estão com o senhor.

Sua Lou

Os mais cordiais cumprimentos e lembranças por seu aniversário de F. C. Andreas.

13.5.24

Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Raramente admirei tanto o seu tato como em sua última carta. Eis aqui alguém que, em vez de trabalhar até a velhice (veja o exemplo a seu lado) e então morrer sem preâmbulos, contrai uma horrível doença na metade da vida, tem de ser tratado e operado, desperdiça seu pouco dinheiro ganho com es-

forço, tem de viver com desconforto, afetando os que o cercam, e então rasteja por um tempo indefinido como um inválido: no *Erewhon*¹⁶⁶ (imagino que você conheça a brilhante fantasia de Samuel Butler) uma tal pessoa seria infalivelmente punida e trancafiada. Entretanto, você ainda pode valorizar-me por ter suportado tão bem meu sofrimento. Na verdade, não é exatamente assim. Enfrentei as realidades infames, mas não suportei bem a idéia das perspectivas à minha frente, e não consigo habituar-me à idéia de uma vida sob sentença.

Faz agora seis meses desde minha última operação, e a atitude de meu cirurgião, que me permite viajar para longe no verão, deveria tranquilizar-me com algo semelhante à segurança — até quando um tal sentimento é admissível, considerando o *di doman non c'è certezza*¹⁶⁷ que nos afeta a todos. Mas isso não exerce qualquer efeito sobre mim. Talvez, em parte, porque a medida pela qual a prótese restaurou ambas as funções da boca é muito modesta. No começo prometia ser muito mais bem sucedida, mas a promessa não foi cumprida.

Seis horas de análise, isso é tudo que conservo de minha capacidade de trabalho. Mantenho em xequê tudo o mais, especialmente as relações sociais (Romain Rolland, é claro, que se anunciou para amanhã, não posso recusar). (...)

Bem, desabafei, já que ambos parecemos impedidos de encontrar-nos. O número de coisas a que se tem de renunciar! E em vez disso sou esmagado com honrarias (como a Liberdade da Cidade de Viena), pelas quais jamais teria erguido um dedo.

Minhas efusivas lembranças. Acrescento algumas palavras de agradecimento num cartão para seu marido.

Seu,
Freud

(Göttingen) 25.VII.24

Caro Professor,

Desde sua gentil acolhida a Frau P. de Königsberg tenho querido contar-lhe sobre este caso mas, infelizmente, as táticas solapadoras clandestinas de seu marido, sem dúvida um neuró-

tico agudo ele próprio, compeliram-me a enviar sua mulher para casa, para ele — o que eu teria feito imediatamente, sem esperar esses meses, se a análise não tivesse tido um início tão rápido e promissor, de modo que eu não queria desistir da esperança de dissuadi-lo a interferir. Afinal de contas, ele havia suplicado a B. L. com lágrimas nos olhos que lhe fosse permitido consultar o senhor!

Era um caso de histeria aguda em seu clímax. O fato de ter-se acreditado de que ela sofria de uma neurose obsessiva talvez possa ser explicado pelo estado de obstinação taciturna a que a mulher havia sido levada por um ano e meio de Professor Sch., assim como por seu marido, que a havia reduzido ao silêncio, tratando-a como se ela fosse louca. Aconteceu da seguinte maneira: ela surgiu na presença de Sch. com uma lembrança que estava envenenando sua vida, ou seja, a história de um rabino com quem se hospedou enquanto freqüentava a escola, e que havia abusado sexualmente dela dos seis aos treze anos. É verdade, sem dúvida, que anos mais tarde, um doutor que realizava um exame médico informou sua mãe de que a criança deveria ter sido agredida. Mas Sch. pediu provas firmes de suas afirmações, e irrompeu em impropérios contra ela que chegara a tal degradação a ponto de acusar um homem honrado daquela maneira. Depois disso, ela se recusou a falar com qualquer pessoa (é interessante notar que isto levou-a a dedicar-se a estudos extensivos de línguas como um substituto histerico).

A partir da época dessa experiência ocorreram repetições regulares de estados de espírito confusos que produziam nela uma passividade paralisadora e que a forçavam a uma entrega sexual sem alegria. De tempos em tempos, mesmo durante conversas vivas, ela atravessava pequenos períodos de inconsciência, tanto na fala como nos gestos, que revelavam um estado de espírito semelhante e dos quais ela própria não se apercebia. (A princípio, isso provocou uma impressão muito perturbadora em mim, mas me senti mais segura quando ela começou a confiar em mim mais livremente — tão livremente que tive de estender a hora analítica). Seu casamento não provocou nenhum efeito sobre sua condição, em parte devido à sua histeria e em parte devido à indiferença sexual de seu marido. Ele igno-

ra que não é o pai do filho dela e como ela é suscetível sexualmente.

Fiquei fascinada com o caso, e como o aceitara com a inocente impressão de que tudo havia sido clara e finalmente combinado — pois só soube de tudo pouco antes da chegada de Frau R. e de B. L. —, fiquei desagradavelmente surpresa quando seu marido começou a criar dificuldades com toda espécie de intrigas desonestas. Desta vez, aparentemente, havia-se chegado rapidamente a um acordo quanto ao aspecto financeiro, pois ele havia respondido a B. L. ao saber de meus termos: 'Bem, pelo menos mais barato do que Sch., que cobrava 30 marcos por 20 minutos.'

Resisto à tentação de contar-lhe mais detalhes. Do contrário, gostaria de descrever (mas isso seria levado muito longe) a explicação analítica de porque as coisas chegaram a um clímax tão doloroso há dezoito meses atrás com estados de inconsciência etc.

Espero que o verão, que finalmente começou há uma semana atrás, tenha feito melhor trabalho no Semmering do que aqui, onde já é outono de novo. De outra forma, que lucro o senhor tirará de suas férias, caro Professor?

Com calorosos e sinceros votos de sua

Lou

Semmering
11.8.24

Cara Lou

Estou escrevendo de dentro de um profundo contentamento com uma inatividade ilimitada, entremeado com as sensações desagradáveis de uma guerra em pequena escala travada com uma refratária peça de equipamento. Refletindo sobre as sentenças boas mas não inteiramente aceitáveis com as quais você discutiu a relação do homem com o seu corpo, pergunto-me o que você diria da relação análoga com um substituto como este, como tenta ser e ainda assim não pode ser o eu. É um problema que surge mesmo no caso de óculos, dentes falsos e perucas, mas não tão insistentemente como no caso de uma prótese. No momento, em vista dos meses durante os quais es-

tive livre de recaídas, recomponho-me, ajustando-me à idéia de um alívio temporário, não sem uma suspeita, entretanto, de que a 'Natureza' tende a embalar-nos num sentimento de segurança antes de administrar o *coup de grâce* — o que, evidentemente, por outro lado, é uma de suas maneiras de ser misericordiosa.

Acho exagerada a sua reação ao pequeno presente em dólares. Quando nos encontramos pela última vez em Berlim, considerei minha participação em suas dificuldades financeiras mais como uma responsabilidade recorrente. Sentia que era uma das poucas pessoas restantes capazes de ganhar dinheiro, e não previa nenhuma redução em minha capacidade de trabalho, tal como realmente aconteceu desde então. Mesmo agora ganho com facilidade mais do que precisamos, embora meus filhos, infelizmente, não por sua própria culpa, tenham de lutar contra a pobreza, devido à sua falta de emprego. Recentemente, Anna teve a idéia de transferir uma quantia ao pequeno E., para que ela chegasse às suas mãos por meio desse desvio. Parecemos — embora isso não tenha de fato acontecido — que ela teria dentro em pouco de interromper sua análise, com o que você, com sua dureza habitual, teria continuado sem remuneração (...)

Fiquei muito interessado ao saber* que você fazia objeções pessoais a Rank. Durante quinze anos ele foi para mim um assistente irrepreensível e um filho fiel. Agora, já que ele pensa que fez uma grande descoberta,¹⁶⁸ está comportando-se de maneira tão refratária que só posso aguardar seu regresso da América com grande apreensão. Surpresas desse tipo nunca parecem cessar. Minha calma interior quanto a tudo isso faz-me perceber que estou ficando velho, mas a situação em si talvez seja mais séria do que em todas as ocasiões anteriores. Por favor, não fale a ninguém sobre isso, por enquanto. Talvez tudo possa ser atenuado. Seria difícil substituí-lo em suas várias funções.

Fico feliz em saber que seu velho companheiro recuperou-se tão completamente. Minhas cordiais saudações a vocês dois!

Seu,
Freud

* Por uma carta para Anna Freud.

Göttingen, 3 de set. 1924

Caro Professor,

Encontro-me de repente na posição de um personagem do conto de fadas da árvore com folhas de ouro: as folhas do outono, apenas começando, caem como ouro em meu colo com a nota de cinquenta dólares enviada por Eitingon. Não terá sido Anna a responsável por tê-lo induzido a oferecer-me este esplêndido presente, por ter-lhe contado sobre a má sorte financeira que tive recentemente com meus pacientes? A despeito dessa má sorte, ainda estou ganhando alguma coisa, e esperando que a falta de dinheiro na Alemanha passe, para que eu possa conseguir pacientes para o outono ou o inverno. Conheço mais de uma pessoa que gostaria de vir, mas não pode.

E agora agradeço-lhe mais uma vez do fundo do coração, caro Professor. Pretendia responder à sua última carta pela volta do correio, mas como o que eu queria dizer fosse da natureza de um violento protesto, acabou sendo uma série de monólogos com o senhor. Em sua carta, o senhor descrevia o homem doente como um criminoso a ser punido — algo no sentido da opinião de Groddeck,¹⁶⁹ de que a forma real que nosso sofrimento físico assume não é uma questão de puro acaso. Mas acho essa opinião ainda mais horrível do que os velhos preconceitos dos tempos antigos, segundo os quais somos castigados por nossos feitos psíquicos com punições apropriadas.

Pois, afinal, o elemento mais essencialmente humano no homem é que ele seja e não seja seu próprio corpo — que seu corpo, apesar de tudo, seja uma parte da realidade exterior como qualquer outra, que pode ser identificada por ele com o auxílio de seus órgãos sensoriais como estando fora dele próprio. Desse modo, ele está condenado a um estado de dependência, em comparação com o qual todos os outros parecem quase triviais, brincadeiras de criança, carentes de tragédia. Por essa razão, precisamente a doença lembra-nos tudo o que é inocente e tocante no homem. Por essa razão também, a doença desperta o sentimento de que alguém está sofrendo de forma substitutiva por todos nós, na medida que sua maneira de fazê-lo torna-se para nós um símbolo daquilo de que o homem é capaz. E com isso o senhor fica sabendo qual foi a minha

mais intensa experiência neste último ano. (...) Que carta esta! Não se preocupe com ela!

Com todo o coração, sua grata

Lou

(De Sigmund Freud para Lou Andreas-Salomé, por volta de meados de setembro de 1924.)

Göttingen, 21.IX.24

Caro Professor,

Sua carta foi uma grande alegria, e não fora o meu desejo de ler antes o livro de Rank, ter-lhe-ia respondido imediatamente. Acabei de lê-lo ontem à noite: um tanto perplexa, porque também fiquei procurando pela 'grande descoberta'. Mas devo tê-la omitido de algum modo, pois não consegui encontrá-la. Tudo o que ele diz nesse sentido com relação aos sonhos sempre existiu nos sonhos e foi deduzido psicanaliticamente, a partir deles. Na minha opinião, a única diferença entre as interpretações de Rank e as dos outros é que as dele são mais isoladas de seu contexto — com o que quero realmente dizer que não possuo nenhum retrato claro da sonhadora. Ela nunca se torna uma pessoa verdadeiramente viva. Apenas ouço o que ela diz e como eu deveria compreendê-lo. Nem por um momento duvido da exatidão fátual do que ele diz. Esta sempre foi uma característica distintiva de seus livros — mas até aqui, o que ele escreveu se baseava numa idéia viva, indestrutível, porque era afinal de contas uma idéia *do senhor*. Agora o trabalho dele carece de uma credibilidade interior, para a qual não existe substituto.

Talvez seja uma impressão errônea, mas é assim. Invejamo-lo por sua rápida (e sem dúvida verdadeira) cura, mas não vemos ou experimentamos nada (com exceção de alguns pequenos trechos). Com relação ao que o senhor escreve sobre sua ansiedade quanto a Rank, pensei, depois de ler o livro anterior,¹⁷⁰ que havia uma razão de ansiedade um tanto diferente e mais profunda do que no caso das deserções de Adler ou de Jung — em primeiro lugar, porque as pessoas sempre considerarão Rank como a pessoa que realmente 'deve saber',

o produto absoluto e incondicional do treinamento mais pessoal e longo. E, em segundo lugar, porque no caso dele trata-se muito mais da análise prática, enquanto que com os outros, as idéias filosóficas poderiam ser responsabilizadas por sua ação. Se eles não tivessem introduzido estas últimas, não teria havido deserções. (O fato de tê-las introduzido baseava-se sem dúvida em cada caso em considerações muito pessoais e práticas, derivadas da relação do filho rebelde.)

Agora é de se temer que tudo isso conduza à confusão — mas afinal, toda a história da psicanálise foi uma luta perpétua! Para o próprio Rank, sem dúvida, é uma grande pena: pois ele era o homem certo no lugar certo — um golpe da fortuna tão infinitamente raro — e não o é mais. Isso significa que ele se tornou mais ou menos o escravo — não consigo encontrar palavra melhor — de sua própria idéia, de sua ostensiva descoberta. O resultado é que ele a apresenta nos maiores detalhes, de forma seca e esquemática e reduzida a uma completa falta de vida. Assim como em seu livro anterior, todos os capítulos e seções individuais, através dos quais persegue seu trauma do nascimento a fim de conseguir que se defina, tornam-se por vezes bastante grotescos.

Uma vez, em 1912,¹⁷¹ ao expressar seu prazer com a pres-timiosidade de Rank, o senhor me disse: 'Deveríamos ter seis pessoas iguais a ele, e não apenas uma.' Ter permanecido esta uma teria sido um maravilhoso destino: mas com todos os seus talentos ele não foi capaz de preencher o papel plural que o senhor mencionou.

Chega de tagarelice por hoje! Ontem recebi a carta de Anna e escreverei a ela logo sobre as mesmas questões de sua carta, relativas a E. etc. Mas devo sem demora emitir um grito de socorro: não sabia que o Número I de 1924 com seu ensaio sobre o masoquismo já havia saído, pois ainda estou esperando pelo 4.º Número de 1923. Parece ter havido alguma confusão. Não tinha idéia disso, pois freqüentemente os números costumavam demorar a sair. Talvez Anna pudesse fazer a gentileza de pedir à *Verlag* para remeter este alimento o mais rápido possível, junto com a nova conta anual, ou as indicações de pagamento na entrega. Sentamo-nos aqui famintos e expectantes com os bicos bem abertos. E uma vez chegada a encomenda, abrirei meu bico de novo e soltarei outra carta.

Talvez o senhor ainda consiga ter alguns dos chamados dias dourados de outono no Semmering. Parece que aqui não mais os teremos. Mas apesar de tudo o senhor pôde extrair algum lucro deste triste verão, e agora, finalmente, Meister Pichler¹⁷² pode tentar novamente aperfeiçoar seu instrumento (e isso me recorda: Rank menciona a prótese em seus livros recentes).

Com efusivas lembranças

sua
Lou

(Göttingen, meados de novembro de 1924)

Caro Professor,

Eitingon voltou como um Papai Noel prematuro e com sua mágica fez surgir cinquenta dólares sobre minha mesa. O resultado disso foi que meu casaco de pele maravilhosamente fino e leve, de várias décadas atrás, subitamente declarou que seus pedaços puídos, graças aos quais havia sido posto fora de circulação, podiam e deviam ser consertados, com o que realmente o enviei a um peleteiro em Hanover. Se eu puder exibir-me com ele novamente — tenho sentido sua falta todos os invernos, pois é muito leve e ainda assim muito quente — o senhor será o responsável por esta extravagância. Agradeço-lhe do fundo do coração por ter-me seduzido a isso. Amoral como sou, sempre extraio o maior prazer de meus pecados.

Eitingon escreveu-me sobre o regresso¹⁷³ de Rank. Ainda me parece incompreensível. Pode ser resumido na velha fórmula: a ingratidão é a recompensa do mundo. Neste caso, *ele* teria renunciado a toda colaboração a fim de poder abandonar-se daí em diante à sua própria 'grandeza'. Mas sem dúvida é verdade que não podemos mais depositar nenhuma confiança nele — esta é também a opinião de Eitingon — e por esta única razão ele terá de ser isentado de todas as suas atuais responsabilidades. O que será que se apossou desse pássaro de mau agouro para que ele tenha desistido daquilo que era a coisa mais preciosa de sua vida, ou seja, a confiança que o senhor depositava nele? Como é possível que imagine poder substituir essa base de sua existência por sua 'idéia', mesmo que houvesse dez idéias em lugar de uma? Onde poderíamos

encontrar uma fibra de seu ser cujas raízes não extraíssem seu alimento do senhor e cujas ramificações mais profundas não estivessem dentro do senhor?

Ao refletir recentemente sobre as várias 'secessões', entre as quais, ao que parece, Rank deve ser agora enumerado, o que me aborreceu mais que qualquer outra coisa foi o erro óbvio de muitas pessoas — especialmente as de 'boa disposição' — em pensar que essas deserções eram causadas principalmente pelo notório 'dogmatismo freudiano'. Para minha surpresa, no último número de *Imago*, Giese¹⁷⁴ adota este tom no artigo final, em que, depois de fazer vênias a seus trabalhos mais recentes, chega finalmente à conclusão de que o elemento construtivo verdadeiramente magistral desses trabalhos reside precisamente no fato de que aqui e ali pode ser inserido um princípio orientador do próprio leitor — em outras palavras, que não se deve levar a mal quando seus discípulos fazem isso.

Afora o fato de que o senhor jamais escreveu uma sílaba que pudesse ser calculada para impugnar a base da psicanálise, a verdadeira diferença é que, ao contrário, até mesmo suas afirmações filosóficas são escritas a serviço do trabalho de sua vida, enquanto o elemento 'hostil' dos dissidentes consistiu no perigo que eles representam para aquilo que foi estabelecido empiricamente com um cuidado e autoridade tão infinitos. Mas apenas aqueles que tiveram a experiência prática da psicanálise podem percebê-lo plenamente, e podem perceber quão insignificantes, em comparação, são as opiniões filosóficas de Jung, Adler, Stekel ou Rank, quer elas concordem ou não.

Isso se tornou intensamente claro para mim neste verão através de um caso que havia sido tratado há alguns anos atrás por Maeder na Suíça. Penso que os fatores relevantes podem ser relatados rapidamente: através de uma fixação em sua madrastra, o paciente havia-se tornado incapaz do gozo sexual, e finalmente, de qualquer espécie de expressão emocional. Esta espécie de prisão de ventre começou a dissipar-se com o tratamento de Maeder, quando — em consequência de uma aplicação bastante correta e conscienciosa dos métodos freudianos, — com o despertar de lembranças, sonhos e associações livres, explodiram inesperadas descargas de ódio. O que se poderia fazer então com tanto ódio? Maeder disse com razão: neste caso, trata-se realmente de amor. O ódio está no lugar de seu

oposto. Mas amor por quem? Obviamente, por tudo o que é bom, verdadeiro e bonito, pois é isto o que o homem tem de amar. E ele o conseguirá, ao menos se lutar valentemente contra o ódio. E assim, o paciente lutou, e bravamente suprimiu e reprimiu seu ódio. Mas ainda assim não conseguiu impedir o verdadeiro, o bom e o bonito de aparecer de vez em quando com uma jaqueta de veludo preto e uma suave risca no cabelo. Isso era mau. Maeder teve de acumular toda a sua energia para não perder de vista a 'sublimação' humanamente simbólica e para espalhar a maternidade filogenética sobre o penteado e as roupas da encantadora madrasta. Este paciente foi aquele que, infelizmente, foi removido à força por sua mulher histérica exatamente quando estávamos a caminho de uma cura. Ela não percebeu que ele estava prestes a tornar-se pela primeira vez seu marido no verdadeiro sentido da palavra.

Mas esta carta estendeu-se demais, afinal. E no entanto, eu havia anotado tantos pontos surgidos com meu profundo interesse por seus dois últimos ensaios. Mesmo que nesse caso esta carta tivesse adquirido a extensão de uma ténia, temo que deva ser seguida no devido tempo por uma outra igualmente longa, pois estou cheia de assunto. E por que somos tão inteiramente confinados às cartas? Além disso, temo que desta vez seja demais para o senhor, pois soube por Eitingon que o senhor teve problemas com a nova prótese. Espero que, em compensação, seja um brilhante sucesso. E no meio de tudo isso o senhor ainda teve de lidar com o problema de Rank. Oh, se ao menos pudesse ser poupado de todas essas coisas perturbadoras e tensas que intervêm entre o senhor e seu trabalho, de cujo progresso dependem todas as nossas melhores aspirações e experiência.

Lembranças efusivas a todos vocês de sua grata

Lou

Viena IX, Berggasse 19
17.XI.24

Caríssima Lou

Agradeço-lhe muito pelo interesse que você demonstrou por minhas duas novas preocupações, o caso de Rank e o caso

da prótese. Você ficaria surpresa se soubesse quão mais preocupado estou com a prótese do que com Rank. Talvez você visse nisso uma prova do aumento do narcisismo na velhice. Em todo caso, internamente já me ajustei a Rank, o que ainda não pude fazer com a prótese, embora este seja um problema mais exterior. Mas estou fazendo tudo o que me é pedido e não sinto nenhuma dor, apenas aborrecimento e desconforto.

Pelo menos há mais o que dizer sobre o caso de Rank do que sobre o outro. E já que você está interessada na história deste caso, vou dizer-lhe o que acho dele, embora parte dele seja um mistério também para mim. Posso avaliá-lo com calma como o faço porque não me julgo culpado, de modo algum pelo que aconteceu. É verdade que afirma que o tratei mal e inconsistentemente, mas teve de dizer isso para desculpar sua defecção frente a si mesmo. Não acho provável que dê muito crédito a isso.

Para julgar este caso corretamente é preciso encará-lo do ponto de vista 'humano básico', citando o poema de Heine *Firdusi*.¹⁷⁵ Ele achou que sua subsistência estava ameaçada por minha doença e seus perigos, procurou em volta por um lugar de refúgio, e deparou-se com a idéia de aparecer na América. É realmente o caso do rato que abandona o navio que naufraga. Como seu comportamento o demonstra, isso não pode ter sido fácil para ele. Carrega uma consciência terrivelmente pesada, dá uma impressão desprezível, e parece extremamente infeliz e embaraçado quando é acuado, ao ser indagado de seus motivos. Seu ato de autopreservação tornou-se possível para ele graças a diversas circunstâncias: primeiro, um complexo paterno muito agudo e a neurose nele baseada, que nem sempre foi latente; segundo, a prática da análise, que estiliza todas as construções artificiais e realmente pode cancelar as sublimações do próprio analista; terceiro, a tentação de fazer descobertas analíticas, a que todo principiante não analisado — e era isso o que era — está exposto. Todos esses motivos e outros traços casuais da situação levaram àquilo que agora a enche de tanto espanto. Concorro, é absolutamente desagradável.

Quando estava em Nova Iorque, ele realmente havia pedido para ser dispensado de algumas de suas funções.¹⁷⁶ Adiantamos e tornamos esta dispensa mais completa do que ele havia pleiteado. Isso foi encoberto com o pretexto de que suas

ausências periódicas do campo de ação eram incompatíveis com as exigências de seu trabalho, mas a razão real foi nossa convicção de que não podemos mais confiar nele. De fato, o seu comportamento aqui tem sido deplorável, um misto de dissimulação e de insinceridade. Na minha opinião, ele está lançando-se num caminho perigoso. Está atraído pelo dólar, e a recepção que obteve em sua primeira visita a Nova Iorque promete-lhe uma rica colheita de dólares. Mas não estou certo de como as coisas irão quando sua nova posição for submetida à plena luz do dia. Pois o que se chama de *'a nine days wonder'** tem um significado particular para os americanos. Logo perdem seu gosto por sensações e Rank deve contar com muita oposição. Ele mesmo ainda não pode sentir-se seguro, pois fez tudo para não interromper seus contactos aqui, e, por assim dizer, para manter um pé no estribo. Mas não teve êxito. Isso é tudo que tenho a dizer sobre ele pessoalmente. Não posso emitir qualquer opinião sobre o valor prático de sua nova técnica, pois ele a mantém em segredo, e de fato nega que possua uma técnica particular. Suas opiniões teóricas não podem ser discutidas até que ele as comunique de uma maneira mais completa e honesta do que o fez em seu livro.

Você promete informar-me de suas próprias idéias a respeito de várias publicações recentes. Suplico-lhe que não demore. Gostaria de poder entender tudo o que você escreve. Você sabe que o valorizo.

Com cordiais saudações a você e a seu velho companheiro

Seu fiel Freud**

(Göttingen) 5.XII.24

Caro Professor,

Muitíssimo obrigada por sua carta. Esta agora segue como um pós-escrito à minha última carta. Na verdade, eu já havia lido suas duas últimas publicações¹⁷⁷ várias vezes, mas ainda estava ocupada em pensar sobre elas. Em cada uma delas o

* Em inglês no original.

** Carta datilografada com exceção das duas últimas palavras.

tema básico é uma fonte de positiva satisfação para mim: na primeira, sua ênfase ao fato de que 'nunca temos de lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com misturas deles em quantidades diferentes'. Nosso modo de expressar-nos psiquicamente chega num sentido libidinal a um tal grau além de nossas limitações do ego, que *pode* usar em seu próprio benefício intensificações de estímulo, incluindo até mesmo todo tipo de dor ou de medo. Sempre — e não apenas nas circunstâncias descritas — ele é uma espécie de ataque ao ego, destinado a eclipsá-lo, apesar do fato de que ambos coalesçam para um certo grau de satisfação libidinal, da mesma forma como, por seu lado, o ego tenta atacar a libido com seu método de enfraquecer os estímulos. Cada um tenta provocar a 'morte' do outro, e nos sentimos vivos exatamente através desse conflito ativo entre os dois. Desde o começo, estão tão intimamente ligados que o senhor pode equiparar o sadismo primitivo ao componente masoquista, que para o senhor é uma 'evidência e um remanescente da fase de desenvolvimento na qual se deu a coalescência, tão importante para a vida, entre o instinto de morte e Eros'.

Só se nota o conflito quando a libido é quantitativamente muito intensificada, mas mesmo dentro da mistura que o oculta, ele está sempre presente — ele é a qualidade do próprio libidinal. Esta mistura possibilita à libido atingir sua dupla realização ao longo do desenvolvimento: tanto sua projeção em objetos exteriores, depois que ela não pode mais conter narcisisticamente seu próprio excesso na forma do ego cada vez mais conscientemente intensificada, como também seu deslocamento do amor para o ego ideal ou superego, formado a partir de exemplos e autoridades no mundo real. Ambas são uma tentativa de estabelecer pelo desvio do eu e da realidade um círculo abarcador, no qual a libido pode mais uma vez repousar.

Não poderia mencionar o 'superego'¹⁷⁸ e as questões relacionadas sem fazer uma breve digressão: ainda me causa um certo aborrecimento que o devamos, por assim dizer, a Groddeck, quando tanto o superego como o 'Id' que o acompanha sempre foram inerentes à psicanálise freudiana. Para mim, isso estava implícito no conceito de 'repressão primitiva'. Pois com a primeira anticatexia já somos dotados com aquilo que desde

o começo pressupõe todos os conflitos na formação de nosso ego, e pode erigir 'ideais inconscientes' e 'sentimentos de culpa inconscientes' para o resto de nossas vidas. À medida que a repressão primitiva — essencialmente, a moldura de nosso ego — obtém êxito, ela se assemelha a uma repressão bem-sucedida do excesso, e com isso é diferenciada do 'Id'. A pressão posterior corresponde às repressões semfracassadas que tornam artificialmente inacessíveis à consciência elementos que realmente deveriam participar do desenvolvimento ulterior da estrutura do ego. Esses elementos caem então no 'Ics' no sentido sistemático da palavra, como foi ilustrado no diagrama de *O Ego e o Id*, que representava apenas, porém, o que era acessível num estado semipatológico (fora de uma esfera incompreensivelmente mais ampla) nos lapsos, sonhos e sintomas, porque estes encontraram seu caminho no âmago do ego. Além desses pontos, que são acessíveis à análise, estendendo-se além da barreira da repressão primitiva, todos os contornos finais são gradualmente perdidos e fundem-se ao 'Id', que só pode ser construído em termos filosóficos abstratos, de acordo com o tipo particular de filosofia que se utiliza.

O papel importante que o senhor demonstrou ser desempenhado pelo superego nas formas de doença psíquica, a nova definição das *psiconeuroses* narcisistas, de fato abriram para nós uma área absolutamente nova de investigação. Podemos adivinhar que perspectivas distantes nos serão talvez reveladas a partir desta posição vantajosa. Todos nós compartilharemos desta alegria. Eu mesma fiquei positivamente eletrificada ao lê-lo. E tentei interpretá-lo para mim mesma da seguinte maneira: enquanto no conflito neurótico entre o ego e o instinto, e no conflito psicótico entre o ego e a realidade, trata-se da luta pela existência, aqui se trata de um julgamento de valor, de uma avaliação, que é interposta entre as forças conflitivas. No caso normal, todas as três são misturadas, à medida que compensam suas limitações mútuas através de um aumento de valor: o ego, a despeito de fraquezas e vacilações, sente-se seguro num plano mais alto no superego. Através de sua projeção a um objeto, a libido ascende de algo equívoco e desaprovado para algo louvável, de que então pode jactar-se de uma outra maneira. Finalmente, a realidade se torna o absoluto *sine qua non*,

diante do qual o superego tem de provar seu valor, e que por conseguinte tolera de boa vontade o fato de uma 'segunda realidade' coexistindo a seu lado, por assim dizer: uma realidade que é elevada acima de todas as coisas que acontecem no mundo exterior, a misteriosa trama três vezes tecida da experiência humana, que é a única essencial e valiosa. O psiconeurótico narcisista é alguém cuja central de valores não está em ordem, quer ele se deprecie em lugar de depreciar os outros, quer ele — talvez como o *paranóico*? — acuse os outros quando é ele o responsável. Em contraste com o caso do verdadeiro psicótico, todos os três, ego, libido e reconhecimento da realidade estão presentes e juntos; apenas são confundidos em seus valores. E mesmo nas loucuras e ilogicidades¹⁷⁹ das pessoas semi-normais mencionadas pelo senhor tratar-se-ia de desvios menores da parte do superego: substituído pelas supervalorizações mais particulares e pessoais no caso do ego um tanto deformado ou da libido um tanto insubordinada, ou por um recolhimento diante da realidade, que, em lugar de alcançar uma realidade mais elevada, conduz à introversão.

Mas ao lado desses 'loucos' existe um outro tipo de louco: o supernormal, os gênios e quem mais quer que pertença a esta abençoada companhia de loucos! Não pude deixar de pensar muito sobre isso.* Nos casos mais favoráveis eles não se tornam rivais do superego; antes, embora indiretamente, seus co-construtores. Mas permanecem constantemente sob o perigo de despedaçar o círculo felizmente alcançado dos Três, pois em sua atividade criativa precisam retomar as impressões primitivas antes da formação do superego. Mas isso leva muito longe! Um fim — um fim! Devo, entretanto, apenas chamar sua atenção para uma vírgula enganosa: p. 123, linha 10, há uma vírgula depois de 'modificação' em vez de 'libido'. Também a outra vírgula depois de 'princípio de realidade' deveria ser omitida.

Com gratidão sempre renovada

Sua
Lou**

* (NA MARGEM) A relação entre o gênio e a loucura, tão frequentemente discutida, é perfeitamente cabível aqui; constituirá agora também uma nova área de investigação.

** A resposta de Freud está faltando, provavelmente.

Caríssima Lou*

Soube que você adiou sua partida para Berlim. Devo pedir-lhe agora que me informe o mais rápido possível se e por quanto tempo permanecerá em Göttingen. Pois tenho uma paciente para você, que provavelmente a visitará dentro em breve. Penso que posso garantir que ela irá a Göttingen, mas não é tão certo que pudesse ir para Berlim.

É um outro caso de agorafobia¹⁸⁰ e, provavelmente, muito parecido com o de nossa Frau M. Vem de B., tem cerca de trinta e um anos, é mãe de várias crianças, e, ao que me parece, é de caráter totalmente depravado. A última experiência por que teve de passar foi um tratamento de seis meses com Stekel. O fato de ter permanecido impermeável às suas sugestões imbecis só depõe a seu favor. Mas provavelmente será um osso duro de roer. São pessoas ricas, e foram avisados por mim que fariam esta tentativa por sua própria conta. Alguém deve ter-lhes dito que você precisaria de uns seis meses antes de poder dizer se acredita na possibilidade de sucesso. Então uma nova decisão pode ser tomada.

O marido da mulher é um tipo de pessoa primitiva, muito apaixonado por seu próprio infortúnio, mas diverte-se com a idéia de se divorciar desse infortúnio. Ela parece saber que poder exerce sobre ele. O membro mais satisfatório do clã é um jovem advogado, Dr. R. H., bem intencionado, inteligente e bem informado. Espero que ele acompanhe a paciente, por ocasião da consulta. Você pode confiar implicitamente em todas as suas informações.

Estou enviando pelo mesmo correio uma carta para B., pressionando-o a tomar uma decisão rápida. Por várias razões seria muito melhor que o tratamento fosse realizado em Göttingen do que em Viena ou Berlim.

Por hoje só negócios — o que inclui o fato de ordenar-lhe sob as mais terríveis ameaças a não pedir menos de vinte marcos de ouro por hora.

Com cordiais saudações e esperando sua resposta,

Seu,
Freud

* Datilografada.

Caríssima Lou*

Esperemos que as autoridades postais não continuem a dispor-se desfavoravelmente com relação a nós. Minha carta perdida** continha todos os detalhes destinados a você melhor do que posso repeti-los hoje. Felizmente, a paciente será acompanhada por seu advogado, Dr. H., que é um sujeito agradável e inteligente e sabe de tudo sobre o caso. Você pode confiar nele implicitamente e abrir-se inteiramente com ele.

A própria paciente é uma mulher de trinta anos com três filhos, e vive em B. Está ligada a um jovem e belo marido, que a ama muito, e que no entanto, está pensando no divórcio. Mas ele gosta demais de seu infortúnio para separar-se dele. É um outro caso de agorafobia, como nossa Frau M. Na carta perdida escrevi, citando minhas próprias palavras, 'ela é provavelmente um caso muito parecido'. Teve várias experiências analíticas de tipo superficial, e acaba de sair de um escandaloso tratamento de seis meses com Stekel, cujos detalhes você saberá através dela até à saciedade. Será um trabalho difícil, e não sei se ela vale isso. Mas vale a pena tentar. Combinei com seu marido — e o Dr. H. prometeu garantir isto — que não haveria interferência de qualquer espécie no tratamento. Será a última tentativa, mas eles estão preparados para conceder tempo suficiente a ela. Após seis meses, você será solicitada a dizer se recomenda uma continuação do tratamento e, então, novas decisões serão tomadas.

Uma conseqüência deplorável da perda de minha carta é que você destruiu meus cálculos com relação ao pagamento. Nessa carta, tão infelizmente perdida, eu a ameaçava com a ruptura de nossa longa relação se você pedisse menos de 20 marcos. Agora soube por B. que você concordou com 10, e suponho que deva agradecer por você não ter pedido 5. Pelo menos, consegui prepará-los para um pagamento de 15-20 marcos, depois de dizer-lhes que 10 era o mínimo, com que você havia consentido porque pensara que se tratava de uma paciente

* Datilografada.

** Presumiu-se perdida.

pobre. Essas pessoas são ricas e não disfarçam o fato, e o advogado por acaso é favorável.

A explicação de meu telegrama era a consideração de que o tratamento seria muito mais fácil de ser feito na província do que numa cidade grande como Berlim, onde a paciente astuciosa pode facilmente reforçar sua fobia recorrendo a um grande número de bastiões clandestinos. Entretanto, não faria mal algum tentá-lo primeiro por algumas semanas em Berlim para ver como as coisas andam, e então continuá-lo em Göttingen.

Enquanto esta carta era batida a máquina, fomos interrompidos por B. Ele nos disse que o Dr. H. chega a Viena amanhã a fim de acompanhar a paciente a Berlim, de modo que poderemos agora confiar-lhe esta carta. Isso afasta a apreensão que exprimi no início.

Devo acrescentar que a paciente jamais teve uma relação apropriada com a mãe e que a perspectiva de uma cura baseada-se neste fato.

Com cordiais saudações e estimas de êxito.

Seu,
Freud

(Berlim) 2.II.25

Caro Professor,

Agora está tudo resolvido e lhe sou realmente grata. Estou com suas duas bondosas cartas diante de mim, pois a primeira, a errante, decidiu chegar afinal, misteriosamente atrasada.

Durante o tempo que o Dr. H. esteve aqui, houve tantas negociações e complicações, que apenas ontem consegui ter uma hora propriamente analítica com Frau E. Ela fez tantas objeções e protestos contra seu alojamento e companheiros, que por um momento parecia que tudo iria dar em nada. Mas então um contacto satisfatório foi estabelecido entre nós. Agora está claro que foi melhor que nos encontrássemos aqui pela primeira vez. Eu não poderia ter arranjado as coisas em Göttingen com suficiente rapidez, enquanto que aqui tive a assistência de Eitingon, Dr. Jeckel¹⁸¹ e Dr. H. Mas gradualmente poderei fazer daqui os arranjos necessários para Göttingen, a despeito da distância de nossa casa do centro da cidade.

Dr. H. trouxe consigo grande quantidade de material para mim, inclusive algumas cartas, que realmente não têm preço, de Stekel. Ao lê-las, não se pode deixar de supor que ele agora deve estar num estado de desmoralização interior. Não é apenas o resultado de 'erros' no tratamento ou coisas desse tipo. Por falar nisso, a paciente, que está tão completamente acostumada a encobrir as coisas, imediatamente 'roubou' uma coisa minha: embora ficando sozinha apenas por um momento — um minuto e meio, no máximo — enquanto eu falava com Dr. H. e J. no quarto ao lado, ela, impudentemente roubou alguma coisa dos documentos que o Dr. H. havia trazido consigo; mas, felizmente, não era nada que não devesse ter visto.

Foi muito importante para mim ter podido falar com o Dr. H. Combinamos que eu daria notícias apenas a ele, de tempos em tempos, deixando-o decidir se passaria ou não a informação ao marido. No que diz respeito ao pagamento, tudo foi combinado da maneira mais franca e fácil. Como a estudante de medicina que a acompanha (ela perde muito tempo tendo de vir de tão longe) recebe 10 marcos, a alteração do pagamento para 20 marcos era quase uma questão fechada. Fui capaz de dizer também com verdade que meus pacientes muitas vezes têm de suplementar seus ganhos a fim de juntar com dificuldade o suficiente para pagar suas taxas e que eu sabia sobre Frau E. apenas que era cliente dele.

Caro Professor, escreverei logo de novo, se puder. Por hoje, obrigada várias vezes.

Cordialmente, sua
Lou

(Berlim, pouco depois de 15 de fevereiro de 1925)

Caro Professor,

Muitíssimo obrigada pela separata.¹⁸² Já havia começado a lê-la no próprio livro e agora fico encantada em possuí-la, tanto devido ao conteúdo como à dedicatória. É como ter uma conversa com o senhor, e quantas lembranças isso evoca! Mas quando, muitas vezes me pergunto, teremos essa conversa em pessoa?

Em todo caso eu lhe teria escrito nos próximos dias para falar-lhe sobre nossa paciente. Acabamos de conseguir persuadi-la gradualmente a dispensar a enfermeira, primeiro à noite e agora durante o dia. Isso não foi feito sem uma violenta resistência. Mas de qualquer forma, foi feito. Agora, desenvolvemos o seguinte plano: também gradualmente substituiremos a assistente médica que vem com ela por 'outra pessoa': primeiro, deixando as três virem juntas, depois, deixando a assistente voltar para casa em etapas cada vez mais curtas do trajeto, de trem, de ônibus ou a pé. Essas medidas são em primeiro lugar puramente práticas, com o intuito de capacitá-la a suportar o passeio pelo campo até nossa casa em Göttingen. Estão sendo realizadas com o auxílio de uma transferência positiva: portanto, não têm grande importância e a situação é quase tão estável como um cata-vento. E ainda assim contribuem para a análise enquanto tal, na medida em que Frau E. traz consigo desses exercícios (*terapia ativa!*)¹⁸³ consideráveis fragmentos de suas ansiedades e medos de morte, e então podemos trabalhar sobre eles.

Por falar nisso, é muito engraçado que nessas circunstâncias ela esteja sempre na espreita à espera de 'múltiplas interpretações', pois Stekel invariavelmente lhe apresentava uma 'seleção' delas, entre as quais ela então podia escolher. Ela descreve isso quase como se fosse um excitante jogo de salão. Enquanto isso, em resposta a uma pergunta do Dr. H., Stekel declarou que o material dos sonhos, associações livres e experiências íntimas de que Frau E. havia tomado nota não lhe era acessível no momento, pois estava trancafiado em S... Em resposta a um novo pedido de que o material fosse enviado, ele disse que o havia (*nesse interim*, obviamente) queimado.

Em sua carta anterior para mim o senhor mencionou com toda razão que a paciente não era muito inteligente e que isso seria um obstáculo considerável. Sinto isto também, mas em minha ânsia de entendê-la completamente, e de ajudá-la, cada vez tenho mais boa vontade com relação a ela. Há muito que conheço esta gentil intensificação de simpatia em mim. Constitui, para mim, uma das experiências mais alentadoras e alegres. Pois deixada sozinha, sou um peixe frio que só gosta de umas poucas pessoas. Exatamente por esta razão sou tão grata

porque dentro da esfera da psicanálise meus sentimentos podem fluir de modo tão caloroso e livre.

Devo confessar-lhe que sou monstruosamente mimada aqui! E gozo cada momento dessa situação.

Hanns Sachs¹⁸⁴ dar-me-á notícias de Viena no encontro de terça-feira da Sociedade.

Cordialmente, sua

Lou

A carta de Anna acabou de chegar — seguirá resposta em breve.

(Göttingen, 3 de maio de 1925)

Caro Professor,

É realmente desesperador que eu não possa desde já esperar por um dia não muito distante no futuro para vê-lo em pessoa. Se assim fosse, esta carta não precisaria ser escrita, mas o que posso fazer? Inescalável, o Semmering se ergue diante de minha imaginação e fico a seu pé, entre meus analisandos, e não posso senão esperar que o ano que agora começa de novo com o seu aniversário finalmente torne possível para mim visitar o pai e a filha novamente. Muita coisa na vida é quase *demasiado* difícil — mas quem sabe disso melhor do que o senhor! Agora o senhor ainda tem um ou dois meses antes das férias e do verão. Que este período seja menos doloroso do que os últimos meses, que, segundo me disse Anna, foram particularmente desconfortáveis devido à prótese e ao problema nasal. O afortunado Eitingon poderá descobrir tudo por si mesmo (seguiu ontem, imagino) e estar com o senhor para comemorar seu aniversário.

Eu lhe teria escrito há muito tempo para falar-lhe sobre 'nossa' paciente — de fato, mencionei-o a Anna —, mas um relato detalhado teria sido muito longo. Frau E. melhora com a familiaridade e, além disso, há o prazer de vê-la melhorar de saúde, pois no seu caso isso significa ao mesmo tempo tornar-se mais enérgica, inteligente e calorosa. Nesse *interim*, tivemos períodos muito lucrativos, nos quais as coisas que subiram à superfície pela primeira deixaram nela uma tal impressão que quase desmoronou com o choque e a exaustão. Foi aquele

salutar 'pranto e ranger de dentes', através do qual as descobertas decisivas encontram a confirmação interior.

Há algum tempo atrás tive uma idéia, que entretanto guardei para mim mesma, até que ela inesperadamente subiu à superfície nos sonhos e associações livres de Frau E.: parece que ela teve uma experiência real aos três anos, que deve ter-lhe provocado um enorme choque. Estava na cama do pai, sendo acariciada por ele, entre os seus joelhos, com as mãos perto de seu pênis, quando sentiu uma súbita umidade e a 'morte' de seu membro (...) Toda morte tem a característica de um colapso súbito (que era o que ela temia ao andar). Se alguém morre em seus sonhos, subitamente a pessoa diminui e 'torna-se flácida'. Um detalhe complementar é que *alguma coisa* ainda continua rija, ao lado, como pés ou raízes. Ela se tornou excitadamente consciente desta qualidade tesa ao tocar a carne fresca das aves debaixo das penas (às vezes sentimos os ovos não postos), e, mais tarde, os testículos de seu marido transmitiram a mesma impressão consoladora, como se naquela ocasião da infância, ela tivesse tentado tranquilizar-se através de sua presença. Sem dúvida, seu pai sofreu também um choque considerável (ainda que se tivesse permitido uma ereção com a criança aninhada contra si) e a visão disso deve ter deixado uma forte impressão nela. Agora, veio a perceber que sua ansiedade ao andar tem uma qualidade sensual, embora, como disse, haja 'outra pessoa' dentro dela que teme que ela morra disso. Demoraria muito entrar em mais detalhes, mas, ao longo desta análise, estamos gradualmente informando-nos cada vez mais sobre alguns pontos recorrentes, e, depois das sessões, Frau E. experimenta a alegre certeza de que ficará curada.

Agora, tenho um grande desejo: ou seja, de que um dos filhos de Frau E. tenha permissão para vir para junto dela — o seu filho mais velho, de sete anos, de quem ela poderia tomar conta muito bem sozinha e que seria bem tratado em sua pensão. É este o conteúdo de que sua vida cotidiana fora da hora analítica precisa agora, para que ela possa aprender a utilizar suas energias, tanto interna como externamente. A ausência de seus filhos a preocupa o tempo todo e a força com que se devotaria a eles está sendo deixada de lado. É uma pessoa *muito* maternal, como se pode verificar por sua atitude com outras crianças. Não o demonstra de um modo sentimental, mas pela

maneira alerta, prática e observadora pela qual trata as crianças e por sua capacidade de participar de suas disposições de espírito. Escrevi ao Dr. H. para perguntar-lhe se poderia trazer o menino aqui. Ele tinha querido vir em Pentecostes para uma breve visita com Herr E., *mas recusei*. Pois Herr E. é motivado unicamente pelo desejo de obter tanta informação quanto puder devido à sua própria indecisão. Não tenho a menor intenção de comunicar-lhe qualquer informação sobre a análise. De qualquer maneira, ele é a mancha negra no caso todo. Está claro para mim que ele tem uma disposição tipicamente anal-sádica, compulsivamente atormentadora, forçando sua mulher na relação marital a adotar práticas perversas — o que, para pacientes histéricas, é exatamente a pior coisa que se pode fazer. Talvez, de fato, ele seja um desses casos perigosos de homossexual inconsciente (daí a sua fidelidade marital na abstinência). Mas deduzo tudo isso apenas de indicações indiretas — por enquanto.

Acabo de ter uma rápida conversa com os R., e talvez haja uma possibilidade de análise, ainda que muito interrompida, nos domingos e em dias da semana ocasionais, contanto que possamos utilizar plenamente as longas férias escolares. De qualquer maneira, experimentaremos. Depois de amanhã iremos até lá por pouco tempo — o que ao mesmo tempo possibilitará a Frau E. (que me acompanhará junto com Berta L.) ajustar-se a novos ambientes. Nossa acomodação para o verão está garantida. Herr R. dá uma impressão muito infeliz dos R. para que tudo esteja em ordem daqueles lados, pois afinal está seguindo a profissão que escolheu e se casou com a mulher que ama. O terceiro membro do trio, o jovem gerente, que foi o primeiro a sugerir a análise para eles, é aparentemente um pequeno invertido despreocupado — mais num estágio intermediário, parece-me, do que definitivamente obsessivo. Ele já fez há algum tempo vinte sessões de análise.

Mas realmente estou falando pelos cotovelos. E ainda há tanta coisa — ah, não ousou pensar *quanta*. Quero enviar esta carta hoje, domingo à tarde, porque não estou certa se chegaria ao senhor a tempo para a manhã de quarta-feira se a enviasse amanhã. O senhor estará sentado para o café da manhã, cercado de todos os seus cartões de aniversário, enquanto eu estarei sentada aqui (ou em B...stein), conjurando-o em

minha imaginação para eliminar a distância entre nós. *Caro Professor*, não posso exprimir com palavras tudo o que desejo e espero para o senhor em termos de felicidade. Sinto agudamente quão completamente me identifico com todos vocês, como se eu fosse um fragmento de uma velha Anna, e de certa forma inseparável de todos vocês.

Cordialmente, sua
Lou

Caro Professor,

Por favor, permita-me enviar-lhe meus mais cordiais cumprimentos por seu aniversário.

Lembranças efusivas,
Seu,
F. C. Andreas

10 de maio de 1925
Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Domingo à tarde e silêncio! Esta manhã, com a ajuda de Anna e do datilógrafo, tratei de minha correspondência, que se tinha acumulado em consequência de minha inveterada negligência, e agora posso agradecer-lhe e ter uma conversa com você.

Antes de mais nada, quero agradecer a seu querido velho companheiro pelas bondosas linhas que me escreveu, a mim, um estranho. Que ele possa ir seguindo até quando desejar.

Quanto a mim, não desejo mais continuar com ardor suficiente. Uma crosta de indiferença está lentamente insinuando-se sobre mim: um fato que afirmo sem queixas. É uma evolução natural, uma maneira de começar a ficar inorgânico. O 'desprendimento da velhice', acho que é assim que se chama. Deve estar ligado a um desvio decisivo na relação dos dois instintos postulados por mim. A mudança que ocorre talvez não seja muito notável. Tudo é tão interessante quanto era antes, os ingredientes tampouco estão muito diferentes. Mas falta uma espécie de ressonância. Não-musical como sou, imagino que a diferença seja algo como usar ou não o pedal. A pressão tan-

gível e constante de um sem número de sensações desagradáveis deve ter acelerado esta condição de outra forma prematura, esta tendência a experimentar tudo *sub specie aeternitatis*.

A não ser por isso, a existência ainda é suportável. Penso mesmo que descobri algo de importância fundamental para nosso trabalho, que guardarei para mim por algum tempo.¹⁸⁵ É uma descoberta da qual eu realmente deveria envergonhar-me, pois deveria ter adivinhado essas ligações desde o começo, e não apenas depois de trinta anos. Mais uma prova de que somos todos falíveis. (...)

Alegrei-me em saber que você se sentiu muito mais à vontade na casa de Eitingon, desta vez, gozando de maior intimidade com os dois. Não é direito que nossos esforços para nos encontrarmos continuem tão sem êxito. Muito provavelmente não irei a Hamburgo,¹⁸⁶ mas insistirei para que Anna vá, e então vocês poderão encontrar-se lá.

De qualquer maneira você continua bem informada sobre os detalhes de nossa existência.

Com cordiais saudações,
Seu,
Freud

B...stein, 18.V.25

Caro Professor,

Sua carta chegou aqui como uma espécie de carta de aniversário do senhor para mim: pois contém algo maravilhoso e esplêndido — mantido oculto por algum tempo como um prato de conteúdos misteriosos — mas o próprio fato de que ele existe é em si uma fonte de prazer antecipado. O senhor prossegue dizendo que essa coisa deveria ter sido descoberta há trinta anos atrás — diz isso quase que depreciativamente a respeito de seu próprio feito. Mas como o momento preciso que dá à luz essas coisas, o produto da mais intensa atividade interior, nunca pode ser obra do acaso, está claro que talvez muitas vezes devemos à velhice nossos melhores produtos, não como um depósito residual, mas como a própria fruta.

O processo de tornar-se inorgânico, que o senhor menciona com relação a isso, é passível de várias interpretações: em torno

do caroço da fruta tudo fica mais duro e resistente do que o era quando ela estava em seu estágio mais primitivo. Finalmente, não sobra nada além da própria casca, que a segura e contém, embora essas distinções não fossem tão agudamente traçadas na primavera e no verão. É isso sem dúvida o que pode ser entendido pela expressão 'sub specie aeternitatis' ou 'desprendimento da velhice', ou seja, não apenas uma maneira eufemística ou irônica de descrever um processo de ossificação ou de retardamento.

De acordo com minha própria experiência da velhice, muitas vezes me pareceu que muitos aspectos da experiência desaparecem e se desvanecem, enquanto aumenta a tendência a abandonar o multifário em favor do essencial e do vital. Esta última, sinto, é a razão de grande parte da minha atual felicidade e também do sentimento de gratidão por não ter morrido jovem (como se aqueles que morrem jovens na verdade fossem, como frequentemente se diz, favoritos dos deuses, mas não da vida). Ao mesmo tempo, é claro, aumentam as queixas puramente pessoais e físicas. E é certamente isso o que acontece com o senhor, pois, o seu sofrimento é maior, na medida em que proporcionalmente seu 'caroço da fruta' é maior, e pode muito bem fazer com que o senhor encare todos os dias e todas as circunstâncias de sua vida com uma raiva justificada (...)

Com tudo isso, esqueci de dizer o que deveria ter dito no começo: o quão feliz estou com a perspectiva de passar algum tempo em agosto com Anna, sem necessidade de correspondência. Esperarei por isso a cada dia. Anexo a esta uma carta que lhe escrevi outro dia* e que lhe peço ler quando o senhor tiver tempo e vontade. Trata do caso de E. — por cujo motivo vou registrá-la — que agora foi seriamente perturbado por fatores externos e se tornou uma fonte de desespero e preocupação para mim.

Com cordiais saudações,

Sua,
Lou

Schloss B. . . , as coisas estão indo bem com os R.; a análise, é claro, só pode ser muito interrompida.

* Ou seja, a carta seguinte.

(Göttingen, cerca de 15 de maio de 1925)

Caro Professor,

Venho ao senhor hoje como um completo caco velho! Mas é necessário que saiba das mudanças vitais que ocorreram com relação a Frau E., já que foi o senhor afinal quem me pediu para aceitar sua análise. Provavelmente, já deve saber por minha carta a Anna que problemas e aborrecimentos advindos de causas externas tivemos de suportar no progresso pacífico de nosso trabalho.

De acordo com nossa combinação, de tempos em tempos eu informava ao Dr. H. dos progressos tão bem-vindos e firmes do tratamento e, durante algum tempo, ele respondeu com o tom de interesse benevolente que havia adotado desde o começo. Parecia tão satisfeito quanto nós com as crescentes perspectivas de uma cura com êxito. De fato, várias vezes escreveu a Frau E. que essas melhoras davam esperanças de 'brilhantes recompensas' (com relação à atitude de seu marido para com ela). Mais tarde, escreveu até mesmo para dizer que tinha em mente exatamente o tipo de apartamento que ela desejava (o que me surpreendeu na época, pois não havia possibilidade ainda de uma cura *rápida*). A condição para tudo isso era, sem dúvida, o amor dela pelo marido ausente; com relação a mim também ele construiu sobre esta base seus planos para o futuro. A combinação no início da análise era de que esta última tentativa de cura deveria ser feita a fim de que os dois cônjuges pudessem ter clareza quanto ao que seria sua relação mútua, como resultado (...)

Herr E., afinal, tem as três crianças e queria manter sua custódia no caso do divórcio, que ele contemplava no último inverno baseado na doença de sua mulher. O senhor mal pode imaginar o desespero que nos foi causado pelas mudanças havidas com o Dr. H. Encorajada por ele a todas as esperanças de felicidade, e então forçada a tomar decisões impossíveis (ele deixou isso por minha conta, é claro, mas ela soube de suas recusas e do tom de suas respostas breves), Frau E. foi submetida a um agudo sofrimento exatamente no momento em que havia aprendido a concentrar-se tão bem no trabalho de análise. Devo afirmar que sua reação em si tem uma base normal, não importa em que ansiedades ou explosões emocionais se expresse ou o quanto retarde seu progresso por enquanto.

O que causa o seu sofrimento provém de seus melhores sentimentos, que a equipam tão admiravelmente para a maternidade. Há meses ela já vem demonstrando um maior calor e sentido de realidade sob esse aspecto.

Caro Professor, estou bastante avançada em seu tratamento e isso me impele à determinação de agarrar-me a esses êxitos a qualquer custo: não tenho nenhuma intenção de deixar que ela seja destruída! Afinal, tenho meus direitos frente às influências perturbadoras nos três pontos seguintes: 1) o direito de prevenir e evitar uma interrupção, de modo que a análise possa ser continuada até que ela esteja curada; 2) o direito de dispensar minha paciente de ser forçada a tomar decisões súbitas e vitais (devido às quais, afinal, antes de mais nada, toda a análise foi iniciada); 3) o direito de lutar por seus filhos em seu nome — tanto como fatores imensamente importantes em seu tratamento, na medida em que eles restabelecem gradualmente o valor natural de sua vida, como também enquanto posseção permanente, da qual seu marido não tem direito de privá-la. Tenho de fato esses três direitos, não tenho?*

(Göttingen, pouco antes de 14 de junho de 1925)

Caro Professor,

Poderia incomodá-lo mais uma vez com a questão de Frau E., depois de ter anexado uma exposição tão longa sobre as preocupações causadas por B. em minha carta de B...stein?

Gostaria de dar uma resposta correta e apropriada à carta anexa, que acabou de chegar. Será que o estaria fazendo se afirmasse que a combinação com Herr E. com relação ao tratamento de sua mulher pressupunha que este não deveria ser interrompido no meio e que ela não deveria ser subitamente forçada a tomar decisões vitais? Poderia, em segundo lugar, insistir no fato de que ela não pode em circunstância alguma renunciar a seu pleno direito às crianças, já que sua recuperação seria realmente comprometida se ela fosse impedida de prosseguir em seus deveres maternos? Afinal, foi apenas devido à

* Fim da carta.

sua doença que foi impelida pelo marido (no meio de sua última gravidez!) a concordar com um divórcio, e a análise se destinava a capacitar os dois cônjuges a tomar uma decisão favorável ou contrária a esse respeito. Além disso, a verdade é que ela e seu pai suplicaram insistentemente para que o casamento fosse adiado até que ela tivesse feito um tratamento, mas isso foi terminantemente recusado pelo marido, com a observação de que ele era a única pessoa que arriscaria algo com o casamento e que estava plenamente preparado para assumir esse risco.

Tentarei persuadir Frau E. a concordar com o divórcio,* contanto que tenha absoluta garantia da custódia das crianças. Deus sabe qual é a posição da lei tcheca, mas ela só deveria concordar se lhe fosse dada essa garantia, pois tudo depende disso. Isso representa o único conteúdo realmente valioso na vida desta mulher, que, com exceção de seus talentos maternos, não foi muito ricamente dotada, e representa também a recompensa que esperaria por sua recuperação, e que por si só estimula suas energia suficientemente para o necessário esforço.

Caro Professor, o senhor poderia escrever-me ou até mesmo telegrafar uma palavra de conselho a respeito do que posso pedir de B, na minha posição de analista?

Depressa!
Com efusivas lembranças,
Sua,
Lou

14.VI.25
Viena IX, Berggasse 19

Cara Lou**

Não pude telegrafar-lhe, pois meu conselho não podia ser expresso numa fórmula telegráfica. Sou de opinião de que só

* (NA MARGEM) sou a favor do divórcio em si — o marido, um homem doente, produz um efeito negativo sobre ela — apenas, não se deveria ter permitido que ele interferisse no período de análise.

** Datilografada.

existe um caminho aberto para você: em sua resposta, mantenha sua posição no contrato que havia sido combinado entre vocês. Ele estipulava um período de experiência de seis meses, a fim de que você pudesse dizer se considerava justificada a continuação do tratamento, e que eles dissessem, por sua vez, se concordavam com esta continuação. Durante esse período de experiência o status quo deveria ser mantido, sem qualquer mudança de fora. A atitude que Herr E. tomou agora é uma ruptura manifesta desse contrato. A única resposta possível que você pode dar-lhe é declarar o contrato nulo, desistir do tratamento e não participar mais das futuras etapas do caso E. Não é seu problema preparar Frau E. para o divórcio. Você não é um conselheiro legal nem uma tia universal, mas uma terapeuta, que só pode fazer seu trabalho se as condições combinadas forem respeitadas. E isto é tudo. Se existe alguma coisa que possa surpreender, é um recuo tão decisivo de sua parte.

Não considere cruel este conselho. É simplesmente correto.*

(Göttingen, 18 de junho de 1925)

Caro Professor,

Agradeço-lhe particularmente por sua rápida resposta. A despeito do que o senhor chama de 'aparentemente cruel' em seu conselho, ele corresponde inteiramente à minha própria opinião. Em B...stein, durante a primeira tentativa de Herr E. de criar problemas, eu já havia dito a mim mesma: se ele fosse financeiramente responsável pelo tratamento, a única atitude apropriada de minha parte seria jogar-lhe o contrato no rosto. Entretanto, (eu não me dava conta de que o senhor não sabia) a análise está sendo financiada não por ele, mas pelo pai de Frau E., que tirou a filha das mãos do genro pelo período de duração do tratamento. Desde o começo ele pagou a análise, bem como todas as despesas de sua filha. O genro não teve nenhuma participação nisso. Desse modo, o pai esperava mais uma vez, a última vez, que *não* houvesse interferências no tratamento, o que já acontecera antes várias vezes através da in-

* Falta o final.

fluência do marido. Logo, a situação é de tal ordem, que eu apenas desapontaria as esperanças de seu pai, o velho Herr B., que agiu estrita e precisamente de acordo com todos os nossos desejos e pedidos. Não tenho qualquer laço com Herr A. E. no que concerne à análise. Agora respondi diretamente à corte que eu havia entregue a Frau M. E. a carta que o advogado me escreveu e que com isso retirava-me do caso, já que as decisões de Herr A. E. não me diziam respeito e de modo algum afetavam os acordos que o pai de Frau E. havia feito comigo com relação a ela. Já que o pai em B. precisa agora encontrar seu próprio advogado, o caso pode prosseguir sem interferir em nosso trabalho analítico: exatamente como qualquer outro infortúnio que se introduz no tratamento.

Devo unicamente ao senhor o fato de ter sido estabelecida essa linha clara de demarcação. Comecei a perceber que estava considerando a interrupção do tratamento de maneira demasiado emocional. Tinha ficado exultante demais com a melhora gradual em face das dificuldades implicadas. Agora, acredito, vejo a situação com clareza. A propósito, a pobre mulher está hospitalizada, desde alguns dias com um genuíno ataque agudo de artrite reumatóide — com os pulsos, ancas e joelhos inchados, e com febre.

Por hoje queria apenas discutir esse assunto com o senhor. Os mais cordiais agradecimentos de sua

Lou

Quinta-feira

(Munique, 2 de set. 1925)*

Apenas uma rápida palavra daqui. Cheguei a Munique há duas horas atrás, mas em meus pensamentos ainda estava realmente com o senhor entre suas montanhas, com o coração cheio de gratidão por estas semanas longamente esperadas. Quando deixamos a estação — em nosso principesco compartimento de primeira classe — a grande lua, agora quase cheia, olhava-nos em toda a sua mágica beleza, que o senhor, ao

* Depois da visita de Lou a Freud e a Anna Freud no Semmering, de 15 de agosto até perto do fim do mês.

voltar para casa, não pode ter visto tão rapidamente quanto nós — uma percepção que, em vista de meu próprio sentido de orientação deficiente, devi unicamente à certeza pesarosa de Anna. Da mesma forma, para meu grande prazer, a lua continuou assinalando a Schüler Villa¹⁸⁷ ou o Südbahn Hotel, embora me parecesse uma espécie de truque mágico, dando a todo o campo uma aparência familiar, como se, desse modo, pudesse acompanhar-me em todo o caminho para a Alemanha até Göttingen.

Logo, ainda passamos duas horas felizes juntas, e chegamos quarenta e cinco minutos atrasadas em (Munique), numa indescritível confusão causada pelos trens de excursões escolares cheios de crianças enjoadas. Apesar de tudo isso, seu genro¹⁸⁸ conseguiu pescar-nos com a habilidade de um escoteiro, e nos levou à casa de Frau Eva R(onsenfeld), onde encontramos o Dr. Bernfeld e passamos momentos agradáveis. Depois disso, o destino cruel separou-me de Anna na estação. Em vez dela, recebi como companheira de sono, na cama de baixo, uma moça parisiense, de fato encantadora, mas incapaz de impedir-se de discutir política mundial no meio da noite, embora eu afirmasse vigorosamente, ou ainda sonolentemente, que apenas em parte possuía sangue alemão¹⁸⁹ e que recentemente havia dado provas de meu entusiasmo por Napoleão. Ao descer de meu compartimento pela manhã, ainda estava tão envolvida no pó e no doce perfume parisiense que meus parentes que tinham vindo buscar-me, aspiraram-no suspeitosamente.

Há várias coisas que gostaria de dizer, mas não sei como, pois não encontram uma forma. Sento à janela olhando a chuva cair (espero que não se estenda até o Semmering), desejando que fosse a janela de nosso compartimento, revelando-me ainda as cenas familiares que deixei para trás.

Sua
Lou

Por favor, afague as orelhas de Wolf por mim. Comecei a ficar um pouco infiel a ele por causa do valente bassê de R., ainda que este tivesse malvadamente esvaziado a metade do prato de comida na mesa sem demonstrar o menor sinal de desolação ética. Tampouco foi castigado — o que tem a dizer sobre isso o muito mais civilizado Wolf?

(Göttingen, 3 de maio de 1926)

Caro Professor,

Sublinhando com um traço grosso esta palavra, exprimi realmente tudo o que queria. Mas os grifos adequados para este propósito teriam de ser tão grossos, que não seria possível continuar a escrever. E, além disso, ao sentar aqui e pensar no senhor, sinto-me invadida de tristeza. Tudo me entristece: o fato de não poder vê-lo no dia 6,¹⁹⁰ enquanto muitos outros poderão fazê-lo; o fato de que o senhor não receberá nenhum presente meu (pois qual seria o sentido disso!) e de que eu, além das mãos vazias, sinto este vazio de forma tão amarga; de que o senhor tem estado doente e ainda assim está trabalhando de novo; de que tudo está respirando e cheirando à primavera este ano muito cedo e com total perfeição — e de que o senhor tenha novamente de ficar na cidade até que a época mais adorável do ano tenha passado; de que o senhor esteja certamente fumando, quando sem dúvida não o deveria estar fazendo e que fico furiosa quando penso que alguém tem o direito de proibir-lhe este prazer.

Seria difícil imaginar uma carta de aniversário menos apropriada do que esta longa lista de lamentações, mas a verdade é que lhe desejo muitas felicidades pelo dia 6, ao qual a vida não prestará nenhuma atenção, e sei com absoluta certeza (e isso não tem nenhum valor) que daria uma grande parte do que resta de minha vida a uma fada madrinha se ela fosse capaz de satisfazer qualquer desses votos de felicidades para o senhor.

Enquanto o senhor estava no Sanatório de Cottage, li e reli seu livro,¹⁹¹ e quis escrever-lhe sobre ele, mas não consegui fazê-lo. Contrasta com o que o senhor escreveu no Semmering pelas novas linhas introduzidas e pelas investigações ulteriores realizadas pelo senhor. Deixa uma forte impressão de infundável vitalidade, revelando a psicanálise num estado contínuo de fluxo, sem jamais correr o perigo de cair numa sistematização rígida. Não é apenas uma 'jovem ciência', mas uma ciência para todos os tempos, com seu mais velho membro liderando o caminho — uma ciência para os jovens de espírito! E ainda assim, quase tive um choque num determinado ponto (longa nota de pé de página à p. 90), porque me pareceu que, afrouxando alguns pontos, poder-se-ia fazer com que todo o tecido ficasse esburacado. Mas não preciso dizer mais nada sobre isso,

porque meu choque passou logo. Quando leio esse trecho novamente agora, parece-me que seu objetivo foi neutralizar em tempo a ênfase prevalecente ao 'demoníaco' e às filosofias a que ele deu origem e neste ponto estou inteiramente a seu lado.

Quanto a mim, ainda estou ocupada tratando dos dois R. Embora o fato de que ambos estejam do lado errado dos quarenta crie uma dificuldade (além da distância geográfica, que é um sério obstáculo), por outro lado, é definitivamente de grande ajuda estar lidando com pessoas *maduras*. Isso garante uma aproximação séria da análise, bastante diferente, pelo menos com pessoas desse calibre. Ambos lhe enviam efusivas lembranças.¹⁹²

O que Wolf tem a dizer sobre o seu aniversário, que ele nunca havia ajudado a comemorar antes? Não deveria receber a metade de um salame para o jantar? (realmente merece o apelido que os russos dão aos alemães — comedores de salsicha). Mas depois de seu período de exílio, certamente se aproximará ainda mais de uma encarnação humana, embora conservando, é claro, todas as suas encantadoras propriedades caninas.

Com todos os meus votos de coração,

Sua,
Lou

Terça-feira de manhã

Caro e digno Professor,

Calorosos cumprimentos de um octogenário por seu septuagésimo aniversário.

Seu,
F. C. Andreas

13.V.1926
Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou*

O infeliz estado destes tempos apenas me permite umas poucas palavras de agradecimento em lugar da longa conversa

* Datilografada.

de que eu teria gostado. Sentamos, Anna e eu, todas as noites respondendo cartas, ou antes, pretendendo fazê-lo, mas às vezes achamos isso muito difícil e desistimos novamente. Entretanto, o débito fica cada vez mais opressivo e precisa ser saldado. E o débito para com você exige pelo menos um pequeno pagamento por conta. Como tal, aceite por favor esta expressão um tanto formal de agradecimento. Posso acrescentar que embora todas as coisas tristes mencionadas por você sejam corretas, ainda assim enfrento a situação com o coração bastante firme. Recuperei-me bastante bem do último ataque de uma nova doença (angina do peito) e estou mais ou menos reconciliado com os outros problemas. Era de esperar que meu último livro causasse um certo tumulto. Depois de algum tempo isso será apaziguado, mais uma vez. Não faz mal que as pessoas percebam que ainda não adquirimos o direito à rigidez dogmática e que precisamos estar prontos a revolver o solo do vinhedo, freqüentemente. Em todo caso, as modificações propostas nem são tão revolucionárias, afinal.

Só posso responder às suas amáveis perguntas sobre Wolf afirmando que ele atravessou as comemorações numa inocência animal. Pouco antes não havia passado bem e aproveitamo-nos disso para enviá-lo durante o período festivo ao seu antigo dono em seu sanatório, de onde voltou, recuperado e sem suspeitas. Anna mandou-o fotografar antes disso e afixou um poema ao seu retrato, através do qual, embora ausente e involuntariamente, ele me proferiu seus cumprimentos.

Com lembranças efusivas e na esperança de ter notícias suas em breve,

Seu,
Freud

(Göttingen) 24.V.26

Caro Professor,

Considerando o enorme número de cartas com o qual o senhor deve ter sido esmagado, não pretendia que me enviasse uma resposta. Tampouco o esperava meu marido, que lhe agradece muito pela sua. E dois dias depois — esta manhã — chegou de Eitingon, com uma bondosa mensagem de seu próprio

punho,* um generosíssimo presente em dinheiro. Estou inteiramente emudecida de surpresa. É como se tivéssemos trocado de aniversário, como se fosse *meu* aniversário. Como posso agradecer-lhe convenientemente por esta surpresa? É bom que não seja preciso procurar palavras, pois sei que o senhor sabe como me sinto, caro Professor. Isto em si é um sentimento precioso.

Por favor, diga a Anna que escreverei em breve. Os feriados de Pentecostes foram estragados por todos os tipos de problemas. Além disso, faz um frio horrível aqui e meu marido reclama amargamente da umidade e da friagem que sente em todos os seus ossos.

Com lembranças do coração,

Sua,

Lou

(Göttingen) 4.V.27

Caro Professor,

Meus melhores votos possíveis pelo 6 de maio! Talvez o senhor o esteja passando não na poeirenta Viena, mas em algum lugar no campo? Há muito tempo não tenho qualquer notícia, porque a detestável e imprestável Anna não me contou nada desde antes de sua viagem a Berlim, pelo que eu a empurrei para fora de meu chamado coração. Mas isso não tem muita importância, pois ao partir de lá ela teve de deixar seu livrinho,¹⁹³ que serve como um representante admirável e permanente de sua presença! Continuo a lê-lo com o mesmo prazer, e o senhor também deve ter tido o mesmo prazer ao ver Anna impressa. É realmente esplêndido que ela, em seu campo muito especial, produza um ramo tão florescente da firme árvore paterna. Transformar-se numa tal filha: de fato, é algo excepcional!

Ao mesmo tempo, parece-me que deve ser uma fonte de prazer para o senhor observar a explosão primaveril de produtividade que agora ocorre no mundo psicanalítico. Ainda não li as últimas publicações, mas fiz um estudo cuidadoso de tudo até estas últimas e fiquei com uma forte impressão do vigor da nova geração e com as discussões vivas que suas opiniões ori-

* Não mais existente.

ginaram. (Ainda sinto ter perdido as discussões de Anna com os colegas¹⁹⁴ em Berlim. Eitingon descreveu-as como 'verdadeiramente estimulantes'.)

Hoje temos nosso primeiro dia brilhante de verão. Até aqui, o tempo conservou o habitual e irritante comportamento da primavera, que é tradicional na Alemanha: servir algo agradável, que então é tomado de volta outra vez — algo como costumava acontecer na infância, quando se guardava para 'mais tarde' a maioria das coisas na mesa em que os presentes de aniversário eram dispostos. Hoje estou esticando meus velhos ossos ao sol e meu marido está fazendo o mesmo. Isso nos levou a discutir o fato de que a velhice realmente tem seus 'aspectos ensoberbados', pouco perceptíveis em outras épocas da vida. Nesse ponto, realmente, vou tão longe que me torno francamente curiosa quanto ao que ainda permanece desembaraçado para mim na assombrosa meada da vida e quanto a que surpresas entrelaçadas nesta meada ainda devem apresentar-se diante de mim. Mas admito sem reservas a natureza quase idiotamente infantil desta atitude. Ainda assim, ela continua a rir zombeteiramente de toda a minha sabedoria superior, apresentando-se todas as manhãs logo que abro os olhos e antes que eu seja completamente uma *compos mentis*, e conferindo a todo o dia que se segue alguma coisa desta jubilosa idiotia.

Calorosos votos a toda a sua família, caro Professor — e ao senhor: que sabe quanta coisa estimo!

Sua,

Lou

Os mais cordiais cumprimentos também de

Seu F. C. Andreas

11.5.27

Viena IX, Berggasse 19

Minha querida e indômita amiga!

Li sua carta de aniversário com a mesma sensação que se tem, sentado ao lado do fogo, no inverno, aquecendo-se em seu calor. Como é maravilhoso — um marido e uma mulher, o primeiro dez anos mais velho e a última dez anos mais moça

do que eu, e eles ainda gostam do sol. Mas, para mim, a idade ranzinza chegou — um estado de total desilusão, cuja esterilidade é comparável a uma paisagem lunar, uma idade de gelo interior. Talvez o fogo central ainda não esteja extinto, porém, e a esterilidade afete apenas as camadas periféricas e, se houver tempo, uma nova erupção possa ocorrer (...)

A 15 de junho deveremos novamente estar escalando nosso Semmering.

Sinto saber menos de você agora. Que novas prendas a vida traz consigo? Em grande parte, coisas negativas, perdas, também de pessoas, de quem algum dia possuímos uma parte.

Meus calorosos agradecimentos e lembranças a vocês dois, você e seu velho companheiro, de

Seu
Freud

(Göttingen) 20.V.27

Caro Professor,

Preciso ter uma outra conversa com o senhor. A razão disso é que ao ler sua carta, tenho a sensação de estar sentada diante do senhor, e numa situação dessas não se fica calado. Estive pensando no que escreveu sobre a esterilidade e as 'erupções' e disse a mim mesma: uma tal série de erupções é afinal uma série de esplêndidos benefícios, e nossa grata lembrança deles nunca poderá realmente morrer. Por que o Vesúvio deveria incomodar-se com um pouco de lava? Mas, afora isso, há um outro aspecto da questão: sempre me parece como se a velhice recompensasse as perdas, as lavas, com movimentos mais profundos, não tão fáceis de registrar de fora. Isso não me parece apenas o resultado de minha própria tendência otimista, mas também de uma experiência gradualmente adquirida, por exemplo, na esfera que toca as mulheres mais de perto, a esfera erótica. Pois eu temia que a velhice se estabelecesse tarde demais (porque fisiologicamente falando ela se manifestou apenas aos sessenta) e que desse modo eu pudesse ser lesada naquilo que a velhice especificamente tem a oferecer. Felizmente, pude capturar alguma coisa dela. E, sem dúvida, ela trouxe alguma felicidade — de fato, se eu agora tivesse de escolher

entre as duas fases da vida, em verdade não estou certa sobre qual delas minha escolha recairia. Pois quando alguém abandona a experiência erótica no sentido mais estreito, abandona ao mesmo tempo um beco sem saída, por mais maravilhoso que possa ser, onde só há lugar para dois lado a lado. E ingressa então numa vasta extensão — a extensão da qual a infância também fazia parte e que apenas por um momento tendemos a esquecer. Com a intensificação e maior agudeza de nossa consciência de nós mesmos, como distintos de tudo o que nos cerca, só removida de tempos em tempos pelas pontes que o amor cria especialmente para este fim, perdemos toda aquela identificação original com muitas das coisas que tornaram nossa infância uma época tão rica e também tão sábia, apesar de toda a sua inexperiência, e, de certa forma, tão superior ao que se seguiu.

Acreditamos que seja possível reexperimentar alguma coisa disso — apenas *alguma coisa*, mas, como recompensa, saturada das experiências interpostas e, por isso, mais conscientemente possuída por nós. Podemos render-nos a essa experiência renovada com maior independência e esquecer nossa própria personalidade (em lugar da temerosa dependência infantil de outras pessoas e de sua aprovação, e do desamparo da criança diante de seu próprio futuro). Encontramos ninhos por toda parte, colocamos ovos por toda parte, aceitamos as coisas mais facilmente e finalmente voamos para longe. É verdade que em tudo isso o corpo, que em nossa juventude ajudou a construir as pontes do amor, torna-se cada vez mais incômodo, e assim continua até o fim, como uma parte estranha de nós mesmos — raios o partam!

Mas neste último inverno experimentei — em consequência de minha velhice, acredito, — algo novo e inesperado, que se originou da mais triste das experiências, pois foi uma consequência direta da morte de Rainer.¹⁹⁵ Algumas décadas antes, o essencial para mim teria sido simplesmente a privação, a terrível perda após trinta anos do mais íntimo companheirismo. Agora, a consequência imediata para mim foi uma incessante preocupação com ele, que continuou até mesmo durante e na base de qualquer outro trabalho e nos intervalos entre eles — mas, sem dúvida, isso sempre fez parte de meu método involuntário de preocupação intensiva com acontecimentos inesperados e de minha recusa em evitar acontecimentos trágicos.

Mas, enquanto há algum tempo atrás, isso teria sido unicamente uma questão de pesar, agora tornou-se algo notável.

No momento em que Rainer foi removido do fluxo e re-fluxo mutante de sua existência, adquiriu um firme contorno em minha mente. A totalidade de seu caráter essencial emergiu de minha preocupação interior com ele, de cartas e lembranças, e de um novo e inaudito tipo de comunhão. Primeiro, isso assumiu a forma de uma intensificação do pesar — uma espécie de lamentação por eu não mais poder *dizer* a ele, comunicar a ele, o que para ele teria sido um elemento tão importante de conhecimento e experiência. Mas ele permaneceu uma figura indizivelmente distinta — superando de muito a distinção da existência real —, uma figura que, sinto, não se turvará com o tempo, nem atravessará o processo que normalmente nos torna lentamente acostumados com nossa perda, mas cujas cores, por assim dizer, são uma prova contra o esmaecimento e que, com um elemento genuíno da realidade, se adaptará de acordo com a luz ou a sombra do ambiente.

Não sei se é realmente possível descrever tudo isso. Talvez não — ou, talvez, *eu* não possa. Mas gostaria de fazer uma outra tentativa indireta através de uma imagem diferente: frequentemente, tive uma relação bastante especial com a natureza (daí meu forte impulso de viver apenas no campo), uma relação tal que, depois de viver em cidades ou de viajar, ou após relações sociais, ou de estar com amigos, sentia que precisava voltar ao velho ambiente da natureza, quase como se eu precisasse disso para analisar para mim mesma o que experimentara nesse intervalo. Então, era quase como se a natureza estivesse dizendo-me, através de suas árvores e prados e nuvens, o que ela própria experimentara — o vasto, simples e invariável destino das estações que por ela passaram — e como se meus vários interesses humanos, em comparação com isso, tivessem pouca importância apesar de seus múltiplos aspectos. E agora é quase como se Rainer estivesse debaixo de minhas árvores, enquanto elas experimentam o outono, o verão, o inverno ou a primavera. Num sentido diferente ele também se tornou 'maduro' com elas, reduzido a umas poucas linhas essenciais. Mas é também, da mesma forma, imutavelmente real e maduro, não afetado pela sua ou minha subjetividade e ainda assim simboliza completamente nossas emoções internas, exata-

mente como nossas impressões da natureza exterior são sempre consideradas por nós como simbolizando algo dentro de nós.

Não, falar sobre isso não esclarece. Mas desde a morte de Rainer tenho sentido um forte desejo de falar-lhe a esse respeito. Antigamente — quanto tempo faz — tentava vez por outra exprimir a mesma coisa ao escrever-lhe ou ao falar com o senhor. Pois, de uma maneira ou de outra, isso sempre esteve e ainda está ligado ao que eu aprendi a ver, reconhecer e experimentar através do *senhor*. Este fato está sempre presente para mim, nunca recua para o plano de fundo. Constitui o imenso laço que sempre tive e sempre terei com o senhor.

E por essa razão, o senhor precisa perdoar-me este discurso tão longo. Não me estenderei mais, para que não se torne excessivo. Preciso apenas mencionar uma decepção: esperava que o senhor tivesse tirado umas férias de primavera. Anna não pôde fazer *isso* pelo senhor! E agora, a melhor época do ano terá transcorrido até à metade antes que o *senhor* chegue ao Semmering. Que o verão ao menos concentre em seus poucos e curtos meses o melhor que tem a oferecer!

Lembranças efusivas de sua

Lou

Sábado de manhã: * a carta de Anna acabou de chegar — escreverei logo; e, por favor, agradeça-lhe por mim.

(Göttingen) 6.XI.27

Caro Professor,

Posso ter uma outra conversa com o senhor? O pequeno ensaio sobre Fetichismo**¹⁹⁶ do *Almanach* eletrizou-me! Possui alguma coisa de tão completamente convincente. Eu própria jamais teria descoberto uma coisa dessas! E, no entanto, agora, ao rever minha experiência com meus analisandos e o que li e ouvi, vejo como tudo isso o confirma. Especialmente, talvez, o fato de que os genuínos fetichistas só são encontrados entre

* A lápis.

** Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)

os homens. Nunca tive fetichistas genuínos como pacientes, mas tive um ou dois com tendências nesta direção e eram neuróticos obsessivos.

Pois as mulheres nunca experimentaram o grande choque de descobrir a ausência de seu próprio pênis em suas mães. No macho, esta é a descoberta que origina pela primeira vez a situação de incesto, que o confirma enquanto macho com relação à genitora feminina. Logo, mesmo antes de ter surgido a situação de incesto, ele se defronta com uma experiência esmagadora, que é totalmente suprimida e à qual nunca volta novamente em sua vida posterior. Enquanto a menina se preocupa com coisas mais reais e com a experiência sensual, o homem é rondado nos mais longínquos recessos de sua mente por um romantismo oculto e peculiar, um elemento excitante de irrealidade, que inevitavelmente continua a exercer uma influência secreta em sua vida amorosa. Enquanto, com a ajuda de seus temores de castração, ele supera a situação de incesto dentro de si mesmo, desvia seu desejo secreto de sua mãe e procura degradá-la, junto com todo o seu sexo, mais ou menos ao status de uma prostituta, ainda assim permanece nele uma relação primordial com a 'figura materna com um pênis', que era sua igual sexual e, no entanto, muito superior a ele próprio, tanto por protegê-lo como por superá-lo. Ele precisa encontrar alguma solução para esta situação. Será que não o faz, talvez, nesse amor pelo 'tipo analítico masculino' que o senhor descreveu para nós (em *O Ego e o Id*)? Isto em si é compreensível — como o resultado da luta contra o incesto e da ternura reverencial exagerada que ocupa seu lugar. Se o processo obtém êxito, isso é em parte o resultado da experiência primordial, que parece dessa forma restabelecer um lugar para si mesma no mundo real.

Talvez o fetichista seja precisamente uma pessoa com quem este processo não teve êxito, mas que então o condensa num fragmento absurdo da realidade, uma bota, um cacho de cabelo ou outra coisa qualquer, que então investe de um fantástico esplendor. Mas é exatamente este absurdo que explica o pleno significado do desenvolvimento libidinal bem sucedido da pessoa normal. Sempre me pareceu que o homem, a despeito de seu ajustamento mais consciente e mais firme à realidade, ainda assim possuía uma centelha de uma capacidade mais romântica ou 'idealista' ou profundamente imaginativa — chame-a como

quiser — do que a mulher, razão pela qual é mais criativo. Resignado mais profundamente diante dessa decepção primordial, manteve intactas suas faculdades mais imaginativas, não embaçadas pela realidade, razão pela qual explodem na atividade criativa — enquanto a mulher, a despeito de todas as suas tendências sentimentais, nunca renunciou inteiramente à realidade e, portanto, pode adotar uma relação sóbria e harmoniosa com ela.

Receio que pudesse continuar a falar indefinidamente sobre este assunto, porque sua descoberta me trouxe claramente uma grande alegria, que de modo algum pode ser inteiramente explicada em termos conscientes.

Por outro lado, não fiquei igualmente convencida com o ensaio sobre *O Humor*.^{*} Tentarei indicar rapidamente porque não. A razão é que a autoridade paterna, cujo efeito posterior em nós, acredita-se, determina esta superioridade humorística, é afinal a mesma autoridade que nos levou a considerar com seriedade todos aqueles aspectos da realidade que nós, enquanto crianças, estávamos prontos a evitar e que com todas as suas ordens e proibições conseguiu tornar nossa relação com a realidade tão desesperadamente carente de humor. O superego tem de responder por isso. Em contraste, penso que nossa atitude infantil contém o germe daquilo que bem poderia transformar-se em humor na maturidade. A partir dos anos em que sentíamos mais do que amor, em que sentíamos, na realidade, uma verdadeira identificação com tanta coisa ao nosso redor, incorporando-as narcisistamente, podemos postular retrospectivamente um ponto de vista no qual os acontecimentos do mundo real surgem sob uma luz diferente e, a partir deste ponto de vista, pode muito bem parecer que não estamos apenas envolvidos em tudo isso, mas, como que abençoados com uma visão superior, talvez estejamos elevados acima disso.

Mas não quero — Deus me livre! — começar outra longa discussão! Sem dúvida, sou influenciada nessa impressão pela sensação nítida que sempre tenho de que as antigas experiências infantis também contiveram dentro de si mesmas — ao lado da tentação de soluções patológicas — verdadeiro elixir

^{*} Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974 (N. do T.)

de vida, que flui benéficamente por entre toda a extensão abandonada e árida da vida posterior, com todas as suas cargas, cuja maturidade deve ser alcançada pelo intelecto, quer se queira ou não.

O *Almanach* de 1928 contém tantas contribuições de peso, tanto de outros como do senhor, que se eu tivesse sabido (não foi assim no ano passado) não teria enviado um mero folhetim.¹⁹⁷ Mas o pedido chegou tarde e fui pressionada pelo tempo.

Tivemos céus de outubro inacreditáveis, vermelhos na aurora e dourados à tarde em todas as copas das árvores e um clima mediterrânico ininterrupto. Sem dúvida, sofreremos por causa disso, em breve.

Efusivas lembranças — para Anna também, e toda a sua família,

De sua,
Lou

(Göttingen, meados de novembro de 1927)

Caro Professor,

Há poucos dias atrás um carregamento humano bem vindo chegou aqui enviado pelo senhor — a mãe, a filha e o pai K...er. Os pais já se foram, a filha encontrou acomodações satisfatórias e quero contar-lhe tudo sobre eles.

Após a consulta preliminar, permiti à mãe estar presente mais uma vez para que pudesse desabafar completamente e para que não pedisse quaisquer outros relatos da filha — e também para que eu própria pudesse conhecê-la. Os pais são pessoas animadas e sadias, o círculo familiar compõe-se de sete filhos, todos aparentemente ligados entre si por laços de respeito e amor, de modo que fico contente em pensar na paciente retornando um dia — curada, espero — ao seu convívio. É uma consideração importante. Sem dúvida, trata-se de um meio estritamente católico, mas existe uma certa reação contrária da geração mais jovem. Minha paciente havia experimentado sua ansiedade (diante de espaços fechados, ataques súbitos; sendo forçada a permanecer quieta no espaço aberto, im-

pressão de estar sendo presa) mesmo antes do choque sobre o qual me falou imediatamente, ou seja, a extração de suas amígdalas há dez anos atrás por um médico rude e insensível. Num estágio anterior, era similarmente afetada por tratamentos dentários e, mesmo instantâneos dela, em criança, revelam um minúsculo rostinho apreensivo. Embora se diga que foi 'turbulenta' em seus movimentos físicos, da infância em diante foi muito dócil e dependente. Sua posição favorita era, e quase ainda é, no colo de alguém, mesmo que essa posição implique ser completamente 'encerrada' por braços envolventes. Esta mesma contradição característica é confirmada pelo fato de sempre ter-se apaixonado por médicos — com sua atividade 'agressiva' — e por outro lado, apenas por aqueles que se revelavam hesitantes, dominados por conflitos. Tomou até mesmo a precaução de comprometer-se com um óbvio neurótico obsessivo. Ouso dizer que em breve faremos descobertas sobre suas primitivas fantasias de violência ou experiências com seu pai, através das quais sua impulsividade original sofreu uma deformação histórica. De qualquer forma, este é o resultado da primeira sessão analítica com ela sozinha.

Quando a família K...er chegou inesperadamente, eu estava enterrada em sua argumentação com o Todo-Poderoso.¹⁹⁸ Muito obrigada por seu livrinho. É claro que nossas opiniões estão inteiramente de acordo no que diz respeito ao conteúdo das formações de desejo religiosas. Estas últimas possuem exatamente o mesmo significado das fantasias dos contos de fadas das crianças. Mas, para mim, o centro de interesse deste assunto está em outro ponto: ou seja, na confiança na vida que é inata em nós e até certo ponto comum a todas as coisas vivas — interpretada de uma forma distorcida pela pessoa ou sonhador ou criança ou poeta (ou filósofo!) religiosos, mas encontrada também no mais sóbrio dos cientistas, já que ele também é um ser vivo e sustenta sua coragem, sua força e sua *joie de vivre* em todas as suas preocupações mais prosaicas e vulgares.

Nesse sentido, a diferença entre ele e os crentes não é tão desmedida. Muito atrás do elemento intelectual que existe neles (ao qual a realidade se apresenta como um objeto a ser explorado), já estamos firmemente estabelecidos em nossas reações essenciais. Se estas últimas carecem de um certo grau de confiança, se as compreensões internas 'depressivas' atuam tão de-

pressivamente quanto por sua natureza bem poderiam fazê-lo, então com razão suspeitamos que possa haver algo patológico nas pessoas envolvidas e tentamos, freqüentemente com êxito, livrá-las de sua depressão através da análise.

Por outro lado, quando toda a confiança na vida desde os primeiros anos se ligou de modo particularmente íntimo a formações religiosas e outras formações de desejo, nada, a não ser a análise, tem a possibilidade de poder afrouxar esses laços. Isso torna consideravelmente mais difícil qualquer tentativa de combater as várias crenças religiosas. Deveria ser possível passar sem elas. Mas o principal é que a fé na vida está essencialmente e vitalmente presente. Através dela sobrevivemos e com ela tanto os seres vivos como a natureza vegetal são ricamente dotados e não têm necessidade de Deus.

Hoje eu poderia continuar a discutir isso, interminavelmente, como fiz recentemente com seu ensaio sobre o fetichismo. Mas agora quero apenas agradecer-lhe de novo por ter-me enviado a família (...).

Com calorosas lembranças,

Sua grata

Lou

11.XII.1927

Viena IX, Berggasse 19

Minha cara Lou

Perdoe-me por não ter respondido antes: minha negligência e preguiça estão aumentando. Tudo o que você escreveu me interessou muito. Você está sempre pronta a acrescentar profundidade e a ligar as coisas. Fico feliz se consegui isolar alguma coisa.

Nossa diferença de opinião com relação ao humor lembrou-me de que não fui capaz de resolver um de seus enigmas, ou seja, por que as mulheres dão vazão ou apreciam o humor tão mais raramente do que os homens. Você tampouco quer vir em auxílio do Todo-Poderoso. A minha ira não era tanto dirigida contra ele mas contra a graciosa Providência e a ordem

moral do mundo pela qual certamente ele é responsável. Tampouco persigo de modo algum todas as ilusões, mas por que se deveria aderir precisamente àquela que zomba tanto da razão?

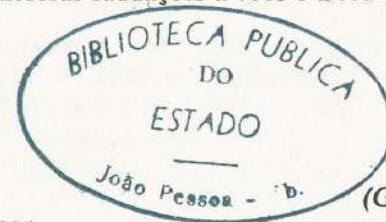
Fico contente em saber que os K...ers chegaram realmente. Nem todas as setas alcançam seu alvo. Estou certo de que desta vez você não se esqueceu inteiramente de seus próprios interesses. Não vou pedir-lhe uma resposta, para não ficar aborrecido. Nestes últimos dias tenho tentado conseguir que o pobre Ernst Toller¹⁹⁹ a procure, mas ele não conseguiu resolver-se a deixar Berlim.

Estou em boa forma. Minha velha mãe (92/3!) está começando a ficar um pouco trêmula. Anna está esplêndida, boa e intelectualmente independente (...).

Com calorosas saudações a você e a seu velho companheiro,

Seu,

Freud



(Göttingen) 30.IV.28

Caro Professor,

Um outro ano passou, como o comprovam os narcisos e as primulas do jardim, embora mal se possa crer quão mais rapidamente o tempo parece passar agora, quase como o contraste entre o ritmo da carruagem e o avião foguete de amanhã. Agora, o senhor está separado de cerca de um mês apenas de seu verão no Semmering, pelo qual certamente estive esperando como por um presente de aniversário, especialmente porque não se permitiu, sem dúvida, qualquer interrupção adequada durante todo esse tempo, como deveria, evidentemente. Só espero que seja possível um verdadeiro verão, a despeito dos terremotos e erupções, que devem exercer certamente uma influência apocalíptica sobre o tempo.

Nesse meio tempo, freqüentemente quis escrever-lhe sobre a pequena K., que devo ao senhor e que constitui uma fonte de todos os tipos de prazer para mim. Quisera poder fazer justiça ao seu caso neste breve sumário. Além disso, a análise apresen-

tou uma surpresa, que tentarei descrever. Desde o começo, ela se revelou um caso claro de histeria com o típico vínculo com o pai, e com estados de ansiedade diante de situações que deixam a pessoa indefesa e que ameaçam com violação e destruição, diante de espaços fechados dos quais não se pode fugir facilmente e de olhares que encaram a pessoa com espanto e indignação, como se a pessoa tivesse traído, perpetrado ou planejado algo chocante.

Em vista disso, eu esperava que houvesse inibições em sua vida sexual. Ao invés, porém, pude perceber que as experiências sexuais, mesmo no sentido pleno da palavra, não só já haviam ocorrido, mas obviamente realizadas com uma grande capacidade de gozo, uma espontaneidade e uma entrega psíquica interior, numa combinação de felicidade e seriedade que nem sempre é encontrada.

A solução do enigma só começou a esboçar-se para mim quando verifiquei até que ponto em cada ocasião era necessário que o respectivo parceiro do amor, a despeito de suas qualidades amáveis, carecesse precisamente *daquelas* que eram especialmente características de seu pai. Isso ficou demonstrado com a mais grotesca clareza numa ocasião em que a moça havia abandonado seu amante sem delongas porque ele revelava um bom gosto incomum em assuntos artísticos. Seu pai, um conhecido arquiteto, distinguia-se precisamente pelo mesmo dom. A diferenciação que ela procurava entre seu pai e seus amantes levou-a a trocá-los constantemente, apesar da sinceridade de suas afeições, e levou-a a iniciar uma boa série dessas relações. De qualquer forma, conduziu a um certo grau de liberdade, que a levou a um agudo conflito com sua educação estritamente católica e com sua atitude de franqueza para com seus respeitadíssimos pais, dos quais estava pouco inclinada a esconder qualquer coisa.

Esta situação só se tornou possível porque ela encontrou um outro repositório para as inibições jogadas fora, onde podiam acumular-se sem perturbações, para só explodirem finalmente sob a forma de estados de ansiedade. Por um óbvio processo regressivo, foi encontrado na esfera anal, através de lembranças das proibições e preceitos da infância — com muito mais facilidade ainda porque seu pai era inusitadamente minucioso em

questões de decoro e conduta social. O principal sintoma em tudo isso era a sua ansiedade de flatulência: o medo de não ser capaz de resistir à necessidade de soltar gases, que poderia assaltá-la em sociedade, em conferências, aulas ou em lugares dos quais não pudesse retirar-se facilmente. Durante anos, tomou remédios caros como medida de precaução. Isso passou a não adiantar e qualquer relação social se tornou virtualmente impossível. O mais assustador de tudo era um misterioso pressentimento, como se algo espantoso *pudesse* realmente acontecer, com um efeito aniquilador — ou seja, incesto?

O desejo inconsciente desse incesto afetava-a com maior urgência quando tocava em dueto com o pai — nos trechos difíceis para os quais nenhum dos dois estava preparado e em que ambos lutavam para compensar sua insuficiência através de uma execução temperamental. A propósito, ela guarda uma lembrança muito antiga da impressão tremenda que lhe ficou quando seu pai, aquele modelo de estrito decoro, demonstrou-lhe uma vez que nada está além dos limites da possibilidade. Foi num passeio em família na floresta, quando inesperadamente ele teve de aliviar-se. Perplexa, permaneceu como que enraizada no lugar, esperando que os céus desabassem a qualquer minuto. Seu pai, entretanto, voltou-se para a família e explicou sem qualquer indício de vergonha: “É assim que faz o pequeno veado da floresta”.

Minha carta chegará cedo demais para o 6 de maio, mas não quero retê-la deliberadamente, quando este domingo me deu tanto tempo e inclinação para escrevê-la. Talvez possa continuá-la em alguma outra hora. Pois freqüentemente ainda fico preocupada com o seu livrinho amarelo. Oh, como senti o fato de não estar presente à noite de debates em que a Sociedade se encontrou em sua casa! Sem dúvida, isso acontece de tempos em tempos, e todas as vezes eu deveria estar aí, especialmente nessa ocasião. Mas Anna escreveu dizendo que não estava satisfeita com o debate que surgiu. Por favor, transmita minhas efusivas lembranças a Anna e a toda a sua família. E para o senhor, os mais sinceros votos de

Sua
Lou

9.5.1928
Viena IX, Berggasse 19

Minha cara Lou

Ao menos foi muito bom saber de você novamente. Mesmo que os aniversários não possam ser evitados, sua comemoração dá origem a todo tipo de dúvidas, e por isso desejamos alguma prova de que eles também podem ter a sua utilidade.

Deve acontecer com frequência que pessoas particulares tenham experiências particulares a relatar, como no caso de sua K. É preciso prestar-se atenção num caso como esse. Temos aqui um Dr. Reich,²⁰⁰ um jovem valoroso, porém impetuoso, apaixonadamente devotado ao seu hobby por cavalos, que agora saúda no orgasmo genital o antídoto para todas as neuroses. Talvez ele possa aprender com sua análise de K. a sentir algum respeito pela natureza complexa da psique.

Por trás da regressão anal de sua paciente jaz a sua identificação paterna e, por trás disso, portanto, o seu complexo de masculinidade — certamente de modo algum insignificante?

É claro que você não precisa lastimar-se por ter perdido o debate sobre a ilusão amarela. Em consequência do problema com a minha prótese, tive novamente de interromper os encontros mensais em minha casa. Aprendemos a enumerar as próprias perdas. Eu já tenho um bom registro delas, algumas mais dolorosas do que esta.

Não mencionou como você e seu velho companheiro estão passando. Espero que ambos estejam muito bem e lhes envio minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Freud

(Göttingen) 23.V.28

Caro Professor,

Estou certa de que me perdoará por ter uma outra conversinha consigo tão cedo, pois o senhor fez uma pergunta em sua carta sobre o caso K. Eu não havia tocado na conexão entre a regressão anal e o complexo de masculinidade a fim de não

complicar meu breve relato. A princípio, antes que eu pudesse considerar os amantes individuais de K. suficientemente de perto, em relação ao seu desvio da imagem do pai, tentei explicar o enigma de sua desinibida vida amorosa, apesar da histeria de ansiedade, diretamente a partir do complexo de masculinidade; como se a moça, devido talvez à sua natureza altamente feminina, tivesse tido muito pouca consideração com o componente masculino dentro de si, e como se esse componente procurasse compensar isso agora provocando um certo grau de neurose. Pois é bastante claro que na ansiedade de flatulência surge um prazer agressivo em realizar algo proibido.

Do momento em que ficou evidente para mim o quanto a libido genital permanecia fixada no pai, embora sua natureza fortemente erótica lhe permitisse ter outras relações, fiquei interessada no componente masculino por outras razões. Ele concordava com algumas observações que eu havia feito durante vários anos sobre a maneira diferente pela qual se expressa em pacientes histéricos e obsessivos. Assim, por exemplo, no caso de K., ocorreu um período agudamente definido de dificuldades e travessuras na infância — logo depois do nascimento do primeiro filho, que, vindo após quatro filhas, lançou os pais em transportes de delícia. Mas a força motriz de todo esse comportamento invejoso e ciumento, com sua imitação do macho, derivou-se manifestamente de seu amor ferido pelo pai, da necessidade de possuí-lo *daquela* maneira, já que não da maneira receptiva feminina. Trata-se de uma identificação através da resignação causada pelo fracasso; não é o tipo de identificação das moças que são conduzidas pela ambição numa direção masculina desde o começo, e que se apegam de uma forma um tanto invertida à mãe (por falar nisso, uma de suas irmãs parece ser um desses casos).

No caso de minha paciente, o período travesso interrompeu-se abruptamente por volta do início da puberdade (aos treze anos), e ela então voltou a ser uma criança terna e dócil. Em sua mente consciente, sua relação com o pai era uma mistura de admiração e ansiedade. De brincadeira, ele próprio se chamava de "seu terrível pai", porque seu simples olhar ou seus gestos apressados eram suficientes para fazê-la tremer ou chorar. De modo bastante característico, isso acontecia em ligação com sua direção da casa quando a mãe se ausentava por um

breve período e K. era encarregada de acertar as contas. Ao lado disso, existia — independentemente dos efeitos de seu complexo — um prazer excessivo em questões anais não sublimadas, especialmente um prazer em bombardear a mãe com brincadeiras desse tipo. Mas este traço era compartilhado por todas as crianças. Para todas elas, talvez, esses deslocamentos dos desejos e experiências genitais ocultas constituíam uma pequena vingança contra os pais pela austeridade de sua educação católica.

Ainda há muito a ser dito: a análise está fazendo progressos.

Muito obrigada por sua carta. Nós dois vamos toleravelmente bem.

Com sinceros votos,

Sua,
Lou

(Göttingen, outubro de 1928)*

(...) ** pedido de notícias minhas levou-me a concluir que uma carta minha deve ter-se extraviado.

Bem, vou apresentar-lhe mais um fragmento da análise de K. Nada de realmente novo. Apenas aprendi muito — o que era novo para mim — sobre as conexões entre as soluções analíticas e os processos artísticos liberados por elas.

Talvez Anna lhe tenha dito que a neurose de minha pequena paciente involuntariamente produziu uma artista de qualidade surpreendente, embora totalmente ignorante do ponto de vista da técnica. Uma de suas queixas costumava ser a de que não sabia o que fazer com as 'mãos', e, enquanto falava disso, fiquei surpreendida com sua observação: 'E logo eu escondo as mãos de alguma maneira no vestido'. Eu disse: 'Isso quase soa como se as mãos pudessem ser reveladas se as cores do vestido fossem eliminadas.' Ela ficou visivelmente desconcertada e respondeu: "É, é exatamente isso o que eu sinto."

* Depois da visita de Lou Andreas-Salomé a Sigmund Freud e a Anna Freud no Tegeler Schlosschen, perto de Berlim, na primeira quinzena de outubro de 1928.

** Falta o início da carta.

A análise logo revelou o antigo símbolo de masturbação da mão culpada. Apenas, ela não tinha de fato sofrido de um sentimento de culpa, na medida em que, como tantos histéricos, já havia reprimido a masturbação num estágio muito primitivo, a tal ponto que era completamente incapaz de masturbar-se — não percebendo que isso realmente queria dizer que não tinha *permissão* para fazê-lo. O resultado deste pouco de análise foi que dois dias depois ela *estava* pintando mãos e, de fato, com uma qualidade tão expressiva que o Prof. R. de K., um artista talentoso, ficou muito surpreso e até mesmo excitado com o seu trabalho, e afirmou, a respeito da nova pintura a óleo com as mãos, que um tal trabalho não poderia ter sido executado sem treinamento técnico. Esta foi a prova mais brilhante de seu talento, e ela não deve de forma alguma ter aulas, para preservar sua originalidade.

Entretanto, um outro ponto me foi demonstrado por sua análise: ou seja, como pode ser importante ter algum tempo extra, mesmo depois de 'terminada' a análise, quando podemos, por assim dizer, recolher as espigas espalhadas no campo da colheita — que às vezes, na realidade, se revelam em feixes inteiros! Minha K. espirituosamente denominava esses pequenos resíduos ocultos, que aqui e ali nos recordam novamente os velhos truques da neurose, baseada na brincadeira infantil de esconde-esconde. Alguém começa com o grito: 'Pegue-me se puder', e então vai escondendo-se atrás de um tronco de árvore, depois de outro. E é interessante observar não apenas a maneira pela qual uma árvore protetora está sempre à mão, mas como a pessoa se esconde, todas as vezes, precisamente com a mesma velocidade e astúcia e como ainda assim fica alarmada com a idéia de ser encontrada. Da mesma forma, o último e mais minúsculo fragmento ainda está imbuído de toda a hostilidade da neurose original. O bom pai nos permitiu ter este epílogo, extremamente vantajoso também para a dissolução da transferência.

Mas, basta! Transmita minhas lembranças a Anna. Estou muito contente em pensar em vocês dois em Tegelhau am Tor.

Cordialmente, sua

Lou

(Göttingen, 4 de maio de 1929)*

Caro Professor,

Esta segue para fazer-lhe uma pequena visita por carta pelo dia de depois de amanhã, com o objetivo de descarregar um grande carregamento de afeição à sua porta. Ainda me regozijo quando penso quão bem disposto e rejuvenescido o senhor parecia em Tegel, em março, e só posso esperar que não tenha ficado muito desapontado com as semanas terrivelmente intempestivas que se seguiram. Aqui, pelo menos, ainda temos diante de nós uma paisagem de inverno árida e rígida, e, só ontem, adornada com um acessório branco que o olhar mais amigável mal poderia confundir com brotos de frutas. Confortei-me comendo laranjas, uma atrás da outra — as esplêndidas Jafas de Anna, e o senhor precisa fazer-me o favor de dizer a ela com quanta gratidão pensei na doadora a cada bocado. E agora vocês dois estão trabalhando com afinco há muito tempo novamente, e ainda falta muito para as férias. Pergunto-me se enquanto isso vocês encontraram algum lugar para ir entre os lagos e as montanhas.

Para mim, com meu trabalho menos exigente, uma de suas observações foi de particular ajuda. Lembra-se do que me disse sobre a série desinibida de relações no caso da pequena K., e até que ponto isso provinha do medo de sucumbir ao impulso incestuoso? Agora que isso já foi trabalhado, tenho realmente alguma esperança de que ela consiga um melhor equilíbrio. Durante algum tempo, ela deu vazão a uma excentricidade de comportamento que ainda não foi inteiramente explicada: passou a gostar apaixonadamente de colecionar peixinhos dourados, cuja manutenção custava-lhe imensos problemas e aborrecimentos. Mas, ainda assim, aumentava o número dos peixinhos, trocava-os, substituíra qualquer um que morresse etc. — tudo isso acompanhado de uma grande excitação e tensão nervosa. A simbolização do pênis** aqui deve basear-se em algum material bastante específico. Em seus sonhos, esses peixes estavam presentes, por assim dizer, ao lado do resto do conteúdo do sonho.

* Depois da visita de Lou Andreas-Salomé a Sigmund Freud e a Anna Freud em Tegel, perto de Berlim, na segunda quinzena de março de 1929.

** (NA MARGEM) Peixinho dourado = amante.

Apareciam, por exemplo, num sonho no qual uma banheira flutuava no ar sem que eles deslizassem para dentro d'água (existe uma estreita ligação entre a água e seu pai, através de experiências antigas, quando nadavam juntos ao ar livre). No momento, tudo isso foi substituído em K. por uma revolta emocional dolorosamente ambivalente com relação à mãe, que tem de sofrer uma operação de mioma antes de submeter-se a uma operação cesariana.

Li, recentemente, pela primeira vez, um estudo seu: a introdução do livro sobre a forma original do *Karamazov*²⁰¹ de Dostoevsky. Como gostaria de conversar pessoalmente sobre isso, bem como sobre tantas coisas mais! Foi muito interessante lê-la do ponto de vista do público comum, e ver o quanto é possível transmitir um significado psicanalítico nesse nível, especialmente sob o ângulo ético. Até mesmo a expressão 'comportamento indigno', antes de qualquer outra coisa, provocou-nos susto.

O senhor poderia fazer o favor de lembrar à Anna a edição francesa do trabalho de Marie Bonaparte,²⁰² já que a edição alemã está custando tanto a sair? Tenho ansiado por ela, desde que li 'A Assassina', embora interprete esta última de modo diferente dela. Postulo uma atitude homossexual da nora: e também que ela teve uma satisfação direta com o tiro.

Nesse meio tempo os seus dois amigos caninos²⁰³ tiveram uma consumação satisfatória em sua lua-de-mel? E o que Lyn achou da pequena esfinge coquete, que sem dúvida olha para ela com desprezo do alto de sua mesa de trabalho?

Os mais clamorosos votos,

Sua,
Lou

Li *Grischa*,²⁰⁴ mas não posso dizer que tenha gostado muito.

9.5.1929

Viena IX, Berggasse 19

Minha querida Lou

Muito obrigado por sua visita de aniversário! Pude com ela ter uma ótima conversa com você, e assim sentir-me com-

pensado por uma privação a que me submeto de muita má vontade. Pois durante as suas visitas pessoais a Tegel percebi que achei muito difícil levar avante uma conversa com você e tive de deixar que Anna falasse. A razão disso foi que com minha audição deficiente não conseguia entender seu modo calmo de falar e, ao mesmo tempo, não pude deixar de notar que você tinha dificuldades de compreender o que resta da minha capacidade de falar. Por mais pronto que se esteja a aceitar o inevitável, ainda assim ficamos aborrecidos e nos fechamos no silêncio.

Fico feliz porque seu velho companheiro pode ser um exemplo tão mais satisfatório — quase disse mais digno — dos anos de declínio da vida.

O verão chegou aqui de repente e sem nenhum dos estágios transitórios. Alugamos uma casa em Berchtesgaden, chamada Schneewinkellehen, situada numa campina não longe de Königssee e protegida da estrada por algumas árvores. Anna voou para lá ontem com a Sra. Burlingham e é esperada de volta, hoje.

Nossa querida Lün continuou virgem desta vez. Sinto que você não tenha gostado mais de *Grischa*.

Transmiti sua mensagem a Anna.

Com efusivas lembranças a você e ao Prof. A.

Seu,
Freud

(Göttingen) 14.VII.29

Caro Professor,

Há muito estou querendo escrever-lhe, pois tenho pensado muito sobre o retrato que Thomas Mann²⁰⁵ fez do senhor no artigo introdutório de nosso novo jornal. Sem dúvida, o senhor também o leu? Embora seja demasiado prolixo e cheio de circunlóquios, não é de modo algum desprovido de valor. Mas o que me desconcertou no artigo foi uma certa inversão da situação verdadeira, ao menos como sempre a considere. Mann, evidentemente, considera o senhor como um pensador que é por natureza secretamente inclinado ao misticismo e à obscuridade, a quem ele louva, portanto, particularmente, por ter ainda assim

combatido com todas as forças as tendências reacionárias e ter-se devotado exclusivamente à causa do progresso. Ele não percebe que, originalmente, o senhor mesmo o descreveu, seus planos eram não apenas muito diferentes de qualquer sentido de perseguir as 'obscuridades', mas que, inclusive, a sua preocupação com essas coisas, com bastante frequência, o repugnavam, e que para o senhor nada era mais verdadeiramente detestável do que a idéia de que suas investigações pudessem ser úteis àqueles que se inclinavam ao misticismo. Tampouco percebe quão enormemente importante foi este mesmo fato para a criação da psicanálise — o fato de que seu criador fosse um homem cuja inclinação pessoal corria na direção oposta à dragagem de descobertas desses abismos profundos, e que, uma vez realizadas estas descobertas, as submetia a um escrutínio duplamente exigente e sóbrio, para que seu valor de maneira alguma pudesse ser superestimado.

Para mim, desde o começo isso foi de uma importância primordial. Permitiu-me compreender porque pesquisadores anteriores desse campo nunca poderiam ter feito essas descobertas particulares, pois para eles essas descobertas se teriam misturado involuntariamente com todos os tipos de elementos que teriam atraído suas secretas fantasias de desejo para campos além do fato científico sóbrio. (E que poderiam também ter-me atraído em qualquer momento — eis porque continuei a sentir-me tão maravilhosamente a salvo e segura apenas com o senhor.) Mas estes são os dois fatores vitais — ou seja, que um homem se devotasse a um trabalho que corria na direção oposta à sua inclinação natural e que este próprio fato precipitasse seu gênio de uma maneira como nunca antes aconteceu.

Existe uma razão especial para que a combinação desses dois fatores seja tão particularmente incomum: porque envolve uma confluência de gênio e caráter que é única. Infelizmente, é muito difícil exprimir isto de forma adequada com palavras (ao menos para mim, que sempre tenho de lutar pela expressão), mas esta combinação realmente envolve algo que está no centro de todo o pensamento psicanalítico: qualquer realização intelectual mais elevada tem em primeiro lugar, talvez, de ser arrancada à força de uma 'resistência' dentro do próprio eu — de uma oposição entre a inclinação pessoal e a compulsão intelectual. De outra forma, a realização intelectual talvez fosse agar-

rada na armadilha das limitações pessoais antes de alcançar sua plena expressão.

Com relação a isso, lembro-me da objeção absurda que às vezes ouvimos: que não pode ser necessário para um analista ter sido ele próprio analisado, já que o próprio criador da psicanálise não foi analisado. Sentimo-nos inclinados a responder: ele a criou a partir da primeira autoanálise! Nele próprio foi pela primeira vez realizada aquela proeza intelectual que mais tarde se tornou para nós a condição da qual, de forma bastante simples, depende 'tornarmo-nos verdadeiramente nós mesmos'.

Já falei o bastante, por enquanto! Às vezes, entretanto, esta forma de conversa é de fato mais satisfatória do que a verdadeira em pessoa. Entretanto, o que o senhor escreveu sobre isso em sua carta de maio tinha uma explicação diferente da que imaginou. Em minhas últimas visitas, temi instintivamente que a conversação pudesse cansá-lo facilmente. Não foi devido apenas à modéstia de minha parte, mas porque bem sei por minha própria experiência o *quão* exaustivas as pessoas podem ser, sem que se dêem conta desse fato. Uma coisa, entretanto, é indesculpável: não ter falado suficientemente alto. Pois estou acostumada a fazê-lo aqui, em casa, já que meu marido ouviu muito mal e tenho de tomar cuidado para não carregar esse hábito comigo por toda a parte.

Deixei passar algum tempo antes de colocar esta carta no correio. Agora que recebi a carta de Anna com o seu endereço de verão, remetê-la-ei sem mais demora. Escreverei a Anna diretamente.

Anna tem algumas boas notícias a comunicar: 'Papai está escrevendo algo.'

Sinceros votos e que possamos reencontrar-nos algum dia em algum lugar!

Sua,
Lou

Schneewinkl, 28.7.1929

Caríssima Lou

Com sua agudeza habitual, você deve ter adivinhado porque demorei tanto a responder sua carta. Anna já lhe contou

que estou trabalhando sobre um certo assunto, e hoje escrevi a última frase, que — na medida do possível, sem uma biblioteca — completou o trabalho.²⁰⁶ Trata da civilização, do sentimento de culpa, da felicidade e de tópicos elevados semelhantes, e me parece, sem dúvida com razão, muito supérfluo — em contraste com trabalhos anteriores, que sempre brotaram de alguma necessidade interior. Mas que mais posso fazer? Não se pode fumar e jogar cartas o dia inteiro, já não ando tão bem e a maior parte do que há para ler não me interessa mais. Portanto, escrevi, e desse modo o tempo passou de maneira bastante agradável. Escrevendo este livro descobri de novo as verdades mais banais.

O ensaio de Th. Mann é sem dúvida uma honra. Deu-me a impressão de que tinha um ensaio sobre o Romantismo pronto para entregar, quando foi solicitado a escrever algo sobre mim, e que, desse modo, guarneceu a frente e as costas do ensaio com uma camada de compensado de psicanálise, como dizem os construtores de gabinetes. A parte principal é feita de um material diferente. Entretanto, o que Mann diz tem sempre uma substância real.

Estou muito interessado em sua análise de meu trabalho, mas acho-me incapaz de julgar. Tudo o que sei é que trabalhei com terrível afincio. O resto foi o que era de se esperar. Poderia também ter sido muito melhor. Eu estava atento apenas ao tema e não a mim mesmo. Minhas piores qualidades, incluindo uma certa indiferença com relação ao mundo, sem dúvida receberam no resultado final o mesmo quinhão que minhas boas qualidades, como, por exemplo, uma coragem desafiadora na busca da verdade. No fundo de meu ser continuo convencido de que meus caros próximos — com poucas exceções — formam um bando desprezível.

Teria adorado discutir mais isso tudo com você em nossa idilicamente bonita e calma Schneewinkl, se ao menos tivesse sido possível convidá-la a vir aqui. Mas na própria casa não há lugar, e em Berchtesgaden não há muito mais do que um sótão acessível. Tivemos todos os tipos de visitantes — incluindo alguns menos bem-vindos. Meus três filhos estiveram aqui separadamente, e dois deles, finalmente, encontraram acomodações em locais consideravelmente distantes. Ernst e Lux aproveitaram-se da ausência de Anna e estão aqui conosco. Segundo seus

relatos telegráficos, Anna está passando uma temporada dura em Oxford.²⁰⁷ Esta noite já deverá ter entregue sua dissertação e, então, espero, enfrentará tudo com mais facilidade. Quanto às acomodações, ela escreve, como se poderia esperar: 'Mais tradição do que conforto'. Espero que você saiba que os ingleses, tendo criado a noção de conforto, recusaram-se depois a ter qualquer coisa mais a ver com isso. Assim como Wolf, mal posso esperar pela volta dela. Eu escrevo e ele passa metade do dia deitado apaticamente em seu cesto.

Cordiais saudações a você e a seu velho companheiro e ainda espero que possamos encontrar-nos talvez em Berlim, se eu tiver de ver Schröder.²⁰⁸

Seu velho
Freud

(Göttingen) 4.1.30*

Caro Professor**

Li o seu *O Mal-Estar na Civilização**** com o maior contentamento, seguindo seus argumentos com pleno assentimento e comprazendo-me ainda mais, graças ao tempo livre que me foi concedido pelos feriados. E ainda assim, exatamente como no caso de *O Futuro de uma Ilusão*****, surpreendeu-me o fato de que, apesar deste assentimento, a minha — como dizer — atitude frente às questões 'religiosas' permaneça diferente da sua, pelo menos na medida em que o senhor acha difícil perdoar ao 'homem comum' sua religião, enquanto que para mim isso continua a ser um assunto de grande interesse em todas as suas várias formas. Se formos considerar 'humilhante' que alguém ingresse num pacto com esses infantilismos religiosos, devemos então tratar a cultura e a inteligência de uma pessoa precisamente da mesma maneira — assim como sabemos

* Depois da visita de Anna Freud a Lou Andreas-Salomé em Göttingen perto do fim do ano, em 1929/30.

** Escrita a lápis.

*** Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974. (N. do T.)

**** Id., ibid.

como avaliar a indignação moral em seu verdadeiro valor. Afinal de contas, os elementos infantis, ao lado dos elementos puramente regressivos ou retardados, estão intimamente ligados àqueles poderes da imaginação que fazem parte de toda a atividade criativa. E quando, por exemplo, leio em seu livro sobre seu amigo com o 'sentimento oceânico'²⁰⁹ que certamente está longe de aceitar a religião do homem comum, estou pronta a apontar que ele no fundo de seu ser admitiria, contudo, que seu sentimento oceânico compartilha de vários elementos que 'elevam' o homem comum em sua religião. Em lugar dos infantilismos crus que permitem que as antigas sensações com relação aos pais se expressem sob a forma de delírios, ele regride ainda mais para uma região vaga e indistinta da emoção, onde se sente embalado numa espécie de abraço maternal.

Pode ser que isso aconteça com várias dessas pessoas que tão estranhamente sustentam que aquilo em que o homem comum e o homem mais esclarecido 'acreditam' no fundo é exatamente a mesma coisa (independente, é claro, da hipocrisia que faz uma mixórdia de todas essas coisas a fim de conseguir que sejam aceitas como 'religiosas'). O que me interessa tanto nisso é o fato de que todas essas pessoas, desde as que sofrem dos delírios mais crus até os místicos oceânicos, deveriam todas estar no mesmo barco, pois as pessoas oceânicas, afinal, podem extrair apenas muito pouco conforto de seu 'sentimento'.

Tenho-me dito com frequência que quando existe uma completa harmonia na atitude de alguém para com a vida não há qualquer necessidade de um tal 'sentimento', e a necessidade da religião é então eliminada — como geralmente acontece com crianças saudáveis e normais, e ainda mais com os animais, que afinal também se defrontam com as maiores dificuldades em suas vidas e ainda assim conseguem conservar seu gosto pela vida até quando podem.

Quando esta harmonia não existe, esses 'sentimentos' se anunciam: não apenas como 'desejos' que a pessoa imagina terem sido realizados de maneira simples e ingênua, mas como uma espécie de lembrança imprecisa de que as coisas tenham sido diferentes em algum momento — e neste ponto a imaginação dá sua mão na construção de um mundo de conforto. (Sinto-me quase impelida a utilizar uma comparação verdadeiramente horrível, que se impõe a mim neste momento, em mi-

nha maldita condição *diabética*: quando o nível do açúcar no sangue sobe mais do que deve, o açúcar penetra na urina e torna-se perceptível aí. Da mesma maneira, todas as variedades de 'se tornar religioso' são uma indicação análoga de que algo está errado e de que o açúcar no sangue deve ser controlado. Mas este é um fenômeno realmente fascinante e só pode ser curado por um estado geral de boa saúde psíquica e por nenhum outro meio qualquer.)

No caso de minha pequena K., sobre quem eu tinha pretendido escrever-lhe demoradamente (mas não o farei hoje e, talvez, tampouco da próxima vez), também me ergui contra as questões religiosas que a mantinham — uma católica — presa em suas garras. E com relação a isso, ocorreu a seguinte e interessante evolução: tudo o que ela me havia dito durante o primeiro ano de sua análise a respeito de quão necessário era Deus como um suporte na vida e como um objeto a quem podia apegar-se no amor e na obediência — e quão mais necessário seria, agora que ela estava afrouxando seu laço neurótico com seu pai humano —, tudo isso deixou de ter um papel no segundo ano, sendo substituído por um sentimento único, forte, poderia dizer, 'radiante', à medida que ela olhava para trás, para seu passado: ou seja, o quão detestável havia sido aquela falsa sublimação na esfera religiosa, o quão abusivo fora o elemento supostamente 'pio' dela, e quão abençoada e liberadora fora a libertação tanto do incesto como de Deus. (Embora essa criança ingênua não tivesse qualquer espécie de interesse teórico nesses problemas e nem tivesse lido ou perguntado sobre eles durante todo o período de sua análise.)

E que me diz o senhor desses garranchos escritos a lápis? Não posso fazer melhor no momento e, no entanto, gostaria tanto de conversar com o senhor depois dos dias de prazer que tive ao ler seu livro. Gostaria realmente de não parar por aqui. Como foi esplêndido poder falar com Anna novamente outro dia, apesar do fato de que acordei durante a noite assustada com a idéia de que ela precisava deixar sua cama acolhedora e sair no frio.

Com as mais cordiais saudações,

Sua,
Lou

23.3.1930

Viena IX, Berggasse 19

Minha querida Lou

Não, não fique ofendida. Sua carta de janeiro não se extraviou. Recebi-a e, como tudo que recebo de você, deu-me grande prazer. Não respondi, primeiro, porque uma desídia como essa entre amigos é — infelizmente — comum; segundo, porque todos os momentos livres foram tomados pela tediosa (oh, quão tediosa!) correção das provas da oitava edição de *A Interpretação de Sonhos*; terceiro, porque a difícil tarefa de manter o pouco de saúde que me foi deixado não me permite nenhum tempo livre; em quarto lugar, porque eu queria escrever-lhe quando tivesse alguma verdadeira paz de espírito, como, por exemplo, num domingo (como hoje): mas sempre chegava alguém, inesperadamente, para impedir-me de fazê-lo; em quinto lugar, porque de qualquer maneira eu teria preferido muito mais ter-lhe falado do que ter-lhe escrito — como nos velhos tempos, embora eu agora ouça tão pior e ache tão difícil entendê-la. Em suma, em vista desse acúmulo esmagador de razões, você pode ver que me foi inteiramente impossível responder-lhe prontamente.

Mas agora que finalmente estou escrevendo-lhe, fico encantado em observar que nada se alterou em nossas respectivas maneiras de abordar um tema, qualquer que seja. Toco uma melodia — em sua maior parte muito simples, você lhe fornece as oitavas mais altas; separo uma da outra, você mistura o que foi separado numa unidade maior; aceito silenciosamente os limites impostos por nossa subjetividade, enquanto você presta uma atenção especial a eles. De modo geral, entendemo-nos e estamos de acordo em nossas opiniões. Apenas, eu tenho a excluir todas as opiniões com exceção de uma, enquanto você tende a incluir todas as opiniões juntas.

Não sei se farei uma nova expedição ao mundo intelectual, durante este verão. Preferiria passear em alguma floresta bonita com Anna, Wolf e a minha nova Jo Fi (a irmã de Lün). Mas, onde? Isso ainda está bastante incerto. Antes de mais nada, provavelmente irei logo depois da Páscoa a Berlim-Tegel, *mas a mantereí informada sobre isso*.

Naturalmente, não estou nada satisfeito com o que ouço de Anna como explicação para as suas linhas escritas a lápis,

ou seja, que você está doente e passa o dia na cama. Não informar-me nada mais sobre isso, é discrição demasiada.

Com cordiais saudações e você e a seu velho companheiro,
Seu,
Freud

(Göttingen) 3 de maio de 1930

Caro Professor,

Chegou novamente a época de enviar-lhe minhas congratulações pelo 6 de maio e para celebrar o acontecimento estou realmente sentada diante de um vidro de tinta e, provavelmente, farei borrões devido à pura falta de prática. Mas não sei *onde* o senhor está celebrando esse dia — o dia memorável para todos nós. Ainda em Viena, mesmo que os brotos em torno dos lagos Havel possam estar agora em seu momento mais glorioso? Nosso jardim também empreende seus melhores esforços e tivemos até mesmo um par de esquilos aninhados nele. Criaram dois filhotes debaixo de nosso nariz, que logo aprenderam a escalar a moldura da janela de meu estúdio — era realmente um encanto observá-los. E os pássaros, geralmente alimentados nessa mesma janela, voavam sem perturbar-se, aqui e ali, até a grande pereira, cujos ramos brancos roçam a janela. Arrisco-me à cansativa descrição desse grande acontecimento porque tenho certeza de que seu interesse pela alma canina aproximou-o das almas animais em geral (mais perto de mim, infelizmente, do que as dúbias almas humanas).

A propósito, gostaria de falar-lhe sobre estas últimas, além do que é possível numa carta. O senhor sabia que *inter alia* a análise do ano passado de minha pequena K. revelou-me algo que eu ainda não tinha percebido, pelo menos não dessa forma: ou seja, que o seu vínculo com o pai no sentido feminino fora precedido nos dois primeiros anos da infância pela idéia de que era o pai quem dava à luz e que seu pênis era ao mesmo tempo seu filho, enquanto a mãe apenas conseguia produzir evacuações mortas, de fezes, e era, portanto, inútil. O ciúme com relação à mãe surgiu apenas com a compreensão da capacidade desta última de dar à luz. Quando, naquela época, seu pai sofreu de hemorróidas e, em sua preocupação com ele, tentaram assegurar

seu conforto utilizando duas cadeiras, ela pensou que isso fosse uma preparação para um parto.

Sabemos, é claro, que os meninos começam com a idéia da mulher com um pênis, e que, a princípio, não fazem qualquer distinção entre os sexos, mas o fato de que as meninas, analogamente, 'feminizam' o pai foi novo para mim — e, especialmente, que isso tivesse efeitos posteriores de tão longo alcance. Pois depois que ela se tornou neurótica e se desviou de sua verdadeira linha feminina na direção do 'vôo para o incesto' (para o qual o senhor tão vantajosamente dirigiu minha atenção, em Tegel), escolhendo para si os homens mais 'efeminados' e não-agressivos, surgiu novamente a idéia de que o pênis era um objeto a exigir um manuseio cuidadoso, que poderia cair ou causar dor ao homem. No caso de um de seus amantes, ela o envolveu em lã de algodão, acariciou-o e o imaginou vestido com uma touquinha, babados etc. Seus sintomas de ansiedade, a ansiedade de flatulência na qual culminavam, sempre tinham no fundo a idéia de que qualquer gás solto com ruído — o pai sofria de gases — era o primeiro grito da criança que ela estava carregando, porque havia roubado o pênis do pai e, desse modo, tornara-o permanentemente impotente. Mas isso foi apenas depois que ele já se tornara seu 'marido', e a mãe um objeto de ódio.

É triste que só possamos discutir tão pouco por carta. Mas receio que viajar seja impossível para mim. Infelizmente, isso não pode ser alterado. No que diz respeito ao meu próprio estado de saúde, devo dizer que ainda sinto dores, muitas vezes à noite também, mas este não é um assunto agradável para conversa. Os últimos meses, contudo, trouxeram consigo muita coisa bem-vinda, como, por exemplo, uma serenidade mental, em consequência de minha completa inatividade, que saboreei quase voluptuosamente.

E agora tenho algo maravilhoso mas, ao mesmo tempo, quase cômico, a dizer: como meu marido se sentasse e conversasse comigo dia após dia, na cabeceira de minha cama na clínica, nas horas de visita fixadas, percebemos, nós, dois velhos, o quanto ainda tínhamos a dizer um ao outro — o que, na realidade, nunca tínhamos tido tempo de fazer. Ocupados como sempre estivemos, nunca nos inclinamos muito a 'tagarelar juntos em torno da lareira'. Depois, meu marido friccionou-me com

as embrocações sobre as quais havia falado a Anna e que recomendou com tanta ênfase ao senhor. Sentia prazer em fazê-lo e me trouxeram um imenso bem. Ele ainda me trata, antes de mais nada, como se eu fosse uma sardinha a ser envolvida em óleo.

Nós dois lhe enviamos nossas mais calorosas e cordiais saudações e cumprimentos.

Sempre sua
Lou

(Remeterei esta imediatamente, porque talvez tenha de ser reexpedida para o senhor.)

Tegel, 8.5.1930

Minha querida Lou

Não quero dar-lhe tempo para suspeitar que sua carta se tenha extraviado. O carimbo do correio desta resposta lhe dirá algo sobre o que tem acontecido conosco recentemente. Mas não poderá dizer-lhe que antes eu (nós) passei dez dias no Viena Cottage Sanatorium. O coração e os intestinos deixaram de cooperar e eu estava ansioso para chegar a Berlim; logo, tive de submeter-me até este ponto. No sanatório, aprendi que a saúde é obtida por um certo preço, e já que acontece com a saúde o mesmo que com os Livros Sibilinos, paguei esse preço. Isso quer dizer que deixei de fumar completamente, depois de o fumo ter-me servido, durante exatamente cinquenta anos, de espada e escudo na batalha da vida. Logo, agora estou melhor do que antes, mas não estou mais feliz. Aqui, Schröder está tomando minhas medidas para uma nova prótese. Portanto, não deverei rever Viena por algum tempo.

Acho difícil ser tão discreto em meu relatório médico quanto você. Talvez, na realidade, você seja demasiado discreta, querida Lou. Concluo por sua carta que você está em casa de novo, mas que ainda tem de ficar deitada e sente dores. Ainda não tenho uma idéia clara de por que você precisa sentir dores, mesmo depois do relato de Anna. Na minha opinião, uma pessoa pode permitir-se ser tão auto-suficiente assim se es-

tiver preparando a própria partida da comunidade, mas não no caso de uma ou outra aventura intermédia que acontece em nossa jornada comum através da vida.

O que você contou a respeito de sua K. é espantoso. Quase me faz desistir da esperança de algum dia fixar toda essa multiplicidade em algumas fórmulas. Nunca me deparei com nada semelhante. Fiquei sensibilizado com sua descoberta com relação a seu velho companheiro. Somente aquilo que é genuíno se revela tão duradouro.

Há poucas semanas atrás (no dia 9 de março), chegou Jo Fi, irmã de minha Lün, que perdi. Hoje sinto quase tanta falta dela como de meu charuto. É uma criatura encantadora, interessante também em suas características femininas, selvagem, impulsiva, dócil, inteligente e, entretanto, mais independente do que costumam ser os cães. Não se pode deixar de sentir respeito por animais desse tipo.

Será que em breve terei boas notícias suas?

Com cordiais saudações a você e a seu velho companheiro, de alguém que também está muito velho,

Seu,
Freud

*10.X.1930**
Viena IX, Berggasse 19

Minha querida Lou

Estas linhas querem não apenas expressar a solidariedade que naturalmente sentimos na ruptura de um laço de vida tão longo e profundo, mas perguntar-lhe também sobre seus planos mais imediatos e o papel que seus amigos têm permissão de desempenhar em qualquer mudança no seu modo de vida.

Esperando em breve uma palavra sua, a esse respeito,

Cordialmente seu
Freud

* Escrita após ter chegado a Anna Freud a notícia da morte de F. C. Andreas, a 4 de outubro de 1930.

(Göttingen, pouco depois de 10 de outubro de 1930)

Caro Professor Freud,

Depois de ter escrito a Anna para Grundlsee,²¹⁰ esperei durante dias e noites de pavor, que os sofrimentos de meu marido aumentassem e desse modo o fizessem suspeitar daquilo que seu médico e eu de comum acordo tínhamos feito tudo para esconder-lhe nos últimos três meses.* Quando, em sua última noite, 'ele adormeceu em paz' não no sentido convencional em que esta frase muitas vezes — e, talvez, erroneamente — é usada, mas no sentido literal, experimentei uma autêntica felicidade.

Tudo continua como antes. Aqui estou, rodeada pelos quartos, coisas e pessoas que eram todas como ele queria que fossem e aqui desejo terminar meus dias. Fiquei profundamente comovida com a consideração com a qual os colegas de meu marido mitigaram o tormento do oficialismo e me assistiram de forma tão efetiva em todas as dificuldades práticas que têm de ser tratadas imediatamente. Pois, com minha política de isolar-me deles, eu os havia enraivecido durante vinte e sete anos, afinal, e havia ofendido todas as boas maneiras. Mas o amor e o calor particularmente íntimos que o caráter de meu marido despertava em seus alunos e colegas expressou-se desta maneira e foi de grande auxílio para mim. E ainda me ajuda, à medida que examino seus papéis, todos os dias.

Nada poderia ser melhor para mim neste momento do que este acúmulo de trabalho, até que sua biblioteca e seus remanescentes literários sejam doados às Academias de Ciência de Berlim e de Göttingen. Além disso, anseio por voltar ao meu próprio trabalho profissional. E este anseio poderia ser rapidamente apaziguado se fosse o caso de tratar pessoas sem meios. Ninguém tem dinheiro em nosso país, e, desse modo, tenho de esperar por uma oportunidade favorável, para impedir-me de gastar todo o meu dinheiro disponível. Mas talvez eu venha a ter sorte algum dia.

Esta carta é dirigida também a Anna, sob a pressão de esclarecer as coisas e responder a cartas de pêsames, tenho muita dificuldade em encontrar calma para uma carta adequada. Ela

* (NA MARGEM) Já que desde o começo não havia nada a fazer.

me escreveu sobre a morte de sua avó:²¹¹ por que, oh, por que uma vida tão longa tinha de acabar com semanas de tormento? As nossas desgraçadas leis não tornam o homem inexprimivelmente cruel para com o próximo? Quantas vezes pensei nisso!

Sua,
Lou

22.X.1930
Viena IX, Berggasse 19

Minha querida Lou*

Minha resposta deveria ter sido mais rápida, mas foi adiada por alguns dias durante os quais estive doente e confinado à cama, e ainda dependo da ajuda de Anna.

Fiquei muito feliz ao saber que em princípio nada se alterará em suas circunstâncias exteriores, que você vai continuar em Göttingen e na sua própria casa. Além disso, digo a mim mesmo que seria inútil esperar por qualquer indicação mais clara de sua parte e, logo, esta carta visa apenas a informá-la de que hoje instruí meu filho Ernst a transferir para você 1000 marcos extraídos do dinheiro do Prêmio Goethe,²¹² que está depositado com ele. Desse modo, posso reduzir um pouco a injustiça que foi cometida quando eles atribuíram o prêmio a mim.

Quando escrever, não esqueça de acrescentar uma palavra sobre o estado de sua saúde.

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

(Göttingen) 26.X.30

Caro Professor Freud,

Poderia fazer o favor de pedir a Anna para enviar-me um cartão, imediatamente, informando-me se o senhor já está realmente de pé e trabalhando novamente? Mal posso acreditar!

* Esta carta foi ditada.

Não seria muito imprudente, se era realmente pneumonia? Ficarei muito preocupada se não receber notícias.

O resultado de suas instruções a seu filho Ernst já está sem dúvida a caminho: mas considero-o como uma simples mudança de endereço, e, a partir dessa interpretação, guardá-lo-ei em confiança como um símbolo de sua inestimável bondade. Pois, na realidade, não estou em dificuldades financeiras e posso arranjar-me muito bem com minha pensão de viúva, pois vivo tranqüilamente. Para enfrentar as dívidas, meu marido havia feito uma hipoteca da casa, bastante favorável. E, quanto ao resto, meu desejo de encontrar pacientes ricos é provocado por meu perene esforço de trabalhar para os meus sobrinhos e sobrinhas empobrecidos da Rússia — mas meu maior desejo é *trabalhar*, no sentido profissional da palavra.

Anna com certeza me enviará uma palavra sobre o senhor, não é? Minha saúde não vai absolutamente mal. Na realidade, ganhei várias libras de peso, passando de 90 e poucas para 114!

Caro, caro Professor Freud,* desejo que a vida corra bem e cada vez melhor com o senhor!

Sua grata

Lou

3.4.1931

Viena IX, Berggasse 19

Cara Lou

Pelo novo número de *Psychoanalytische Bewegung* concluo que não faz muito tempo que você chegou aos setenta.

Sem comentários, esta sua descrição!

De uma maneira ou de outra deve existir um limite para a dignidade e um pensamento para a amizade. Caso contrário, ela corre o risco de ser confundida com o orgulho. Talvez eu ficasse feliz com a oportunidade de dizer-lhe em seu aniversário o quanto a estimo e amo.

Cordiais saudações do que resta de

Seu

Freud

* No texto: Freuden.

(Göttingen, pouco depois de 3 de abril de 1931)

Caro Professor Freud — não, o senhor não deve ficar zangado comigo. Ainda assim, a despeito de sua severidade, sua carta ofereceu-me uma infinita alegria! Certamente não poderia ter-me dado uma alegria maior no próprio dia. Eu mesma mal sei porque antipatizo tanto com os dias especiais. Mesmo quando criança, eu era contra o Dia de Natal e os dias de aniversário, por esta razão. Deixe-me dizer-lhe agora que há algum tempo tenho trazido em mente uma carta para o senhor contendo dois pedidos, e que agora eles me são mais fáceis de formular, desde a sua bondosa carta com a data errada. Espero que o senhor não se importe.

O primeiro pedido está muito próximo de uma impertinência, mas, naturalmente, é bastante fácil de ser recusado. Talvez o senhor ainda se lembre de um livro delgado que lhe enviei antes da guerra, *Drei Briefe an einen Knaben* (*Três Cartas a um Menino*)? O começo do livro data de meus dias pré-analíticos, mas foi continuado e completado durante aqueles felizes seis meses em Viena, em 1912, e destinava-se a servir ao esclarecimento sexual de algumas crianças que eram minhas amigas. A firma que o publicou, escreveu-me recentemente, informando-me de que tinha ido à falência e estava sendo liquidada. De fato, não deveria considerar um grande infortúnio o fato de meu livro ser liquidado com ela, mas devo confessar que ficaria feliz se pudesse vê-lo ressuscitado na *Verlag* psicanalítica, contanto que isso — em vista da brevidade do livro e da pouca quantidade de papel e impressão exigida — provasse ser exequível.

Não tem importância que sua resposta seja positiva ou negativa. O segundo pedido é mais importante. O assunto surgiu da seguinte forma: enquanto estava de cama e doente há um ano atrás, fiquei muito, muito ansiosa por escrever um trabalho que deveria receber o título: 'Mein Dank an Freud' (Meus agradecimentos a Freud).²¹³ Não era uma forma de agradecimento realmente satisfatória, porque tentava fazer demais a um só tempo, como, por exemplo, explicar também como fora através do senhor que pela primeira vez me tornei suficientemente livre para apreciar aqueles aspectos nos quais sentimos as coisas de maneira diferente. Portanto, não tenho nem mesmo certeza se o senhor estaria disposto a aceitar esses rabiscos. A

verdade é que realmente não sei como exprimir meus pensamentos no papel (exceto quando estou inventando histórias puramente para meu próprio prazer).

Penso que devo uma carta à minha querida Anna. Sua carta de dezembro encantou-me por causa dos seis quilos que, disse-me ela, o senhor adquiriu desde o verão. Talvez agora o senhor já tenha conseguido mais? E o verão aproxima-se novamente, num passo descansado a princípio, sem pressa, avançando hesitantemente, pé ante pé. Ainda assim já posso sentir sua presença amiga em meu velho corpo.

Com lembranças afetuosas,
Sua Lou

(Göttingen) 28.IV.31

Caro Professor Freud,

A remessa de meu manuscrito, como anunciei numa carta recente, foi um pouco adiada pela datilografia. Remeto-o agora pelo mesmo correio que este cartão. O senhor poderia fazer o favor de pedir a Anna para confirmar a sua chegada?

Calorosas saudações de sua
Lou

(Göttingen) 4.V.31

Caro Professor Freud,

Estou endereçando esta para Berggasse, pois Anna julgava, segundo me informou, que por esta época o senhor já estaria em casa novamente. Mas, mesmo em casa, não estará livre das dores, do desconforto físico* e esta idéia me é totalmente intolerável. Gostaria simplesmente de começar a brigar e de encontrar um bode expiatório em que pudesse descarregar minha fúria. Percebo como isso soa de maneira infantil, mas para tudo há um limite. O fato de que a imensa soma de amor e gratidão humanas que o senhor despertou no mundo não possa conjurar essa pequena migalha de conforto físico que todos lhe desejamos com tanto ardor — é isso o que me despedaça tão

* Após uma operação do queixo feita pelo professor Pichler.

completamente. Simplesmente, não posso escrever uma carta de aniversário adequada.

As boas e gentis palavras de sua mensagem na carta de Anna deixaram-me em prantos. Hoje não há nada que eu possa dizer. Meus pensamentos saem a seu encontro em silêncio. Mas o senhor já sabe disso.

Sua,
Lou

9.5.1931
Viena IX, Berggasse 19

Minha querida Lou

Todos os dias, pelo menos algumas palavras. Hoje sinto que preciso escrever-lhe, pois sua carta me surpreendeu e perturbou. Sempre a julguei — não direi resignada, mas, pelo menos, acima de tudo que acontecia em seu redor, e com você, e agora me pareceu que você se comportava como alguém tomado por uma violenta fúria e indignação. Por quê? Por que eu dei mais um passo no caminho pedregoso que nos conduz para fora desta existência? Mas não compreendo. Afinal, era de se esperar, de uma maneira ou de outra era inevitável e em breve se repetirá. De fato, a natureza provisória do adiamento da execução e a natureza definitiva da partida final nunca estiveram tão claras para mim como agora. Qualquer expressão de pesar se oporia à lembrança de que eu possuí um grande número das coisas que são caras aos homens.

Eu havia lido o seu trabalho até à p. 49 antes de começar a enchente, que ainda não recuou inteiramente. O título extremamente pessoal deve ser abandonado, o trabalho como um todo deve ser acessível a outros. Até onde cheguei, gostei muito. Pela primeira vez, fui surpreendido por algo finamente feminino em sua abordagem intelectual. Quando, em minha irritação contra as eternas ambivalências, estou pronto a deixar tudo desordenado, você arruma tudo, põe tudo em ordem e demonstra que desta forma também é possível sentir-se à vontade.

Com as mais cordiais saudações,
Seu,
Freud

(Göttingen, pouco depois de 9 de maio de 1931)

Caro Professor Freud,

Eis que recebo uma carta de seu próprio punho — mil vezes obrigada! Eu mesma também me senti envergonhada. Seu espanto tem razão de ser — e ainda assim, não na medida em que o pensa. Pois eu continuei a contar os anos em que as coisas haviam corrido bem, até a temível prótese. Fiquei lembrando minha última conversa com Abraham,²¹⁴ que disse: 'Depois de algum tempo, não precisaremos mais preocupar-nos com isso' — ou seja, com a possibilidade de haver dores e sofrimentos renovados. Ainda assim, eles foram renovados. E o senhor já conhece a minha rele filosofia de vida, segundo a qual considero que os sofrimentos físicos são os piores. E, além disso, ocorrem na região da cavidade oral, que não pode receber curativos nem ser isolada.

A única coisa que podia apaziguar minha fúria de alguma maneira era o esplêndido fato de que durante esse processo o seu corpo pôde provar sua plena vitalidade: não apenas pelo seu poder de recuperação em si, mas também pela sua resistência ao súbito ataque de pneumonia. É a segunda vez que ele prova sua força com relação a este último aspecto. E agora, Anna escreve até mesmo que o senhor retomará seu trabalho dentro de pouco tempo. É difícil de acreditar, mas aparentemente é verdade, e meu coração regozija. Pois isso prova mais uma vez o que eu havia presumido: ou seja, que o senhor tem à sua disposição grandes reservas de força, que desafiam a velhice, herdadas de sua mãe.

Mas preciso terminar esta conversa! Mais uma vez, obrigada pela carta e, quanto ao manuscrito, acrescentarei apenas que o título deve permanecer, pois em certa medida ele compreende todo o trabalho. E, finalmente: será que Anna poderia ter a bondade de enviar-me um outro bilhete não daqui a muito tempo?

Sempre

Sua Lou

*(Pouco antes de 10 de julho de 1931)
(Viena) XVIII, Khevenhüllerstr. 6*

Cara Lou

Por favor, anote o novo endereço. Estamos passando o verão — ainda em Viena, é verdade — mas numa inacreditável beleza, paz e intimidade com a natureza no chamado Poetzleinsdorf. Agora, deixe-me fazer uma confissão. A mudança, que não foi fácil, interrompeu-me em minha leitura de seu ensaio — que tem o título tão pessoal de 'Meus Agradecimentos' — na p. 39. Só hoje o tive em mãos novamente e vou continuar a lê-lo.

Não posso ocultar o fato de que nesse intervalo tive todos os tipos de experiências desagradáveis com minha prótese, que, como de hábito, fizeram cessar todos os meus melhores interesses.

Observo mais uma vez como decaiu a minha memória para os acontecimentos recentes. Não estou nem certo se alguma vez acusei o recebimento de seu ensaio. E chegamos a algum acordo quanto ao que deveria acontecer com ele? Pois recusome a deixá-lo morrer — depois da impressão provocada em mim, pela primeira parte.

Se responder a estas perguntas, escrever-lhe-ei de novo depois de terminar de lê-lo.

É claro que eu gostaria que você estivesse gozando a melhor das saúdes, mas como é que se pode pôr isso em prática? Como é que se pode até mesmo descobrir como você está?

Com cordiais saudações,

Seu,
Freud

(Göttingen) 10.VII.31

Caro Professor Freud,

Que prazer sinto em escrever para seu novo endereço — Anna já me havia descrito o esplendor desse castelo de fadas. Se ao menos o senhor não tivesse de mudar-se no fim do ou-

tono! Não poderia ficar até o inverno? Talvez até as dificuldades com a prótese, que o senhor menciona em sua carta, fossem menos intoleráveis aí do que em Berggasse, por mais inverno que o tempo possa ser.

Não deve cansar-se lendo meu ensaio — não há realmente pressa alguma. Fico muito envergonhada por ter tido de escrever-me uma carta sobre isso. Sei que minhas páginas estão sob ótima guarda em suas mãos ou em seu quarto. Ficam muito felizes porque estão aí e não têm grandes ambições além disso. Em três pontos faltam alguns trechos²¹⁵ que considero importantes e que gostaria de acrescentar mais tarde. A fim de inseri-los, preciso ter o manuscrito de volta um desses dias, pois toalmente é a única cópia que possuo. Afora isso estou inteiramente de acordo com qualquer coisa que me venha a propor, contanto que não seja um incômodo para o senhor.

Gostaria realmente de ter notícias frescas sobre seu estado de saúde todos os dias. Minha saúde é satisfatória, como tudo o que me é permitido e estou em boa forma. No momento, estou ocupada numa análise muito interessante de um oficial com estados de ansiedade, que ficou cego na guerra.

Mil saudações!

Sua,
Lou

(cerca de 10 de julho de 1931)
(Viena) XVIII, Khevenhüllerstr. 6

Cara Lou

Estou escrevendo-lhe de novo antes de receber sua resposta, pois já acabei de ler seu ensaio.

Raramente aconteceu-me ter admirado um trabalho psicanalítico em lugar de criticá-lo, mas desta vez não posso deixar de fazê-lo. É a melhor coisa sua que já li, uma prova involuntária de sua superioridade sobre todos nós — de acordo com as alturas de onde você desceu até nós. É uma verdadeira síntese terapêutica absurda de nossos oponentes, não uma síntese verdadeiramente científica: pode-se confiar em que ela consiga transformar novamente num organismo vivo a coleção de ner-

vos, músculos, tendões e vasos sanguíneos a que a faca psicanalítica reduziu o corpo. Se ao menos pudéssemos ampliar de uma forma plástica aquilo que você esboçou com seu delicado pincel, talvez nos tornássemos capazes de compreender as verdades finais.

Nem tudo de que você trata me foi imediatamente inteligível e nem tudo também valia a pena saber. Mas, apesar do que dizem algumas pessoas, não sou um artista. Jamais poderia ter descrito os efeitos da luz e da cor, mas apenas seus contornos grosseiros.

Sugiro que você permita à *Verlag* publicar o ensaio como um trabalho independente, sem enviá-lo primeiro a *Imago*. Poderia intitular-se 'Meus Agradecimentos à Psicanálise', com o subtítulo 'Carta Aberta ao Prof. F. por seu 75.º Aniversário'. Por favor, informe-me logo de sua decisão.

Muito cordialmente seu,

Freud

(Göttingen, meados de julho de 1931)

Caro Professor Freud

Sua carta chegou ontem à noite (logo depois de ter posto a minha no correio). Estou fora de mim de alegria. Que mais posso desejar? Estou felicíssima de que não tenha feito nenhuma objeção ao meu trabalho, que eu talvez tivesse achado impossível alterar, e por ter-me escrito imediatamente e de seu próprio punho comentários tão, tão bondosos. Eu mesma estou muito, muito consciente do êxito relativo desta tentativa de exprimir meus sentimentos e há muitos anos que sinto um enorme ímpeto de fazê-lo.

É claro que estou de acordo com qualquer coisa que o senhor proponha: que saia sob a forma de livro ao invés de ser publicado antes em *Imago*. O subtítulo 'Carta Aberta' etc. também me atrai muito. Apenas o título principal deve ficar como está, ou seja, 'Freud' não deve ser substituído por 'Psicanálise'. Todo o ensaio está realmente contido nesta única palavra. Originou-se inteiramente no homem que tem esse nome. Simplesmente, não posso imaginar o que teria sido enquanto

conhecimento puramente fatural, sem esta experiência humana (sou uma mulher, afinal).

É enjoado, mas, infelizmente, preciso ter o manuscrito de volta, a fim de fazer algumas inserções que considero importantes!

Oh, que alegria é para mim o senhor ter aprovado minhas tentativas balbuciantes!

Escrevi esta com grande pressa e com enorme gratidão!

Sua,
Lou

(Göttingen) 4.5.32

Caro Professor Freud,

Quisera que esta carta de aniversário já o encontrasse em sua residência de verão! Sem dúvida, o senhor deve ter estado ansioso por chegar lá, e os dois cachorros decerto consideram o inverno simplesmente como um período de exílio. Além disso, da última vez que escreveu, Anna anunciou: 'Papai está escrevendo' — e talvez os dois ensaios sobre os tipos e a sexualidade feminina²¹⁶ sejam continuados em seu parque primaveril?

Não me estenderei sobre eles hoje: ainda os estou lendo assídua e calmamente, gozando cada palavra. Mas uma idéia em particular surpreendeu-me ao lê-los e isso se aplica a tudo o que o senhor escreveu desde a época de seus 'escritos teóricos' (que agora estão sendo publicados separadamente): ou seja, a idéia de que estes escritos devem ter tido um encanto particular para o senhor quando os escreveu, apenas porque representavam um trabalho que empreendeu inteiramente sozinho. O que o senhor escrevera antes deles, envolvia-o em conflito e tumulto com todos os outros, cuja participação e filiação ao movimento, sem dúvida, causava-lhe um terrível sofrimento. Ainda tenho a sensação de que, naquela época, há tantos anos atrás, o senhor consentia de muita má vontade no sacrifício de seu isolamento e só o fazia porque a causa naquele momento exigia que o senhor se utilizasse de seus seguidores dessa maneira. De fato, se não fosse sua doença, talvez as coisas não

tivessem mudado muito sob esse aspecto, mesmo num período posterior.

Isso me sugere uma fantástica comparação, que ainda assim me arriscarei a colocar no papel: a sua doença, e a tremenda interferência que ela causou no senhor, esse conflito entre a incessante criatividade interior e o desespero físico de que o senhor não pode livrar-se e que arrogantemente reclama seus direitos e a devida atenção — lembrem-me, de certa forma, a situação ameaçadora que predominou naquelas décadas entre os discípulos que desejavam ajudar e aqueles que desejavam atrapalhar. Obviamente, o senhor está condenado a nunca escapar inteiramente desse tipo de conflito e as suas realizações sempre terão a qualidade de uma tremenda, quase violenta autoafirmação, ao lado e independente de sua qualidade puramente criativa.

Por favor, perdoe-me esta longa digressão!

Nesse meio tempo, terminei aquilo a respeito de que havia escrito a Anna — uma espécie de livro de memórias com o modesto título 'Grundriss meiner Lebenserfahrungen' (Esboço de minhas Experiências de Vida).²¹⁷ E que papel o senhor desempenha aí para mim! Recentemente, aconteceu algo que provavelmente tornará necessária a sua publicação agora, e não — como eu quase havia esperado — apenas depois de minha morte (devido a certas retificações com respeito a Nietzsche etc.). Seria muito perguntar-lhe se o senhor poderia encontrar um lugar para ele na *Verlag*? Neste caso, eu não o daria nem para Diederichs nem para a 'Insel'.

Devo parar por aqui. Sabe o quanto, o quanto estou pensando no senhor — e não apenas no 6 de maio.

Sua,
Lou

(Hochrotherd) 8.5.1932

Minha querida Lou

Os aniversários são uma dessas coisas que só podem ser convenientemente descritas pela palavra inglesa 'nuisance'. Sua única desculpa é que só podem ocorrer uma vez por ano e não por muito tempo. Entretanto, em consequência das infin-

dáveis complicações de nossa existência, também têm seu objetivo: por exemplo, produzem cartas que nos dão prazer e que de outro modo poderíamos não receber. Estou respondendo-lhe de um pequeno e encantador estúdio em Hochrotherd.²¹⁸ Não sei se Anna lhe contou onde fica e o que é: se não, você perguntará, ou seja, escreverá de novo.

Fico muito feliz em saber que você está trabalhando em suas memórias. Muitas vezes me aborreci ao ver sua relação com Nietzsche mencionada de uma forma obviamente hostil a você, que certamente não podia corresponder aos fatos. Você enfrentou tudo de maneira mais do que apropriada. Espero que agora, afinal, se defenda, ainda que da maneira mais digna.

Em resposta à sua pergunta sobre a *Verlag*, envio-lhe uma circular²¹⁹ que distribuí recentemente, se você ainda desejar ter algo a ver com ela!

Com calorosas saudações,

Seu,
Freud

(Göttingen) 22.V.32

Caro Professor Freud,

Ter notícias suas tão depressa foi realmente um prazer! Agradeço-lhe muito e imagino-o finalmente instalado em seu grande jardim no meio deste glorioso verão, que — aqui pelo menos — está começando a ficar realmente quente.

Não tinha idéia dos problemas e das dificuldades da *Verlag*, com os quais desde algum tempo o senhor deve estar sendo sobrecarregado. Receio que eu também, recentemente, em minha inocência, tenha sobrecarregado a oprimida *Verlag* com algo meu! Espero que sua circular produza um bom efeito e que em setembro algumas decisões apropriadas e lucrativas tenham sido tomadas. Seria uma catástrofe se a publicação de seus dois jornais não fosse firmemente garantida, em vista dos excelentes trabalhos que continuam a aparecer neles. Sempre tenho prazer em lê-los e agora tenho-os comigo, outra vez. A questão sobre se os autores individuais poderiam ter suas contribuições reunidas em livro agora, ou se ainda teriam de esperar por isso, não tem tanta importância.

Talvez eu deixe de lado meu livro de memórias por algum tempo. Isso depende da data de outras publicações, não minhas, que se propõem a tratar de uma maneira erudita todo o material documentário relativo aos escritos de Nietzsche.²²⁰ Apenas porque eu, por princípio, abster-me de envolver-me no esquadramento lamacento do Arquivo de Nietzsche, Frau Elisabeth Förster-Nietzsche pôde falar em excesso. Agora, eu mesma não tenho mais nada a ver com tudo isso (nem mesmo em meu livro) e sei que o material está em boas e seguras mãos. O próprio livro talvez possa ser publicado sob os auspícios do editor em questão, ou de outro, com interesses semelhantes. Isso não tem importância.

Será que Anna virá para estes lados no outono? Cordiais saudações ao senhor e a ela.

De sua Lou

(Göttingen) 23.XII.32

Caro Professor Freud,*

O livro ²²¹ que me enviou foi como uma espécie de presente pré-natalino e nas últimas semanas estive mantendo várias conversas com o senhor sobre ele — foi quase como falar-lhe pessoalmente, de tão felizmente consciente de sua presença ele me tornou. Com quanta alegria eu iniciaria uma discussão detalhada de alguns capítulos! Mas existe um obstáculo absurdo nesse sentido e é também a razão deste rabisco ilegível: ou seja, tenho de ficar deitada, plana como numa mesa de passar roupa. (Mas não, como há alguns anos atrás, devido a um ferimento no pé. Trata-se apenas de uma leve irritação dos rins, provavelmente uma constipação.)

Enquanto isso, tive notícias suas diretas através de Eva Rosenfeld.²²² Foi muito bom tê-la aqui e ouvir tudo o que ela tinha a dizer. Segui para passar algum tempo com o filho e deve ter falado sobre mim, pois recebi de Frau D. in Marienau uma carta espantosamente calorosa e solidária.

Por favor, diga a Anna que não poderei escrever tão cedo. Imagino como esteja aí, em Hochrotherd, agora! Aqui, o tempo está radiante, como um espetáculo contínuo do sol e da

* Escrita a lápis.

lua, alternadamente, num céu inacreditavelmente livre de nuvens. Dentro de casa, as coisas se encaminham de modo feliz e ocupado para o Natal (...).

Caro Professor Freud, caro, caro Professor.

Sua velha Lou

Göttingen, 6 de maio de 1933

Caro, caro Professor Freud,*

Mais que tudo, gostaria de continuar a repetir estas palavras, como se contivessem tudo com que meu coração transborda e que eu gostaria de colocar diante do senhor na manhã de seu aniversário. Pois, de certa maneira, as cartas não são mais possíveis — nada se pode transmitir através delas.

Sim, simplesmente partir imediatamente, para passar apenas um dia *com o senhor* — nunca desejei isto tão ardentemente antes.

Por esta razão, também, o senhor nunca recebeu uma saudação tão breve daqui.

Será que Anna poderia enviar-me algumas linhas, dizendo como vão todos vocês? Para que o senhor não fique zangado comigo, não deixarei de dizer-lhe que estamos todos bem aqui. De fato, tive um período inacreditavelmente bom com meu trabalho,²²³ no qual tudo fluiu facilmente e me deleitei inteiramente. (Talvez seja esta a maior fonte de felicidade — ao menos, logo depois da primavera, radiantemente bonita agora, como se não houvesse sombras na vida.)

Com afetuosa devoção,

Sua Lou

14.5.1933

(Viena) XIX, Hohe Warte 46

Cara Lou

E assim, este dia de modo algum ansiado traz consigo ao menos uma coisa boa, ou seja, a visão de uma letra querida

* Escrita a lápis.

e há muito tempo ausente. E, de fato, com boas notícias. Será que em breve saberemos de alguma coisa sobre o trabalho que para você significou tanto quanto a primavera? Conosco as coisas caminham como se poderia esperar nesses dias loucos. Até mesmo Anna fica deprimida de vez em quando. Tenho uma bela vista do jardim de minha janela, mas o tempo está frio e chuvoso e estou fumando um charuto que me é realmente proibido.

Cordialmente seu,
Freud

(Göttingen) 3.V.34

Caro Professor Freud,

Estou enviando esta para que seja reexpedida de Berggasse, pois confiantemente espero que em abril o senhor já tenha conseguido encontrar a casa e o bonito jardim no campo que estava procurando. Fiquei muito preocupada quando Anna escreveu que não havia nada a ser encontrado. Afinal, existe apenas uma pequena escolha disponível e os verões são tão curtos. O melhor da primavera logo terá passado.

Hoje estou devolvendo a Anna — talvez devesse tê-lo feito antes? — o texto datilografado do excelente artigo de Dorothy Burlingham.²²⁴ Deve ter-lhe dado um grande prazer também. Foi um prazer especial para mim, devido ao rumo positivo do pensamento da autora, que sempre exerceu uma atração particular sobre mim. Mas nunca antes havia percebido que forte capacidade produtiva D. B. possuía — como é esplêndido o senhor ter despertado isso nela! No conjunto, aquelas entre nós, mulheres, que tiveram o privilégio de sentar-se aos seus pés durante esses dez anos foram um grande sucesso e muito mais se ouvirá sobre elas no futuro.

Já contei a Anna a nova experiência que este ano me trouxe, e como gostaria de contar-lhe tudo sobre ela em pessoa! Este filho caçula de meu irmão mais velho²²⁵ despertou em mim uma corrida de lembranças da Rússia e de minha família e pareceu-me encontrar nele algo de todos os meus irmãos. Sofreu, fisicamente, terrível experiência dupla na guerra — como um jovem rapaz, na guerra mundial e, depois, com os Exércitos

Branco contra os bolcheviques — e ainda com os receosos anos de emigração desde então, após sua fuga da fortaleza de S. Pedro e S. Paulo. Mas todos esses anos de condições anormais deram-lhe uma espécie de visão madura e filosófica da vida.

Por falar nisso, conheci outra pessoa, que gostava de apresentar-lhe pessoalmente: um amigo com quem às vezes colaboro e que tem sido uma fonte de muita inspiração para mim. É um discípulo de Kleist, mas sem gabinete ou dignidades, de origem camponesa e também uma vítima da guerra, no início dos quarenta. Acho bondoso por parte da vida enviar-me tão tarde um companheiro de jornada tão especial. (Sei também o quão intimamente Kleist está ligado à nossa, sua, causa.)

Além disso, encanta-me observar de ano em ano como muito do que nos acontece demora a tornar-se uma experiência interior. Apenas na velhice este processo se completa e, por esta razão, é certo e direito realmente envelhecer, apesar do lado inverso menos agradável, representado pela enfermidade. Parece-me que isso é verdade até mesmo nas questões do intelecto, e não apenas na vida emocional. E já que a que chamamos viver, do berço ao túmulo, é cheio de cargas e dificuldades, muitas vezes torna-se consolador pensar que a vida, em virtude de sua extensão, paradoxalmente ainda tem algo a oferecer-nos, a fim de que não sejamos tentados a ofendê-la demasiadamente.

Perdoe-me esta tagarelice! Junte-a ao resto daquilo que o 6 de maio lhe traz em excessiva quantidade. O desejo ardente de vê-lo e de falar-lhe, afinal, precisa encontrar uma saída — para aquelas inúmeras pessoas que o amam tão profundamente.

De todo o coração,
Sua Lou

(Viena, Grinzing, 16 de maio de 1934)
XIX, Strassergasse 47

Minha cara Lou

Não deixe de anotar o endereço. Ele indica o mais belo jardim e a mais encantadora casa em que jamais passamos nossas férias de verão. Surgiu subitamente depois de uma longa

procura e, desta vez, os proprietários não são judeus empobrecidos, mas honestos patrícios (von Schöller) que nos trataram da forma mais amigável. Chegamos aqui antes de 1.º de maio e o ano, em seu capricho, deixou-nos gozar uma primavera estranhamente bela mas, infelizmente, um tanto prematura. Aqui seria o lugar certo — ao menos para um nativo de Viena — 'para morrer na beleza'.

Não posso concordar com o elogio da velhice que você exprimiu em sua bondosa carta. Por razões pessoais, sem dúvida. Fico contente por adaptar-se a ela tão melhor do que eu. Mas, neste ponto, você não é de forma alguma tão velha e não se enraivece tanto. A raiva reprimida exaure a pessoa ou o que resta de seu antigo ego. E é tarde demais para criar um novo ego aos setenta e oito anos. Um bom amigo meu, Arnold Zweig, o autor de *Grischa*, deseja projetar e delinear um retrato de Nietzsche. Ele sabe que você seria uma mentora inestimável. Mas será que estaria disposta? Na verdade, aconselhei-o a desistir da idéia total do projeto.*

Cordialmente, como sempre,

Seu,
Freud

(Göttingen) 20 de maio 34

Caro Professor Freud,**

Estou anotando seu endereço com a mais pura alegria, pois agora minhas ansiedades estão mais do que dissipadas. O senhor escreveu: é a casa mais encantadora e o mais belo jardim em que jamais passou suas férias de verão. Se ao menos o senhor pudesse ficar aí, não apenas durante o curto período de verão, mas durante o inverno também. Isso está completamente fora de cogitação? Será que esses 'honestos e amigáveis patrícios', como o senhor os chama, não poderiam ser persuadidos a concordar com isso?

Não quero perder mais tempo antes de acrescentar mais um item a esta pequena carta de saudação e agradecimento,

* C.f. *The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, Londres e Nova Iorque, pp. 74-81.

** Escrita a lápis.

já que o senhor me faz uma pergunta ao final de sua carta: trata-se do projeto sobre Nietzsche. Está absolutamente fora de cogitação participar dele, não importa de que maneira. Não posso considerar tal coisa e a simples idéia me enche de desânimo. Por favor, diga isso a seu correspondente nos termos mais fortes e definitivos — além disso, como o senhor tem razão em dissuadi-lo do total de seu plano sobre Nietzsche!

Com minhas mais calorosas saudações a todos vocês,

Sua,
Lou

(Göttingen) 2.I.35

Caro Professor Freud,*

Muitas vezes, ter escrito a Anna em vez de fazê-lo ao senhor, era não aborrecê-lo com meus rabiscos — mas desta vez acontece o contrário. Pois acabei de receber uma carta dela na qual me fala de um trabalho especial que o senhor terminou no último verão e quero muito informá-lo, ao senhor mesmo, sobre o quão encantada fico em saber desta notícia. Que bênção foi para o senhor aquela 'lindíssima casa e encantador jardim', como o senhor me descreveu em maio último. E eles o esperam de novo para a primavera, se bem entendi as palavras de Anna. Portanto, ainda o imagino sentado ou passeando por lá, trabalhando. Apenas, ao que parece, ainda demorará algum tempo até que possamos vê-lo impresso? Anna não me disse nada sobre o conteúdo. Ainda assim, saber que existe é uma esplêndida notícia para nós.

Fico cheia de admiração ao saber que Anna também, apesar de todas as exigências feitas ao seu tempo e à sua atenção, realmente colocou no papel aquilo sobre que fará conferências na Sociedade, em janeiro. O quão incansavelmente sua mente deve ter estado preocupada com isso, apesar de todas as outras preocupações. Se ao menos eu pudesse falar com ela em pessoa mais uma vez! E assim, escrevo esta ao senhor e não a Anna, mas ela não deve pensar que isto a obriga a escrever-me outra carta. É apenas uma saudação pelo Ano Novo, um abraço cor-

* Escrita a lápis.

dial a vocês dois *de longe*. Penso freqüentemente no senhor com suas cinco análises diárias e, então, sinto-me envergonhada de minha existência de lazer. É estranho, sem dúvida, como pareço encontrar pouco tempo para aquilo que empreendo, mas essas coisas consistem não tanto em deveres como em uma entrega àquilo que quero fazer. E tudo isso está dentro da esfera que foi permanentemente aberta para mim por sua obra e suas descobertas.

Cordialmente,
Sua Lou

6.I.1935

Viena IX, Berggasse 19

Minha cara Lou

Uma das vantagens dessas divisões artificiais do tempo é que por uma espécie de regressão ouvimos novamente notícias daqueles que nos são caros e que ameaçaram desaparecer com a passagem do tempo. Como de hábito, você não falou muito sobre si mesma, mas penso que tenho razão em presumir um certo grau de conforto e boa saúde, que lhe desejo com abundância.

Minha única fonte de satisfação é Anna. É notável quanta influência e autoridade ela adquiriu entre a corrente geral de analistas — muitos dos quais, infelizmente, extraíram pouco da análise no que diz respeito a seu caráter pessoal. É surpreendente também ver como ela é aguda, clara e inflexível em seu domínio do assunto e, além disso, realmente independente de mim. No máximo, sirvo de catalisador. Você gostará de ler seus trabalhos mais recentes. Há certas preocupações, evidentemente. Ela toma as coisas demasiado seriamente. E que fará quando perder-me? Será que levará uma vida de autoridade ascética?

Posso explicar agora com maiores detalhes o que você ouviu sobre meu último trabalho. Ele se originou na pergunta sobre o que realmente criou o caráter particular do judeu e chegou à conclusão de que o judeu é a criação do homem Moisés.²²⁶ Quem era esse Moisés e o que provocou ele? A resposta a essa pergunta foi dada numa espécie de novela histórica. Moisés

não era judeu, mas um egípcio bem-nascido, um alto oficial, um sacerdote, talvez um príncipe da dinastia real, e um defensor zeloso da fé monoteísta, que o Faraó Amenotep IV havia transformado na religião dominante por volta de 1350 a.C. Com o colapso da nova religião e a extinção da 18.^a dinastia, após a morte do Faraó, esse homem ambicioso e de aspirações perdeu todas as suas esperanças e decidiu abandonar sua terra natal e criar uma nova nação que ele se propunha a educar dentro da religião imponente de seu senhor. Recorreu à tribo semita que se instalara na região desde o período dos hicsos, colocou-se à sua frente, conduziu-os da escravidão à liberdade, ofereceu-lhes a religião espiritualizada de Aten, e, como uma expressão de consagração, assim como um meio de separá-los, introduziu a circuncisão, que era um costume nativo entre os egípcios e somente entre eles. Aquilo de que se jactaram os judeus, mais tarde, como sendo obra de seu deus Jeová, ou seja, de que ele os havia tornado seu Povo Eleito e os havia livrado do Egito, era literalmente verdade — da parte de Moisés. Com esse ato de escolha e com o dom da nova religião, ele criou o judeu.

Esses judeus eram tão pouco capazes de tolerar a exigente fé da religião de Aten quanto os egípcios que os precederam. Um estudioso não judeu, Sellin,²²⁷ demonstrou que Moisés foi provavelmente assassinado algumas décadas mais tarde num levante popular e que seus ensinamentos foram abandonados. Parece certo que a tribo que voltou do Egito uniu-se, mais tarde, a tribos aparentadas que habitavam na região de Midian (entre a Palestina e a costa oeste da Arábia) e que haviam adotado o culto de um deus do vulcão que vivia no Monte Sinai. Este deus primitivo, Jeová, tornou-se o deus nacional do povo judeu. Mas a religião de Moisés não se extinguiu. Uma lembrança obscura dela e de seu fundador havia permanecido. A tradição fundiu o deus de Moisés com Jeová, atribuiu-lhe a libertação do Egito e identificou Moisés com os sacerdotes de Jeová de Midian, que haviam introduzido o culto deste último deus em Israel.

Na realidade, Moisés nunca ouviu o nome de Jeová, e os judeus nunca atravessaram o Mar Vermelho, nem estiveram no Sinai. Jeová teve de pagar caro por ter assim usurpado o deus de Moisés. O antigo deus sempre o perseguiu e, ao longo de seis ou oito séculos, Jeová foi transformado na cópia do

deus de Moisés. Como uma tradição semi-extinta, a religião de Moisés havia finalmente triunfado. Este processo é típico da maneira como uma religião é criada e foi apenas a repetição de um processo anterior. As religiões devem seu poder compulsivo à *volta do reprimido*. São lembranças redespertadas de episódios muito antigos, esquecidos e altamente emocionais da história humana. Já disse isso em *Totem e Tabu*. Agora o explico na fórmula: a força da religião reside não em seu *material*, mas em sua verdade *histórica*.

E veja você, Lou, esta fórmula, que exerce uma fascinação tão grande sobre mim, não pode ser publicamente expressa na Áustria hoje em dia, sem fazer cair sobre nós um estado de proibição da análise por parte da autoridade católica dominante. E é apenas este catolicismo que nos protege dos nazistas. E, além disso, os fundamentos históricos da história de Moisés não são suficientemente sólidos para servir de base para estas minhas conclusões de valor inestimável. Portanto, fico em silêncio. Basta-me que eu próprio possa acreditar na solução do problema. Ele me perseguiu durante toda a minha vida.

Perdoe-me, e com cordiais saudações de seu

Freud

(Göttingen, meados de janeiro de 1935)

Caro Professor Freud.*

O senhor mesmo ter-me realmente respondido, contando a história numa carta tão longa escrita de seu próprio punho — como posso agradecer-lhe adequadamente por isso! Estive carregando a carta comigo durante três dias, pensando sobre ela e desejando escrever-lhe sobre ela. Mas, mesmo hoje, esta não passa de uma breve exclamação — em parte, uma exclamação de horror, naturalmente, em virtude de todo esse material ter de permanecer inédito dentro do corpo de sua obra. Evidentemente, tem toda razão: o senhor é o melhor juiz do

* Escrita a lápis.

que está acontecendo na Áustria. Apenas, isso é uma enorme lástima para todos nós. E os ingredientes mais essenciais da história parecem ser tão inevitavelmente parte de tudo o que o senhor sempre pensou, por assim dizer, já 'impresso' há tanto tempo, que é difícil acreditar que sua publicação fosse afetar seriamente a situação. E o fato de arrolar em sua causa um 'estudioso não judeu', que já discutiu a questão de Moisés do ponto de vista histórico e cristão, conta sem dúvida a seu favor.

Nessa discussão, um ponto em particular pareceu-me surpreendente: ou seja, como a 'tribo semita', à qual Moisés recorreu, parece até certo ponto diminuída ou subordinada em comparação com as tribos aparentadas ou as tribos egípcias. Esta tribo se tornou a herdeira das tradições de Moisés. Primeiro, corrompeu-a (como as outras o haviam feito) e, então, recebeu de tempos em tempos o precioso dom da volta do reprimido, mas ainda assim conservou essa combinação dos elementos mais elevados e mais rasteiros?

As descobertas que o senhor fez sobre todas as religiões através do problema judeu retrocedem, como o senhor mesmo o menciona, diretamente até *Totem e Tabu*. Mas o que me fascinou particularmente em sua atual visão das coisas foi a característica específica da 'volta do reprimido', ou seja, a maneira pela qual elementos nobres e preciosos regressam, a despeito de uma longa mistura com todo tipo de material concebível. Sem dúvida, são as 'verdades históricas' e não 'materiais' que secretamente exercem o verdadeiro poder, mas, dentro desses períodos históricos passados, foram afinal todas as forças psíquicas intensamente reais cujo caráter elevado permaneceu não obliterado.

Até aqui, entendemos geralmente o termo 'volta do reprimido' dentro do contexto dos processos neuróticos: todos os tipos de material que haviam sido erroneamente reprimidos afligiam misteriosamente o neurótico com fantasmas tirados do passado, porque neles sentia algo primeiramente familiar, que se inclinava a repelir. Mas, neste caso, nos deparamos com exemplos de sobrevivência dos elementos mais triunfantemente vitais do passado, como a mais verdadeira possessão do presente, a despeito de todos os elementos e forças contrárias destrutivas que enfrentaram. E, como no caso da religião original

de Moisés, esses aspectos positivos do processo devem ter funcionado também em outras religiões; portanto, também aí, o reprimido não foi confinado a sobrevivências patológicas. Quaisquer que sejam as coisas estranhas que se passaram na alma do homem primitivo, que nos parece agora, mais tarde, de nosso ponto de vista mais esclarecido, tão obviamente arcaico e distorcido, essas coisas ainda assim incluem elementos de poder psíquico que, mais tarde, recuaram para trás das forças intelectuais e emocionalmente enfraquecedoras.

Mas estou apenas tagarelando de modo muito casual — por favor, desculpe-me! Quando tiver tido mais tempo para assimilar sua carta, serei mais clara sobre o que dizer. No momento, não sou capaz de guardá-lo para mim, já que infelizmente não posso exprimi-lo verbalmente. No meio de toda a minha tagarelice o senhor perceberá, talvez, o quanto o próprio fato de *ter-me* escrito e permitido participar disso significou para mim.

Não iniciarei nenhum outro tópico hoje!

Com profunda gratidão,

Sua,

Lou

(Göttingen) 4 de maio 35

Caro Professor,*

Enquanto escrevo fico imaginando se o senhor estará gozando de um bom tempo. Fiquei realmente encantada ao saber que se mudou tão cedo este ano para sua 'belíssima casa com o mais encantador dos jardins'. Pois belo é o início do verão e, na maioria das vezes, o senhor nunca o experimentou devido às suas férias tardias. Mas agora depende do deus do tempo — e ele *agora*, em maio, mandou chuva e vento e ainda estamos com a calefação funcionando.

* Escrita a lápis.

Anna mencionou que o senhor recebeu algumas visitas, Landauer²²⁸ e outros. Eles conseguiram criar Sociedades em Oslo e Estocolmo? Isso seria realmente um novo começo. Ainda estou com um antigo paciente de Landauer que ficou cego na guerra. É uma das minhas análises ainda restantes e ele está saindo-se bem. Pergunto-me se suas visitas chegaram a conhecer o conteúdo de sua esplêndida carta para mim, produto do trabalho de vários verões. Se isto se deu, sem dúvida deve ter conduzido a discussões decisivas, enquanto o senhor mesmo talvez esteja neste momento ocupado em desenvolver ainda mais o assunto, sentado diante de sua escrivaninha ou no jardim. Que nos trará o verão com relação a *isso*?

Não posso, é claro, deixar de pensar ainda no que o senhor escreveu naquela carta. Por exemplo, até que ponto o caso de Moisés teve um aspecto especial e único, na medida em que um único gênio esmagador determinou tudo e, a despeito de toda a mistura com elementos estranhos, conseguiu até certo ponto perpetuar sua realização. Em outros casos, como nas civilizações religiosas asiáticas, os 'fundadores', como, por exemplo, entre os chineses, persas etc., surgiam do meio de suas terras ou povos. Na Índia também, desde o início até Buda. Isso produz uma evolução totalmente diferente. Até mesmo o homem de quem Moisés recebeu sua inspiração era afinal um completo egípcio. Dentro de certas circunstâncias isso poderia ter enfatizado o elemento egípcio, até mesmo depois do Êxodo.

Perdoe-me minha tagarelice e esta resposta tão longa. Mas da maneira que estão as coisas, não consigo tirar o assunto da cabeça.

Por falar nisso, perdoe também esta pobre lembrancinha anexada ao envelope.²²⁹ No caminho de casa acabei de comprar as novas carteiras de identidade, agora obrigatórias. Sem exibi-las, nem mesmo nossas obras póstumas literárias podem ser impressas, e isso é algo que não pode ser posto em ordem mais tarde. Na realidade, não me pareço com *aquilo*, mas minha aparência não é melhor.

Se ao menos, em vez disso, eu pudesse olhar por apenas dez minutos o seu rosto — o rosto paterno que tem presidido minha vida.

Sua Lou

Cara Lou

Se alguém viver por tempo suficiente (digamos, cerca de setenta e nove anos), é possível que viva o bastante para receber uma carta e até mesmo uma foto sua — não importa qual seja o aspecto desta última. Abstenho-me de enviar-lhe uma fotografia minha. Que quantidade de bom gênio e humor é necessária para suportar esta horrível história de envelhecer. O jardim lá fora e as flores do quarto estão bonitos, mas a primavera é um *Fopperei*,* como dizemos em Viena. Finalmente, estou sabendo o que é sentir frio. Meu médico recomendou-me beber água com açúcar para a minha temperatura abaixo da normal, o que me faz sentir-me extremamente infeliz.

Não espere ouvir nada inteligente de mim. Não sei se ainda posso produzir alguma coisa — duvido — mas de qualquer maneira não tenho tempo, tão ocupado estou em cuidar de minha saúde. Ela é evidentemente igual aos Livros Sibílicos: quanto menos deixados, maior seu valor. Estou, é claro, cada vez mais dependente dos cuidados de Anna, assim como Mefistófeles observou certa vez.

No final todos dependemos

das criaturas que nós mesmos fizemos.²³⁰

Em todo caso foi muito sábio tê-la feito.

Gostaria de poder dizer-lhe pessoalmente o quanto tenho seu bem-estar no coração.

Seu velho

Freud

(Göttingen, 6 de maio de 1936)

Caro Professor Freud,**

Antes que a grande vaga de correspondência irrompa sobre o seu aniversário, venho timidamente e isolada — sem ter a menor idéia de como dizer-lhe o que esta ocasião significa para

* Deboche.

** Escrita a lápis.

mim. Mas desde que soube por Anna que o senhor já estava no campo (em Grinzing) meus pensamentos têm estado aí com o senhor. Certamente, o tempo aí estará bom, e não horrível como temos visto nas regiões mais ocidentais, como aqui e até o Lago Constance — soubemos que não estava tão ruim nas regiões orientais (isto é, austríacas). As árvores e o jardim do último verão serão agora velhos amigos.

Mas Anna escreveu sobre grandes e inesperadas preocupações surgidas com o problema nos olhos de sua cunhada e a dor que ela sofreu depois da operação. Espero que agora ela já esteja recuperada e totalmente capaz de participar das comemorações do 6 de maio. É realmente um prazer saber que seu filho estará aí também — soube por Anna da razão de sua visita, ou seja, que ele fará a decoração interior de suas novas propriedades, cujos detalhes serão todos de um interesse permanente para o senhor. E o melhor de todos os seus presentes veio de Anna com seu livro,²³¹ que afinal ficou pronto a tempo. Ela descreveu com tantas palavras como o seu constante encorajamento superou sua hesitação! Para mim é desesperador só poder saber de seu conteúdo quando posso ter alguém lendo alto para mim pequenos trechos — e quem pode prever quando isso acontecerá. Mas como já estou esperando por esse momento!

Não tenho nada mais a contar sobre minha vida aqui. Ao lado de meu declínio físico natural, vivo uma existência quase de lazer, com minha pequena família²³² e também com duas pessoas que me são muito próximas e que trazem uma enorme felicidade para a minha vida.²³³ Muitas vezes falei a Anna sobre elas. Mas é quase impossível descrever essas coisas por escrito sem o contacto pessoal que costumávamos ter, anos atrás. Não posso mais viajar e, deste modo, estou confinada a enviar-lhe simplesmente minhas saudações. E o faço, é claro, várias vezes, do fundo do coração e este contacto com o senhor como sempre desempenha um papel decisivo em todos os meus pensamentos e trabalho.

Com meus votos mais afeiçoados

De sua
Lou

(Viena) maio de 1936

(IMPRESSO) Cordiais agradecimentos por seus cumprimentos por meu octagésimo aniversário.

Caríssima Lou!

Que posso escrever-lhe? Passei as duas últimas semanas tentando tratar de uma massa de cartas em sua maioria supérfluas. Só posso dizer — o que sinto cada vez que recebo uma carta sua — que sei muito pouco sobre você e, acima de tudo, gostaria de saber que uma pequena operação em breve restituiria a visão de seus belos e sábios olhos. Minha cunhada Minna finalmente superou o período de dor aguda e pode regozijar-se com uma completa recuperação. Eu também não posso mais viajar. Dessa maneira nos é concedida uma espécie de vida estéril no sofrimento! Não faz mal.

Seu Freud

N O T A S

No epílogo do diário 'In der Schule bei Freud',* que Lou Andreas-Salomé escreveu durante seu ano de estudos psicanalíticos de 1912/13, está escrito que provavelmente o conhecimento que travou com Sigmund Freud pela primeira vez, ao contrário do que se pode presumir a partir de sua autobiografia, *Lebensrückblick*, não foi o início do Congresso Psicanalítico de Weimar, a 21 de setembro de 1911, mas década e meia antes, na primavera de 1895.

A atenção do editor foi despertada pela primeira vez para esse ponto por Lucia Morawitz, após a publicação de *Lebensrückblick*, em 1951. Uma frase do livro, diz: 'Quando fiquei diante de Freud no Congresso Psicanalítico de Weimar no outono de 1911.' Sobre isso, Lucia Morawitz, observou: 'LAS encontrou Freud pela primeira vez em 1911? Mas lembro-me nitidamente que interrompemos uma conversa em Viena, na primavera de 1895, porque ela devia sair para ver Freud, com quem tinha um encontro. Ainda posso ouvir em lembrança as palavras e a entonação exatas com as quais ela me anunciou isso.'

Haveria aqui alguma possibilidade de mal-entendido que nos autorizaria a duvida do fato da visita ou, pelo menos, da intenção de fazer uma visita? Na primavera de 1895, Lou A.-S. estava morando em Viena 'de volta, pela primeira vez', inspirada nisso por sua correspondência com Arthur Schnitzler. Logo conheceu Richard Beer-Hofmann, Hugo von Hofmannsthal e outros. Lucia Morawitz, segundo seu próprio relato, estava 'na orla do círculo de Hofmannsthal, Bahr, Karl Kraus e Eckstein'. Portanto, esses círculos se entrecruzavam. E, em meados de maio de 1895, durante a estada de Lou A.-S. em Viena, foram publicados os *Estudos sobre a Histeria*,** de Sigmund Freud e Josef Breuer. O último capítulo e o mais importante, de autoria de Freud, trata da psicoterapia da histeria. Pode muito bem ter acontecido que Lou A.-S., após as misteriosas experiências de sua vida, ao lado do 'amigo de sua juventude' Paul Rée, e de sua amiga Frieda Frein von Bülow (que a havia acompanhado a Viena), se sentisse atraída pelo tema do livro e pelas novas descobertas que apresentava sobre o assunto. Talvez alguém tivesse chamado sua atenção para Freud. Esta pessoa poderia ter sido Arthur Schnitzler, médico por profissão, que lhe fora mais íntimo na época. Já em 1887, em sua resenha de um livro sobre o 'Morfínismo', que incluía um trecho de um artigo de Freud sobre a cocaínomania, ele havia 'quebrado uma lança em favor de Freud' (E. Jones, *Sigmund Freud*, I, 104). Poderia ter conhecido outros trabalhos de Freud e ter assistido a conferências ocasionais deste. De qualquer maneira, as teorias psicanalíticas de Freud significavam

* Editado por Ernst Pfeiffer (Max Niehans Verlag, Zurique, 1958). Publicado em inglês como *The Freud Journal of Lou Andreas-Salomé*, tradução (e introdução) de Stanley A. Leavy, Basic Books Inc., Nova Iorque, 1964; Londres, The Hogarth Press e The Institute of Psycho-Analysis. Citado aqui como o *Freud Journal*.

** Edição *Standard Brasileira* das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, Vol. II, IMAGO Editora, 1974. (N. do T.)

muito para ele, em geral e como uma confirmação de suas próprias descobertas em seu trabalho criativo. Freud, por sua vez, como o declarou em sua carta de 8 de maio de 1906, para Schnitzler, 'durante muitos anos havia estado consciente da extensa concordância existente entre as nossas opiniões sobre muitos problemas psicológicos e eróticos'.

Mas essas declarações ou conjeturas só teriam algum valor real se se pudesse demonstrar que essa primeira visita deu frutos. Teria contribuído para o fato de que Lou A.-S., desesperada pela natureza de suas experiências com Rainer Maria Rilke, abraçasse com tanto entusiasmo as primeiras descobertas psicanalíticas de Freud que se lhe apresentaram? Teria contribuído também para o fato de ter sido chamada a participar do Congresso de Weimar como convidada? 'Quando fiquei diante de Freud no Congresso de Weimar': uma pessoaalaria nesses termos ao encontrar alguém pela primeira vez?

Este segundo encontro decisivo, não mais com o especialista em nervos, mas agora com o psicanalista Sigmund Freud, deu-se claramente através da mediação de um conhecido comum.

Ao visitar sua amiga, a filãntropa sueca Ellen Key, em sua casa em Alvastra, Lou A.-S. encontra o especialista em nervos de Estocolmo, Dr. Paul Bjerre, no final de agosto de 1911. Bjerre já estava familiarizado com o trabalho de Freud. De acordo com o diário de Lou A.-S., naquela época ele estava trabalhando numa conferência sobre a 'Sublimação'. Conversas sobre isso e outras 'conversas científicas matinais e noturnas' são referidas no diário. Lou A.-S. viajou para Weimar com Bjerre para participar do Congresso de 21 a 23 de setembro.

Os apontamentos do diário deixam claro que, independentemente de Bjerre, ela foi imediatamente aceita no círculo dos principais colegas de Freud. Seu *Freud Journal* explica sua relação com Bjerre.

Um apontamento do diário de Lou A.-S. de dezembro de 1911, em Göttingen, esclarece sua preocupação ulterior e independente com a psicanálise: 'Incessantemente interessada pela psicanálise, com uma admiração sempre crescente pela consistência cruel de Freud. Estou penetrando mais profundamente nela, além do que o fiz com Bjerre. Posso ver onde este último pára. Se evitamos isso, os mananciais jorram.'

É um trecho de uma carta de Karl Abraham a Freud, de 28 de abril de 1912, esclarece o período entre o Congresso de Weimar e a visita de Lou A.-S. a Viena: 'Uma convidada do Congresso de Weimar, Frau Lou Andreas-Salomé, está passando algum tempo em Berlim. Conheci-a muito bem e devo dizer que nunca encontrei ninguém com uma compreensão tão profunda e sutil da psicanálise. Ela irá a Viena no inverno e gostaria de frequentar as sessões aí.'

Quando começou a estudar psicanálise em 1911, Lou Andreas-Salomé tinha cinquenta anos de idade.

SIGMUND FREUD: Na época do Congresso de Weimar, Freud estava com cinquenta e cinco anos e, desde 1902, era *ausserordentlicher Professor* de Patologia na Universidade de Viena. Nos *Estudos sobre a Histeria* havia explicado o significado da vida emocional e a distinção entre os atos psíquicos conscientes e inconscientes e havia dado o passo decisivo do método 'catártico' de tratamento que utilizava o hipnotismo, para o método verdadeiramente psicanalítico. Com isso, ele

se havia voltado para o estudo da psicologia dos chamados neurastênicos. 'A teoria da repressão tornou-se o esteio para a compreensão das neuroses.' Descobriu as várias fases da sexualidade infantil. Denominou de libido a energia dos instintos sexuais (este conceito foi ampliado e aprofundado com o correr do tempo). Como fruto de um processo único de auto-análise que durou vários anos, publicou, em 1900, a obra básica: *A Interpretação de Sonhos*. Alguns anos antes, um pequeno círculo de discípulos o havia procurado. Na Páscoa de 1908, o primeiro congresso de psicanálise teve lugar em Salzburg. No segundo congresso, em 1910, em Nuremberg, foi fundada uma Associação Psicanalítica Internacional. Lou Andreas-Salomé não poderia ter-se reunido ao movimento psicanalítico num momento mais frutífero de sua história. As teorias básicas já haviam sido estabelecidas e as discussões esclarecedoras definitiva sobre a verdade das teorias de Freud já estavam em curso. Alfred Adler havia fundado sua Associação Psicanalítica Livre e já havia sinais da próxima defecção de C. G. Jung.

1 Ao receber a resposta positiva de Freud, Lou A.-S. seguiu para Viena acompanhada de sua jovem amiga Ellen Delp — 'após um estudo preliminar autodidata de seis meses', como ela diz em sua *Lebensrückblick* — e aí permaneceu de 25 de outubro de 1912 a 6 de abril de 1913, ou seja, durante o semestre de inverno. Assistiu ao curso de conferências de Freud 'Alguns Capítulos da Teoria da Psicanálise', que transcorreu na sala de conferências da Clínica Psiquiátrica, aos sábados de 8 às 9 h, 'por combinação particular', e também aos Debates das Noites de Quarta-feira, que haviam sido fundados em 1902 como a 'Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras'.

2 O debate entre Freud, Paul Federn e Lou A.-S. referia-se à 'teoria de Adler da inferioridade nas crianças' (cp. *Freud Journal*, 30 de outubro de 1912). O 'livro de Adler': trata-se da obra principal deste autor, *Über den nervösen Charakter. Grundzüge einer vergleichenden Individualpsychologie und Psychotherapie (A Constituição Neurótica)*. Fora publicado naquele ano e Alfred Adler o havia enviado a Lou A.-S. no dia 1.º de julho com uma carta que está reproduzida nas notas do *Freud Journal*. Lou A.-S. havia pedido a Adler alguma literatura introdutória.

3 Os últimos trabalhos de algum vulto de Lou A.-S. completados antes de sua preocupação com a psicanálise foram 'Die Erotik', 1910, publicado na coleção de monografias sócio-psicológicas de Martin Buber, 'Die Gesellschaft', e o longo ensaio inédito 'Der Gott', que data da mesma época.

4 O jornal *Imago*, assim chamado como base no romance de mesmo nome de Carl Spitteler. Foi fundado após o Congresso de Weimar como um 'Jornal para a Aplicação da Psicanálise às Ciências Naturais'.

5 As Noites de Debates de Adler tinha lugar às quintas-feiras. A relação de Lou A.-S. com Adler e suas teorias pode ser acompanhada em seu *Freud Journal*.

⁶ A Noite de Debates é aquela mencionada na nota referente à carta de Lou A.-S. de 3 de novembro. Paul Federn (1872-1950), médico de Viena, era um dos mais antigos seguidores de Freud e começou a praticar a psicanálise em 1903 (co-editor de *Das Psychoanalytische Volksbuch*, 1926). O *Freud Journal* também menciona, no dia 30 de outubro, que Federn apoiou o ponto de vista divergente de Adler.

⁷ Em seu *Freud Journal*, Lou A.-S. escreve: 'Durante o debate, falamos à meia voz sobre vários assuntos. Fiquei surpreendida ao ver com quanta força Freud insistiu na neurose como uma perturbação entre a libido e o ego, em vez de concentrar-se unilateralmente na libido. Quando observei que ele havia expresso isto de maneira diferente em seus escritos, disse: "Minha mais recente formulação".'

⁸ Nas *Cinco Lições de Psicanálise* de 1909, Freud havia definido a sublimação como 'uma solução muito mais conveniente, pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, talvez não mais de ordem sexual.' (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XI, p. 50, IMAGO Editora, 1970). A opinião de que a sublimação é exclusivamente um desvio para objetivos 'mais elevados' é contrariada por Lou A.-S., no capítulo sobre Freud de sua *Lebensrückblick* pela sugestão de que certamente significa uma deflexão do objetivo sexual, mas 'até mesmo as perversões sexuais mais proibidas', segundo Freud, deveriam 'ser consideradas como sublimações, apesar de seus resultados desagradáveis'. O conceito de sublimação, que discutiu com Bjerre em 30 de agosto de 1911, foi provavelmente o primeiro conceito psicanalítico com que Lou A.-S. se familiarizou.

⁹ O último número de *Jahrbuch*, 1911, continha duas contribuições de Freud: 'Formulations on the Two Principles of Mental Functioning' e 'Psycho-Analytic Notes on an Autobiographical Account of a Case of Paranoia'. Talvez Lou A.-S. esteja referindo-se aqui ao ensaio 'Types of Onset of Neurosis' (S. E. 12), que foi impresso em *Zentralblatt*, 1912.

¹⁰ *Imago* havia começado a sair em janeiro. Já no final do ano, Freud fundou o *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*, editado por Ferenczi, Rank e Jones, em substituição ao *Zentralblatt für Psychoanalyse* que, pouco antes, havia passado à editoração exclusiva de Wilhelm Stekel.

¹¹ De acordo com o *Journal* de Lou A.-S., sua primeira visita a Freud se deu no dia 3 de dezembro: 'Domingo, convidada a ir à casa de Freud, depois das 15h: muito agradável'; no domingo, 9 de fevereiro: 'Várias horas com Freud; parti com tulipas cor de rosa e lilases pálidas'; na quinta-feira, 13 de fevereiro: 'Jantar na casa de Freud. Ele falou primeiro sobre Tausk. Fiquei durante longo tempo no estúdio de Freud; ele me acompanhou à minha casa, tarde da noite. Conversamos e nos entendemos bem'.

¹² Otto Rank, Dr. Fil., 1886-1939, desde 1906 seguidor de Freud, tornou-se em 1912 chefe da *Internationaler Psychoanalytischer Verlag* e co-editor de *Imago* e do *Jornal*.

¹³ Sandor Ferenczi, 1873-1933, especialista em nervos de Budapeste, voltara-se para a psicanálise em 1908. Lou A.-S. sentia-se fortemente atraída por ele intelectualmente. ('Nossas concepções são tão fundamentalmente opostas que quase chegam a entrar em contacto novamente.' *Freud Journal*, 10/11 de setembro de 1913).

¹⁴ Após a noite de debates de 26 de fevereiro, Lou A.-S. anotou em seu diário: 'Mal-entendido com Freud durante o debate através de um bilhete que ele me passou' pelo qual ela 'lhe devia uma resposta'.

¹⁵ Anotação do diário de Lou A.-S. de 23 de fevereiro: 'Com Freud das 15h. até quase 19h. Ele me leu a "fantasia parricida". Naquela época, Freud estava trabalhando em seu livro *Totem e Tabu*. Na Parte IV, 'O Retorno do Totemismo na Infância', seção 5, ver o seguinte trecho: 'O violento pai primeiro fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião.' Numa nota sobre este trecho, Freud adverte: 'Seria tão tolo visar à exatidão nessas questões quanto seria inadequado insistir na certeza' (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIII, p. 170, IMAGO Editora, 1974).

O diário de Lou A.-S. registra duas outras visitas a Freud, durante seu período de estudos em Viena: 'Sexta-feira, 14 de março. Às 19.30h fui à casa de Freud, quando discutimos o assunto Tausk, até que Freud me leu com uma gargalhada a história da noiva corcunda em *Jokes*. Mas terminou falando dele de maneira bondosa e gentil. Fiquei até quase às 2h, pois ele queria ler para mim seu artigo de *Scientia*.' (Para a história da corcunda ver *Jokes and their Relation to the Unconscious*, S. E. 8; o artigo de *Scientia*: 'O Interesse Científico da Psicanálise', 1913, publicado pela primeira vez em *Scientia*, Bolonha, Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIII, IMAGO Editora, 1974). 'Domingo, 6 de abril: "Uma feliz visita de despedida a Freud... as rosas vermelho-escuro de Freud".'

¹⁶ Naquele dia, 1.º de março, Freud proferiu sua conferência final sobre 'The Treme of the Three caskets' (S. E. 12). Começando com escolha dos pretendentes entre os três esquifes de *O Mercador de Veneza*, continuou a acompanhar o mesmo motivo na poesia, nos contos de fadas e nas sagas. Anotação de diário de 2 de março de 1913: 'Não pude ir à conferência final de Freud à noite. Ferenczi estava presente, Freud, com os três esquifes. Tausk me falará sobre ela no domingo.'

¹⁷ 5 de março: 'Discussão de Freud com Helene Stöcker, debate agradável.' Cp. anotação no *Freud Journal*.

¹⁸ Max Eitingon, 1881-1945, foi o primeiro do grupo de Zurique a ir para Viena, em 1907. Fundou a primeira policlínica e centro de ensino psicanalíticos públicos em 1921, em Berlim, onde praticou como psicanalista. Era um dos amigos mais íntimos de Freud. Deixou a Alemanha em fins de 1933: 'Não era possível continuar aqui e também não havia

maneira de impedir a nazificação de tudo o que havia sido a base e o conteúdo de meu trabalho durante os últimos 24 anos.' A Lou A.-S.

19 De meio perfil, com braços cruzados, datada de 1906. Reproduzida em E. Jones, *op. cit.* Vol. II.

20 O Congresso de Munique havia trazido à tona o rompimento entre Freud e Jung. Em abril de 1914, Jung desligou-se da Associação Psicanalítica Internacional. Cp. as anotações de 7/8 de setembro do *Freud Journal*.

21 Ernst Freud, que estudava arquitetura.

22 A fotografia de Lou A.-S., 'mais ou menos de doze anos atrás', que pode ter sido tirada em Berlim, antes da mudança para Göttingen, em 1903. Talvez fosse a mesma foto sobre a qual Rilke escrevera a 18 de janeiro de 1904: 'A foto é muito parecida com o que você é, em certos momentos — mas não é você toda. Diria que você poderia parecer assim quando estava prestes a ficar infeliz. Imagino que tenha mudado desde então.'

23 O ensaio 'Zum Typus Weib', escrito sob a instigação de Freud a 4 de novembro de 1912, que foi publicado no primeiro número (fevereiro) do terceiro volume (1914) de *Imago*.

24 'A história do Movimento Psicanalítico', publicada pela primeira vez no *Jahrbuch der Psychoanalyse* (Vol. 6), em junho de 1914 (Ed. Standard Bras., Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974). Este trabalho trata das diferenças entre Freud e Jung e conduziu ao desligamento de Jung da Associação Internacional.

25 Desde cerca de agosto de 1912. Em abril, havia ocorrido um desentendimento final. Cp. anotação de 11 de maio de 1913, do *Freud Journal*.

26 A 12 de agosto de 1913, Lou A.-S. havia escrito a Adler, de Göttingen, 'para formular ao menos em linhas gerais algumas coisas que agora vejo de maneira diferente do que no último verão, quando escrevi pela primeira vez'. Adler respondeu no dia 16 de agosto. Ambas as cartas estão reproduzidas no *Freud Journal*. A carta de Adler será reproduzida aqui, já que Freud se refere a ela em sua própria carta. 'Minha posição com relação à escola de Freud, infelizmente, nunca teve de levar em conta seus argumentos científicos. Tudo o que vejo, tudo o que meus amigos vêem, são apropriações e furtos intrometidos... Por que essa escola tem de tentar tratar nossas opiniões como uma propriedade comum, quando sempre insistimos nos erros de suas opiniões... Para mim, tudo isso é uma prova de que a escola de Freud não acredita em suas próprias doutrinas e realmente só deseja salvaguardar seu investimento.'

27 Este trabalho saiu em *Imago*, IV, 5.

28 Um congresso fora programado para 20/21 de setembro em Dresden, mas foi impedido de realizar-se devido ao início da guerra.

29 O convidado pode ter sido Eduard Spranger que, na época, estava lecionando em Leipzig e que havia escrito a Lou A.-S. no final de maio sobre um periódico a ser dirigido aos jovens. Este projeto não recebeu a aprovação dela, mas seguiu-se uma troca animada de opiniões por cartas e através de encontros pessoais, provavelmente até outubro de 1914.

30 Uma referência frequentemente repetida por Freud ao fato de que, para Lou A.-S. (como ela mesma o disse mais tarde em sua *Lebensrückblick*), o sentimento de 'solidariedade' para com seus irmãos, que ela havia experimentado na infância, 'estendia-se a todos os homens do mundo... sempre me pareceu que um irmão estivesse escondido em cada um deles'.

Louise von Salomé nasceu a 12 de fevereiro de 1861, depois de cinco irmãos, dois dos quais morreram cedo. Freud geralmente fala em seis irmãos.

31 Karl Abraham, 1877-1925, assim como C. G. Jung, durante algum tempo assistente de Eugen Bleuler em Zurique, um dos primeiros convidados da Sociedade, a partir de 1907 praticou como psicanalista, em Berlim. Lou A.-S. tinha grande consideração por ele como analista e ambos mantiveram uma correspondência profissional.

32 Este, de todos os trabalhos de Freud, foi o que Lou A.-S. estudou mais minuciosamente e o que a convenceu mais profundamente da verdade de suas teorias. (*Jahrbuch*, VI, 1914). Dedicatória de Freud na separata: 'Com cordiais saudações do isolado autor, 25.XI.14.'

33 Freud termina uma carta para Abraham de 21 de dezembro: 'Eu poderia estar com uma Teoria das Neuroses pronta, com capítulos sobre os Instintos e suas Vicissitudes, Repressão e o Inconsciente, se ao menos meu prazer em trabalhar não fosse afetado pela situação deprimente'.

34 Martin Freud, o mais velho dos três filhos, e Ernst Freud, o mais moço.

35 No *Jahrbuch*, VI, Ferenczi havia feito uma resenha de *Teoria Geral das Neuroses* e Rank havia criticado os vários trabalhos que tratavam de *A Interpretação de Sonhos*. (As resenhas cobriam os 'avanços da psicanálise durante os anos 1909-1913'.) O artigo de Ernest Jones tinha como tema 'The Madonnas Conception Through the Ear: A Contribution to the Relation Between Aesthetics and Religion' e o artigo de Abraham se intitulava 'Über Einschränkungen und Umwandlungen der Schaulust bei den Psychoneurotikern nebst Bemerkungen über analoge Erscheinungen in der Völkerpsychologie' (Restrições e Transformações da Escotofilia nos Psiconeuróticos; com Observações sobre Fenômenos Análogos da Psicologia Popular).

36 No Vol. VI do *Jahrbuch* foram publicados: 'Sobre o Narcisismo: uma Introdução' e 'A História do Movimento Psicanalítico'.

37 Cp. 'Narzissmus als Doppelrichtung' (The Dual Orientation of Narcissism), tradução inglesa de Stalley A. Leavy, *Psychoanalytic Quar-*

terly, XXXI 1962), 1-30. Neste artigo, publicado em *Imago*, 1921, Lou A.-S. enfatiza o fato de que 'no duplo fenômeno narcisista estão expressas tanto a relação da libido conosco como nosso envolvimento com o estado primitivo, com o qual continuamos associados, mesmo que tenhamos emergido dele'. Parece-lhe perigoso 'que não se enfatize a natureza essencial dessa dualidade no narcisismo'. Por essa razão, propõe-se a ilustrar ainda mais 'esse aspecto do narcisismo que é menos importante para a consciência do ego' — ou seja, o aspecto da identificação emocional geral — em três pontos: 'dentro de nossa catexia do objeto, dentro de nossos julgamentos de valor ('a ética é a suprema aventura do narcisismo') e dentro da transformação narcisista em criação artística' (com referências a Rilke).

38 Cf. 'Sobre o Narcisismo: Uma Introdução', Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIV, p. 89, IMAGO Editora, 1974. Cp. a parte 'Animismo, Magia e a Onipotência de Pensamentos' in *Totem e Tabu*, 1913, Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIII, IMAGO Editora, 1974. A expressão onipotência dos pensamentos foi inventada, como Freud nos informa, por um paciente que sofria de idéias obsessivas, o chamado Homem Rato.

39 'Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor', (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XI, IMAGO Editora, 1970).

40 Em particular, provavelmente, a conferência que Tausk fez no Congresso de Munique. Cp. *Freud Journal*, 7/8 de setembro de 1913.

Victor Tausk, 1878-1919, croata de origem, Dr. Jur., estava prestes a obter o grau de doutor em medicina. Dos colegas de Freud era o que tinha as relações pessoais mais íntimas com Lou A.-S. Durante seu período de estudos em Viena ela freqüentemente trabalhou com ele. Cp. as freqüentes referências em seu *Freud Journal*.

41 Desde que Lou A.-S. havia apresentado Rilke a Freud no Congresso de Munique. A saudação se destinava a Ernst Freud.

42 Anna Freud.

43 'Os Instintos e suas Vicissitudes' e 'Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte'. (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974).

44 Isto é, *Imago* e o *Jornal*. O primeiro havia publicado a investigação de Otto Rank 'Der Doppelgänger' (O Duplo) (*Imago*, II, 1914). Comparada com as relações íntimas de Lou A.-S. com os mais próximos e importantes colegas de Freud, como Sandor Ferenczi, Karl Abraham e Max Eitingon, sua relação com Otto Rank era de natureza menos pessoal.

45 Emil Franz Lorenz, físico de Klagenfurt. Lou A.-S. o havia conhecido em janeiro de 1913, quando ele falou em Viena como convidado. Seu ensaio 'Édipo em Colona' trata também de motivos poéticos e mitológicos não gregos.

46 Hermine von Hug-Hellmuth, analista de crianças de Berlim, autora de 'Einige Beziehungen zwischen Erotik und Mathematik'. (Sobre Algumas Relações entre o Erotismo e as Matemáticas.)

47 'Ein Fall von weiblichem Fuss-, richtiger Stiefelfetischismus'. (Um Caso de Pé Feminino, ou melhor, de Fetichismo de Bota.) 'A circunstância de que os casos de fetichismo dos pés até aqui descritos na literatura psicanalítica referem-se exclusivamente a homens levou-me a relatar o caso de uma fetichista de botas, embora o caso não tenha sido analisado.' Lou A.-S. escreveu uma resenha do 'Diário de uma Menina Adolescente' ed. por H. von Hug-Hellmuth (descrito por Freud como 'uma pequena jóia') no *Literarisches Echo*.

48 Wilhelm Stekel, 1868-1940, especialista em nervos e psicanalista vienense. Foi um dos mais antigos seguidores de Freud, co-editor de *Zentralblatt für Psychoanalyse*, que foi fundado por ele e Alfred Adler, sob a direção de Freud, até 1912. 'O comportamento de Stekel, sobre o qual não é fácil publicar um relato, compelira-me a deixar a direção e a estabelecer rapidamente um novo órgão para a psicanálise — a *Revista Internacional de Psicanálise Médica*.' 'A História do Movimento Psicanalítico' (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIV, p. 61, IMAGO Editora, 1974.) Cp. *Freud Journal*, anotações de 26 de outubro de 1912 e observação.

49 Edoardo Weiss, Trieste, publicara nas 'Comunicações' do *Jornal* uma 'Beobachtung infantiler Sexualäusserungen' (Observação das Expressões Infantis da Sexualidade).

50 Preservado apenas o ensaio publicado sob o título de 'Psychosexualität' em 1917.

51 A mãe de Sigmund Freud.

52 Em seu *Autobiographical Study*, de 1925, Freud escreveu: 'Durante mais de dez anos depois de minha separação de Breuer não tive seguidores. Fiquei completamente isolado.' (S. E. 20, p. 48.)

53 No quinto ato da tragédia de Grabbe, o cartaginês Turnu, depois de ter tomado juntamente com Aníbal a decisão de escapar de ser feito prisioneiro pelos romanos, ingerindo veneno, declara: 'Nós nos livraremos de nossa velha pele, como as cobras na primavera, e trataremos de encontrar outra em algum outro lugar', ao que Aníbal replica: 'Sim, não cairemos para fora deste mundo, uma vez que estamos dentro dele. Bebe.'

54 James J. Putnam, 1846-1918, Professor de Neurologia da Escola de Medicina de Harvard, Cambridge, Mass., E.U.A. Em seu elogio fúnebre (1918), Freud chamou-o 'o grande defensor da psicanálise na América'. Cp. também *Freud Journal*, 12/13 de fevereiro de 1913. Freud refere-se ao livro de Putnam *On Human Motives*, 1915.

55 In *Journal*, II, 1915 (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974). Por 'novos capítulos', Lou A.-S. designa outros trabalhos 'metapsicológicos'. Nos *Estudos sobre a Histeria* Freud já afirmara que a histeria da paciente começara 'depois que ela havia condenado e intencionalmente não descoberto e esquecido um impulso psíquico'. Em 'Repressão', Freud distingue uma 'repressão secundária' da 'repressão primária'. Somente os impulsos sexuais são reprimidos. O trecho, a que Lou A.-S. se refere, está inserido num relato de repressão numa neurose

obsessiva: '...a neurose obsessiva tem por base uma regressão, devido à qual uma tendência sádica foi substituída por uma afetiva. É esse impulso hostil contra alguém que é amado, que se acha sujeito à repressão. (...) Nesse exemplo, como em todos os outros, a repressão ocasionou um afastamento da libido; aqui, porém, ela fez uso da *formação da reação* para atingir esse propósito, intensificando um oposto. (...) É bastante provável que todo esse processo se torne possível pela relação ambivalente na qual o impulso sádico a ser reprimido é introduzido.' (Ed. Standard Bras., Vol. XIV, p. 180-1, IMAGO Editora, 1974).

Em 'Anal e Sexual' Lou A.-S. escreve: 'Não existe caminho da "sublimação" para a "sublimação", assim como não existe um caminho de um pico de montanha para outro pico de montanha, sem que se faça um desvio através dos abismos que se entremeiam. Na verdade, é possível que estas chamadas forças 'mais baixas', ou seja, forças instintuais mais profundamente submersas, sejam ativadas mais intensamente em naturezas dispostas à criatividade intelectual — que as "sublimações" mais elevadas representem erupções destas profundezas correspondentemente maiores. Em todos os casos em que os objetos são idealizados, os instintos sublimados, algo foi enterrado, encoberto e reprimido, mas em cada um desses casos também existe mais do que isso...'

⁵⁶ Publicado pela primeira vez no *Jahrbuch*, I, 1909 (S.E. 10). Devido a um sintoma particular, o paciente é conhecido como o Homem Rato. Através desse caso, Freud esclareceu os sintomas característicos da neurose obsessiva.

⁵⁷ As *Introductory Lectures on Psycho-Analysis* foram publicadas em 1917 (S. E. 15-16). 'As conferências da primeira metade (inverno de 1915/16) foram improvisadas e transcritas imediatamente depois; os esboços da segunda metade (1916/17) foram feitos durante as férias de verão intermediárias em Salzburg e proferidos palavra por palavra no inverno seguinte.' As conferências, portanto, não eram idênticas no plano da expressão às assistidas por Lou A.-S.

⁵⁸ *Internationale Zeitschrift*, III, 1915, em duas partes, sob o título de 'Das Unbewusste' (O Inconsciente).

⁵⁹ Carl Ludwig Schleich, 1859-1922, cirurgião de Berlim, famoso por sua utilização da anestesia local. O ensaio em questão, intitulado 'Zucht' (Disciplina), foi publicado na *Neue Rundschau* de outubro de 1915, e tratava de Inácio de Loyola, terminando com um elogio da disciplina do exército alemão.

⁶⁰ 'O Inconsciente' e 'Um caso de Paranoia que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença', in *Zeitschrift*, III. (Ed. Standard Bras., Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974.)

⁶¹ No 'Caso de Paranoia' Freud menciona uma declaração de C. G. Jung no sentido de que uma 'inércia psíquica' peculiar, que se opõe à modificação e ao progresso, é a pré-condição fundamental da neurose. (...) ...essa 'inércia psíquica' especializada é apenas uma expressão diferente, embora dificilmente melhor, daquilo que em psicanálise estamos habituados a denominar de 'fixação'. (Ed. Standard Bras., Vol. XIV, 306-7, IMAGO Editora, 1974.)

⁶² Provavelmente, Lou A.-S. está referindo-se ao ensaio publicado em *Zeitschrift*, 1916: 'Mischgebilde von neurotischen Charakterzügen' (Formas Mistas de Traços de Caráter Neuróticos).

⁶³ Partes do texto a que Lou A.-S. se refere: 'É fácil ver que a superiora idosa e grisalha era uma substituta para a mãe e que, a despeito de sua juventude, o amante havia sido colocado no lugar do pai e, ainda, que a força de seu complexo materno havia levado a paciente a suspeitar de uma relação de amor entre esses parceiros descombinados.' *No caso da suposta câmera*: quando ele tentou livrar-se do laço com a mãe, esta última 'tornou-se a vigia e a perseguidora hostil e malévola'. Dois homens que encontra na escada carregam 'algo que estava embrulhado e parecia uma pequena caixa' (câmera).

⁶⁴ Em nota para o *Jornal* sobre uma apresentação (1916) da *Sonata Fantasma* de Strindberg, Lou A.-S. escreve: 'Entender Strindberg só pode significar entendê-lo como um homem doente, que vai além daquilo que ele próprio diz sobre si mesmo: no seu caso, isto quer dizer entendê-lo como um homossexual... O fato de Strindberg ter sido realmente extremamente fiel às suas mulheres e de ter sido apenas a sua paranóia que o conduziu ao ódio (ou seja, de ter sido condenado à fidelidade!) é algo que ele tem em comum com a maioria dos homossexuais masculinos. Porque a fêmea não apresenta para esse homens nenhuma tentação, eles são mais monógamos, após terem cometido o erro de escolher uma mulher (ou a "mãe") como marido. Ele tem em comum com a maioria, também, a propensão para a fé religiosa. A criação de Strindberg de "demônios divinos" como um substituto para a superioridade masculina, cujo papel é punir ou recompensar, representa uma idéia congênita de todos os homossexuais. (Talvez os deuses tenham surgido de fato através da crença masculina, enquanto "o matriarcado" não tinha necessidade deles.)'

⁶⁵ Marie von Ebner-Eschenbach, romancista austríaca, nascida em 1830, morreu em Viena a 12 de março de 1916, 'durante a noite, depois de horas de plena consciência. Eu vinha correspondendo-me com sua sobrinha, a Condessa Marianne Kinsky, desde que ela tivera um ataque de pneumonia, do qual parecia estar recuperando-se. Sua morte me consternou muito. Muitas vezes desejei falar com ela novamente. Nunca mais veremos alguém parecido com ela novamente. Eu a amava.' *Journal* de Lou A.-S.; cp. também, *Lebensrückblick*, p. 135 e *Freud Journal*, fevereiro de 1913.

⁶⁶ Max Halberstadt, casado com a segunda filha de Freud, Sophie.

⁶⁷ Citaremos dois trechos da primeira versão desta carta: 'Mas o que há muito me tem preocupado é a consideração de que aquilo que é chamado de normalidade nesse processo é claramente um estado de compromisso: a consciência, por um lado, é um aparato de projeção que atua como uma advertência e um meio de escapar de ser esmagado pelo *Ics* e, por outro lado, é um processo incessante de introjeção, diretamente sexual, e, também, no reconhecimento e na incorporação mental de objetos: um Crono que engole novamente as crianças que vomitou.

Todo o nosso modo antropomórfico de pensar desde os tempos primitivos provém igualmente, sem dúvida, de *ambas* as tendências, que às vezes coalescem e às vezes entram em conflito.'

O segundo trecho constitui a conclusão da carta: 'Existem pontos aqui sobre os quais sinto agora uma unidade de opiniões e, a esse respeito, há um ou dois anos atrás eu não me teria arriscado a pretender um ponto de vista comum. Até mesmo agora tentarei seguir seus pensamentos com muito, muito cuidado, e, passo a passo, para não cair em falsas interpretações e assim destruir o prazer de uma verdadeira compreensão. Seja como for, minha gratidão sempre será igualmente grande.'

68 Theodor Reik, Dr. Fil., psicanalista vienense (mais tarde trabalhou na Clínica Psicanalítica de Berlim), era um analista leigo, como Otto Rank, Hanns Sachs, Lou A.-S. e Anna Freud. Em consequência de uma acusação de 'charlatanismo' que lhe foi feita, toda a questão da análise por analistas não-médicos foi trazida à tona. Cp. *The Question of Lay Analysis*, de Freud (S. E. 20).

Lou A.-S. leu os trabalhos de Reik com particular interesse, como o demonstram várias notas de um período posterior. Aqui, ela se refere, sem dúvida, a seu ensaio 'Die Pubertätsriten der Wilden; Über einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker' (Os Ritos de Puberdade dos Selvagens; Sobre Algumas Semelhanças entre a Vida Psíquica dos Selvagens e dos Neuróticos), *Imago*, IV, 3 e 4. Reik havia investigado primeiramente os ritos da puberdade, e, depois, os ritos de iniciação dos povos primitivos no que concerne a essas semelhanças. Fomos conduzidos por outros caminhos a uma confirmação e continuação das teorias de Freud sobre totem e tabu, e, desse modo, ao parricídio da horda primitiva e sua expiação, como os acontecimentos mais importantes do desenvolvimento primitivo.'

69 'Muito insultado e muito admirado, Helena' adaptado da Segunda Parte do *Fausto* (1. 8488): 'Bewundert viel und viel gescholten, Helena'.

70 Ou seja, 'Os Instintos e Suas Vicissitudes', 'Repressão', 'O Inconsciente', 'Luto e Melancolia'. (Ed. *Standard* Bras., Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974.)

71 Hugo Heller originalmente pertencia ao círculo da 'Psychoanalytische Mittwochsgesellschaft', tinha boas relações com Freud e era o editor de *Imago* (segundo Ernest Jones ele era 'uma pessoa um tanto difícil'). Deuticke foi o editor de Freud até cerca de 1910. Havia-se recusado a assumir o *Zentralblatt*, mas era responsável pelo *Jahrbuch*.

72 Edwin B. Holt, *The Freudian Wish and its Place in Ethics*, Londres, 1915.

73 A primeira das três partes de *Introductory Lectures on Psychoanalysis*. O *Freud Journal* registra a advertência da seguinte maneira: 'A conferência pode ter sido uma tentativa proposital de amedrontar-nos com todas as dificuldades da psicanálise.' (Anotação de 26 de outubro de 1912.)

74 Ou seja, a segunda parte das *Introductory Lectures*, sobre os 'Sonhos', que mais tarde foi seguida de uma terceira parte, 'Teoria Geral das Neuroses'.

75 Citação de 'Das Lied von der Glocke' de Schiller. Rilke visitara Freud em dezembro de 1915.

76 Johann Stärcke, morto em 1917, psicanalista holandês, assim como o fora August Stärcke.

77 Freud era um colecionador apaixonado de *objects d'art* em miniatura egípcios, gregos e romanos.

78 In *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, editado pelo Prof. Dr. A. Eulenburg e Dr. Iwan Bloch, 'no qual saiu o artigo 'Psychosexualität' de Lou A.-S.

79 Karl Abraham fora convocado e estava encarregado de um Hospital Militar da Reserva em Allenstein.

80 Alphons Maeder era um dos membros do grupo de Freud de Zurique, liderado por C. G. Jung, organizado por volta de 1907. Em 'A História do Movimento Psicanalítico', Freud diz que a confusão do sonho manifesto com os pensamentos latentes do sonho (aos quais Lou A.-S. se refere aqui) remonta a Adler. 'Maeder seguiu-o nesse ponto mais tarde.' Jung distinguia os sonhos conforme viessem da 'camada subjetiva' ou do estrato 'coletivo' do inconsciente. Sua teoria dos sonhos é determinada por seu conceito do inconsciente.

81 Ou seja, Stekel; Ekel = sujeito detestável.

82 No dia 15 de março uma delegação de chefes do exército havia forçado o Czar a abdicar e havia formado um governo democrático-burguês, que foi seguido em julho de um governo democrático-revolucionário sob a direção de Kerenski.

83 Uma nota posterior de Lou A.-S. sobre o livro de Kaplan: 'Infezivelmente, não dei atenção a este excelente livro quando foi publicado pela primeira vez, em 1916. Em vários momentos, está inteiramente de acordo com minhas opiniões contidas no manuscrito sobre o "Ics". Como um todo, acredito, foi o primeiro livro a dar à psicanálise de Freud seu lugar merecido como uma ciência independente (sem tentar "revê-la" de um modo com que estamos bastante familiarizados), como todos aqueles que estão realmente à vontade dentro dela devem fazer.' Em seu livro *Grundzüge der Psychoanalyse* (*Traços Fundamentais da Psicanálise*), 1914, Kaplan tentou fazer um sumário sistemático das teorias da psicanálise.

84 Em 'Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte', *Imago*, IV, 1915. (Ed. *Standard* Bras., Vol. XIV, IMAGO Editora, 1974.)

85 O clímax da doença de Schreber foi a crença de que o fim do mundo era iminente ou já havia ocorrido. Na opinião de Freud, o paciente não tinha apenas retraído a catexia libidinal das pessoas que o cercavam, mas, talvez, também, o interesse do ego.

⁸⁶ 'Você sabe que eu só estaria interessado no dinheiro e possivelmente na satisfação vingativa que extrairia do aborrecimento de alguns de meus compatriotas. Mas seria absurdo esperar um sinal de reconhecimento, quando se tem 7/8 do mundo contra nós.' (Para Ferenczi, 31.10.1916) Freud não recebeu o Prêmio Nobel.

⁸⁷ O ensaio de Lou A.-S. 'Psychosexualität', in *Zeitschrift für Sexualwissenschaft*, IV. Uma nota de pé de página, diz: 'O seguinte trabalho é a parte central de um livro dedicado à psicanálise de Freud, intitulado "Ics".' Numa carta para Karl Abraham de 11-11-1917, Freud escreve: 'Você certamente não terá perdido essas observações. Cheias de sutilezas, mas de difícil entendimento pelas pessoas'.

Em dezembro de 1916, Lou A.-S. anota em seu *Journal*: 'Depois de enviar meu "Anal e Sexual" a Freud, volto ao livro do "Ics", pois que gradualmente se tornou um livro. E agora percebo que esse trabalho inseriu dentro de si mesmo uma espécie de enchimento interno que aumenta o volume do trabalho completamente sintético dos anos anteriores. Quando reli o velho manuscrito pela primeira vez, pareceu-me como se estivesse, por assim dizer, vindo a um encontro comigo mesma através de um túnel que houvesse sido escavado nos anos intermediários. Agora percebo plenamente, pela primeira vez, quanta alegria me foi oferecida pela psicanálise de Freud'.

'Este é o trabalho adequado para dezembro: poder-se-ia dizer que é como fazer um bolo de Natal. Estive ocupada em assá-lo durante anos. Desde que sempre estive preocupada em tornar tostada e leve a parte de baixo, agora virada para cima, esqueci inteiramente em que forma havia derramado a mistura. Então chega o momento de tirar o bolo da forma — e o próprio bolo é a forma.'

⁸⁸ *Drei Briefe an einem Knaben (Três Cartas a um Menino)*, publicadas pela primeira vez por Kurt Wolff Verlag, Leipzig, 1917. O 'livro muito pequeno' contém um 'Conto de Natal' (Göttingen, 1917), a 'Resposta a uma Pergunta' (Alvastra, Suécia, verão de 1911) e uma 'Introdução' (Viena, outono de 1913). Uma nota de pé de página desta última deixa claro que, ao escrever a segunda carta, ainda não estava familiarizada com a psicanálise.

Kurt Wolff havia recebido o manuscrito através de Martin Buber. Uma visita de Rilke, a 29 de julho de 1914, levou Wolff a visitar Lou A.-S. no verão de 1916, em seu hotel de Leipzig. Em suas *Reminiscências*, ele relata: 'Quase meio século depois, em 1962, encontrei uma carta de Rilke do ano de 1914 que me lembrou o fato, nitidamente.' Wolff descreveu sua impressão, desse modo redespertada, de Lou A.-S. numa conversa pelo rádio (Bayrischer Rundfunk) de 4.9.1963, ao lado de uma seleção de seus estudos sobre Lou.

A segunda edição de *Drei Briefe an einem Knaben* surgiu em 1931, na Internationaler Psychoanalytischer Verlag, assim como 'Mein Dank an Freud'.

⁸⁹ A obra em questão trata do problema da tendência para a doença e da 'disposição individual, local e temporal' para ela. Groddeck parte de um caso de tonsilite e da possibilidade de exercer influência sobre isso

através do conhecimento, adquirido psicanaliticamente, de sua origem e das predisposições.

O termo de Groddeck *Es* (Id) para designar o Inconsciente compreensivo (já utilizado por Nietzsche) foi mais tarde adotado por Freud. Seu livro *Der gesunde und der kranke Mensch* (Homem São e Patológico) surgiu em 1913. Em sua aflição com as notícias da última doença de Rilke, Lou A.-S. tentou aconselhar-se com Groddeck.

⁹⁰ *Studie über Minderwertigkeit von Organen*, 1907. (*Study of Organ Inferiority and its Psychical Compensation: A Contribution to Clinical Medicine*, Nova Iorque, 1917.)

⁹¹ 'On Transformations of Instinct as Exemplified in Anal Erotism', (S.E. 17.)

⁹² O autor das confissões era Rilke. Cp. a análise de um sonho de Rilke no *Freud Journal*, pp. 178 ss., início de outubro de 1913.

⁹³ Poderia ser o artigo 'Von Krankheits — oder Pathoneurosen' (*Zeitschrift*, IV), a menos que Lou A.-S. se refira ao já citado ensaio, do qual ela poderia ter recebido uma separata de Ferenczi.

⁹⁴ Jean Baptiste Lamarck, 1744-1829, um dos fundadores da teoria do desenvolvimento biológico. Ele explica a mudança das formas no mundo orgânico por uma adaptação ativa provocada pelo emprego ou não emprego intensificado de certos membros ou órgãos. A 22 de dezembro, Freud informou a Ferenczi que iniciara um ensaio sobre o significado do lamarckianismo para a psicanálise. 'A idéia é colocar Lamarck inteiramente do nosso lado e demonstrar que a "necessidade", a qual, segundo ele, cria e transforma órgãos, não é mais do que o poder das idéias inconscientes sobre nosso próprio corpo, das quais podemos ver vestígios na histeria, em suma, a "onipotência dos pensamentos".' (Freud a Abraham, 11.11.1917, citada em *A Psycho-Analytic Dialogue*, traduzido por Bernard Marsch e Hilda C. Abraham [Londres: The Hogarth Press e The Institute of Psycho-Analysis, 1965.]

⁹⁵ Em anotações que o pai do menino havia feito de seus ditos desde a época 'em que ele ainda não tinha três anos completos' e que Freud discutiu em 'Analysis of a Phobia in a Five-Year Old Boy' (S. E. 10).

⁹⁶ A fim de escapar a uma profecia, o pai de Danaé, o rei da Argólia, aprisionou sua filha atrás de portas de ferro guardadas por cães. Mas Zeus apareceu diante dela numa chuva de ouro e ela deu à luz Perseu.

⁹⁷ 'O homem é algo que precisa ser suplantado; portanto, deverias amar tuas virtudes — pois através delas perecerás.' *Also sprach Zarathustra*, Parte I: 'Das Alegrias e das Paixões'.

⁹⁸ 'Tens boas relações com o diabo, e ainda assim recuas diante da chama?' Fausto I, cena da Cozinha da Felicidade. Essas palavras, eram dirigidas por Mefistófeles a Fausto, que recua diante da poção que emite uma chama.

99 Ernst Simmel, *Kriegsneurosen und psychisches Trauma* (Neuroses de Guerra e Trauma Psíquico), com sua relação mútua apresentada com base nos estudos hipnóticos psicanalíticos. Médico em Berlim, mais tarde fundador e diretor do Sanatório Psicanalítico de Tegel, perto de Berlim. Não era filho de Georg Simmel, o filósofo, como Lou A.-S. presume numa carta posterior.

100 Refere-se ao fato de que na Rússia, após o armistício com os Poderes Centrais e o estabelecimento dos Cheka em dezembro de 1917, a ditadura do proletariado e a regra dos bolcheviques foram finalmente assegurados por meio do terror organizado.

101 'A Disposição para a Neurose Obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose'. Freud havia proferido esta conferência no Congresso de Munique, publicando-a no Vol. I de *Zeitschrift*.

102 'From the History of an Infantile Neurosis' (S.E. 17). O paciente era russo. Aos quatro anos de idade sofria intermitentemente de uma fobia a lobos ('O Homem Lobo'), e de então até os dez anos, de uma neurose obsessiva. Depois de ter perdido os seus bens com a Revolução bolchevista, foi sustentado por Freud durante vários anos. A expressão 'cena primitiva' derivou-se deste caso e foi posta em circulação por Freud nessa época.

103 Ernst Freud.

104 Vol. IV dos *Sammlung kleiner Schriften zur Neurosenlehre* (Pequenos Artigos Reunidos sobre a Teoria das Neuroses), com os dois artigos 'Um Suplemento Metafísico à Teoria dos Sonhos' e 'Luto e Melancolia'.

105 Adolph F. Meyer (Meijer), neurologista de Haia, havia publicado uma conferência em *Zeitschrift* IV intitulada 'Dr. C. G. Jung Psychologie der unbewussten Prozesse'. Meyer resume suas opiniões da seguinte forma: 'As "descobertas" de Jung são redenominações de conceitos freudianos. A interpretação dos sonhos no nível subjetivo, o inconsciente impessoal, o método sintético e até mesmo a "função transcendente" eram bastante familiares para mim graças aos escritos de Freud.'

106 Wilhelm His, 1863-1934, Professor de Medicina em Berlim. Karl Abraham escreveu para Freud a 29 de dezembro de 1919, que esperava conquistá-lo para a psicanálise.

107 Anton von Freund, 1880-1920, húngaro: possibilitou a Freud a fundação da *Verlag* Psicanalítica em Viena, no verão de 1918.

108 O Quinto Congresso Psicanalítico Internacional deveria ter lugar em Breslau, nos dias 21 e 22 de setembro de 1918. Mas, como Karl Abraham informou Lou A.-S., em 15 de setembro, já que os médicos austro-húngaros em serviço militar não tinham recebido permissão para viajar para a Alemanha e, desso modo, uma grande parte das conferências no Congresso de Munique, publicando-a no Vol. I de *Zeitschrift*. das, o Congresso foi transferido para Budapeste, onde teve lugar nos

dias 28 e 29 de setembro. Lou A.-S. foi impedida de assisti-lo pela doença de seu marido. O Congresso de Budapeste constituiu o ponto alto do reconhecimento de Freud pelo Estado e pela sociedade.

109 August Endell, 1871-1925, foi um dos fundadores do *Jugendstil*. Era amigo íntimo de Lou A.-S., desde 1896. C.f. *Lebensrückblick*, p. 138.

110 'A História do Movimento Psicanalítico': a Primeira Parte trata do período inicial, a Segunda Parte dos avanços após 1902, e a Terceira Parte, do período até a data da redação, e conclui com um relatório sobre os movimentos divergentes de Adler e Jung. As observações de Lou A.-S. ligam-se a esta última parte.

111 Este volume continha 'From the History of an Infantile Neurosis' (S.E. 17), que era novo para Lou A.-S.

112 Cp. *Freud Journal*, 11 de janeiro de 1913. Originalmente, Freud havia interpretado esse sonho de um menino de cinco anos em seu artigo 'The Occurrence in Dreams of Material from Fairy Tales', 1913 (S. E. 12). Mais tarde, ele o incluiu *ipsis litteris* no caso clínico da neurose infantil.

113 'Cenas primitivas ou experiências da infância muito antigas descobertas na análise', reais, ou fantasiadas. 'Em nosso caso, a cena primitiva contém a imagem da relação sexual entre os pais'... mas a cena era inofensiva. A cena fantasiada produz os mesmos efeitos de que se tivesse sido real.

Lou A.-S. escreveu a seguinte nota sobre as questões acima: 'Abordo a questão "fantástico" ou "real" de um ângulo um tanto diferente — e até mais freudiano — ou seja, não como uma alternativa "ou... ou", mas, como se ambos, até certo ponto, participassem um do outro. Parece-me que a libido narcisista original, quando persiste por muito tempo, em vez de desaparecer em sua maior parte dentro da libido do objeto, necessita da *fantasia* como o único meio que lhe resta de substituir a libido do objeto e de desenvolver-se de acordo com suas próprias linhas: é isso o que acontece no caso do artista, bem como no caso das complicações neuróticas. A libido artística nutrida de fantasia parece-me, portanto, não um verdadeiro produto da sublimação mas, simplesmente, uma espécie de narcisismo que se desenvolveu normalmente, ou seja, até a esfera intelectual (que, através do ego, alcança esta esfera — as pessoas não parecem concordar comigo quanto a isso, mas com o tempo ficará provado que tenho razão. Desde 1912, eu já sustentava que o narcisismo tinha seu próprio desenvolvimento específico, diante das dúvidas de Freud sobre esse assunto). O narcisismo prossegue sempre inteiramente da base da libido, que nunca abandonou. E por mais importante que a fantasia seja com relação a isso, a *experiência primitiva* é igualmente importante como um único fundamento objetivo — enquanto que, para a libido do objeto, a transferência completa ou, quase, para seus objetos faz com que isto seja menos importante. De fato, é particularmente característico do narcisismo que a fantasia e a realidade sejam igualmente significantes dentro desse contexto, na medida em que

ele ainda não distingue o mundo exterior e o ego como duas coisas. E alguma coisa disso deve continuar a ser típica do narcisismo criativo em todas as suas manifestações intelectuais.

'Freud sempre sublinhou que toda expressão artística nos abre o reprimido de uma maneira agradável e a isto eu gostaria de acrescentar: agradável, não apenas devido ao reprimido — talvez ainda mais devido ao elemento objetivo das experiências primitivas que é reconquistado dessa maneira: precisamente, devido àquelas experiências que não foram ao menos indiretamente reanimadas através da libido do objeto, mas que só se tornam acessíveis debaixo do toque poderoso da fantasia em toda a extensão do intelecto consciente — e, desse modo, estendem nossa personalidade, tolhida como está pela libido do objeto, a esferas que outrora foram seu domínio e que agora ela recupera desta maneira.'

114 In *Raschers Jahrbuch*, III, 1912, Jung havia publicado um ensaio, 'Neue Bahnen der Psychologie', (Novos Caminhos em Psicologia), no qual fazia um relatório de 'uma parte essencial da abordagem psicológica inaugurada por Freud'. Esse ensaio forma a base do trabalho mais longo *Psychologie der unbewussten Prozesse* (*A Psicologia dos Processos Inconscientes*), mas, neste trabalho maior, 'vários trechos de Freud foram reduzidos, enquanto, por outro lado, a psicologia de Adler era levada em conta, e ... era fornecido um levantamento geral de minhas próprias opiniões'. Na 3.^a edição, o título foi mudado para *Das Unbewusste im normalen und kranken Seelenleben* (*O Inconsciente na Mente Patológica e Normal*). Na forma original e na forma modificada e ampliada in 'Two Essays on Analytical Psychology', C. G. Jung, *Collected Works*, Vol. 7, Londres e Nova Iorque, 1953.

115 'O Tabu da Virgindade' (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XI, IMAGO Editora, 1970.)

116 O *white terrier* Drusok morreria numa epidemia. Lou A.-S. escreveu sobre ele para Rilke a 16 de janeiro de 1919: 'Foi este pequeno companheiro branco que me possibilitou sobreviver à guerra.' Freud incluiu esse incidente nas edições posteriores de *The Psychopathology of Everyday Life*, Seção VIII, (S. E. 6). (*A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Ed. *Standard Bras.*, Vol. VI, IMAGO Editora, 1975).

117 *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da Sua Infância*, 1910 (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XI, IMAGO Editora, 1970.)

118 Descrito por Freud pela primeira vez em *A Interpretação de Sonhos*.

119 Nos Vols. 2, 3 e 5 de *Imago* (1913, 1914, 1917/19) foram publicadas as séries 'Vom wahren Wesen der Kinderseele' (Sobre a Verdadeira Natureza da Psique Infantil), organizadas por Hermine von Hug-Hellmuth, com abundante material tirado de poemas e de lembranças da infância e com introduções a cada tema particular.

120 O grupo foi fundado por Oskar Pfister em março de 1919, após a dissolução do antigo grupo, dirigido por Jung. Ludwig Binswanger era membro da nova Sociedade Psicanalítica Suíça.

121 Três desses oito livros (*Rödinka*, *Die Stunde ohne Gott*, *Der Teufel und seine Grossmutter*) foram publicados nos anos seguintes por Eugen Diederichs, Jena.

122 A 7 de abril de 1919 foi proclamada em Munique uma República Soviética, que chegou ao fim depois de uma luta sangrenta no início de maio. Todas as comunicações foram interrompidas por um período considerável. Lou A.-S. anota em seu diário, em 23 de abril: 'Com Rainer, pouco depois do almoço até à noite. Mais tarde chegou Ernst Freud... durante a noite, sinos de alarme e tiros.'

123 Lou A.-S. esteve com Rilke em Munique de 26 de março até 2 de junho. Nesta última data, ela escreveu a Rilke, recordando: 'Você me inspirou vida e eu precisava disso com mais urgência do que você se dá conta.' Pouco depois, Rilke partia para a Suíça. Foi o último encontro dos dois.

124 Uma anotação do *Freud Journal* de Lou A.-S., do fim de agosto de 1913, no final de seu período em Viena, lança alguma luz sobre os problemas interiores de Tausk, conforme ela os considerava. Ela tomou sua defesa no Congresso de Munique, quando Jung 'desfigurou nossa contribuição ao debate'. A última carta que conservara dele, de 26 de março de 1919, ou seja, três meses antes de seu suicídio, termina assim: 'Desde o Congresso de Munique de 1913, mal tenho falado com outras pessoas. Minha solidão é agora completa. Cheguei agora aos quarenta anos e gostaria de encontrar uma companheira para meus dias. Você sabe de alguma mulher que valesse a pena conhecer?... Freud demonstra respeito, mas pouco calor. Ainda assim nossa relação está melhor, agora que eu não mais a procuro.'

125 Cf. *Beyond the Pleasure Principle* de Freud (S.E. 18, 60-61.)

126 Leonhard Seif, médico de Munique, assistiu, como Lou A.-S., aos Congressos de Weimar e de Munique e, mais tarde, fundou um grupo freudiano em Munique. Posteriormente, reuniu-se a Jung e a tradição freudiana foi continuada por Hans von Hattingberg.

127 O Dr. Johannes Marcinowski, 1868-1935, tinha sido responsável por uma casa de convalescentes em Holstein e havia comprado uma fazenda em Bad Heilbrunn, perto de Tölz, transformando-a em sanatório. Sua mulher era enfermeira experiente. Médico e pacientes compartilhavam juntos da vida do campo.

128 O humorístico título de Freud para o Congresso Psicanalítico Internacional de Haia, em setembro de 1920.

129 A segunda filha de Freud, Sophie Halberstadt, morreu aos vinte e seis anos, a 25 de janeiro de 1920, em Hamburgo, vitimada por gripe.

130 'The Psychogenesis of a Case of Homosexuality in a Woman' (S.E. 18).

131 'A Child is Being Beaten' (S.E. 17).

132 Helena Stöcker fora amiga íntima de Lou A.-S. desde a mudança de século. Líder do movimento das sufragistas e reformadora social, foi membro do grupo psicanalítico de Berlim.

133 Hermann Nunberg, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena, havia publicado uma conferência que proferira ali, 'Über den katonischen Anfall' (Sobre o Ataque Catatônico), in *Zeitschrift*, Vol. VI, 1920. Freud havia escrito o prefácio do livro de Nunberg *Allgemeine Neurosenlehre auf psychoanalytischer Grundlage* (Teoria Geral das Neuroses com Base Psicanalítica), Berna, 1932, no qual o descrevera como 'o mais completo e consciencioso relato que possuímos de uma teoria psicanalítica dos processos neuróticos'.

134 'Panik und Pan-Komplex' de Bela von Felszeghy, Budapeste. Felszeghy discute a possibilidade de considerar-se a hipótese de um único 'pan-complexo', que conteria o complexo paterno bem como o complexo de Édipo e o complexo de castração.

135 Theodor Reik: 'Oedipus und die Sphinx'.

136 Dr. Wilfried Zeller: um amigo de Franz Schoenberger, editor de *Simplizissimus*, parente distante de Lou A.-S. pelo lado materno desta.

137 Cf. *Beyond the Pleasure Principle* (S.E. 18, p. 36).

138 Cp. *Journal* em 10/11 de setembro de 1912: 'Tudo o que Ferenczi designa como "tendência de morte" poderia igualmente ser designado como "tendência de vida".'

139 Lou A.-S. escreve quase com as mesmas palavras a Rilke, em 5 de janeiro de 1921: 'Estar em Viena tem sido há anos urgentemente necessário para mim devido a meu interesse por Freud, mas nunca pude satisfazer esse desejo. Agora surgiu uma possibilidade de fazê-lo.'

140 Cp. a carta de Rilke a Lou A.-S., de 10 de setembro de 1921, e a resposta dela, de 22 de setembro. O esquizofrênico Albert Wölffli era um homem de talento. Escrevia poemas, compunha música e desenhava.

141 Max Halberstadt.

142 Anotação do *Journal* de Lou A.-S. sobre sua visita à família de Freud em novembro-dezembro de 1921:

'Acúmulo de análises em outubro, em meu encantamento com a carta de outono de Freud e a visita planejada a ele. Continuei até tarde todas as noites a fim de ganhar mais tempo. Tempo úmido no final. Ansiando por estar em Viena.

'Em 8 de nov. segui para Munique.

'Cheguei a Viena quarta-feira à noite (9 de novembro). Trem atrasado. Anna e Frl. Betti reconheceram-me. O próprio Freud teria vindo à estação se não tivesse havido uma reunião da Sociedade naquela noite. Acabo de lembrar-me disso. Quase tão logo chegamos a

Berggasse, Anna e eu saímos de novo para a reunião. Tempestade. Longa espera por um ônibus. Tarde. Mas como foi feliz e animadora nossa chegada lá. Freud inalterado. 50 pessoas. Faltava uma (Viktor Tausk). Procurei-o por toda parte, de modo que me pareceu que todos os antigos rostos familiares estavam ausentes. Nós três voltamos juntos para casa, tarde da noite. Alojei-me em meu magnífico quarto com sua varanda e sua cama de pau-rosa.

'Quando adormecia na cama, o que geralmente acontecia muito tarde, ainda continuava a conversar com Freud em meus sonhos. E freqüentemente, também, porque percebia que ele estava sobrecarregado com suas análises durante o dia e não podia lembrar-se do que tínhamos estado discutindo, eu resolvia vários problemas para mim mesma em meus sonhos. De fato, quando ele saía tarde da noite para uma caminhada (muitas vezes o único momento do dia em que saía), conversávamos de vez em quando sobre assuntos bastante diferentes e ele freqüentemente analisava Viena, por assim dizer. As ruas sob a neve do inverno lembravam-lhe o passado mais remoto da cidade. Sentia-se com quanta facilidade essa recriação do passado lhe ocorria e eu me lembrava dos objetos antigos de seu estúdio e de que o arqueólogo havia criado nele o psicanalista.

'À noite, Anna e eu costumávamos sentar com ele em seu quarto dos fundos para falar sobre nosso tema, no qual ficávamos imediata e involuntariamente absorvidos. A partir de então, passávamos as manhãs no quarto de Anna. Ela me embrulhava numa maravilhosa manta e agachava-se perto da estufa. Depois de cada sessão analítica, Freud entrava por alguns minutos e conversava conosco e participava de nosso trabalho. Ainda penso com freqüência nesses minutos e nos passeios com ele e nas horas noturnas passadas em sua companhia.

'Sempre o encontrava numa disposição serena, nunca mal-humorado. Sem dúvida, ele continua a ser fundamentalmente um homem de tendência pessimista, como sempre o conheci, mas não é apenas o auto-controle que nos surpreende nele, mas suas atitude muito positiva frente à vida, sua animação e sua bondade. E essa atitude de bem-estar sereno surpreendeu-me como uma característica de toda a família Freud. Caracterizava até mesmo sua mãe de oitenta anos, com seu maravilhoso vigor interior e dotava a irmã desta, Rosa (Graf), de um encanto que desafiava a corneta acústica e a velhice. As duas filhas de Freud, Anna e Mathilde, possuem-na com abundância. Mathilde até hoje continua a ser a boa e sensata filha mais velha, sempre pronta a ajudar, enquanto Anna, embora seu desenvolvimento tenha-se dado sobre linhas mais profundas e difíceis, é uma pessoa da mais gentil disposição.

'Também me admirei com a habilidade de Frau Freud em desempenhar seu papel infalivelmente, nas questões que lhe diziam respeito. Sempre dedicada e sempre pronta a tomar decisões, não aceitava, porém, o encargo de interferir nas tarefas que considerava de seu marido. Estava sempre segura de si mesma e não era nunca uma simples espectadora. Sem dúvida, foi através dela que a educação de seus seis filhos permaneceu afastada da psicanálise, embora isso não se tenha devido a nenhuma indiferença da parte de Freud. Mas ele extraía uma certa satisfação, agora o vejo, em saber que seu círculo doméstico estava totalmente afastado de qualquer conflito público e o papel de sua mulher

nisto era uma fonte de prazer para ele. De qualquer modo, sua vida doméstica provocou uma profunda impressão em mim e eu comecei a refletir sobre a falsa distinção que é geralmente feita entre ser "livre" e ser "ligado à própria família". Geralmente é um grão de "morbidez" que perturba o equilíbrio potencial entre a liberdade e as obrigações sociais (que incluem as obrigações dos laços de família).

'Através de nosso conhecimento com Aichhorn,* Anna e eu abordamos o problema do outro lado, ou seja, do lado da criança anormal. (Como Freud ficou divertido quando pedi especialmente que Aichhorn fosse convidado à sua casa durante minha visita: 'Entre 75 analistas você escolheu inexoravelmente o único não judeu.') Aichhorn é sem dúvida um achado extremamente valioso para nós. Também aprendemos muito com Bernfeld** e sou grata a ele pelas manhãs que consagrou às nossas discussões.

'Anna e eu saímos apenas raramente, mas visitamos Eugenie Schwarzwald várias vezes, e, com relação a ela, devo confirmar que não se pode ter tudo na vida. Pois se alguém leva uma vida social como ela o faz, não sobra tempo para a reflexão ou para contactos individuais. Agora essas visitas, fomos apenas ver Beer-Hofmann (Salten, Schnitzler), e esta relação se manteve como sempre foi e sempre será. Visitei Zemek*** sozinha. No último dia de validade de minha passagem, parti de manhã cedo, acompanhada por Anna, cuja entrada não foi permitida além da barreira dos bilhetes, mas que, quando eu já estava pronta em minha carruagem, apareceu.

'Ouvindo Anna falar sobre seu pai, sobre colher cogumelos quando eram crianças. Quando iam colher cogumelos, ele sempre lhes dizia para entrar no bosque calmamente, como ainda o faz. Era preciso não haver conversas e deviam enrolar as bolsas que traziam embaixo do braço, para que os cogumelos não notassem. Quando seu pai achava um, ele o cobria rapidamente com seu chapéu, como se fosse uma borboleta. As crianças pequenas — e agora seus netos — costumavam acreditar no que ele dizia, enquanto as grandes sorriam de sua credulidade. Até mesmo Anna o fez, quando ele a mandou colocar flores frescas todos os dias no santuário da Virgem que ficava perto do bosque, para que isso os ajudasse em sua busca. As crianças eram pagas em pennies pelos cogumelos que encontravam, enquanto o melhor co-

* August Aichhorn durante muitos anos fora empregado como oficial do bem-estar municipal, antes de tomar contacto com a psicanálise. 'A psicanálise forneceu-lhe uma penetração teórica clara e supriu-o com uma justificação para seu próprio tratamento solidário dos casos com que lidava, capacitando-o desse modo a justificá-lo diante dos outros.' Introdução de Freud ao livro de Aichhorn, *Verwahrloste Jugend (Juventude Delinquente)*, 1925.

** Bernfeld: Dr. Siegfried Bernfeld. Psicanalista; autor de *Sisyphos oder die Grenzen der Erziehung (Sísifo ou os Limites da Educação)*, 1925.

*** Zemek (Dr. Friedrich Pineles). Lou A.-S. conheceu-o no final de 1895, e, após seu rompimento com Rilke em 1901, manteve durante muitos anos um contacto íntimo com ela.

gumelo de todos (era sempre Ernst quem o encontrava) recebia um florim. Era a qualidade e não a quantidade de cogumelos que importava.

'Esses cogumelos que revelam sua presença brotando fora do solo me parecem ser um paralelo vivo do plano de história de fadas das descobertas arqueológicas de Freud. Como professor, Freud levava a história de fadas meio a sério, meio na brincadeira. Quando uma das bolas das crianças entrava novamente por sua janela após ter ameaçado confiscá-la, a bola desaparecia para nunca mais voltar, e até mesmo hoje ele aparentemente não sabe o que aconteceu com ela.'

143 Cartão postal datado de 8 de janeiro de 1922, com saudações assinadas por Sigmund e Anna Freud. Numa carta para Ernst e Lucie Freud de 20 de dezembro de 1921, Freud escreveu: 'Hoje Frau Lou foi embora... Uma hóspede encantadora e ao mesmo tempo uma mulher eminente. Anna trabalhou analiticamente com ela. Visitaram juntas muitas pessoas interessantes e Anna gostou muito de sua companhia. Mamãe cuidou dela de maneira encantadora. Com minhas nove horas de análise todos os dias não tive muito tempo para estar com ela, mas durante todo o tempo, ela foi discreta e modesta.'

144 Cottage: um bairro de Viena onde morava a mãe de Freud. Mathilde Hollitscher era a filha mais velha de Freud.

145 A 31 de maio de 1922, Anna Freud fez uma conferência para a Sociedade Psicanalítica de Viena sobre 'Fantasias de Espancamento e Devaneios.' Nesta conferência ela adota como ponto de partida o ensaio 'A Child is Being Beaten' (S.E. 17) no qual Freud se preocupa com uma fantasia que ocorre freqüentemente tanto em pacientes histéricos como obsessivos. A conferência 'surtiu de uma série de conversas com Frau Lou Andreas-Salomé, a quem devo muito por seu interesse e ajuda'.

146 'Ausserungsformen des weiblichen Kastrationskomplexes' (Expressões do Complexo de Castração Feminino) in Vol. 7 de *Zeitschrift*. Abraham havia apresentado este artigo no Sexto Congresso Psicanalítico em Haia.

147 Amalie Freud, née Nathanson. Ela morava em Viena.

148 A 21 de junho Otto Rank informou a Lou A.-S. de que pediria a Anna Freud para trazer-lhe mais material para o 'Kinderbuch' (uma coletânea de testemunhos do conhecimento sexual precoce das crianças). A possibilidade de uma edição conjunta havia sido sem dúvida discutida. A 13 de julho, Lou A.-S. respondeu que em sua opinião não aconteceria nada com o livro. Sua preocupação era se uma coletânea desse tipo e sob essa forma seria adequada a um público maior.

149 Max Nachmansohn, autor de 'Freuds Libidotheorie verglichen mit der Eroslehre Platons' (A Teoria de Freud da Libido Comparada à Doutrina de Eros de Platão), *Zeitschrift*, 1915, Vol. III.

150 Robert von Salomé.

151 Sem dúvida, uma brincadeira. Anna Freud havia anexado à sua carta de 1.º de setembro uma foto de 'Papai e eu'.

152 A 24 de julho de 1895 Freud havia feito sua primeira análise completa de um de seus próprios sonhos, que é conhecida sob o título de 'A Injeção de Irma'. Esta análise confirmou Freud em sua suposição de que o sonho é a realização de um desejo oculto.

Anna Freud tinha agora seu segundo paciente. Freud havia confiado esta carta à sua filha, que havia passado uma semana em Göttingen com Lou A.-S., a caminho de Berlim para o casamento de seu irmão Oliver, no dia 10 de abril.

153 O segundo filho da finada filha de Freud, Sophie. O menino, a quem Freud estava profundamente ligado, tinha passado alguns meses sob os cuidados de sua tia, Mathilde Hollitscher-Freud, e havia contraído tuberculose.

154 Em abril de 1933 Freud foi obrigado a submeter-se a uma operação do queixo — a primeira entre muitas. Anna Freud escreveu para Lou A.-S.: 'Tumores que aparentemente algumas vezes ocorrem em fumantes... algo inteiramente benigno.' Mas esta suposição provou estar errada.

155 A afirmação de Freud em *O Ego e o Id* de que ele havia tomado o termo 'Id' de Groddeck foi qualificada por este último do seguinte modo: 'O conceito de "Id" não poderia servir aos propósitos de Freud da maneira como servia aos meus e, conseqüentemente, Freud fez dele algo diferente do que eu havia pretendido. Até quanto compreendo o assunto, ele escolheu a expressão a fim de explicar suas idéias sobre o que chama de "topografia". Mas, com isso, ele não alterou nada na natureza essencial da psicanálise, nem acrescentou ou subtraiu nada a ela.' *Zeitschrift*, XII, 506. Cp. as cartas de Freud a Groddeck, que havia-se aproximado de Freud em 1917 através de uma carta na qual esclarecia sua própria relação com a psicanálise.

156 Ou seja, Anna Freud, a quem Lou A.-S. havia contado isso e a quem enviou seu romance *Ródinka*, que acabara de sair, com a dedicatória impressa: 'A Anna Freud, para falar-lhe daquilo que amei mais profundamente.'

157 O irmão de Heinerle.

158 Theo, o filho de uma irmã de Freud que morava em Berlim, afogou-se enquanto se banhava, aos dezessete anos de idade.

159 Em agosto de 1923, a desvalorização do marco alcançou um ponto em que o dólar valia 4,6 milhões de marco.

160 Freud havia visitado Roma em várias ocasiões. Desta vez, sua filha Anna foi com ele. 'Papai ficou muito melhor do que em Lavarone e pôde realmente aproveitar tudo bastante. Somente nos dois últimos dias sua boca criou-lhe problemas de novo. Ele me apresentou a tudo tão bem, e fez-me sentir à vontade entre todas as belezas, antiguidades

e outras vistas, que agora, depois da segunda semana, sinto que pertenço a isso tudo, como se estivesse a seu lado, em todas as outras numerosas ocasiões em que esteve aqui.' Carta para Lou A.-S. Eles voltaram para casa a 21 de setembro.

161 No terremoto que ocorreu a 1.º de setembro de 1923, quase 100 000 pessoas perderam suas vidas em Tóquio e Yokohama.

162 Em *Lebensrückblick* Lou A.-S. se refere a seus passeios com Paul Rée, o amigo de sua juventude, através das ruas de Roma ao luar e à luz das estrelas. Provavelmente, ao conversar com Freud, que tinha em mente sua amizade com Nietzsche, ela mal se referiu a esta amizade muito mais importante com Paul Rée. O fato de que estava pensando em Rée é comprovado por sua reflexão de que havia recebido mais da vida do que qualquer pessoa deveria receber. Esta reflexão é uma recordação de sua observação à sua amiga Frieda von Bülow, após a morte de Rée: 'Demais! Eu recebi demais! demais daquilo que é bom e rico para uma vida humana.'

163 Otto Bruns, o especialista em doenças internas da Universidade de Königsberg, lhe havia pedido em janeiro de 1923 'para vir urgentemente e de qualquer maneira a Königsberg por um período de alguns meses durante este verão'. Tinha o 'ardente desejo' de ser introduzido por ela 'no método de tratamento psicanalítico'. Durante anos, havia considerado 'nossos métodos habituais de tratamento médico uma desgraça e um ultraje... A senhora deve e precisa ajudar-me a reorganizar minha clínica. Meus assistentes estão satisfeitos com a idéia e esperam-na ansiosos.' Logo, tratava-se de análises de treinamento para a equipe da Clínica de Distúrbios Internos.

Por volta do início do inverno, Lou A.-S. seguiu para Königsberg. Enquanto isso, a inflação chegou ao ápice. No dia 15 de novembro, o marco em papel foi desvalorizado. Através da introdução do chamado Rentenmark, a moeda foi estabilizada. (1 RM = 1 bilhão de marcos de papel.) Certamente tudo isso contribuiu para o desagrado em Königsberg. (Em janeiro o Professor Bruns havia-se referido a 'fundos abundantes'.) C.f. também a carta de Lou A.-S. de Berlim de 18 de janeiro para Rilke, na qual diz que o 'terrível aumento dos preços' havia sido em parte a causa por que aceitara o convite para Königsberg. Revelara a uma amiga íntima que às vezes chegava a dar onze horas de análise por dia.

164 O Dr. Felix Deutsch nessa época era o médico assistente de Freud e mais tarde lhe foi de grande auxílio. Tinha relações pessoais amigáveis com a família Freud.

165 O título do livro de Spengler era *O Declínio do Ocidente*.

166 *Erewhon*: um romance utópico fantástico de Samuel Butler, 1835-1902, publicado em 1872. Nele tudo está às avessas e as doenças são castigadas como crimes.

167 'Ninguém tem certeza do dia seguinte': última linha da famosa estrofe introdutória do 'Triunfo de Baco e Ariadne', de Lorenzo de Medici, 1449-1492.

168 A 'grande descoberta' foi apresentada em seu livro *Das Trauma der Geburt* (*O Trauma do Nascimento*), 1924. Numa nota de diário desta época, Lou A.-S. tem o seguinte a dizer sobre a natureza problemática não apenas deste livro, mas também de Otto Rank: Rank começou cedo com pretensões filosóficas, embora sua visão fosse inteiramente racionalista e agora está terminando, 'depois dos anos bons e frutíferos ocupados com pesquisas eruditas sobre a aplicação das idéias de Freud através de um estudo bibliográfico, por erigir um edifício filosófico pretensioso sobre uma banalidade. A idéia de fazer comparações entre desenvolvimentos posteriores e o trauma do nascimento, e até mesmo o estado embrionário, havia ocupado Freud e Ferenczi. Mas aqui também foi precisamente nossa falta de conhecimento, o elemento frutífero: exatamente porque essas impressões não podiam ser usadas como lembranças reais, sempre tinham fornecido imagens e metáforas para todas as idéias de unidade e sofrimento... Empregadas por Rank como lembranças reais, como uma base analisável, como uma reexperiência positiva, são desprovidas de todo o seu efeito como fantasias e tornam-se uma banalidade insossa.'

169 Como foi expresso, por exemplo, no ensaio 'Wunscherfüllungen der irdischen und göttlichen Strafen' (Satisfações de Desejos em Castigos Seculares e Divinos). Groddeck esclarece essas satisfações de desejos a partir de fragmentos de análises, *Zeitschrift*, IV.

170 Possivelmente *Das Inzestmotiv in Dichtung und Sage* (O Motivo do Incesto na Poesia e na Saga), 1912.

171 C.f. a anotação do *Freud Journal* de 12/13 de fevereiro de 1913: 'Entendo que pessoas inteligentes e eficientes como Otto Rank, que é como um filho para ele, exerçam a maior atração sobre Freud. Mas quando ele diz de Rank: Por que não podemos ter seis pessoas tão encantadoras em nossa Sociedade em vez de uma, isso equivale, afinal, a questionar sua excepcionalidade.' Numa carta para Lou A.-S., Anna Freud observa, a respeito do rompimento de Rank com Freud: 'fica-se quase com pena dele, como se ele não soubesse realmente o que está fazendo e que incisão está perpetrando em sua própria vida'.

172 Professor Hans Pichler, o cirurgião de Viena que tratava de Freud, desde setembro de 1923.

173 A 25 de agosto de 1924, Freud havia escrito a Rank que, na época, estava nos E.U.A.: 'Nossas opiniões diferentes na questão do trauma do nascimento pesam pouco para mim. Ou você me convencerá e corrigirá com o correr do tempo, contanto que ainda haja tempo suficiente, ou você se corrigirá a si mesmo e separará aquilo que é uma descoberta nova permanente daquilo que foi acrescentado por intermédio do descobridor.' Rank agora havia voltado da América e tinha-se comportado de maneira estranhamente distante. Em janeiro, voltou para Nova Iorque. Na opinião de Ernest Jones, o comportamento de Rank tinha uma base maníaco-depressiva.

174 Em *Imago*, X, i, o Dr. Fritz Giese, *Privatdozent* na Technische Hochschule de Stuttgart, publicara um artigo intitulado 'Psychoanalytische Psychotechnik'.

175 Na balada de Heine 'Der Dichter Firdusi', este último demonstra seu ressentimento com a conduta de seu senhor, o Xá, dando-lhe um presente em moedas de prata em vez de ouro, como cabia a um príncipe, e distribuindo as moedas de ouro entre seus criados.

176 Rank já se demitira da direção da *Verlag* em Viena.

177 A primeira era 'The Economic Problem of Masochism' (S.E. 19, p. 164).

178 Lou A.-S. refere-se aqui a *The Ego and the Id* (S.E. 19, p. 23).

179 Ligadas à 'chamada reação terapêutica negativa': certos pacientes exibem uma resistência contra a cura — a partir de um sentimento de culpa, 'que encontra satisfação na doença e se recusa a desistir do castigo do sofrimento'.

180 Freud distingue a expectativa ansiosa neurótica das fobias ligadas a objetos ou situações particulares.

181 Não se trata do psicanalista Ludwig Jekels, de Viena; Lou refere-se a outra pessoa.

182 Separata de *An Autobiographical Study* (S.E. 20), publicado pela primeira vez em *Die Medizin der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, Vol. IV. A partir do índice do 'volume em preparação', fica claro que Freud originalmente não deveria encontrar-se entre os colaboradores. A dedicatória da separata diz: 'À sua cara Lou, de Freud, 15.2.25.'

183 Termo empregado por Ferenczi para descrever seu método terapêutico, segundo o qual, suprimindo-se sintomas particulares, o represamento da libido é intensificado e, desse modo, um material mais abundante torna-se acessível à análise.

184 Hanns Sachs, seguidor de Freud desde cerca de 1906, membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Cp. *Freud Journal*, anotação de 2 de abril de 1913.

185 Em julho de 1925, Freud estava escrevendo *Inhibition, Symptoms and Anxiety* (S.E. 20).

186 O Congresso de Hamburgo, de 2 a 5 de setembro de 1925, foi o último apadrinhado por Freud. No Congresso, Anna Freud leu a contribuição de Freud 'Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes'. (S.E. 19.)

187 Schüler Villa e Südbahn Hotel, no Semmering. Freud estivera nessa vila várias vezes, desde o início de sua doença. Nessa ocasião, Lou A.-S. hospedou-se no Südbahn Hotel. Anna Freud viajara na companhia de Lou A.-S. do Semmering até Viena, onde ambas jantaram com Eva Rosenfeld, antes de Lou continuar sua viagem.

188 Robert Hollitscher.

189 Os de Salomé eram originalmente uma família huguenote do sul da França, que mais tarde se estabeleceu nas Províncias Bálticas e cujos casamentos foram feitos apenas com famílias alemãs.

¹⁹⁰ 6 de maio de 1926 era o dia do septuagésimo aniversário de Freud. O Prefeito de Viena presenteou-o pessoalmente com o diploma da Liberdade da Cidade. 'O mundo acadêmico oficial, por outro lado, ignorou completamente a ocasião.' Lou A.-S. escreveu para o *Almanach auf das Jahr 1927* (Internationaler Psychoanalytischer Verlag) o ensaio 'Zum 6. Mai 1926', no qual colocava a psicanálise dentro do contexto da história intelectual da época, e ao mesmo tempo de seu próprio desenvolvimento.

¹⁹¹ Durante o mês de março, Freud estivera mais uma vez no Cottage Sanatorium. Trata-se do livro *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*. (S.E. 20.) Em anotação do *Journal*, evidentemente escrita em março, Lou A.-S. afirma novamente que durante a sua estada no Semmering lera o que lhe parecia agora 'uma simples preliminar ao próprio livro'.

¹⁹² Freud fora consultado por eles em Viena e enviara-os a Lou A.-S.

¹⁹³ *Introdução à Técnica da Análise de Crianças*, 1927. O livro contém as cinco conferências que Anna Freud pronunciou para o Instituto de Ensino da Sociedade Psicanalítica de Viena. A segunda edição, 1929, contém, além disso, a conferência 'Sobre a Teoria da Análise Infantil', que ela proferiu no Décimo Congresso Psicanalítico em Innsbruck. (Esses trabalhos de Anna Freud estão reunidos sob o título *O Tratamento Psicanalítico de Crianças*, publicado pela IMAGO Editora, 1971. Além das conferências aqui referidas [Parte I e Parte II] contém ainda 'Indicações de Análise para Crianças', 1945 [Parte III].)

Anna Freud enviara seu livro, logo depois de publicado, em fevereiro de 1927, a Lou A.-S.: 'Não tinha certeza se o livro a contentaria, uma vez que se trata de crianças e eu sempre quero modificá-las, ao contrário de sua opinião de deixá-las como são... Mas foi a senhora mesma quem descobriu a melhor parte do livro: a completa ausência, ao menos no caso dessas crianças, dos elementos convencionais, secundários ou superficiais de que, tratando-se de adultos, precisamos despojar-nos antes de chegar à verdadeira pessoa.'

¹⁹⁴ Anna Freud fora convidada para participar de um debate sobre o seu livro, durante o encontro da Sociedade de Berlim a 19 de março. O convite fora feito por Max Eitingon.

¹⁹⁵ Rainer Maria Rilke morrera a 29 de dezembro de 1926, na clínica Val-Mont sur Territet na Suíça. Lou A.-S. fala aqui das origens de seu livro de memórias, *Rainer Maria Rilke*, Insel-Verlag, 1928. 'Trinta anos', ou seja, desde seu encontro em Munique em 1897.

¹⁹⁶ 'Fetichismo' in *Almanach des Internationalen Psychoanalytischen Verlag für das Jahr 1928* (Ed. Standard Bras., Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974).

¹⁹⁷ As duas contribuições de Freud para o *Almanach* de 1928 foram seguidas de um breve artigo de Lou A.-S.: 'Was daraus folgt, dass es nicht die Frau gewesen ist, die den Vater totgeschlagen hat' (O que se Segue do Fato de Não Ter Sido a Mulher Quem Matou o Pai). 'Não pode ter sido sem conseqüências o fato de as filhas terem perma-

necido livres da culpa primitiva dos filhos (por terem matado o pai "não apenas na idade primeva da horda primitiva, mas no processo de pensamento continuamente repetido de todas as crianças do sexo masculino").' Lou A.-S. investiga as conseqüências disso para a 'união dos sexos': 'Se o casamento deve significar para a mulher mais do que um mero preconceito burguês ou uma relação sexual que tem uma certa continuidade, então ela precisa amar no homem o filho do pai dele, ou seja, o filho do homem que é a segurança constante da unidade definitiva de ambos — pois é esta unidade que os conserva juntos — laços que são tanto laços de parentesco como de matrimônio.'

¹⁹⁸ Ou seja, *O Futuro de Uma Ilusão*, 1927. (Ed. Standard Bras. Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974.)

¹⁹⁹ Ernst Toller, 1893-1939, poeta expressionista e dramaturgo de tendência socialista. Desempenhou um papel importante na República Soviética Bávara na primavera de 1919. Em 1926, voltou (desapontado) de uma visita à U.R.S.S. Suicidou-se nos E.U.A. em 1939. Não ficou claro se Freud tinha em mente uma análise de Toller por Lou A.-S.

²⁰⁰ O médico e psicanalista de Viena, Wilhelm Reich. Seu livro, *A Função do Orgasmo*, havia sido discutido numa reunião da Sociedade de Viena a 13 de janeiro. Alguns anos mais tarde ele se desligou da Sociedade. Através de suas opiniões políticas (*Dialektischer Materialismus und Psychoanalyse Unter dem Banner des Marxismus* [*Materialismo Dialético e Psicanálise, sob a Bandeira do Marxismo*], 1929) ele se havia afastado de Freud.

²⁰¹ *Die Urgestalt der Brüder Karamasoff* (A Forma Original dos Irmãos Karamazov). As fontes, planos e fragmentos de Dostoiévski, com notas explanatórias de W. Komarowitsch e um estudo introdutório do Professor Sigmund Freud. Editores: René Fülöp-Miller e Friedrich Eckstein, Munique, 1928.

²⁰² Marie Bonaparte, Princesa George da Grécia, era amiga íntima da família de Freud. Até o último ano da vida de Freud ela deu provas de um auxílio pronto nos momentos difíceis. Anna Freud respondeu: 'Não sei exatamente qual dos trabalhos da Princesa lhe prometi em Tegel, o trabalho sobre Poe (*Edgar Allan Poe, um Estudo Psicanalítico*, 1933) ou o trabalho sobre sua identificação materna.

²⁰³ Os dois *chows* de Freud, Jo Fi e Lün. O alsaciano Wolf, várias vezes mencionado, pertencia a Anna Freud.

²⁰⁴ O romance de Arnold Zweig, *Sergeant Grischa*, 1927. Este romance aproximou Freud e Zweig e foi a origem da viva correspondência entre ambos. (*The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, Londres e Nova Iorque, 1970.) Freud certamente mencionara o romance a Lou A.-S. quando estiveram em Tegel.

²⁰⁵ 'A Posição de Freud no Mundo Intelectual de Hoje'. Conferência pronunciada por Thomas Mann na Universidade de Munique, em maio, publicada em *Psychoanalytische Bewegung*, Vol. 1, 1. Após

a primeira visita de Thomas Mann a Freud, em março, este exprimiu opinião semelhante à que emitira ao responder a Lou A.-S. ('o que Mann diz, tem substância real'): 'o que ele disse era inteligente, expressava realmente uma amplitude de visão'.

206 O Mal-Estar na Civilização, 1930 (Ed. Standard Bras., Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974.)

207 Freud não tinha colaboração pronta para apresentar nesse Congresso, que se realizou no final de julho de 1929. 'Infelizmente não tenho nada para comunicar. É uma condição surpreendente para mim, mas é assim' (a Eitingon, Jones, III, 1956). Após a morte de Ferenczi, causada por uma anemia perniciosa, a 24 de maio de 1933, Lou A.-S., que se preocupava profundamente com seu destino, devolveu todas as cartas que tinha em seu poder à viúva de Ferenczi.

208 Freud esteve em Berlim novamente, de meados de setembro até meados de outubro, para um ajuste de sua prótese pelo Professor Schröder. Havia consultado o Professor Schröder antes, em Viena, com esta finalidade.

209 Freud enviara uma cópia de *O Futuro de uma Ilusão* (Ed. Standard Bras., Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974) a seu amigo Romain Rolland, que havia exprimido pesar porque Freud 'não tinha apreciado a fonte real do sentimento religioso'.

210 Em Salzkammergut. Anna Freud estava lá com sua amiga Dorothy Burlingham.

211 Amalie Freud, a mãe de Freud. Ela falecera no dia 12 de setembro, aos noventa e cinco anos de idade.

212 No início de agosto Freud soube pelo escritor Alphons Paquet que tinha sido contemplado com o Prêmio Goethe de 10 000 marcos. Ernest Jones comenta que essa soma apenas cobriria as despesas que Freud fizera com sua estada prolongada em Berlim. Anna Freud leu os agradecimentos de seu pai pela concessão do prêmio na Goethehaus em Frankfurt am Main a 28 de agosto de 1930.

213 Carta aberta ao Professor Sigmund Freud por seu septuagésimo quinto aniversário, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1931.

214 Karl Abraham havia enviado com frequência a Lou A.-S. relatórios sobre a saúde de Freud, baseados em visitas que havia feito a Freud ou em cartas que havia recebido de Viena. Faleceu no Natal de 1925.

215 Tanto quanto se pode verificar pelos trechos do primeiro esboço que foram enviados a Freud e que se conservam entre os artigos póstumos de Lou A.-S., todo o manuscrito havia sido remanejado.

216 'Tipos Libidinais' e 'Sexualidade Feminina'. (Ed. Standard Bras., Vol. XXI, IMAGO Editora, 1974.)

217 O primeiro esboço de *Grundriss einiger Lebenserinnerungen* (Esboço de Algumas Lembranças), que foi publicado por Ernst Pfeiffer

em 1951 com o título de *Lebensrückblick* (Max Niehans, Zurique, e Insel-Verlag, Wiesbaden).

218 A 22 de outubro de 1930, Anna Freud escrevera a Lou A.-S.: 'Dorothy (Burlingham) e eu compramos um pequeno chalé com três acres de terra. Fica em Hochrotherd, perto de Breitenfurt, nas vizinhanças de Mauer, mas mais acima. Ainda está muito estragado, mas o estamos consertando.'

219 Ernest Jones escreve (Vol. III, 179): 'Em abril, Freud redigiu uma declaração completa, de várias páginas, descrevendo a situação da *Verlag* e fazendo um apelo de ajuda à Associação Psicanalítica Internacional. Enviou cópias aos Presidentes das várias Sociedades e nós fizemos outras cópias da tradução e as distribuímos entre todos os membros.'

220 A morte de Elisabeth Förster-Nietzsche e a fundação do *Wissenschaftlicher Ausschuss zur Herausgabe der Werke und Briefe Friedrich Nietzsches* (Comitê para a Publicação das Obras e Cartas de Friedrich Nietzsche) tornaram possível não apenas um tratamento erudito dos 'Escritos de Nietzsche', mas também sua publicação. Ver o posfácio de Karl Schlechta à sua edição de Nietzsche, 1954.

221 *New Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, 1933. (S.E. 22).

222 Uma sobrinha de Yvette Guilbert.

223 Lou A.-S. estava ocupada com seu romance (inédito) *Jutta*.

224 Provavelmente, isso se refere à conferência que ela fez para a Sociedade Psicanalítica de Viena, 'Mitteilungsdrang und Geständniszwang' (O Impulso da Comunicação e a Compulsão da Confissão). Dorothy Burlingham, norte-americana, amiga de Anna Freud, mudou-se com a família Freud de Viena para Londres em 1938. Atualmente, é assistente de Anna Freud na direção da Hampstead Child Therapy Clinic.

225 Konrad von Salomé, antigo Capitão de Cavalaria do Exército Imperial Russo. Atualmente vive nos E.U.A.

226 A primeira menção a esta pergunta foi feita por Freud numa carta a Arnold Zweig de 30 de setembro de 1934. 'O ponto de partida de meus trabalhos é familiar para você ... Diante das novas perseguições, pergunto-me novamente como os judeus chegaram a ser o que são e porque atraíram este ódio imortal' (*The Letters of Sigmund Freud and Arnold Zweig*, p. 91).

227 Ernst Sellin, *Mose und seine Bedeutung für die israelitisch-jüdische Religions-geschichte* (Moisés e seu Significado para a História Judaico-Israelita da Religião), 1922. Cp. os comentários de Ernest Jones sobre o 'aparente recuo' de Sellin (Jones, III, 400).

228 Dr. Karl Landauer, que era um conhecido analista em Frankfurt am Main, escreveu vários artigos psicanalíticos e há contribuições suas nos Números Especiais do *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*.

229 Uma foto de passaporte não muito feliz.

230 *Fausto* II, 7003, 4.

231 *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1936, que a autora havia enviado a Lou A.-S. Esta última necessitou que a maior parte lhe fosse lida em voz alta devido à sua visão precária.

232 Amigos que dividiam a casa com ela.

233 O editor e seu amigo Josef König, que na época era *Privatdozent* em Filosofia na Universidade de Göttingen.

Lou Andreas-Salomé morreu a 5 de fevereiro de 1937, quase aos setenta e seis anos de idade, em sua casa 'Loufried' em Göttingen. Anna Freud e seu pai receberam a notícia de sua morte pelo editor desta correspondência.

Freud escreveu um elogio fúnebre para o *Zeitschrift* (Vol. XXV; Ed. *Standard* Bras., Vol. XXIII, IMAGO Editora, 1975), enquanto ainda vivia em Viena, cerca de um ano antes da ocupação nazista da Áustria e cerca de dois anos e meio antes de sua própria morte em Londres, a 23 de setembro de 1939. Uma vez que contém o pronunciamento final de Freud sobre Lou A.-S., três trechos que são relevantes para esta correspondência são aqui reproduzidos:

'Não estarei dizendo demais se reconhecer que todos nós sentimos como uma honra quando ela se juntou às fileiras de nossos colaboradores e companheiros de armas, e, ao mesmo tempo, como uma nova garantia da verdade das teorias da análise.'

'Sua modéstia e discrição eram mais do que comuns. Ela nunca falou de suas próprias obras poéticas e literárias. Claramente sabia onde devem ser procurados os verdadeiros valores da vida. Aqueles que lhe foram mais íntimos tiveram a mais forte impressão da genuidade e da harmonia de sua natureza, e puderam descobrir com espanto que todas as fraquezas femininas e talvez a maioria das fraquezas humanas lhe eram estranhas ou tinham sido por ela vencidas no decorrer de sua vida.'

'Minha filha, que foi sua amiga íntima, ouviu-a um dia lamentar não ter conhecido a psicanálise em sua juventude. Mas, afinal, naqueles dias não existia tal coisa.'

Apresentamos nossos agradecimentos pela permissão para citar, das seguintes fontes, o material coberto pelas notas apresentadas: *The Collected Papers of Sigmund Freud*, editado por Ernest Jones, M.D., Basic Books, Inc., Publishers, Nova Iorque, 1959, para as notas 39 (do Vol. IV, cap. XII), 43 (Vol. IV, cap. IV), 48 (Vol. I, cap. XV), 84 (Vol. IV, Cap. XVII), 115 (Vol. IV, Cap. XIII), 117 (Vol. II, Cap. XII);

The Freud Journal of Lou Andreas-Salomé, traduzido e editado por Stanley A. Leavy, Basic Books, Inc., Publishers, Nova Iorque, 1964, para as notas 7, 13, 16, 26, 171; *The Interpretation of Dreams*, de Sigmund Freud, traduzido e editado por James Strachey, Basic Books, Inc., Publishers, Nova Iorque, 1955, para as notas 74 e 118; *Studies on Hysteria*, de Josef Breuer e Sigmund Freud, traduzido do alemão e editado por James Strachey em colaboração com Anna Freud, assistido por Alix Strachey e Alan Tyson, Basic Books, Inc., Publishers, Nova Iorque, 1957, para a nota 55.

POSFÁCIO

O organizador da correspondência de Sigmund Freud e Lou Andreas-Salomé defronta-se imediatamente com o problema do tipo de público a que se destina este livro.

Trata-se de uma correspondência entre o criador da psicanálise e uma autora importante, que se tornou sua discípula e colaboradora. A psicanálise é o tema principal das cartas e, se o leitor estivesse apenas interessado nesse aspecto, alguns poucos dados biográficos e bibliográficos seriam suficientes para a sua compreensão do plano de fundo. A correspondência de Freud com outros colaboradores seus foi acertadamente editada desta maneira.

Mas o diálogo que Freud e Lou A.-S. mantêm entre si nestas cartas é mais abrangente, tanto por sua qualidade pessoal como pela natureza menos exclusivamente técnica de seu conteúdo. Freud escreve, não exatamente como um colega profissional e, quando suas cartas assumem um entusiasmo crescente, não apenas como um amigo. E, de modo exatamente semelhante, Lou A.-S. não escreve como para um professor reverenciado, a quem se tenta emular, mas tampouco escreve como para um igual. Torna-se claro que foi precisamente a reserva de Freud em falar sobre os comentários de Lou A.-S. a respeito de sua obra e o fato de ter limitado suas observações à compreensão e ao reconhecimento perceptivo que tinha ela dos objetivos freudianos, que permitiu que exprimisse desinibidamente suas opiniões — tanto mais que ela nunca se sentiu tentada a afastar-se, o mínimo que fosse, da firme base da posição fundamental de Freud. O tom e a atitude das cartas de Freud são caracterizados por sua observação sobre 'as alturas de onde você desceu até nós'. A profundidade da confiança que Lou A.-S. sentia por Freud é expressa em sua frase 'o rosto paterno que presidiu minha vida'.

A partir disso, torna-se evidente que esta correspondência não se destina apenas aos profissionalmente interessados mas a um público mais amplo. O comentário, portanto, deve levar em conta o leigo e devo pedir ao psicanalista profissional que não considere o material com o qual já está familiarizado.

Para o analista, as cartas de Lou A.-S. apresentam um interesse particular. Sua participação no corpo da pesquisa psicanalítica é pouco conhecida e foi limitada até aqui a ensaios individuais. Suas cartas revelam o contexto do qual surgiram esses ensaios. (Isso explica também porque as notas se referem mais a ela do que a Freud). As cartas de Freud, conservadas por Lou A.-S., foram-me acessíveis no original. Nada de importante parece ter sido perdido, com exceção da resposta à carta de Lou A.-S. de 5 de dezembro de 1924, que sem dúvida deve ter existido. Afora algumas lacunas, as cartas de Lou A.-S. também estão completas. O texto de suas cartas foi tirado de cópias que Anna Freud me permitiu fazer alguns anos atrás. Muito pouco foi omitido do texto das cartas: apenas os nomes dos analisandos, alguns trechos psicanaliticamente pouco importantes e outros por razões pessoais. As omissões foram indicadas por reticências.

Devo muitos agradecimentos, em primeiro lugar, ao falecido Kurt Wolff, que me encorajou a empreender esta tarefa e fez tudo o que

pôde para facilitá-la. Sou grato a Ernst Freud pelo grande auxílio prestado e por sua permissão para a publicação desta correspondência, bem como aos editores por sua assistência generosa, particularmente ao obter para mim artigos de difícil acesso. Gostaria especialmente de agradecer a Frau Ilse Grubrich-Simitis, e, entre meus amigos, a Evamaria von Busse.

Ernst Pfeiffer

Göttingen, agosto de 1966.

POSFÁCIO À EDIÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

As Notas contêm algumas ampliações e correções que se fizeram necessárias desde que a edição alemã foi publicada. Uma das cartas de Freud estava também fora de ordem. Escrevi inclusive um pequeno texto biográfico sobre Lou Andreas-Salomé que está impresso aqui como Introdução.

Ernst Pfeiffer

Göttingen, abril de 1972.

Composição, Impressão e Acabamento:

IMPRES

Rua Cadete, 209

Fones: 67-7905 e 67-3585

os livros que escreveu sobre os três grandes nomes com os quais manteve uma relação pessoal, em níveis determinados: Nietzsche (*Friedrich Nietzsche in seinen Werken*, “essencialmente uma investigação”), Rilke (*Rainer Maria Rilke*, “que consiste em memórias pessoais”) e Freud (*Man Dank Freud*, “uma expressão de gratidão”). Depois do Congresso de Weimar (1911), a que compareceu como convidada, passa algum tempo em Viena, iniciando aí um contacto mais próximo com Freud, principalmente através da correspondência que se prolongaria até 1936, ano de sua morte. Na sua profunda gratidão a Freud, que lhe “permitiu a descoberta da psicanálise” revela o que ele representou na última fase de sua vida ao referir-se ao “rosto paterno que presidiu minha vida”.

Freud coloca suas dúvidas pessoais, comenta seus trabalhos e, muitas vezes, esboça as idéias que desenvolverá mais tarde: o ensaio *Moisés e o Monoteísmo* foi dessa forma comunicado a Lou A.-S. num momento em que sua publicação se tornava impossível na Áustria. Sua lucidez e pessimismo diante do rumo do seu tempo estão expressos neste trecho: “(....) não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho a certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. E o mais triste de tudo é que temos aqui exatamente o modo pelo qual deveríamos ter esperado que as pessoas se comportassem, a partir do nosso conhecimento da psicanálise. Devido a essa atitude com relação à humanidade, nunca pude concordar com o seu jubiloso otimismo. Minha conclusão secreta sempre foi: desde que só podemos considerar a mais elevada civilização atual como carregada de uma enorme hipocrisia, conclui-se que somos organicamente inadequados a ela. Somos forçados a abdicar e o Grande Desconhecido, Ele ou Alguma Coisa, emboscado atrás do Destino, algum dia repetirá esta experiência com outra raça. (....)” (De Freud a Lou A.-S. em 27.7.1916.)

FREUD — LOU ANDREAS-SALOMÉ
Correspondência Completa

Göttingen, 3.v.24

Hoje, *caro* Professor, certamente não conseguirei encontrar as palavras certas para o que gostaria de escrever-lhe pelo 6 de maio — é bom que isso não tenha importância. Quase me sinto inclinada a recorrer ao expediente chistoso de enviar folhas de papel vazias, exatamente quando tenho a maior necessidade de comunicar-me, deixando que o destinatário leia nelas o que preferir. Mas, deixando de brincadeira, estou certa de que o senhor sabe o que este último ano significou para mim e quão impossível me tem sido escrever o que tenho sentido no mais fundo do coração. Há apenas uma coisa a mais a ser dita sobre isso: não foi apenas em solidariedade com o senhor que passei todo esse ano de sofrimento; experimentei o sofrimento também eu mesma, como se realmente o tivesse suportado pessoalmente. Pois, a esse respeito, sem paralelo para nós (certamente não apenas para mim), quaisquer que sejam as provas que o futuro reserve, foi o fato de que superamos, por assim dizer, a mais formidável, dividindo o sofrimento com o senhor — tendo em vista como o senhor mesmo o superou.

Sua Lou

13.5.24

Viena IX, Berggasse 19

Caríssima Lou

Raramente admirei tanto o seu tato como em sua última carta. Eis aqui alguém que, em vez de trabalhar até a velhice (veja o exemplo a seu lado) e então morrer sem preâmbulos, contrai uma horrível doença na metade da vida, tem de ser tratado e operado, desperdiça seu pouco dinheiro ganho com esforço, tem de viver com desconforto, afetando os que o cercam, e então rasteja por um tempo indefinido como um inválido: no *Erewhon* (imagino que você conheça a brilhante fantasia de Samuel Butler) uma tal pessoa seria infalivelmente punida e transcafiada. Entretanto, você ainda pode valorizar-me por ter suportado tão bem meu sofrimento. Na verdade, não é exatamente assim. Enfrentei as realidades infames bastante bem, mas não suporto a idéia das perspectivas à minha frente, e não consigo habituar-me à idéia de uma vida sob sentença.

Bem, desabafei, já que ambos parecemos impedidos de encontrar-nos. O número de coisas a que se tem de renunciar! E em vez disso sou esmagado com honrarias (como a Liberdade da Cidade de Viena), pelas quais jamais teria erguido um dedo.

Seu,
Freud

15

11